



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS



LUCIMAR AMÉRICO DANTAS

**POETRY SLAM: UMA EXPERIÊNCIA COM A LINGUAGEM POÉTICA
E SEUS VÍNCULOS COM A CULTURA E A VIDA**

UBERLÂNDIA-MG

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS



LUCIMAR AMÉRICO DANTAS

**POETRY SLAM: UMA EXPERIÊNCIA COM A LINGUAGEM POÉTICA
E SEUS VÍNCULOS COM A CULTURA E A VIDA**

Tese de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) – do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Linguagens e Letramento

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Biella

UBERLÂNDIA-MG

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

D192p Dantas, Lucimar Américo, 1974-
2019 Poetry Slam [recurso eletrônico] : uma experiência com a linguagem
poética e seus vínculos com a cultura e a vida / Lucimar Américo
Dantas. - 2019.

Orientador: João Carlos Biella.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETAS).

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.610>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Linguística. 2. Campeonatos de poesia falada. 3. Literatura -
Estudo e ensino (Ensino fundamental). 4. Estudo e ensino (Ensino
fundamental). I. Biella, João Carlos, 1968- (Orient.) II. Universidade
Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Letras
(PROFLETAS). III. Título.

CDU: 801

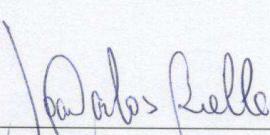
Gerlaine Araújo Silva - CRB-6/1408

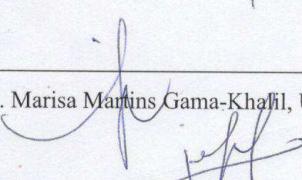
LUCIMAR AMÉRICO DANTAS

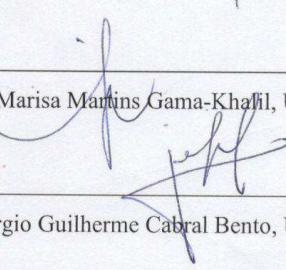
**POETRY SLAM: UMA EXPERIÊNCIA COM A LINGUAGEM POÉTICA
E SEUS VÍNCULOS COM A CULTURA E A VIDA**

Dissertação aprovada para a obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) – do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (MG) pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 13 de fevereiro de 2019.


Prof. Dr. João Carlos Biella, UFU/MG


Profa. Dra. Marisa Martins Gama-Kahil, UFU/MG


Prof. Dr. Sérgio Guilherme Cabral Bento, UFU/MG

À Frigga e ao Thor, meus cães, fiéis
companheiros nesta jornada...

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus colegas de trabalho Maria Laura e Neto pelos minutinhos de conversa sobre este trabalho que fiamos na construção dessa teia maior que é o conhecimento...

Ao meu orientador, meu respeito e minha admiração pela sua competência e pelo seu carinho especial com seus orientandos...

Agradeço a todos aqueles que caminharam comigo nesta etapa da minha vida contribuindo direta ou indiretamente.

DESPALAVRA

Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da
despalavra.

Daqui vem que todas as coisas podem ter
qualidades humanas.

Daqui vem que todas as coisas podem ter
qualidades de pássaros.

Daqui vem que todas as pedras podem ter
qualidades de sapo.

Daqui vem que todos os poetas podem ter
qualidades de árvore.

Daqui vem que os poetas podem arborizar os
pássaros.

Daqui vem que todos os poetas podem humanizar
as águas.

Daqui vem que os poetas devem aumentar o
mundo com as suas metáforas.

Que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes,
podem ser pré-musgos.

Daqui vem que os poetas podem compreender
o mundo sem conceitos.

Que os poetas podem refazer o mundo por
imagens, por eflúvios, por afeto.

(BARROS, 2010, p. 383).

RESUMO

O objeto de estudo desta pesquisa foi o gênero literário poema com foco no Ensino Fundamental II, uma vez que, dentre os gêneros literários, esse é o mais marginalizado na educação básica. De um modo geral a leitura literária é pouco valorizada no processo de formação do leitor proficiente nas escolas brasileiras. Contemplamos, também, nesta pesquisa o *Poetry Slam* (as batalhas de poesia falada) como parte da proposta de intervenção que foi aplicada numa turma de 9º ano do Ensino Fundamental II a fim de contribuir para com a promoção do letramento literário com o gênero poema. O *Poetry Slam* é considerado uma espécie de literatura marginal que, segundo alguns estudiosos do tema “periferia”, precisa ser legitimado. A metodologia utilizada neste estudo foi a pesquisa-ação na qual a participação das pessoas envolvidas (pesquisador e alunos) nos problemas investigados é de suma importância. A marginalização do poema em sala de aula foi investigada neste estudo tentando delinear prováveis causas para o desinteresse do aluno por esse gênero literário e possíveis práticas de leitura literária que pudessem contribuir para com o letramento literário com esse gênero, procurando, sempre, relacioná-lo com a cultura e a vida dos alunos. De um modo geral, a poesia contribui para a formação integral do aluno: sua personalidade, seu crescimento intelectual e afetivo, sua compreensão da realidade e de si mesmo. Esta pesquisa contemplou a concepção de um letramento literário fundamentado num paradigma complexo que visa principalmente o leitor real, mas sem desconsiderar o leitor ideal

Palavras-chave: Letramento literário. Poesia. Poetry Slam.

ABSTRACT

The subject of study of this research was the literary genre ‘poetry’ with a focus on *Ensino Fundamental II* (the four last years of elementary school), considering that among the literary genres, this one is the most marginalized in primary education. In general, the literary reading is shortly valued in the formation process of the proficient reader in Brazilian schools. We also contemplate on this research the Poetry Slam (‘battles’ of spoken poetry) as part of the intervention proposal that was applied on a 9th grade classroom from Ensino Fundamental II in order to contribute with promoting literature literacy with the poetry genre. The Poetry Slam is considered a form of marginal literature that, according to some researchers on the subject “periphery”, needs to be legitimized. The methodology used in this study was the research-action on which the participation of people involved (researcher and students) on the problems investigated is of paramount importance. The marginalization of poetry on the classroom was investigated on this study as an attempt to outline probable causes for the lack of interest of the student in this literary genre, as well as possible practices of literary literacy that could contribute with the literary literacy with the genre, always seeking to relate it to the students culture and lives. On the whole, the poetry contributes with the integral formation of the student: his personality, his intellectual and affective development, his comprehension of reality and of himself.

Palavras-chave: Literary literacy. Poetry. Poetry Slam.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1 Letramento literário e formação do leitor literário.....	16
2.2 O que dizem os textos oficiais sobre o letramento literário.....	24
2.3 A batalha da poesia: reflexões sobre o gênero poema.....	28
2.5 Possíveis práticas com o gênero poema em sala de aula.....	38
2.5 Poetry Slam como literatura marginal periférica.....	47
2.6 Texto literário, valor estético e literariedade.....	53
3 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: APLICAÇÃO EM SALA DE AULA.....	58
3.1 Fundamentos metodológicos.....	58
3.2 Contexto da pesquisa e participantes.....	60
3.3 Procedimentos metodológicos.....	61
3.4 Descrição da realização da proposta de intervenção e seus resultados	64
3.5 Análise de alguns poemas escritos pelos alunos.....	87
3.6 Análise dos resultados do questionário diagnóstico.....	109
3.7 Análise das avaliações feitas pelos alunos da proposta de intervenção.....	120
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS.....	135
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido para responsável legal	
por menor de 18 anos.....	144
APÊNDICE B – Termo de assentimento livre e esclarecido.....	147
APÊNDICE C – Questionário diagnóstico.....	149
APÊNDICE D – Caderno pedagógico.....	150
ANEXO A – Coletânea de poemas de <i>slammers</i> brasileiros.....	193
ANEXO B – Cartaz “Leões do Slam”	230
ANEXO C – Poemas escritos pelos alunos.....	231

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

[...] a apreensão utilitária do mundo não é a única possível. É também possível uma apreensão estética do ser: uma disponibilidade tal às manifestações do ser que as distinções utilitárias estabelecidas pela razão crítica deixem de ter a última palavra. (CÍCERO, 2012, p. 108).

Iniciamos o presente estudo com algumas reflexões a partir do texto “Direito à literatura”, de Antonio Candido (2004), no qual o autor destaca que a literatura é um direito humano. Para o autor a literatura se manifesta universalmente através do ser humano, e em todos os tempos, e tem um papel essencialmente humanizador: “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. (CANDIDO, 2004, p. 180). Daí a necessidade de que nos debrucemos sobre o tema que norteia nossa pesquisa: o letramento literário, pois é através deste que desenvolveremos no aluno sua competência para a leitura literária a fim de que o direito à literatura seja pleno e legítimo não se restringindo tão somente ao acesso material dos livros.

Se para nós, professores e pesquisadores, nos é inconcebível viver sem a literatura, por que não o seria também para muitas outras pessoas? Por que não o seria, também, para nossos alunos? Se hoje podemos afirmar que a literatura é indispesável para nossa sobrevivência, não poderão muitas outras pessoas virem a pensar o mesmo? Como já dizia Candido (2004, p. 172) “[...] aquilo que consideramos indispesável para nós é também indispesável para o próximo”. Portanto, a literatura é um direito de todas as pessoas e que precisa ser respeitado “por que fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade, desde o índio que canta as suas proezas de caça ou evoca dançando a lua cheia, até o mais requintado erudito que procura captar com sábias redes os sentidos flutuantes de um poema hermético”. (CANDIDO, 2004, p. 180).

Partindo do conceito amplo de literatura definido por Candido (2004, p. 174) “[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações”, concordamos com o mesmo autor quando ele também afirma que “Não há povo e não há homem que possa viver sem ela (a literatura), isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação”. (CANDIDO, 2004, p. 174).

E para fazer valer esse direito à literatura, a escola é um agente fundamental não apenas em contribuir para com a democratização da leitura literária, mas também em exercer seu

papel na formação do leitor literário. É responsabilidade da escola, também, (além de ser dos governos, da sociedade, da família) e, portanto, do professor – mediador principal desse processo de letramento de literário – ampliar o universo literário dos alunos e desenvolver sua competência para a leitura literária. Para Candido (2004, p. 187) “Utopia à parte, é certo que quanto mais igualitária for a sociedade, quanto mais lazer proporcionar, maior deverá ser a difusão humanizadora das obras literárias, e, portanto, a possibilidade de contribuírem para o amadurecimento de cada um”.

Além da responsabilidade da escola em contribuir para com a democratização da leitura literária ampliando seu acesso às camadas mais populares, Soares (2008) destaca também o papel *democratizante* da leitura literária:

A leitura literária democratiza o ser humano porque mostra o homem e a sociedade em sua diversidade e complexidade, e assim nos torna mais compreensivos, mais tolerantes [...]. A leitura literária democratiza o ser humano porque traz para seu universo o estrangeiro, o desigual, o excluído, e assim nos torna menos preconceituosos, menos alheios às diferenças [...]. A leitura literária democratiza o ser humano porque elimina barreiras de tempo e de espaço, mostra que há tempos para além do nosso tempo, que há lugares, povos e culturas para além da nossa cultura, e assim nos torna menos pretenciosos, menos presunçosos [...]. (SOARES, 2008, p. 31-32).

O letramento literário tem sido constantemente objeto de estudos científicos. Documentos oficiais norteadores da educação brasileira como os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – OCEM e, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC estabelecem diretrizes que visam o trabalho com textos literários em sala de aula de forma a produzir leitores literários proficientes.

O texto literário é pouco valorizado no processo de formação do leitor nas escolas, principalmente o texto poético. Percebe-se isso na prática quando constatamos que o texto literário aparece apenas como apêndice da disciplina de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e Médio, principalmente, no Ensino Médio quando é reduzida quase que exclusivamente apenas à historiografia da literatura brasileira e às características das escolas literárias, o que nos leva a questionar se a literatura no livro didático é relevante na rotina escolar dos alunos. Além disso, outro fator que revela essa desvalorização do texto literário nas escolas - principalmente o texto poético - é o fato de nos programas curriculares poucas aulas serem destinadas para a leitura e estudo da literatura e, podemos acrescentar, para a escritura literária. Segundo Cosson (2006, p. 20), “Para muitos professores e estudiosos da área de Letras, a literatura só se mantém na escola por força da tradição e da inércia

curricular, uma vez que a educação literária é um produto do século XIX que já não tem razão de ser no século XXI”.

Em particular, há uma literatura menos valorizada ainda nas escolas que se trata da literatura marginal produzida por autores da periferia dentro da qual se encontra o *Poetry Slam*, os campeonatos de poesia falada, e que faz parte da nossa proposta de intervenção em sala de aula. A literatura marginal contemporânea está mais associada a uma literatura produzida na periferia e cujos escritores, portanto, estão de certa forma à margem da sociedade, do mercado editorial ou do cânone literário, e por suas obras também não se enquadram nos padrões estético-literários da época vigente. Em outras palavras, literatura marginal são as produções literárias que não fazem parte dos clássicos da literatura universal e nacional. Daí a importância do *Poetry Slam* fazer parte do nosso estudo nesta pesquisa.

Além de sua importância no processo de formação do leitor proficiente, a literatura tem um papel fundamental na formação humana do indivíduo. Por isso destacamos no presente estudo os vínculos que a poesia pode ter com a vida e a cultura do aluno, principalmente o *Poetry Slam*, com cuja linguagem e temática dos poemas os alunos parecem se identificar bastante visto que a linguagem é predominantemente coloquial e a temática aborda temas sociais relevantes como o racismo, o preconceito, o machismo etc. A poesia cumpre a função humanizadora da literatura, tal como a concebe Cândido:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004, p. 180).

Sem querer repassar uma ideia messiânica quanto à literatura como se ela fosse capaz de solucionar todos os problemas que a vida nos impõe, ela pode sim proporcionar ao leitor possíveis soluções para problemas que possa estar vivendo. Como bem nos diz Todorov:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir; mas por isso é preciso tomá-la no sentido amplo e intenso que prevaleceu na Europa até fins do século XIX e que hoje é marginalizado, quando triunfa uma concepção absurdamente reduzida do literário. O leitor comum, que continua a procurar nas obras que lê aquilo que pode dar sentido à sua vida, tem razão contra professores, críticos e escritores que lhe dizem que a literatura só fala de sim mesma ou que apenas

pode ensinar o desespero. Se esse leitor não tivesse razão, a leitura estaria condenada a desaparecer num curto prazo. (TODOROV, 2012, p. 76-77).

De acordo com os PCN, a literatura também pode levar o aluno a perceber a riqueza da língua portuguesa nas suas particularidades e construções singulares que o escritor consegue realizar em seu texto, o que pode propiciar ao leitor um enorme prazer no processo de leitura e contribuir para a sua formação como leitor proficiente.

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício do reconhecimento de singularidade e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (BRASIL, 1998, p. 27).

O objeto de estudo nesta pesquisa – o gênero poema – cujo foco foi no Ensino Fundamental II, se deve ao fato de que dentre os gêneros literários, esse é o menos valorizado na educação escolar tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio. A presença (ou não) do poema em sala de aula foi investigada nesta pesquisa tentando delinear causas prováveis para o desinteresse do aluno pela poesia e analisar possíveis práticas de leitura que promovessem o letramento literário com esse gênero textual.

Para contribuirmos com o processo de letramento literário no Ensino Fundamental é preciso compreender como nós, professores de Língua Portuguesa e/ou de Literatura, estamos trabalhando com a literatura e, principalmente, com o poema em sala de aula. Mais do que isso, é necessário fazermos uma autorreflexão sobre nossa prática como leitores: somos leitores literariamente letRADOS? Lemos e gostamos de poesia? Gostamos de escrever poesia? Essa reflexão é necessária uma vez que, provavelmente, o próprio professor não tem essa experiência pessoal com a leitura literária com o poema, e deseja que o aluno a tenha. Conforme afirma Averbuck (1982), não basta colocar os alunos em contato com os textos poéticos simplesmente para que eles gostem de poesia e o entusiasmo do professor é fundamental nesse processo de letramento literário com o gênero poema:

A antiga crença de que, para aproximar a criança da poesia (e da literatura em geral) bastava apresentar-lhe textos de qualidade, é em parte desfeita pela certeza de que é preciso somar outros elementos a esta aproximação, entre os quais, em primeiro lugar, o próprio entusiasmo do professor. É preciso, antes de mais nada, que o professor seja ele mesmo sensível ao texto poético, permeável à comunicação do artista, para que se torne um porta-voz desta comunicação. A descarga emocional provocada pela sensibilização a um texto poético tem seu circuito interrompido antes de chegar ao aluno, se ele passar por um professor indiferente e fechado ao apelo da arte. (AVERBUCK, 1982, p. 69)

Portanto, eis a importância de que o professor seja um leitor entusiasmado não somente com a poesia, mas com os diversos gêneros literários existentes. É preciso que leiamos poesia exaustivamente a fim de que possamos conseguir realizar um trabalho exitoso com esse gênero em relação aos alunos. O entusiasmo do professor com a leitura literária costuma ser contagiate, motivante e extremamente sedutor.

Consideramos, também, outros aspectos para o presente estudo: como o poema tem sido trabalhado em sala de aula e se explora suas potencialidades estéticas ou simplesmente é utilizado de forma rasa reduzindo-o ao aspecto formal ou como mero pretexto para ensinar conteúdos gramaticais e/ou valores éticos e morais; quais os objetivos com os quais a escola tem trabalhado para promover o letramento literário de forma a desenvolver o gosto pela poesia e as competências do leitor literariamente letrado etc. Há fatores de diversas ordens que podem interferir nesse trabalho e que precisam ser investigados, analisados e compreendidos, a fim de que se possa propor alguma prática efetiva e produtiva que contribua para com a formação da competência leitora dos alunos quanto à leitura de textos literários, principalmente, no caso, o poema.

O objetivo geral desta pesquisa é realizar uma proposta de intervenção voltada para o letramento literário com o gênero poema nas aulas de Língua Portuguesa, realizando no final um campeonato de poesia falada, o *Poetry Slam*, com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, da Escola Municipal Hilda Leão Carneiro que está localizada numa região periférica da cidade de Uberlândia/MG.

Com esse objetivo geral, elencamos os seguintes objetivos específicos: a) Investigar, analisar e refletir sobre questões metodológicas que contribuam para o efetivo letramento literário com a poesia por meio da leitura de autores que escreveram sobre o assunto; b) Analisar as metodologias mais comumente utilizadas em sala de aula para trabalhar com o texto poético; c) Elaborar uma proposta de intervenção que possa contribuir com a promoção do letramento literário com alunos no 9º ano do Ensino Fundamental II. Relacionados a este último objetivo elencado, articulam-se dois outros objetivos: d) Planejar oficinas literárias nas quais iremos ler poemas de autores clássicos e do *Poetry Slam*, estudaremos elementos básicos de composição poética e produziremos poemas escritos; e) Realizar o campeonato de poesia falada com os alunos.

O presente estudo partiu das seguintes hipóteses: a) Os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental têm uma postura de afastamento do texto poético por achá-los “coisas de criança” e/ou “difíceis de compreender”; b) A poesia pode ser uma maneira de os alunos terem um vínculo maior com sua cultura, sua vida social e pessoal.

Na revisão bibliográfica sobre o assunto, procuramos ler autores que têm se destacado no meio acadêmico quanto aos estudos sobre letramento literário. Sobre o letramento literário, tivemos a companhia dos estudos de Cosson (2006, 2014), Paulino (2010), Soares (1999), Pinto e Melo (2015). Para o enfoque sobre leitura literária e cultura, os autores de referência foram: Barthes (1993, 2004), Lauria (2014), Oliveira (2015), Cândido (1995, 2004), Abreu (2006). Para o âmbito do poema e da poesia, elencamos inicialmente os estudos de Pinheiro (2007), Souza (2012), Pignatari (2005), Machado (2012), Sorrenti (2009), Paixão (2002), Waltz (1994), Moisés (1996), Cícero (2012) e Cunha (2012).

Utilizar a visão teórica do letramento literário foi importante porque nesta vertente encontramos constantes referências aos modos de pensar e de fazer o ensino com textos literários. Utilizamos as contribuições de Cosson (2006, 2014) por entender que esse pesquisador tem colaborado significativamente para a prática do letramento literário. De acordo com o autor (2009), estamos vivenciando uma falência do ensino da literatura:

Estamos adiante da falência do ensino da literatura. Seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. (COSSON, 2009, p. 23).

E dentro desse panorama literário, enfatizamos que o poema é o gênero literário que mais tem sido marginalizado na escola, principalmente no Ensino Fundamental. Segundo Pinheiro, “de todos os gêneros literários, provavelmente, é a poesia o menos privilegiado no fazer pedagógico da sala de aula” (PINHEIRO, 2007, p.17). Concordamos com Machado (2012, p. 271), que a poesia – não apenas a poesia, mas a literatura em si – tem a potencialidade de levar os alunos a experimentarem “*afetos, tensões e angústias*”, que muitas vezes os jovens acreditam ser somente deles, e, pela experiência com a linguagem poética, levá-los a renovar os vínculos com a cultura, com a vida e seguir caminho”. Através da poesia, assim bem como da literatura em si, o ser humano pode vivenciar inúmeras experiências e sensações que podem proporcioná-lo prazer e aprendizados por meio dos saberes que só na literatura pode-se encontrar. Segundo Corrêa e Ribeiro:

A relação entre a leitura e a vida pode ser muito expressiva se não forem distanciados os elos dessa cadeia. Esse vínculo pode ser lançado por meio da criação de espaços para conversas, para manuseio e leitura de materiais escritos variados e algumas situações em que os indivíduos convivam intimamente com a diversidade literária, que, na sociedade letrada, cumprem funções específicas e diferenciadas. (CORRÊA; RIBEIRO, 2008, p. 131).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Experiência do Ser, nada mais, nada menos, à beira do metafísico [...], a literatura talvez se mantenha à beira de tudo, quase mais além de tudo, inclusive de si própria. É a coisa mais interessante do mundo, talvez mais interessante do que o mundo [...]. (DERRIDA, 2014, p. 69-70).

Considerando o objeto de estudo, o objetivo geral, os objetivos específicos e as hipóteses desta pesquisa, organizamos este capítulo em seis partes: na primeira, discorremos sobre os conceitos de letramento, multiletramento, letramento literário e leitor literário com base na revisão bibliográfica de alguns estudiosos do assunto; na segunda parte, sintetizamos a concepção de letramento literário presentes nos PCN e na BNCC; na terceira parte, apresentamos algumas reflexões sobre os prováveis obstáculos para se trabalhar com a poesia na escola; na quarta, apresentamos algumas possibilidades de como trabalhar com o poema na sala de aula visando a formação de um leitor literariamente letrado destacando, inclusive, a leitura oral e a escritura literária; na penúltima parte, apresentamos alguns pressupostos teóricos sobre o *Poetry Slam* – nos quais nos baseamos para realizar um *Poetry Slam* com os alunos participantes desta pesquisa – e sobre literatura marginal da periferia; e finalizamos tecendo algumas reflexões sobre o que é texto literário, valor estético e literariedade.

2.1 Letramento literário e formação do leitor literário

Para falarmos sobre letramento literário, precisamos considerar três atores nesse processo: o leitor, o texto e o autor. Na verdade, trata-se de uma interação entre esses três atores. Os estudos mais recentes focam o primeiro ator desse processo, ou seja, o leitor. Mas, além desses atores a considerar no processo de letramento literário, precisamos destacar outros aspectos que permeiam essa interação leitor-texto-autor: o próprio conceito do que é literatura, o que é literário, a função da literatura – se é que se pode dizer que ela tem uma função específica ou várias funções -, a seleção dos textos para a leitura literária, o papel da escola nesse processo de ensino quanto à literatura, a concepção de letramento literário existente nos documentos oficiais, a formação do leitor em sua relação com a escola e com a sociedade e, principalmente, a formação do professor de literatura (ou Língua Portuguesa) que é o mediador principal desse processo desafiador e instigante: o letramento literário. Ainda aqui podemos destacar, também, o leitor literário como, também, um potencial escritor literário. Por que acreditamos apenas que os alunos possam se tornar leitores literários e não escritores literários? Para Paulino: “A escola inibe a criação de textos dentro de modelos literários. Ninguém aprende na escola a escrever, por exemplo, um conto ou uma peça teatral.

Isso é acompanhado de uma mitificação do trabalho do escritor, que é visto como aquele que nasceu com o dom de escrever". (PAULINO, 2010, p. 47). Podemos perceber que se trata de um assunto bem complexo e, portanto, que exige que nos debrucemos sobre ele estudando-o bastante.

Poderíamos elencar vários outros aspectos tão importantes quanto esses anteriormente relacionados que, também, permeiam todo esse processo o qual se denomina letramento literário. Tudo que diz respeito à literatura seja em relação ao leitor, ao autor, ao texto, ao processo de formação do leitor, enfim, tudo que envolve literatura, faz parte do processo de letramento literário. Portanto, esse tema é bastante amplo.

O letramento literário faz parte da expansão do uso do termo letramento, ou seja, é um dos usos sociais da leitura e da escrita, porém com algumas peculiaridades por ser com os textos literários e o nosso foco no presente estudo é o letramento literário com o gênero poema.

Embora o termo letramento seja instável no seu significado, pois é difícil afirmar quais habilidades e competências deveriam caracterizar o leitor literariamente letrado, pode-se afirmar de um modo geral que alguém letrado é aquele indivíduo capaz de "viver no mundo da escrita, dominar os discursos da escrita, ter condições de operar com os modos de pensar e produzir da cultura escrita". (BRITTO, 2005, p. 13). Para Soares, ser letrado envolve habilidades como:

[...] capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...; habilidade de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de texto; habilidade de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor. (SOARES, 2004, p. 92).

Os multiletramentos estão entre os saberes contemporâneos que o docente precisa adquirir em primeiro lugar para facilitar sua própria vivência e em segundo, por haver uma demanda por parte dos educandos e do sistema de ensino para a obtenção desses conhecimentos. Porém, Rojo e Moura nos advertem:

Trabalhar com o multiletramento pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias de comunicação e de informação ("novos letramentos"), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros,

mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos, valorizados (como é o caso dos trabalhos com hiper e nanocontos). (ROJO; MOURA, 2012, p. 8)

Apesar de o multiletramento não envolver obrigatoriamente o uso de novas tecnologias, é incontestável a necessidade de se preparar o aluno para lidar com a nova realidade que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) impõem à sociedade:

Os estudantes têm de aprender não apenas a entender, mas criar mensagens multimídia, que integrem texto com imagens, sons e vídeo que se ajustem a uma variedade de propósitos comunicativos e alcancem uma gama de públicos-alvo. (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p.29)

Além disso, o multiletramento possibilita a utilização das tecnologias trazidas pelos alunos de forma totalmente pedagógica atribuindo-lhes significado no contexto escolar e proporcionando seu uso responsável, crítico e produtivo. Essa união possibilita aulas mais significativas e, portanto, com melhores resultados para os alunos quanto à leitura e à escrita e, também, propicia a formação de um leitor e escritor multiletrado uma vez que abarca um número maior de semioses (sons, cores, imagens, movimentos) e diversas formas de letramentos, dentre os quais, o digital.

De acordo com o texto das OCEM, “podemos pensar em letramento literário como estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler poesia ou drama, mas dele se apropria efetivamente por meio da experiência estética, fruindo-o” (BRASIL, 2006). Ou seja, a apropriação efetiva do texto literário por parte do leitor se dá por meio do prazer estético, da fruição, do gosto pela leitura.

Mas afinal o que se espera de um leitor literariamente letrado? Quais competências e habilidades se pretende desenvolver nos alunos a fim de que ele se torne um leitor competente de literatura – e, por que não, um escritor de textos literários? Para responder a essas perguntas, recorremos a Paulino (2010), que entende o letramento literário como um processo em três fases sem interrupção na vida do sujeito:

Teríamos, pois, a iniciação literária que faz-se com as primeiras escutas e leituras de narrativas e textos de outros gêneros literários (aqueles cujo trabalho linguístico-formal se dá como trabalho artístico), que seriam prazerosos a ponto de incentivar o sujeito ouvinte/leitor a prosseguir o processo. A outra fase seria a formação do sujeito-leitor e corresponde às leituras literárias realizadas, não por obrigações escolares stricto sensu, mas por motivações internas, geralmente ocorridas na infância e adolescência, embora possam também ocorrer em outras idades. Essa fase pode ligar-se a mediadores, tais como professores, pais e amigos, que auxiliem o

desenvolvimento das habilidades de leitura literária, ou pode ocorrer pelo ato mesmo de ler literariamente mais e mais textos, ampliando-se o repertório do leitor enquanto se ampliam seus saberes literários. A terceira fase seria a realização literária, em que o sujeito se vê ainda mais livre de intermediações externas, escolares ou não, e busca na vida cotidiana convivência com obras literárias de seu agrado. A realização do leitor pode ocorrer concomitantemente à sua formação, pois concebemos a aprendizagem como parte de toda a vida humana. (PAULINO, 2010, p. 144-145).

Paulino acrescenta ainda que se a leitura de um texto literário for informativa, essa leitura o transforma em texto informativo e, que, portanto, é preciso que seja uma leitura literária. Partindo desse pressuposto, segundo a mesma autora, eis o que caracteriza uma leitura literária:

[...] tem de saber usar estratégias de leituras adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção. (PAULINO, 2004, p. 56 *apud* PINTO; MELO, 2015, p. 28).

Esse conceito de leitor literariamente letrado não abarca a leitura prazerosa barthesiana (BARTHES, 1993). Essa visão cartesiana de letramento literário prejudica o contato efetivo dos alunos com as obras literárias uma vez que seu foco está na análise da obra e não na apreciação estética e na fruição da obra desconsiderando a subjetividade do leitor. Essa definição exclui a identificação do leitor com a obra literária focando no modo como se lê uma obra literária e num modelo de leitor ideal. De acordo com Pinto e Melo:

Quando a escola ignora o mundo subjetivo de seu leitor empírico, aquele que efetivamente a frequenta, pode ser mesmo que esteja fadada ao fracasso. Nunca é demais insistir que a literatura não esgota sua especificidade no nível do racional, mas que lhe é próprio jogar com muitas realidades que abarcam o real, o imaginário, o espiritual, o emocional e tantas outras dimensões e níveis de realidade, pois, como diz Wolfgang Iser (2002, p. 958), “há no texto ficcional muita realidade que não só deve ser identificável como realidade social, mas que também pode ser da ordem do sentimental e emocional”. (PINTO; MELO, 2015, p. 37).

A concepção que se tem de letramento literário influencia no modo como se deve ler um texto literário e, também, no que pode ou não ser entendido como literário. Esta pesquisa parte da concepção de um letramento literário fundamentado num paradigma complexo que visa o leitor real na perspectiva barthesiana e não o leitor ideal segundo o modelo cartesiano.

As diferenças se concentram no foco: no primeiro tipo de leitor – o leitor real – os estudos literários focam no leitor e na subjetividade da leitura sem desconsiderar os aspectos estéticos do texto (os jogos de linguagem em seus matizes sintáticos, fonéticos, fonológicos,

semântico); no segundo tipo de leitor, os estudos literários focam na análise textual, na estrutura da obra literária. De acordo com Pinto e Melo:

Leitor de literatura ideal [...] é uma expressão tomada de empréstimo a Hans Jauss (2002a) para nos referir à figura do leitor de literatura que frequenta as páginas de trabalhos teóricos e orientações oficiais que versam sobre o que se espera que a escola forme como leitor literário. Constitui-se, ao cabo, em abstração e em uma finalidade em si. Para o autor, esse tipo de leitor é aquele que deve estar equipado não somente com “a soma de todo conhecimento histórico-literário atualmente disponível, mas também capaz de registrar conscientemente cada impressão estética e de ancorá-la numa estrutura de efeito do texto (JAUSS, 2002a, p. 879).” Por seu turno, ao leitor de literatura real atribuímos o estatuto de qualquer indivíduo encontrável quer na escola ou em qualquer outro espaço lendo literatura (...). Assim, com leitor real, estamos nós considerando a pessoa humana de carne, osso e espírito, dotada de razão, emoção e sexualidade, que é boa e má, que sonha, angustia-se, sofre e faz sofrer. (PINTO; MELO, 2015, p. 23 e 24).

Quem é esse leitor real do texto literário? Piglia (2006) faz algumas considerações não sobre o ato de ler em si, mas sobre quem é o leitor – de que lugar ele lê, qual a finalidade de sua leitura, em quais condições ele lê, qual é a história desse leitor, como os livros chegam a suas mãos – encontrados, comprados, ganhados, emprestados, roubados, herdados. Para complementar esse pensamento de Piglia, citamos ainda Lauria: “que local escolhem para ler, em que posição leem, atravessados por que sons e por quais outras forças de atração” (LAURIA, 2014, p. 363). Esses questionamentos nos revelam a complexidade que é o sujeito leitor e as mesmas indagações nos levam a concluir a impossibilidade de definir quem é esse sujeito leitor diante das inúmeras – mesmo infinitas – respostas possíveis. Apenas e tão somente podemos afirmar que se trata, portanto, de um sujeito histórico e social, cuja identidade interfere no processo de leitura literária, na recepção do texto e nas infinitas possibilidades de leitura do texto literário. Segundo Piglia (2006, p. 25), “somos leitores imperfeitos, porém reais”. E acrescenta: “Um leitor também é aquele que lê mal, distorce, percebe confusamente. Na clínica da arte de ler, nem sempre o que tem melhor visão lê melhor” (PIGLIA, 2006, p. 19). Segundo o mesmo autor, a literatura tem a capacidade de dar nome e história a esse leitor tornando-o visível: “A literatura dá ao leitor um nome e uma história, retira-o da prática múltipla e anônima, torna-o visível num contexto preciso, faz com que passe a ser parte integrante de uma narração específica” (PIGLIA, 2006, p 25).

Geralmente as escolas focam muito a interpretação de textos tornando-se quase que uma obsessão e se esquecem de fazer com que o aluno sinta o texto literário, sinta o poema e que, inclusive, por vezes, aproveite o silêncio após a leitura e, principalmente, durante a leitura. O “ler levantando a cabeça” de que Barthes fala: “Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de

ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça?”. (BARTHES, 2004, p. 26 *apud* LAURIA, 2014, p. 361), tem a ver com esse silêncio de que Rubem Alves também fala: “É no silêncio que se ouve aquela outra voz mencionada por Fernando Pessoa, voz habitante dos interstícios das palavras do poeta”. (ALVES, 2004). É nesse ínterim que o leitor se faz sujeito abrindo-se para sua subjetividade e se vai construindo como sujeito leitor, nessa dinâmica interacional entre leitor-autor-texto capacitando-se para reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias que o possibilita sair de si, mas também retornar a si, conforme nos diz Jouve:

Com efeito, cada um projeta um pouco de si na sua leitura, por isso a relação com a obra não significa somente sair de si, mas também retornar a si. A leitura de um texto é sempre a leitura do sujeito por ele mesmo, constatação que, longe de problematizar o interesse do ensino literário, ressalta-o. (JOUVE, 2013, p. 53).

A leitura subjetiva deve ser colocada no centro das aulas de literatura. Paulino inclusive enfatiza a função política da subjetividade: “as questões da subjetividade, literariamente tratadas, se chegassem a muitos, com tal diversidade e profundidade, em vez de convir, incomodariam aos donos do poder político e econômico” (PAULINO, 2010, p. 76).

Lembramos aqui Bartolomeu Campos de Queirós, quando também afirma que “Cada um lê no texto a sua experiência, daí a vantagem da literatura, a de criar divergências de sentimentos, entendimentos e emoções”. (QUEIRÓS *apud* MARTINS, 2017, p. 38) e o autor ainda ressalta a superioridade de escutar e ler quanto a escrever:

Escutar também é fundamental. “Escutar é superior a falar... ler é superior a escrever. Ler é uma disponibilidade que você tem, uma capacidade de deixar o outro entrar no seu interior e modificar a sua vida. É um gesto de liberdade mesmo. O melhor da escrita é quando você termina um texto, pega o texto lê e pensa: “eu não sabia que sabia isso”, e o texto surpreende você também. (QUEIRÓS *apud* MARTINS, 2017, p. 38).

É possível que a formação do leitor literário aconteça considerando as duas vertentes mencionadas anteriormente – leitor ideal e leitor real - numa relação de complementaridade e não de exclusão, pois ambas são importantes, mas poucos autores tratam do letramento literário considerando a dimensão subjetiva nesse processo. E assim o reforça Pereira:

[...] o letramento literário deve assumir, cada vez mais, seu caráter de jogo – de ação livre, executada como expressão da imaginação e catarse, articuladas nos níveis do possível, do impossível, do vivido e do contingente, sentida como algo que destrói os estereótipos do cotidiano e instaura o círculo mágico do prazer. (PEREIRA, 2007, p. 44, *apud* PINTO; MELO, 2015, p. 39).

O letramento literário é responsabilidade da escola. Os professores, por sua vez, precisam trabalhar de forma que não iniba o poder de humanização que a literatura pode propiciar ao ser humano, para isso respeitando a subjetividade dos alunos no processo da leitura literária e, sempre que possível, na escolha do que lerem também. Ressaltamos o “sempre que possível” em função das dificuldades que o professor brasileiro enfrenta quanto a sua sobrecarga de trabalho impossibilitando-o muitas vezes de deixar os alunos livres para escolherem os títulos que quisessem, uma vez que, dessa forma, a mediação dessas leituras se tornaria praticamente impossível devido à diversidade quantitativa de obras escolhidas. O “sempre que possível” também se aplica à precariedade das bibliotecas públicas escolares que oferecem uma diversidade restritiva de títulos e, também, à própria inexistência desse espaço de leitura em muitas escolas brasileiras.

Muito se critica a escolarização da literatura, uma vez que a prática escolar quanto aos textos literários tem sido a de utilizá-los como pretexto para se ensinar gramática, responder a fichas de leitura, avaliação em provas, motivar alguma produção textual etc. Tais práticas, simplesmente, “roubam a beleza e a magia textual, afastando os alunos do prazeroso ato de ler. É urgente uma revisão do papel da literatura na escola, para que esta, de fato, possa contribuir para a formação do pensamento crítico e atuar como instrumento de reflexão.” (SOUZA; SILVA, 2008, p. 173).

Enfatizamos, portanto, a necessidade de uma proposta de letramento literário complexa, transdisciplinar na qual as duas vertentes mencionadas acima precisam ser consideradas, priorizando o leitor real pois somente assim “o aprendiz passa a ser visto não como um ser que deve aprender usando apenas a faculdade da razão e levado a racionalizar suas emoções.” (PINTO; MELO, 2015, p. 42), mas também como sujeito leitor criativo capaz de explorar imagens e símbolos diversos em poemas e narrativas fantásticas.

Muitas são as causas que colaboram para com o desinteresse do aluno pela leitura literária. Para Paulino, “[...] a leitura está mitificada como prática de elite no pensamento do povo brasileiro. Ainda que todos os favelados do país hoje frequentassem a escola, a maioria não sairia dela gostando de ler, pois a escrita não é apresentada como língua deles, nem é introduzida na sua intimidade”. (PAULINO, 2010, p. 80). A mesma autora ainda acrescenta que mesmo se tivéssemos mais bibliotecas públicas e que os preços dos livros fossem reduzidos, isso não garantiria o aumento do número de leitores. Nesse sentido, o que as pessoas – e podemos estender isso aos alunos, claro – esperam das obras literárias não correspondem a suas expectativas. Por outro lado, elas (e eles) leem muitos outros livros sejam de amor, de faroeste, de aventura, *best-sellers*, gibis, mangás que adquirem nas bancas

de jornais, por exemplo, pois com esses se identificam “emocional e linguisticamente”, acrescenta a autora. O distanciamento entre o imaginário erudito dos textos e o das pessoas comuns é uma das causas do desinteresse delas pela leitura literária. A mediação do professor nesse processo também pode contribuir para reforçar o desinteresse dos alunos pela leitura literária quando ele próprio, por exemplo, não revela entusiasmo pela leitura literária, não motiva os alunos para ler, utiliza os textos literários como mero pretexto para outros fins pedagógicos que não a leitura por si mesma, cobra a leitura literária para fins de avaliação etc.

Para Cosson, a simples atividade de leitura também não é suficiente como atividade escolar de leitura literária “se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler”. (COSSON, 2006, p. 29). A literatura além de proporcionar uma leitura de fruição, também é uma fonte de conhecimento que deve ser explorada de maneira adequada pela escola, ou seja, a literatura faz girar os saberes (BARTHES, 1977) de todas as áreas do conhecimento de um modo geral. É importante não apenas ler individualmente o texto literário mas, também, compartilhar essa leitura com os outros na escola.

Segundo o mesmo autor “a leitura é, de fato, um ato solitário, mas a interpretação é um ato solidário” (COSSON, 2006, p. 27). Os sentidos do texto são resultado do compartilhamento do que cada aluno compreendeu do texto. Portanto, o letramento literário que a escola precisa promover deve levar o aluno para além da simples leitura do texto literário explorando com ele os potenciais que somente o texto literário pode propiciar para capacitá-lo a articular com competência no universo da linguagem humana. Dessa forma, criando “condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos” (COSSON, 2006, p 29).

Não podemos esquecer a leitura crítica como parte desse letramento literário. O professor precisa estimular no aluno o gosto e a prática desse tipo de leitura, o qual, segundo Walty, é “um exercício de liberação e de liberdade”. Ela complementa:

Ler criticamente não significa ler sem prazer [...]. Mas não é um paradoxo? Penetrar no texto, senti-lo e, ao mesmo tempo, afastar-se dele o suficiente para, às vezes, desmascará-lo? Não é verdade que o amor é cego. O amor cego é alienante e alienador. Assim também a leitura cega, a leitura dócil. Ler é travar um duelo com o texto ou no texto enquanto campo de batalha, não com o objetivo de destruí-lo nem deixando-se destruir por ele; mas com o objetivo de dialogar, de interagir, de promover trocas. (WALTY, 1994, p. 21).

O título deste trabalho – *Poetry Slam: uma experiência com a linguagem poética e seus vínculos com a cultura e a vida* – deixa clara a visão norteadora deste estudo com o modelo de letramento literário orientado pelo paradigma da complexidade, no qual o ser humano é um ser indiviso a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico (MORIN, 2007). A proposta de intervenção desta pesquisa foi baseada nas potencialidades do texto literário e de seu destinatário, o sujeito leitor.

2.2. O que dizem os textos oficiais sobre o letramento literário

Os PCN, referindo aos 3º e 4º ciclos – que correspondem ao período de 5ª a 8ª série na nomenclatura antiga e que hoje podemos relacionar ao período do 6º ao 9º anos, trata da especificidade do texto literário ressaltando características que são peculiares quanto à representação e à linguagem, e no qual predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética.

Quanto à representação – um modo particular de dar forma às experiências humanas -, o texto literário não está limitado a critérios de observação fatual (ao que ocorre e ao que se testemunha), nem às categorias e relações que constituem os padrões dos modos de ver a realidade e, menos ainda, às famílias de noções/conceitos com que se pretende descrever e explicar diferentes planos da realidade (o discurso científico). Ele os ultrapassa e transgride para constituir outra mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto, mediação que autoriza a ficção e a reinterpretação do mundo atual e dos mundos possíveis. (BRASIL, 1998, p. 26).

Quanto à linguagem, os PCN destacam que o texto literário:

[...] está livre para romper os limites fonológicos, lexicais, sintáticos e semânticos traçados pela língua: esta se torna matéria-prima (mais que instrumento de comunicação e expressão) de outro plano semiótico – na exploração da sonoridade e do ritmo, na criação e recomposição das palavras, na reinvenção e descoberta de estruturas sintáticas singulares, na abertura intencional a múltiplas leituras pela ambiguidade, pela indeterminação e pelo jogo de imagens e figuras. Tudo pode tornar-se fonte virtual de sentidos, mesmo o espaço gráfico e signos não-verbais, como em algumas manifestações da poesia contemporânea. (BRASIL, 1998, p. 27).

Podemos perceber que os PCN para essa fase da Educação Básica são bem claros e estão em consonância com os estudos sobre letramento literário.

A BNCC, já nas competências específicas de linguagens para o Ensino Fundamental como um todo, destaca a literatura especificamente na competência 5 mas faz alusão a ela nas competências 1 e 2 como podemos percebemos nas transcrições abaixo dessas 4 competências:

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural; de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como

formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BRASIL, 2018, p. 65).

Na primeira competência, o documento destaca as linguagens como “formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais”; a segunda competência quando se refere às “diversas práticas de linguagens (artísticas, corporais e linguísticas)”; e a competência 5 quando se refere a “desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais” incluindo neste caso a literatura. Não se refere especificamente à literatura, mas podemos deduzir por tratar das diversas manifestações artísticas. Essas competências, vale lembrar, são gerais para o Ensino Fundamental I e II.

Quando trata dos anos finais do Ensino Fundamental – período com o qual esta pesquisa se identifica, principalmente – a BNCC já trata da arte literária especificamente. Vejamos:

No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. Para tanto, as habilidades, no que tange à formação literária, envolvem conhecimentos de gêneros narrativos e poéticos que podem ser desenvolvidos em função dessa apreciação e que dizem respeito, no caso da narrativa literária, a seus elementos (espaço, tempo, personagens); às escolhas que constituem o estilo nos textos na configuração do tempo e do espaço e na construção dos personagens; aos diferentes modos de se contar uma história (em primeira ou terceira pessoa, por meio de um narrador personagem, com pleno ou parcial domínio dos acontecimentos); à polifonia própria das narrativas, que oferecem níveis de complexidade a serem explorados em cada ano da escolaridade; ao fôlego dos textos. No caso da poesia, destacam-se, inicialmente, os efeitos de sentido produzidos por recursos de diferentes naturezas, para depois se alcançar a dimensão imagética, constituída de processos metafóricos e metonímicos muito presentes na linguagem poética.

Ressalta-se, ainda, a proposição de objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que concorrem para a capacidade dos estudantes de relacionarem textos, percebendo os efeitos de sentidos decorrentes da intertextualidade temática e da polifonia resultante da inserção – explícita ou não – de diferentes vozes nos textos. A relação entre textos e vozes se expressa, também, nas práticas de compartilhamento que promovem a escuta e a produção de textos, de diferentes gêneros e em diferentes mídias, que se prestam à expressão das preferências e das apreciações do que foi lido/ouvido/assistido. Por fim, destaque-se a relevância desse campo para o exercício da empatia e do diálogo, tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente. (BRASIL, 2018, p. 138-139).

O que podemos concluir com essa leitura e análise dos dois documentos no que tange ao letramento literário nos Ensino Fundamental II é que os PCN já estavam alinhados com os estudos mais atualizados sobre o assunto e que ressaltam o trabalho com o texto literário de forma a valorizar mais a fruição. Quanto à BNCC, esta detalha com mais precisão os caminhos que os professores podem percorrer com seus alunos a fim de explorar as potencialidades artístico-literárias seja da narrativa ou da poesia.

Mais adiante, este mesmo documento, (BRASIL, 2018, p. 158-161), com relação com relação às práticas de linguagem no campo artístico-literário e suas respectivas habilidades, destaca a produção de textos tanto escritos como orais e a análise linguística/semiótica que operam nos textos pertencentes aos gêneros literários.

A crítica que podemos fazer é que apesar das orientações quanto ao ensino de literatura estarem presentes nos PCN há muitos anos, os professores não as seguem. E talvez aconteça o mesmo com a BNCC nos próximos anos. Há uma necessidade de atualizar os professores quanto aos estudos mais recentes sobre letramento literário que o documento, inclusive, contempla. Daí a importância de se valorizar a formação continuada.

O próprio pesquisador, como mestrando atualmente e estudioso do assunto, reconhece o fato da sua parte. Embora trabalhasse o texto literário – e especificamente o gênero poema – em sala de aula, não o fazia a contento e de forma exitosa faltando-lhe conhecimento teórico sobre o assunto uma vez que sua formação se deu há mais de duas décadas. É imperativo que os estudos quanto ao letramento literário cheguem aos professores de alguma forma; uma delas, seria a multiplicação desses saberes pelos próprios mestrandos do Profletras e por aqueles que já concluíram o mestrado em reuniões pedagógicas, por exemplo.

Lauria (2014), no texto “Ler levantando a cabeça: caminhos e descaminhos da leitura literária na educação básica” se questiona quanto à utilização da concepção de trabalho com a leitura literária já existente em documentos oficiais – no caso, os PCN – por parte dos professores, ou seja, se ele “lê e aproveita, em sua prática” as indicações sugeridas nesses documentos e “em que medida a concepção do trabalho com a leitura literária” contribui de fato para com a formação de “leitores desejantes e reflexivos, capazes de ser fisgados pelas temáticas, formas compostionais e escolhas linguísticas operadas pela autoria”. (LAURIA, 2014, p. 364).

As conclusões a que a autora chega são as seguintes: não há uma coesão entre os documentos do Ensino Fundamental I e II e o do Ensino Médio. Ela conclui que:

Enquanto os PCN voltados ao Ensino Fundamental abraçaram fortemente a concepção sócio-interacionista de linguagem, com a noção bakhtiniana de discurso (e seus gêneros orais e escritos) permeando as ações ligadas aos quatro eixos para o ensino de Língua Portuguesa (leitura, produção de textos, oralidade e conhecimentos linguísticos), os PCNEM, publicados em 2000, por sua vez, deram relevo ao estabelecimento de competências e habilidades de caráter fortemente interdisciplinar em consonância com a proposta do ENEM (5 eixos cognitivos, 30 competências, 120 habilidades). (BRASIL, 2014, p. 365).

E acrescenta na sequência que os PCNEM, com relação ao ensino de Língua Portuguesa, incorporam apenas algumas dessas competências do ENEM elegendo quatro dessas para nortear o ensino da disciplina e que, dentre essas quatro, somente uma faz alusão à literatura, que é: “Analizar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos/contextos, mediante a natureza, função organização, estrutura, de acordo com as condições de produção/recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação de ideias e escolhas)”. (BRASIL, 2000, p. 20-2 *apud* LAURIA, 2014, p. 365). Além disso o documento deixa a entender claramente que “os conteúdos tradicionais são válidos desde que sirvam a desenvolver competências gerais dentro dessa grande linguagem que é a Língua Portuguesa”. (BRASIL, 2000, *apud* LAURIA, 2014, p. 366). Nesse aspecto, ela ressalta que os PCN do Ensino Fundamental foram mais claros, uma vez que destaca as especificidades do texto literário.

Quanto ao questionamento relacionado ao professor se ele lê e aproveita, em sua prática de sala de aula, as indicações sugeridas nos documentos, a autora conclui que apenas “uma minoria se vale deles para nortear o trabalho com conteúdos e procedimentos que desenvolverão junto aos alunos”. (LAURIA, 2014, p. 368). Ou seja, reforça a nossa hipótese de que talvez aconteça o mesmo com a BNCC.

Insistimos, também, na capacitação – ou melhor – na atualização dos professores de alguma forma estimulando-os, inclusive, a se manterem constantemente atualizados com os estudos mais recentes concernentes à leitura literária especificamente neste caso.

2.3 – A batalha da poesia: reflexões sobre o gênero poema

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. (PAZ, 1982, p. 15).

Neste estudo, conforme o título destaca, nosso foco é no gênero literário poema e, como já citado anteriormente na introdução, a escolha desse recorte se deve ao fato de ser o gênero que mais tem sido marginalizado na escola, principalmente no Ensino Fundamental e por esse gênero, também, possibilitar ao indivíduo conhecer a si mesmo, ao outro e ao mundo que está à sua volta contribuindo, também, para promover do letramento literário na escola de educação básica.

Nesta parte apresentamos algumas reflexões baseadas em estudos bibliográficos sobre prováveis dificuldades que podem estar contribuindo para interferir no trabalho com a poesia na escola, discorremos sobre o lugar e a função da poesia em nossa vida e na sociedade, e apontamos algumas possibilidades de como se trabalhar o gênero poema em sala de aula, a partir da concepção apresentada anteriormente de letramento literário.

Historicamente a relação entre literatura e educação nos parece ser pouco satisfatória e, de forma mais drástica, menos ainda com o gênero poema. Esse gênero literário quase sempre é utilizado como pretexto para outros objetivos educacionais; às vezes a seleção dos textos não é adequada aos interesses dos alunos; outras vezes o próprio educador não gosta de poesia ou não se sente preparado para trabalhar com o gênero poema devido a sua má formação.

Segundo Pinheiro (2007), certamente, a poesia é o gênero literário menos prestigiado na sala de aula. E isso se deve a vários fatores, dos quais elencamos alguns. Segundo o mesmo autor, os professores das séries iniciais do Ensino Fundamental (1^a ao 5^a ano) priorizam os textos em prosa por se julgarem incompetentes para trabalhar com a poesia, ou seja, por não saberem como fazê-lo de modo produtivo; Para o autor, quase não se fala em poesia nas escolas e quando se trabalha com poesia na escola, os modelos existentes são aqueles que estão nos livros didáticos, que costumam ficar na tradicional “interpretação de texto” ou utilizam o poema como pretexto para ensinar gramática. Quanto às séries seguintes do Ensino Fundamental, Pinheiro (2007) salienta que os problemas ficam mais dramáticos: os professores, apesar de terem formação específica em Letras e supostamente tenham um

conhecimento mínimo de Literatura e de poesia, não procuram despertar o gosto pela poesia no aluno; o mesmo autor afirma ainda que não há professores/leitores de poesia e que esta, por sua vez, praticamente desaparece da sala de aula ou continua apenas naquele modelo fatigante de exercícios de interpretação como é usual nos livros didáticos. O autor acrescenta que não há obras poéticas minimamente adequadas a esse público como existem para o público infantil e, como os professores não leem poesia, eles não conseguem “garimpar” em nossos melhores poetas. Percebemos algumas generalizações por parte do autor quanto a suas afirmações em relação aos anos do Fundamental II uma vez que há, sim, professores leitores de poesia, mesmo que uma minoria e, também, existem obras poéticas adequadas para esse público, mesmo que poucas.

Walty (1994) já destaca outras questões que vão além da sala de aula para explicar o desinteresse dos alunos – e das pessoas em geral – pelo texto poético como sendo reflexo do lugar que a poesia ocupa, em nosso caso, na sociedade ocidental. Segundo a autora, o mundo ocidental vê a poesia como algo para pessoas desocupadas, ou seja, que não são úteis à sociedade, ou para quem vive com a cabeça nas nuvens, isto é, para pessoas loucas. Poesia pode até ser para loucos e apaixonados, mas não para desocupados. Quem lê poesia está ocupado com a aventura da palavra, com seus recursos simbólicos e imagéticos, com sua riqueza vocabular permeada de plurissignificações.

A mesma autora ainda destaca que para a sociedade ocidental a poesia é vista como sendo algo para um tipo especial de homem – o poeta, apesar de estudos feitos sobre as primeiras manifestações literárias constatarem que a poesia nasceu com o povo e que aos poucos esta foi se afastando dessa grande maioria tornando-se algo elitista e restrito a um pequeno grupo de pessoas nos palácios e nas escolas. E, paradoxalmente, a produção poética que era feita pelo povo, e “é a menos consumida de todas as artes, embora pareça ser a mais praticada (muitas vezes, às escondidas)” (PIGNATARI, 2005, p. 9), continua sendo produzida pelo povo e não recebe o devido valor como arte literária. Quem de nós nunca escreveu algum poema ou criou algum poema oralmente num momento qualquer e nem se lembra mais? Como exemplos de poesia popular no Brasil temos a literatura de cordel, os repentistas nordestinos brasileiros e os desafios (ou batalhas) de rima.

Poesia é para todos, nasceu do povo e sobrevive entre o povo. Waltly (1994) destaca a produção de haicais, por exemplo, que é feita por trabalhadores do povo, nesse caso, os imigrantes japoneses que costumam escrever seus haicais durante o dia de trabalho e cuja linguagem faz parte do cotidiano das pessoas, portanto “traz em si a marca do homem” (WALTY, 1994, p. 85). Aqui gostaríamos de destacar o *Poetry Slam*, considerada literatura

marginal periférica cujos poetas são, em sua grande maioria, da periferia das grandes capitais e a linguagem dos poemas é predominantemente coloquial com gírias e palavrões, ou seja, possui a marca de seus autores, da origem de seus autores.

Segundo Walty (1994, p. 84), “A poesia faz parte, também, da linguagem infantil. Podemos constatar isso no poema abaixo de Manoel de Barros, por exemplo, no qual percebemos a linguagem infantil em alguns versos do poema:

No aeroporto, o menino perguntou:
 — E se o avião tropicar num passarinho?
 O pai ficou torto e não respondeu.
 O menino perguntou de novo:
 — E se o avião tropicar num passarinho triste?
 A mãe teve ternuras e pensou:
 Será que os absurdos não são as maiores
 virtudes da poesia?
 Será que os despropósitos não são mais
 carregados de poesia do que o bom senso?
 Ao sair do sufoco o pai refletiu:
 Com certeza, a liberdade e a poesia a gente
 aprende com as crianças.
 E ficou sendo.
 (BARROS, 2010, p. 469).

E o próprio Carlos Drummond de Andrade se indaga:

Por que motivo as crianças de modo geral são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo? Será a poesia um estado de infância relacionado com a necessidade do jogo, a ausência do conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos de viver – estado de pureza da mente, em suma? (DRUMMOND, 1974, p. 16 apud AVERBUCK, 1982, p. 65).

Além disso, a poesia nos acompanha desde a nossa mais remota infância, conforme nos diz Sorrenti:

A poesia vem acompanhando o ser humano desde a sua mais remota infância, a exemplo dos jogos de ninar, jogos de palavra e fonemas e canções folclóricas, preservando a magia natural do ser humano e libertando-o das convenções. Ressoam nos nossos ouvidos parlendas, quadrinhas, cantigas rimadas, que acabam sendo transmitidas de geração a geração. (SORRENTI, 2009, p. 101).

Walty (1994) salienta também que, desde Platão, a figura do poeta não é bem vista pela nossa sociedade. Ou é visto como alienado, aquele que não se preocupa com a própria sobrevivência nem tampouco em ser útil de alguma maneira para com a sociedade, ou é visto como perigoso para o sistema, uma vez que o poeta apresenta formas diferentes de se ver o mundo além daquela que nos é imposta pelo sistema. De fato a poesia é perigosa, pois é subversiva: subverte a linguagem principalmente mas, também, as ideias, os conceitos, o

status quo da sociedade. E isso incomoda muita gente que prefere permanecer na zona de conforto embora nem sempre este local lhe faça feliz. Mais que oferecer risco ao outro e à sociedade, a poesia nos desafia a nós mesmos. A poesia, como quaisquer outros textos de fruição estética, de acordo com o conceito de fruição segundo Barthes (1993, p. 22), “faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gestos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem”. Sim, ler poesia pode ser perigoso e também pode provocar prazer estético, visto que o conceito de fruição de Barthes não exclui o prazer.

A autora destaca ainda o papel alienador da linguagem quando a poesia é escrita por especialistas e compreendida por estudiosos e, dentre esses, estamos nós, os professores, que impomos aos nossos alunos algo que, quase sempre, não faz sentido para eles, pois não têm relação com a própria linguagem deles, visto que muitos dos poemas lidos na escola possuem uma linguagem de prestígio social – a culta. Em contrapartida, temos a poesia popular cuja linguagem é bem representativa em relação à linguagem dos nossos alunos, porém, esse tipo de poesia é, também, marginalizado ainda na própria escola; citamos, como exemplos, a literatura de cordel, os repentes e o *Poetry Slam*, que aos poucos estão adentrando os muros da escola a passos tímidos já que o próprio professor também não prestigia.

Outra barreira que se percebe como empecilho para trabalhar com poesia em sala de aula é o preconceito que, tanto professores quanto alunos têm, ao considerá-la muito difícil de ser compreendida devido à falsa ideia de que poesia exige um árduo conhecimento teórico de métrica, versificação, estrofe, figuras de linguagem, rima. Moisés, em seu livro *Poesia não é difícil* (1996), afirma que:

Para gostar de poesia é preciso lutar contra toda sorte de preconceitos, os “conservadores” e os “avançados”, e é preciso também estar sempre disposto a enfrentar com humildade as surpresas e armadilhas que ela abriga, em suas formas inumeráveis. (MOISÉS, 1996, p. 17).

Ou seja, é um certo preconceito considerar a poesia difícil sem mesmo ser um leitor, digamos, voraz de poesia. Preconceito que geralmente é reforçado por um ensino ineficiente, preocupado somente em transmitir uma série de conceitos como rima, métrica, verso, estrofe, figuras de linguagem etc. sem explorar a experiência estética do poema.

O que geralmente leva as pessoas em geral – e professor e alunos, também – a considerarem a poesia difícil é a linguagem poética. Sabemos que a linguagem da poesia tem suas particularidades, que são bem diferentes da linguagem da prosa, mas isso não significa que todos os poemas necessariamente têm uma linguagem enigmática. Segundo Moisés:

Todo leitor de poesia sabe que a linguagem poética se distingue das demais por seu acentuado poder de síntese, pela infinita variedade de seus expedientes e pela capacidade que tem o poeta de falar nas entrelinhas. Podemos admitir que poesia seja um jogo de subentendidos, linguagem cifrada, repleta de nuances e ambiguidades, constituindo assim um poderoso desafio à nossa sensibilidade e argúcia. (MOISÉS, 1996, p. 12).

O que, provavelmente, reforça esse “mito” é o fato de que as pessoas generalizam essa ideia de que poesia é difícil e, em função disso, simplesmente não leem poemas. Não é que a poesia seja difícil; difícil é reconhecer que poesia não se lê como notícias em jornais, livros de estudo, publicações em redes sociais; poesia não se “vê nem se ouve” como a filmes no cinema ou novelas na televisão. Segundo Paixão, trata-se mais de uma postura em relação ao poema, pois “muitas vezes, o leitor se põe a ler poemas como quem lê um jornal ou quem está estudando um livro. Sua expectativa diante das palavras é a de absorvê-las rapidamente, procurando captar com linearidade ou uma espécie de didatismo o pensamento do poeta”. (PAIXÃO, 1984, p. 38).

Percebemos que isso não acontece apenas quanto aos textos escritos, mas também nos gêneros midiáticos: cinema, televisão e internet nos quais o espectador e o internauta estão acostumados a ver e/ou a ouvir dispensando a dúvida, a reflexão, a contemplação e até mesmo a própria subjetividade, o que fazem dele um mero receptor passivo. Por isso as pessoas consideram difícil ler poesia, a qual, ao contrário dos gêneros mencionados acima, se lhe apresenta rica em imagens, nuances e ambiguidades sem a intenção de lhe ensinar algo objetivo necessariamente ou de lhe provocar uma determinada emoção gratuita sem fins estéticos, como são o caso dos filmes, das novelas televisivas etc. e, sim, exige do leitor uma postura de sujeito ativo, de coautor.

Por outro lado, conforme Gebara, quando o poema tem uma aparente simplicidade formal, as pessoas não lhe dão o devido valor:

[...] existem poemas revestidos de uma aparente simplicidade, que dão ao leitor a impressão de brotar da fala do cotidiano, de serem “fáceis”, por essa razão a eles não é atribuído um grande valor. ‘Qualquer um poderia ter escrito’ ou ‘Não parece poesia’ são as frases que o professor ouve com maior frequência em relação a esses poetas que rompe com o certo isolamento formal, apresentando fortes traços do registro coloquial. (GEBARA, 2013, p. 62).

Em contrapartida, paradoxalmente, poesia não é fácil mesmo. É preciso que o leitor se dedique a essa aventura pela palavra, que é ler poesia a fim de que se familiarize aos poucos com a linguagem poética, para que ele conheça as regras do jogo poético. O primeiro passo é começar a ler poesia, ouvir poesia, exaustivamente, digamos assim, tornando-se uma prática

constante. E mesmo que o objetivo seja apenas, a priori, o emocional – ou seja, “o impacto emocional provocado por um bom poema” (MOISÉS, 1996, p. 12), aos poucos o leitor perceberá que o prazer resultante da leitura de poesia só se amplia cada vez mais; isto é, não são somente as ideias do autor no poema que podem provocar prazer no leitor, mas, principalmente, a linguagem estética da poesia em si, os subentendidos, as imagens, a metalinguagem, a inovação linguística, o jogo de palavras. Tudo isso faz parte do jogo poético com o qual o leitor, por meio da experiência da leitura, se familiariza aos poucos. Mas é preciso ler poesia, ler exaustivamente poemas e mais poemas para, então, se desconstruir a ideia de que poesia é difícil e “é preciso também estar sempre disposto a enfrentar com humildade as surpresas e armadilhas que ela abriga, em suas formas inumeráveis”. (MOISÉS, 1996, p. 17).

Não somente a poesia, mas a prosa, também, ambas oferecem desafios ao leitor e esses precisam ser apresentados aos leitores como algo interessante e não como empecilhos, mas sim como sendo parte do jogo poético. Moisés, referindo-se ao romance e à poesia, afirma que:

[...] ambos apresentam o mesmo grau de dificuldade, ambos exigem do leitor doses equivalentes de reflexão crítica, capacidade de observação e análise, atenção, alguma disciplina, espírito indagador, raciocínio dedutivo, além de sensibilidade e gosto pelas coisas. Mas, não são mais ou menos esses os requisitos para se conhecer bem qualquer coisa? Claro, você está certo. Então é só concluir. Por que a literatura seria exceção? Por que entender um romance deveria ser fácil? Por que a poesia haveria de apresentar dificuldades que têm pouca ou nenhuma relação com esses requisitos? (MOISÉS, 1996, p. 17).

Portanto, ler poesia é mais uma questão de familiarização com sua linguagem e de postura para com o gênero poema, ou seja, ler o poema sem pressa e reconhecer o jogo com as palavras. Paixão (1984) recomenda ao leitor que “relaxe e sinta”, entregue-se ao poema, “ao ritmo das palavras”, “ao universo simbólico das palavras”. E quanto mais lermos poemas mais descobertas faremos que facilitarão cada vez mais a leitura de novos poemas. Segundo o mesmo autor, “Ler poesia nos ensina a olhar e sentir. Ao invés de ensinar lições de certezas, estáticas, a poesia desperta a vivência dinâmica e sensível do real (PAIXÃO, 1984, p. 41)”.

Utilizamos algumas vezes a palavra “jogo” para nos referirmos tanto à criação quanto à leitura do poema porque partilhamos da mesma ideia de Huizinga (2000), quando destaca o aspecto lúdico do poema como um jogo, pois “o que a linguagem poética faz é essencialmente jogar com as palavras. O jogo com o poema é sua desconstrução e reconstrução, exercício de liberdade poética”. (AVERBUCK, 1982, p. 76).

A ordenação rítmica ou simétrica da linguagem, a acentuação eficaz pela rima ou pela assonância, o disfarce deliberado do sentido, a construção sutil e artificial das frases, tudo isto poderia consistir-se em outras tantas manifestações do espírito lúdico. Não é de modo algum uma metáfora chamar à poesia, como fez Paul Valéry, um jogo com as palavras e a linguagem: é a pura e mais exata verdade. [...] Não é apenas exterior a afinidade existente entre a poesia e o jogo; ela também se manifesta na própria estrutura da imaginação criadora. Na elaboração de uma frase poética, no desenvolvimento de um tema, na expressão de um estado de espírito há sempre a intervenção de um elemento lúdico. Seja no mito ou na lírica, no drama ou na epopeia, nas lendas de um passado remoto ou num romance moderno, a finalidade do escritor, consciente ou inconsciente, é criar uma tensão que “encante” o leitor e o mantenha enfeitiçado. Subjacente a toda escritura criadora está sempre alguma situação humana ou emocional suficientemente intensa para transmitir aos outros essa tensão. (HUIZINGA, 200, p. 145-146).

Daí a importância de ler poesia com os alunos como uma brincadeira a mais, um jogo de palavras e imagens e que revela elementos poéticos como onomatopeias, repetições, rimas, jogos sonoros dentre outros.

Ressaltamos ainda a ideia predominante na sociedade de que ler poesia demanda muito tempo para fazê-lo, de que é preciso ter muita paciência para se ler um poema várias e várias vezes para somente então conseguir entendê-lo. Por trás dessa ideia percebemos que há uma concepção de que a compreensão de um poema depende exclusivamente de uma análise puramente racional segundo a qual haveria uma compreensão única e verdadeira a ser extraída de um poema, principalmente no que diz respeito à intenção do autor, o que ele quis dizer no poema. Aqui nos lembramos dos versos do poeta Manoel de Barros (2010, p. 178) quando ele escreveu: “Para entender nós temos dois caminhos: o da sensibilidade que é o entendimento do corpo; e o da inteligência que é o entendimento do espírito. Eu escrevo com o corpo. Poesia não é para compreender, mas para incorporar. Entender é parede; procure ser árvore”. E acrescentamos Zumthor (2007) quando o autor destaca o papel do corpo na leitura e na percepção do literário:

O que entender aqui pela palavra “corpo”? [...] é ele que eu sinto reagir; ao contato saboroso dos textos que amo; ele que vibra em mim, uma presença que chega à opressão. O corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos. Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo. Dotado de uma significação incomparável, ele existe à imagem de meu ser: é ele que eu vivo, posso e sou, para o melhor e para o pior. [...] Eu me esforço, menos para apreendê-lo do que para escutá-lo, no nível do texto, da percepção cotidiana, ao som dos seus apetites, de suas penas e alegrias [...]. (ZUMTHOR, 2007, p. 23-24).

A vida moderna vem a corroborar com essa ideia de que poesia não é interessante porque demanda tempo demais para ler. Vivemos em uma sociedade na qual se predominam o

immediatismo, portanto, a linguagem prática, racional e objetiva. Não se pode investir um tempo do qual não dispomos lendo poesia, que a rigor, segundo o imaginário popular, não serve para nada. Como nos diz Antônio Cícero em seu livro *Poesia e Filosofia*:

Vivemos numa época que – com a internet, os computadores, os celulares, os tablets etc. – experimenta o desenvolvimento de uma tecnologia que tem, entre outras coisas, o sentido manifesto de acelerar tanto a comunicação entre as pessoas quanto a aquisição, o processamento e a produção de informação. Seria, portanto, de esperar que, podendo fazer mais rapidamente o que fazíamos outrora, tivéssemos hoje à nossa disposição mais tempo livre. Ora, ocorre exatamente o oposto: quase todo mundo se queixa de não ter mais tempo para nada. Na verdade, o tempo livre parece ter encolhido muito. (CÍCERO, 2012, p. 11).

A leitura de poesia, realmente requer um tempo diferente comparando-se com os textos que se valem de uma linguagem prática tais como os jornalísticos, os técnicos e todos os informativos de um modo geral. Mas isso não significa que o poema é menos importante que os outros gêneros textuais nem que não possa ser muito interessante para se ler. A linguagem poética é extremamente simbólica e, por ser assim, exige mais tempo para contemplação, reflexão e compreensão. O texto poético não é para se ler de modo mecânico e automático, muito menos com pressa, e sim pausadamente, respeitando-lhe a cadência, o ritmo e os símbolos, para que o poeta alcance o leitor em suas profundezas tocando-lhe a vida. E para que o leitor consiga desvendar esse jogo armado pelo poeta. Conforme nos diz Paixão:

Para mexer com a vida o poeta não pega na enxada, na foice ou no martelo, não veste farda ou macacão, nem se especializa no manuseio de máquina que reduzem a energia de viver a algumas equações de computador. A profissão do poeta é armar símbolos, oferecer ao seu companheiro de viagem, o leitor ou ouvinte, uma inusitada sensação: a intimidade das palavras, o enredamento caloroso dentro delas (PAIXÃO, 1984, p. 33).

E como já foi dito anteriormente, trata-se de um exercício de leitura consciente e que exige concentração e requer tempo. Porém, quanto mais praticamos menos tempo precisamos para entender alguns poemas enquanto outros ainda nos desafiarão sempre mais e mais.

Ler poesia – ou qualquer texto literário que seja – requer disposição por parte do leitor – isso significa “relaxar e sentir” o texto, sem pressa, como já foi dito anteriormente e, em consonância ao que já afirmamos acima, a escritora colombiana Yolanda Reyes, em conferência intitulada “O lugar da literatura na educação”, publicada no livro de ensaios “Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação” (2012), afirma:

Nossas crianças e jovens estão imersos em uma cultura de pressa e tumulto que os iguala a todos e que os impede de se refugiar, em algum momento do dia ou, inclusive de sua vida, no profundo de si mesmos. Daí que a experiência do texto literário e o encontro com esses livros reveladores que

não se leem com os olhos ou a razão, mas com o coração e o desejo, sejam hoje mais necessários do que nunca como alternativas para que essas casas interiores sejam construídas. Em meio à avalanche de mensagens e estímulos externos, a experiência literária brinda o leitor com as coordenadas para que ele possa nomear-se e ler-se nesses mundos simbólicos que outros seres humanos construíram. E embora ler literatura anão transforme o mundo, pode fazê-lo ao menos mais habitável, pois o fato de nos vermos em perspectiva e de olharmos para dentro contribui para que se abram novas portas para a sensibilidade e para o entendimento de nós mesmos e dos outros. Precisamos de histórias, de poemas e de toda a literatura possível na escola não para sublinhar ideias principais, mas para favorecer uma educação sentimental, não para identificar a moral da história, ensinamentos e valores, mas para empreendermos essa antiga tarefa do “conhece-te a ti mesmo” e “conheça os demais”. (REYES, 2012, p. 27-8, *apud* CARRIJO, 2017, p. 55).

Ainda quanto às dificuldades para se promover o letramento literário com o gênero poema, podemos elencar algumas posturas por parte dos professores que dificultam o trabalho com a poesia em sala de aula: muitos professores não dão o devido valor à poesia e tratam o poema da mesma forma que outros gêneros textuais, como, por exemplo, um anúncio, uma bula, um bilhete; também costumam utilizar o poema como pretexto para ensinar gramática ou como estratégia motivadora nas aulas de produção textual, ignorando seus valores estéticos; para vários educadores, trabalhar com poesia é perda de tempo por considerá-la “algo do além”, “inacessível”, “difícil” como já foi dito anteriormente; outras vezes o poema é utilizado em sala de aula apenas como método decorativo nas aulas. Ou seja, essas posturas só reforçam a marginalização do poema nas escolas e a não apreciação da poesia por parte dos alunos.

Eis, portanto, a necessidade de um letramento literário com o gênero poema a fim de que as potencialidades desse gênero literário sejam realmente exploradas com o aluno em sala de aula a fim de modificar esse cenário atual quanto à poesia. Segundo Morin:

A poesia, que faz parte da literatura e, ao mesmo tempo, é mais que a literatura, leva-nos à dimensão poética da existência humana. Revela que habitamos a Terra, não só prosaicamente – sujeitos à utilidade e à funcionalidade –, mas também poeticamente, destinados ao deslumbramento, ao amor, ao êxtase. Pelo poder da linguagem, a poesia nos põe em comunicação com o mistério, que está além do dizível. (MORIN, 2005, p. 45).

A escola, porém, não costuma prestar atenção ao ser poético que o aluno também é e, por isso, não consegue atender a essa necessidade que todos temos de viver poeticamente nossas vidas. O texto poético merece um olhar especial por nos colocar em contato com essa dimensão poética da existência. Somos seres poéticos e não apenas prosaicos – racionais e

sábios que caracterizam o *homo sapiens* – somos também seres afetivos, emotivos, como bem diz Morin:

Ser *homo* implica ser igualmente *demens*: em manifestar uma afetividade extrema, convulsiva, com paixões, cóleras, gritos, mudanças brutais de humor, em carregar consigo uma fonte permanente de delírio; em crer na virtude de sacrifícios sanguinolentos, e dar corpo, existência e poder a mitos e deuses de sua imaginação. e não apenas racionais e sábios (*homo sapiens*). (MORIN, 2005, p. 7).

E, segundo o mesmo autor, só a poesia consegue transcender a sabedoria e a loucura, daí a necessidade de vivermos o estado poético a fim de “evitar que o estado prosaico engula nossas vidas, necessariamente tecidas de prosa e poesia”, pois o “estado poético nos transporta através da loucura e da sabedoria e para além delas” (MORIN, 2005, p. 9-10). O autor ainda esclarece:

Reconhecemos a poesia não apenas como um modo de expressão literária, mas como um estado segundo do ser que advém da participação, do fervor, da admiração, da comunhão, da embriaguez, da exaltação e, obviamente, do amor, que contém em si todas as expressões desse estado segundo. (MORIN, 2005, p. 9).

Para Santos, a poesia contribui para a formação sociolinguística, cognitiva e afetiva dos alunos e, sobretudo, porque a linguagem poética é a expressão estética por excelência (SANTOS, 2003), isto é, fonte de beleza e de prazer que ultrapassa os limites da razão e abre-se à fantasia, a múltiplas interpretações possíveis, ao plural, ao flexível, ao conotativo, propiciando ao leitor a experiência poética de vivenciar o deslocamento das significações fixas, o estranhamento, o prazer, a subjetividade de cada um. Segundo Lopes, a experiência estética tem por finalidade “retirar o sujeito de si, fazer com que ele não seja mais o mesmo. A experiência revela e oculta em espaços de luz e de sombras. A experiência não é apreendida para ser repetida, passivamente transmitida; ela acontece para recriar e potencializar outras vivências”. (SANTOS, 2007, p. 26). De um modo geral, a poesia pode contribuir para a formação integral do aluno: sua personalidade, seu crescimento intelectual e afetivo, sua compreensão da realidade e de si mesmo.

A importância da poesia na formação integral do aluno, seja como indivíduo, leitor literário, escritor literário ou cidadão, é indispensável e por isso ela é objeto de estudo nesta pesquisa a fim de que possamos propor sua inclusão efetiva na escola, principalmente, nas aulas de literatura, valorizando-a conforme sua potencialidade literária e, portanto, humanizadora. Pinheiro (2005) ressalta a importância desse gênero literário na educação

escolar, tirando-o da marginalidade por meio do letramento literário, promovendo leituras, análises e produções de textos poéticos com os alunos:

Enquanto não se compreender que a poesia tem um valor, que não se trata apenas de um joguinho ingênuo com palavras, ela continuará a ser tratada como gênero menor e, pior ainda, continuará a ser um dos gêneros literários menos apreciados no espaço escolar. (PINHEIRO, 2005, p. 62).

Em seu ensaio “Infância e Poesia”, Paes (1998) também nos alerta de que a poesia é importante para desbloquear em crianças, a partir dos dez anos, “as ideias feitas, preconceitos morais, clichês de expressão inculcados em casa e na escola, bem como os lugares-comuns e slogans publicitários subconscientemente absorvidos da televisão”, quando esses embotamentos começam a ser formados na criança por ela desejar explicar o mundo conforme os adultos. Para o autor:

Contra o embotamento induzido por tais automatismos de linguagem e de percepção, pode exercer uma ação desbloqueadora das mais salutares a leitura regular de poemas. Poemas cuja visão de mundo ponha em xeque esses automatismos, quer no nível dos conteúdos mentais, quer no nível da expressão verbal, já que uma visão dessa natureza só a pode veicular uma linguagem inovadora como a da poesia moderna. (PAES, 1998).

2.4 Possíveis práticas com o gênero poema em sala de aula

O texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser. Um texto existe apenas na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: o que o escreve e o que o lê; escritor e leitor, reunidos pelo ato radicalmente solitário da leitura, contrapartida do igualmente solitário ato de escritura. (LAJOLO, 1982, p. 52).

A princípio podemos afirmar que nenhum texto foi escrito para ser pretexto para algo seja para ensinar algo especificamente – conteúdos escolares e valores éticos e morais – seja para ser objetivo de estudo em si como análise. O texto precisa ser o menos violentado possível respeitando-lhe como um “ponto de encontro entre autor e leitor”. Por isso iniciamos essa parte do nosso estudo ressaltando a necessidade de a escola respeitar o poema como sendo esse encontro entre autor e leitor, principalmente.

Também é, inicialmente, imprescindível destacarmos a importância do professor como leitor – no nosso caso, leitor literário – e mediador nesse processo de letramento literário para com o aluno. E para que isso aconteça de forma profícua, o professor precisa ser um leitor real de textos literários e precisa ter uma experiência significativa de leitura com textos poéticos. A leitura do poema precisa ser bem orientada na escola a fim de não desiludir o leitor e, consequentemente, ser deixada de lado.

Em resumo, se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau

professor. E, à semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente significado nenhum para os alunos, mesmo que eles respondam satisfatoriamente a todas as questões propostas. (LAJOLO, 1982, p. 53).

Além disso, o professor também precisa de uma constante atualização poética e diversificada formação teórica que lhe possibilite implementar metodologias de trabalho com o gênero poema a fim de conseguir êxito na formação do aluno.

As condições aqui apresentadas para possíveis práticas de letramento literário com o gênero poema são também indispensáveis para o ato de leitura literária em geral, apesar de que o texto poético tem peculiaridades que exigem atenção e sensibilidade diferentes em relação ao texto em prosa.

O planejamento quanto ao trabalho com o gênero poema merece uma atenção especial, pois ele precisa ser sistemático e constantemente avaliado e, dentre outros aspectos a se considerar, podemos destacar: quais cuidados tomar com o ambiente em que se vai trabalhar com o poema, quais condições precisam existir, quais os textos que serão utilizados para leitura devidamente adequados ao leitor, quais os interesses dos alunos. Sobre o planejamento, vale ressaltar o que afirma Armando Gens, embora ele não esteja se referindo especificamente ao gênero literário poema:

Para os tempos atuais, um planejamento deve propor articulações, diálogos, encontros, debates e convivências entre o popular e o culto, entre o midiático e o folclore, entre as obras canônicas e as ditas marginais, entre as obras do passado e as produzidas na contemporaneidade, entre a literatura e as demais modalidades de arte. Deve, também, abrir espaços para acolher as diferenças de gosto e de estética e as implicações das cenas gráficas e computacionais em espaço literário. (GENS, 2009, p. 73).

Muitos são os questionamentos quando se pensa em trabalhar na escola com um gênero textual que parece não fazer parte do dia a dia dos alunos e pelo qual eles parecem não ter muito apreço. Muitas pessoas até preferem a prosa à poesia devido à supervalorização social e cultural daquela e por aquela parecer mais fácil de entender e, portanto, de ler. Como já dissemos anteriormente, ambas têm seus respectivos desafios.

Realmente, a princípio, podemos crer ser bastante difícil trabalhar com poesia na sala de aula. Gebara, em seu texto “Reflexões sobre o ensino de poesia”, levanta os seguintes questionamentos para se trabalhar com o poema quando ele chega à escola:

Como trabalhar com gêneros literários que não parecem fazer parte do cotidiano? Como torná-los significativos para os nossos alunos? Como trabalhar com a autoria em gêneros que exigem domínio da tradição e uma busca pela inovação recorte da matéria linguística e temática de forma singular? (GEBARA, 2011).

Após discorrermos sobre várias questões no item anterior que parecem, também, colaborar com esse distanciamento e esse desinteresse por parte dos estudantes quanto ao poema, pode nos parecer realmente uma tarefa praticamente impossível. Mas não o é. No mesmo texto, mais adiante, Gebara já nos aponta alguns primeiros vislumbres, digamos assim, quando a autora diz que:

“[...] ensinar poesia (em todos os seus subgêneros) é trabalhar o texto como resposta a uma necessidade, a alguém (o leitor), a um tempo definido. A poesia dentro dessa concepção é um modo de viver o mundo (ver, sentir, experimentar e projetar) e cada composição poética reflete quem somos, o que pensamos, sentimos e buscamos. (GEBARA, 2011).

A partir daqui já podemos perceber que o desafio de se trabalhar com o poema na escola não é invencível. E, apesar de o texto poético não ser tão presente no cotidiano do aluno, de ser marginalizado e esquecido há muito tempo na escola, principalmente no Ensino Fundamental, entendemos que o uso de poema na sala de aula pode se tornar um recurso eficiente para promover o letramento literário. Mas precisamos reconhecer que são poucos os professores que trabalham com o poema de forma efetiva visando ao letramento literário poético.

Recorrendo mais uma vez a Gebara, ela nos apresenta dois possíveis primeiros caminhos para escolher:

O primeiro caminho é o da fruição, ou seja, depois de, tanto trabalho com o poema, precisamos recuperar a gratuidade da presença desses textos em sala simplesmente por que fazem parte da nossa cultura e são experiências variadas que o aluno precisa ter para construir, pela interferência dessa presença, a sua leitura interpretativa, acompanhada de um gosto pessoal. O segundo é o da percepção que cada professor constrói e pode ser condensado em três questões: “Os alunos são poetas para vocês? Os alunos são autores para vocês? Vocês são leitores dos seus alunos? (GEBARA, 2011).

O objetivo não é transformar os alunos em poetas, mas sim em leitores literários – mas, insistimos, por que não, também, em escritores de poesia? – despertando neles o gosto pela poesia e desenvolvendo no aluno a competência para sentir a poesia.

Um outro passo que se deve considerar é a recepção da poesia na sala de aula que não deve ser como mera atividade redutora da sua proposta estética, mas também não há necessidade de exagerar. Segundo Sorrenti (2007, p. 103), “Obrigatoriedade para memorização e cópia, estudo de gramática e fixação de termos técnicos da versificação devem ficar longe do alcance do aluno”. E ainda “A poesia é para ser lida, ouvida, cantada, sentida, vivenciada” (SORRENTI, p. 104).

Segundo Jean (1990), a poesia pode ser vivida como forma de compreensão de si próprio e do mundo que nos cerca como se fosse uma experiência corporal: “Eu tratarei de mostrar que o prazer que se sente ao tocar com os lábios e com os olhos o corpo poético das palavras pode despertar uma sensualidade intensa e exaltar a solidão do desejo (1990, p. 107).

Embora a seleção de textos poéticos deva ser “Bela, movente, cutucante, nova, surpreendente, bem escrita (ABRAMOVICH, 1989, p. 67)”, é fundamental que o professor, como mediador dessa experiência poética, esteja atento a essa magia que a experiência estética com a poesia é capaz de proporcionar ao leitor, e seu entusiasmo, sua sinceridade e sua emoção como mediador sensível ao texto poético é essencial na formação do gosto pela poesia. Assim confirma Jean:

Mas o docente, o educador, o intermediário, ou melhor dito, o mediador, deveriam, inclusive brincando com as palavras, os sons e as imagens, saber sentir que toda a poesia, a mais leve, a mais humorística e a mais grave, cristaliza, em algum de seus aspectos, a todo o homem. (JEAN, 1990, p. 107).

Precisamos desenvolver no leitor sua competência para sentir a poesia em toda a sua potencialidade estética, literária, imagética, sonora, lúdica, “confiando desconfiadamente nas palavras, entrando no jogo com outras regras, repletos de atenção e malícia recriadoras da linguagem”. (PAULINO, 2010, p. 139). A experiência estética com a leitura dos poemas deve ser primordial no trabalho com esse gênero.

Sobre a importância de se explorar o imaginário na leitura literária, principalmente na poesia, destacamos o autor Bachelard:

Uma imagem estável e acabada *corta as asas* à imaginação. Faz-nos decair dessa imaginação sonhadora que não se deixa aprisionar em nenhuma imagem e que por isso mesmo poderíamos chamar de *imaginação sem imagens*, assim como se reconhece um *pensamento sem imagens*. [...] O poema é essencialmente uma *aspiração a imagens* novas. Corresponde à necessidade essencial de *novidade* que caracteriza o psiquismo humano. (BACHELARD, 1990, p. 2, grifos do autor).

A fenomenologia bachelardiana consiste em fazer o leitor acompanhar a imaginação do poeta compreendendo a imagem como uma intenção. Cabe ao leitor lançar sua imaginação sobre a imagem e tentar acompanhá-la até chegar numa revelação máxima do que se chama de realidade que é justamente aquela produzida pela imaginação. A fase considerada noturna de Bachelard é aquela responsável pela valorização dos devaneios poéticos que se dão com o poeta e com o leitor:

Um verdadeiro poeta não se satisfaz com essa imaginação evasiva. Quer que a imaginação seja uma *viagem* [...] Se for bem escolhida, a imagem inicial se

revelará como um impulso para um sonho poético bem definido, para uma vida imaginária que terá verdadeiras leis de imagens sucessivas, um verdadeiro sentido vital". (BACHELARD, 2001, p. 4).

A poesia também precisa estar bem presente no cotidiano do espaço escolar. Daí a importância de se construir murais de poesia, realizar saraus poéticos e recitais de poesia e outros eventos e/ou atividades que façam a poesia mais presente na escola. Os poemas devem fazer parte da nossa vida e da vida dos alunos. Essa aproximação e encantamento devem ser proporcionados pelos educadores-mediadores em vários momentos na escola e com poesias significativas para os estudantes despertando neles o prazer pela leitura, pela literatura e pelo poema.

Há uma necessidade, também, de trazer para dentro da escola, para a sala de aula especificamente, a poesia popular brasileira: o cordel, o repente, o desafio de rima, a embolada e, inclusive, o *Poetry Slam*. Como afirma Campos (1994, p. 11), "O objetivo geral é dar ao aluno a dimensão da multiplicidade e da complexidade da produção simbólica de nossa sociedade, nela situando o que se convencionou chamar texto literário". Não apenas a poesia popular, mas os diversos gêneros literários, escritos e orais, e outros tipos de textos como "a narrativa fílmica, com o livro de bolso, com a telenovela, com o desenho animado ou com a música popular". (CAMPOS, 1994, p. 11).

Sobre essa importância e necessidade de se valorizar as manifestações literárias populares em toda a sua diversidade, Pinheiro nos alerta:

[...] é preciso estar de ouvidos abertos. Deve haver muita coisa escondida, muitas vozes a que não damos ouvido, bem junto de nós. E ouvi-las pressupõe uma atitude humilde, nada preconceituosa com a cultura do povo. A atitude preconceituosa nos faz deixar de saborear tantas belezas. (PINHEIRO, 2008, p. 107).

O mesmo autor ainda comenta sobre a pesquisa que realizou sobre literatura de cordel:

Um ponto que me parece dos mais importantes: na pesquisa no âmbito da literatura e da cultura popular, a aproximação afetiva e humilde diante dos artistas se constitui uma atitude fundamental. E nos aproximamos para aprender, para colher daquela memória ritmos, imagens, lembranças, visões de mundo, experiências, as mais diferentes possíveis. (PINHEIRO, 2008, p. 99).

E sobre a literatura de cordel, para o mesmo autor, "não é um objeto frio de que me aproximo apenas para detectar visões de mundo, procedimentos estéticos, formas de representações da mulher e tantas outras questões suscitadas por pesquisadores. É experiência viva que se refaz a cada leitura. Portanto não posso falar dela assumindo um distanciamento "neutro". (PINHEIRO, 2008, p. 107).

A intertextualidade também pode ser bastante explorada com os alunos na leitura literária com o gênero poema. Para refletirmos com os alunos sobre o conceito de

intertextualidade – conceito que exploramos bastante com os alunos tanto na leitura dos poemas quanto na produção escrita dos mesmos – recorremos a Mendes (1994) e a Samoyault (2008). Segundo Mendes (1994, p. 29), “A relação existente entre textos diversos, da mesma natureza ou de naturezas diferentes e entre o texto e o contexto é que se chama intertextualidade”. Para o mesmo autor (1994, p. 33), a percepção da “intertextualidade depende da extensão de leitura que se tenha”. Quanto maior nosso repertório, mas chances de identificar esse tipo de relação entre os textos e “Às vezes, o sentido da obra está exatamente nessa espécie de diálogo estabelecido entre o novo texto e o anterior”. (MENDES, 1994, p. 33).

Para confirmar que nem sempre o leitor consegue identificar esses elementos intertextuais e que a intertextualidade não se limita apenas ao lado da produção, recorremos, também, a Samoyault (2008, p. 91): “Por isso não podemos nos contentar com uma teoria da intertextualidade que se limitaria ao único lado da produção: a recepção é do mesmo modo um aspecto decisivo para esta”. Segundo a mesma autora, “O problema de toda esta memória da literatura, é assim, em compensação, a falibilidade daquela do leitor que, como uma peneira, parece furada de buracos” (SAMOYAULT, 2008, p. 89). O leitor nem sempre conseguirá lembrar-se de tudo o que já leu e, portanto, isso não possibilitará que ele identifique a relação de intertextualidade nos textos. A mesma autora ainda afirma: “(...) para o leitor, a percepção do intertexto ou do hipotexto revela-se delicada e é preciso aceitar a ideia de que a intertextualidade permanece frequentemente misturada, e mesmo, indescobrível” (SAMOYAULT, 2008, p. 93). O hipotexto, neste caso, é o texto ao qual se faz referência nessa relação de intertextualidade.

A leitura oral, conforme destaca Pinheiro (2010), também é imprescindível na promoção do letramento literário com o gênero poema:

Uma questão fundamental é a leitura oral. Poesia pede voz – várias vozes, leituras repetidas e discutidas. É pela leitura oral que o leitor vai perceber as nuances sonoras e semânticas, vai descobrir imagens que passam desapercebidas numa primeira leitura. A leitura oral é um procedimento que funciona bem em todos os níveis de ensino. (PINHEIRO, 2010).

É com a oralidade que a palavra escrita ganha sonoridade e enriquece com música, ritmo, cadência e melodia o poema ou a história. Salientamos a importância da oralidade, da leitura em voz alta na sala de aula dos textos literários, tanto por parte dos alunos quanto por parte do professor, seja com o poema ou com a prosa.

Destacamos aqui o que Larrosa chama de “Lição” – o ato de ler em voz alta em público e, principalmente, quando esse local é uma sala de aula.

Uma lição é uma leitura e, ao mesmo tempo, uma convocação à leitura, uma chamada à leitura. Uma lição é a leitura e o comentário público de um texto cuja função é abrir o texto a uma leitura comum. Por isso, o começo da lição é abrir o livro, num abrir que é, ao mesmo tempo, um convocar. E o que se pede aos que, no abrir-se o livro, são chamados à leitura não é senão a disposição de entrar no que foi aberto. O texto, já aberto, recebe àqueles que ele convoca, oferece hospitalidade. Os leitores, agora dispostos à leitura, acolhem o livro na medida em que esperam e ficam atentos. Hospitalidade do livro e disponibilidade dos leitores. Mútua entrega: condição de um duplo devir. (LARROSA, 2000, p. 139).

A magia que predomina neste momento é inexplicável, mas se explica sua importância para o letramento literário seja com o poema ou com a prosa. Implica em ensinar e aprender mutuamente, em uma experiência de liberdade, de amizade, “numa relação de cada um consigo mesmo e com os outros” (LARROSA, 2000, p. 140). O autor ainda destaca a importância do silêncio como um dos elementos da lição além do texto e da voz do professor, “silêncio que é de todos e de ninguém, isso é, da própria linguagem em sua multiplicidade e em seu infinito, digamos comum”. (LARROSA, 2000, p. 141). E continua: “[...] depois da leitura, o importante não é que nós saibamos do texto o que nós pensamos do texto, mas o que – com o texto, ou contra o texto ou a partir do texto – nós sejamos capazes de pensar”. (LARROSA, 2000, p. 142).

Ler com os outros, para os outros é “expor os signos ao heterogêneo, multiplicar suas ressonâncias, pluralizar seus sentidos”. (LARROSA, 2000, p. 143); é possibilitar infinitas sensações e interpretações diante da diversidade de leitores nessa comunidade leitora. Na lição, o professor busca uma certa cumplicidade por parte de todos os participantes como se todos sentissem a mesma “mordida do texto”, “inquietados pelo mesmo”. E a liberdade que a amizade da leitura possibilita, só acontece se se entregar ao texto, “deixar-se inquietar por ele, e perder-se nele”.

Larrosa (2000, p. 146) afirma ainda que a lição se converte “num falar, às vezes, num escrever”. “Ler é levar o texto ao seu extremo, ao seu limite, ao espaço em branco onde se abre a possibilidade de escrever”. A lição possibilita o diálogo, o debate, a reflexão em grupo e também pode resultar numa escritura sobre o que se leu, sobre o que foi conversado a respeito do texto.

E finaliza sua reflexão sobre a lição, ato de ler em público para e com os outros, principalmente numa sala de aula, com as seguintes palavras: “Enfiar-se na leitura é en-fiar-se no texto, fazer com que o trabalho trabalhe, fazer com que o texto teça, tecer novos fios, emaranhar novamente os signos, produzir novas tramas, escrever de novo ou de novo: escrever” (LARROSA, 2000, p. 146).

Quanto à escritura de poemas, a escola tem subestimado a capacidade dos alunos de escrever textos literários, principalmente, o poema e, em função disso, praticamente não promove atividades dessa natureza ignorando que o letramento literário inclui não apenas a formação leitora literária como também a escritura literária. Sabemos, claro, que inspiração não é tudo de que os alunos precisam para escrever poesia e precisamos ter alguns cuidados com relação à escritura poética, conforme nos orienta Sorrenti (2009, p. 52): “[...] é preciso aconselhar o aluno a não entregar a criação poética ao domínio da pressa, do sonho e da inconsciência. Faz necessário ressaltar sempre a importância do raciocínio e da atenção”. E acrescenta:

O fazer poético pode estar ao alcance de todos, mas o próprio professor deverá tomar cuidado para não incorrer em posturas extremistas: não supervalorizar e/ou desvalorizar as suas tentativas de criação poética. A poesia é um espaço de liberdade. Entre tantas formas de poesia, certamente haverá uma que vai fascinar o nosso aluno. (SORRENTI, 2009, p. 52).

Quanto à produção escrita dos poemas, concordamos com Gebara (2009) quando a autora orienta a trabalhar com poucos elementos poéticos a fim de que numa progressão em espiral o aluno aprenda certas formas, retorna ao gênero poético para verificar o que aprendeu e avança mais um pouco e assim sucessivamente. Nas palavras da autora, assim ela resume sua proposta:

Poucos elementos devem ser trabalhados e esses devem preencher a atenção daqueles que se iniciam na expressão escrita. Mesmo leitores mais proficientes podem ter dificuldades em elaborar um poema com todos os elementos discursivos e composicionais atuando juntos. Na progressão espiral, o aluno experimenta certas formas e quando volta ao gênero poético, verifica o que sabe para avançar mais um ou dois elementos. Embora o número de elementos a serem trabalhados possa variar de acordo com a idade do aluno [...] nem sempre os alunos (mesmo que tenham mais experiência) responderão a todos os elementos apresentados de forma similar ou num mesmo ritmo. (GEBARA, 2009, p. 164).

A mesma autora nos sugere, também, que utilizemos a denominação gêneros poéticos ao trabalharmos com o poema em sala de aula eliminando, se possível, a “etiquetação” da multiplicidade de gêneros poéticos como simplesmente “poema”. Segundo a autora:

Estudar os gêneros poéticos significa colocar sob exame muitas formas historicamente marcadas (como o epígrama), renovadas com maior (como o soneto ou as canções) ou menor frequência (como os epítalâmios), daí a preferência por uma classificação que permita o trabalho como um todo, envolvendo a estrutura composicional, o tema, suportes e espaços de circulação desses gêneros [...]. (GEBARA, 2009, p. 143).

Gebara nos sugere que procuremos elencar dois ou mais traços ao definir os gêneros poéticos sejam eles de natureza composicional, temática ou de estilo, sem se ater simplesmente a sua apresentação formal, ou seja, a versos, rimas etc. Para a autora “[...] etiquetar a todos como poemas é também subentender que os gêneros prosaicos são múltiplos enquanto o poético se resume a texto versificado” (2009, p. 165). Dessa forma, mesmo que isso não solucione o problema, conseguiremos afirmar – em vez de apagar – a multiplicidade de gêneros poéticos que existem.

De um modo geral, são muitas as possibilidades de se trabalhar com o gênero poema na sala de aula, da leitura à escritura, visando o letramento literário nesse sentido. Destacamos a seguir algumas sugestões, mas isso não significa que as possibilidades se restringem a essas apenas. Ao professor leitor voraz de poesia, certamente não lhe faltará criatividade para inventar novas formas para isso.

Sorrenti (2009) sugere algumas formas de se trabalhar com o poema na escola, com os adolescentes, que são:

- Apresentar à turma poemas de que realmente gosta;
- Treinar em classe a leitura do poema com a expressão que ele desperta: lirismo, humor, alegria, melancolia, indignação...
- Ler vários poemas e pedir aos jovens que façam uma apreciação;
- Pedir que os alunos comparem poemas que tenham assuntos semelhantes e comparem textos poéticos em prosa e em verso;
- Musicalizar poemas e estudar em classe canções da música popular brasileira;
- Procurar ver [...] no poema os “não ditos”, as ambiguidades;
- Analisar a importância da disposição gráfica do poema;
- Transformar textos em prosa poética em poemas;
- Propor a leitura dos clássicos: Drummond, Bandeira, João Cabral, Cecília, Quintana, por exemplo, pedindo que a turma selecione alguns poemas de que gostaram muito;
- Promover saraus poéticos;
- Sugerir a reescrita de poemas;
- Valorizar nos textos produzidos pelos alunos seus achados poéticos, ou seja, as imagens bonitas e originais que empregaram;
- Sugerir que o jovem produza textos sobre o cotidiano (vida escolar, vida familiar e social, sentimentos e expectativas);
- Selecionar poemas para a adolescência em livros publicados para crianças e para adultos, fazendo-o com a participação dos alunos e, em seguida, elaborar uma bela antologia com os textos selecionados. (SORRENTI, 2009, p. 33-34).

Destacamos ainda como proposta de trabalho para o letramento literário com o gênero poema a sugestão de Cunha (2012, p. 85). Ele nos sugere atividades que partam das sensações que o texto poético provoca no leitor. “A partir do contato inicial com as sensações provocadas pelo poema, cada leitor/ouvinte poderia, assim, chegar a uma leitura plural do

“texto poético”. O mesmo autor propõe que essas atividades sejam divididas em três etapas: a) Percepção: levar o aluno a sentir o poema por meio de atividades corporais, visuais ou auditivas; b) Discussão: atividades que proporcionem aos alunos o máximo de leituras possíveis dos textos trabalhados; e c) Criação: nessa etapa os alunos expressam suas aprendizagens por meio de produção própria, quase sempre em versos, preferencialmente com música instrumental de fundo.

- a) Percepção: Oferecer aos alunos atividades relativas ao movimento do corpo como representação mímica, reprodução de coreografias de cantigas de roda, chamadas cantadas; à descoberta de sons como por exemplo audição de canções, de instrumentos musicais; e à apreciação de imagens como observação de ilustrações, fotografias, desenhos, poemas visuais.
- b) Discussão: Promover exercícios que possibilitem múltiplas interpretações dos poemas ouvidos/lidos mediante discussões, por exemplo, “a fim de despertar o imaginário do grupo, suscitar emoções, provocar imagens e diferentes leituras, bem como perceber a importância dos aspectos sonoros formais (rimas, repetições sonoras, ritmo etc.) para a compreensão do poema.” Esses exercícios que propiciam a reflexão sobre os poemas podem ser orais ou escritos.
- c) Criação: Nesta etapa os alunos expressam o que aprenderam através de produção própria que geralmente é feita em versos. Durante esse processo de criação, a audição de músicas instrumentais ajuda a despertar os sentidos para a escrita de poemas. Segundo o autor, “ao escrever ao som das canções instrumentais, o leitor-autor de poesia pode depreender delas sensações traduzíveis em seus próprios poemas”. Este momento de criação serve apenas para proporcionar aos alunos a experimentação do fazer poético. (CUNHA, 2012, p. 85-86).

2.5 Poetry Slam como literatura marginal periférica

Optamos por utilizar nesta pesquisa a expressão *Poetry Slam* e não apenas *Slam* como muitos autores o tem feito, visto que, apenas o termo *Slam*, quando citado para algumas pessoas durante a realização desta pesquisa, elas sempre o relacionavam ao Islã (ou Islamismo) pois nunca tinham ouvido falar esse termo relacionando-o às batalhas de poesia falada.

Slam é um termo onomatopeico de origem inglesa que indica o som de uma “batida” de porta ou janela – nomeia os campeonatos de performances poéticas que se originaram em Chicago e depois se espalhou mundo a fora, inclusive, no Brasil. O primeiro *Slam* a ser criado no Brasil, por Roberta Estrela D’Alva – atriz, diretora musical, pesquisadora apresentadora de um programa juvenil na TV Cultura de SP e afiliadas, *slammer* (poetisa) brasileira, curadora do Rio *Poetry Slam*, na Festa Literária das Periferias (FLUPP), no Rio de Janeiro e finalista da Copa do Mundo de Poesia Falada de 2011, em Paris, na França, conquistando o terceiro lugar – foi o ZAP! *Slam* (Zona Autônoma da Palavra), em 2008, em São Paulo. O *Slam* da

Guilhermina é, portanto, o segundo mais velho e seu criador foi Emerson Alcalde – poeta e ator, *slammer* desde 2008 e finalista na Copa Mundial de Poesia Falada em 2014 – e já possui antologia de poemas publicada com recursos próprios, tendo inclusive um de seus membros selecionados para competir na Copa do Mundo de Poesias em Paris. Segundo D’Alva:

Poderíamos definir o *poetry slam*, ou simplesmente *slam*, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo mundo. (D’ALVA, 2014, p. 109).

Ou, como diz Ramos (2017, p. 5), “os *slams* de poesia se configuraram como movimentos presentes em circuitos locais, nacionais e internacionais, em que poetas se reúnem para declamar poesias, nos formatos de ‘batalhas’”. Trata-se, também, de uma espécie de literatura marginal que, segundo alguns estudiosos do tema “periferia”, precisa ser legitimado.

Essa literatura, em meio a disputas por reconhecimento e demarcação de um gênero – “literatura marginal” – e suas contestações, tem buscado espaço também através da construção de interfaces virtuais, uma vez que a disputa pelo mercado editorial nas grandes editoras mostra-se pouco porosa e quase inacessível. Notamos estratégias como o surgimento de pequenas novas produções independentes e também pequenas editoras cujos modos de operar se mostraram mais acessíveis. Identificamos a elaboração de conteúdos digitais, produzidos e difundidos por redes sociais, páginas pessoais, sites especializados em “cultural da periferia”, por onde circula uma infinidade de registros impossíveis de serem capturados em sua totalidade (PEREIRA, 2015, p. 36 *apud* RAMOS, 2017, p. 6).

O objetivo dos *Poetry Slams* não é ganhar dinheiro vendendo as poesias nem ganhar fama. Segundo Neves, “Promover a poesia oral, falar poesias (*spoken word*), ler, escrever, declamar, divulgar, promover batalhas de performances poéticas, transformar os *slams* em linguagem, em educação – eis os desafios dos *slammers* ao/na mundo” (2017, p. 97).

As competições de poesia falada podem ser vistas como uma celebração comunitária, ou também um espaço privilegiado de experimentação artística para a poesia falada (*spoken word*), gênero de poesia também nascido nos Estados Unidos na década de 1980, ligado ao movimento hip-hop. Esses campeonatos ou “batalhas” acontecem em roda com os organizadores do evento, público, júri escolhido ou do público, o *slammaster* – mestre de cerimônia – e os *slammers*, que são os poetas.

Há três regras básicas que regem qualquer *Slam*: “os poemas devem ser de autoria própria do poeta que vai apresentá-lo, deve ter no máximo três minutos e não devem ser

utilizados figurinos, adereços, nem acompanhamento musical” (D’ALVA, 2014, p. 113). Os poemas no *Slam* geralmente deixam o público concentrado e chamam a atenção daquelas pessoas que estão passando pelo local visto que, na maioria das vezes, os *Slams* acontecem em espaços públicos próximos a pontos de transporte público. Os poetas competidores normalmente declamam de cor e sua performance transparece ser bem estudada e ensaiada.

Antes de iniciar a competição pode acontecer um recital livre de poesias, um espaço para quem quiser declamar seus poemas ou poemas de outros poetas. É nesta etapa, também, que costumam acontecer as inscrições dos competidores, aqueles que desejam participar efetivamente do campeonato. No *Slam* da Guilhermina especificamente, entre o recital e a competição propriamente dita, os organizadores leem o manifesto do *Slam* da Guilhermina, reproduzido abaixo:

Guilhermanos e Guilherminas
 Guilher MANOS (coro) Guilher MINAS (coro)
 Guilher MANOS (coro) Guilher MINAS (coro)
 Guilher MANOS (coro) Guilher MINAS (coro)
 Guilhermanos e Guilherminas
 Quem vencer essa noite será nomeado
 Slampião ou Slampiã
 Porém não levará para casa
 A Maria Bonita
 Vem
 Pode chegar
 Sob a luz da lamparina
 Celebrando a poesia
 No slam mais roots da América Latina
 Ocupando a praça muito além da fumaça
 Não duvide da fé
 Porque Guilhermina é
 Esperança
 Somos o bando do Lampião
 E o nosso cangaço?
 É Cangaíba nosso pedaço
 Ermelino Matarazzo
 Da Guilhermina a São Bento é só uma questão de tempo
 Somos o Bando do Lampião
 Praticando slam como num rachão de domingo
 Só que pra gente também é balada
 É resistência. É celebração. É convívio.
 Guilher MANOS (coro) Guilher MINAS (coro)
 Guilher MANOS (coro) Guilher MINAS (coro)
 Guilher MANOS (coro) Guilher MINAS (coro)
 (ALCALDE, 2014, p. 25 *apud* STELLA, 2015, p. 10).

O manifesto é uma forma de afirmar a identidade coletiva do *Slam*. Existe também o grito de “paz”, símbolo do *Slam*, que geralmente é conduzido pelo *slammaster* e do qual o público participa. No caso do *Slam* da Guilhermina, o *slammaster* conta de 1 a 3 e o público,

em coro, diz “*Slam* da Guilhermina”. Neste momento o silêncio predomina e o poeta/*slammer* inicia sua declamação. Após a apresentação de cada poeta, os jurados erguem as placas com as respectivas notas. Das cinco notas atribuídas pelos jurados, a menor e a maior são desconsideradas calculando-se uma média das outras notas.

O *counter* é quem cronometra o tempo de três minutos para cada apresentação e, também, registra as notas, de zero a dez, de cada *slammer*. Tempo esgotado, o *slammer* tem mais dez segundos para finalizar. Há batalhas de poesia que criam outra categorização de declamação, a de poemas curtos, de até 10 ou 12 segundos. Existe um rito para quando as notas são dadas pelo júri: o público grita “Credo!” para as notas baixas e “Bom!” para as notas altas. Também pode acontecer o seguinte:

Os jurados nos *slams* podem ser vaiados se derem notas baixas e ouvirem até repreensões do público, mas muitas podem ser aplaudidos se abandonarem uma postura excessivamente criteriosa, vista com maus olhos normalmente por todos os presentes. Eles devem se ater ao texto e também a performance do *slammer*, as duas coisas contam, já que muitas vezes a performance pode ser uma letra de um rap, funk, um poema cheio de silêncios e gestos etc. (STELLA, 2015, p. 8-9).

Os poetas/*slammers* oferecem o melhor de seus poemas e de si ao público que os retribui na mesma moeda. Segundo Neves (2017):

Corpo e voz, simultaneamente, dão o tom do espetáculo performático. Alguns poetas declamam no palco, alternando o uso ou não do microfone; outros caminham por entre a plateia, gesticulam, gritam e silenciam, incorporando os poemas igualmente de cor e *par cœur*. (NEVES, 2017, p. 102-103, grifos da autora).

Cada *Slam* é composto por três rodadas: na primeira todos os poetas inscritos participam; na segunda, apenas cinco vencedores participam e na terceira somente três finalistas participam. Durante os intervalos entre uma rodada e outra, costumam acontecer apresentações artísticas, em geral: música, dança, mais leitura de poemas etc. No *Slam* da Guilhermina, os campeões recebem o título de *slampião* ou *slampiã* da noite.

Os *Slams* são compostos de dez etapas ao longo do ano – fevereiro a novembro – e em dezembro há a batalha final com os ganhadores de cada mês. Em seguida os vencedores de todos os *Slams* do país disputam uma vaga no Campeonato Nacional - *Slam Br*, no qual será definido o vencedor que irá representar o Brasil na Copa do Mundo de Poesia Falada, em Paris, na França, todos os anos. Vinte *slammers* competem na França, campeonato este todo financiado pelo governo francês.

Além do campeonato nacional de *Poetry Slam* e a Copa do Mundo de Poesia Falada, que acontece em Paris, existem, também, os campeonatos intra e interescolares de *Slam*, nos

quais os alunos realmente “se tornam leitores e escritores de poesia, seus versos tematizam criticamente a atualidade, reivindicam mudanças” (NEVES, 2017, p. 109), ou seja, o letramento literário com o gênero poema pode ser percebido de forma efetiva.

Segundo D’Alva (2014, p. 112), mais que uma competição, os *Slams* se configuram como uma celebração coletiva, pois sem o público, a performance poética não faz sentido. Os poetas/*slammers* oferecem o melhor de seus poemas e de si ao público que os retribui na mesma moeda. Os *slammers* não leem simplesmente seus poemas. A expressão corporal, voz, entonação, ritmo, gestos são elementos fundamentais na experiência da oralidade e da performance. A performance envolve tanto a transmissão quanto a recepção. Segundo Zumthor (1977, p. 33): “A *performance* é a ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora transmitida e percebida. Locutor, destinatário, e circunstâncias [...] se encontram concretamente confrontados, indiscutíveis” (grifo do autor). Para Neves:

Corpo e voz, simultaneamente, dão o tom do espetáculo performático. Alguns poetas declamam no palco, alternando o uso ou não do microfone; outros caminham por entre a plateia, gesticulam, gritam e silenciam, incorporando os poemas igualmente de cor e *par cœur*. (NEVES, 2017, p. 102-103, grifos da autora).

Embora essas apresentações sejam gravadas em vídeo e postadas nas redes sociais e no YouTube, os momentos vividos no *Slam* são um acontecimento impossível de ser capturado visto que tudo o que acontece na hora constitui a performance inclusive “cheiros, barulhos, energias e presenças de outros corpos e emoções coletivas”. (FREITAS, 2018, p. 98). Portanto a performance só pode ser, de fato, acessada, estando presente no momento. D’Alva reforça essa impossibilidade de reproduzir a performance que acontece nesses eventos do *Poetry Slam* da seguinte forma:

De fato, a “aura” (Benjamim, 1985) do *slam*, o momento presente em que o encontro se dá, não é possível de reprodução, e muito embora existam registros dos campeonatos e até mesmo livros de antologias com os poemas que são recitados, nada substitui a presença física, o encontro, o diálogo entre as diferenças, ponto central desse tipo de manifestação. (D’ALVA, 2011, p. 121, grifo da autora *apud* FREITAS, 2018, p. 98).

O momento é um acontecimento e a presença é fundamental para que se consiga sentir tudo que o *slam* pode proporcionar aos seus participantes: autores, organizadores e público.

Manifestações culturais como o *Slam* implicam uma certa ruptura com outras formas de expressão poéticas e literárias existentes e o simples fato do *Slam* entrar nas escolas também se constitui num ato de ruptura com a cultura legitimada pela instituição escolar. Em função disso, tais manifestações recebem muitas críticas, o que é bastante natural segundo D’Alva:

Como todas as formas artísticas (e esportivas), o *poetry slam* é passível de críticas e discordâncias em vários de seus aspectos, mas [...] não se pode ignorar a realidade de um poderoso momento de comunicação poética que acontece no momento de suas performances. [...] Não há como negar o caráter inclusivo e libertário dos encontros de *poetry slam* que oferece zonas de diálogo, atrito e conflito. (D'ALVA, 2014, p. 118 *apud* STELLA, 2015, p. 14).

Para Stella (2015), os escritores do movimento literário periférico têm outros compromissos literários e outras formas de avaliação estética recusando-se a considerar os valores estéticos e critérios de legitimação, conforme também ressalta Nascimento:

Então, ser morador das periferias e retratá-las nas obras é uma das estratégias que torna interessante essa geração de escritores, da mesma maneira que é o vetor necessário para estabelecer o compromisso intelectual com os marginalizados. Compromisso este que se faz também pelo realismo intensificado nos textos e na ruptura com a linguagem culta, realizados com a utilização de um novo tipo de escrita que valoriza o ambiente, os termos e as gírias das periferias. (NASCIMENTO, 2005, p. 42 *apud* STELLA, 2015, p. 13).

A literatura chega ao morro e tem se destacado atualmente na mídia, mas seu alcance é muito maior segundo Oliveira (2011, p. 31), pois ela “interfere nos processos de produção, recepção e circulação da obra literária, deslocando posições canônicas acerca do conceito, da função e da relação da literatura com a sociedade”.

Para a autora, as condições de vida na periferia sempre estiveram presentes nas páginas de nossa literatura, entretanto a maior parte dos escritores que escreviam sobre este assunto não eram da periferia, apenas “assumiam o papel de porta-vozes desses sujeitos, falando em seu lugar, assumindo a sua voz” (OLIVEIRA, 2011, p. 33). Oliveira destaca também o caráter performático dos textos da literatura marginal da periferia:

A intensa movimentação cultural gerada pela ação dos escritores da periferia – debates, saraus e eventos nos quais os escritores apresentam suas obras e seus projetos culturais – confere um sentido de performance ao texto, cujo modo de existência é marcado pela expressão de uma voz intimamente associada a uma atuação do sujeito na realidade. (OLIVEIRA, 2011, p. 34).

A mesma autora reforça ainda que na literatura marginal da periferia “o texto não é o produto final da atividade criativa, mas um ato de intervenção e participação na vida da comunidade onde ele se produz e circula” (OLIVEIRA, 2011, p. 34). E acrescenta que “um traço bastante inovador da literatura marginal da periferia é justamente o seu caráter de voz coletiva, comprometida em contar e escrever a própria experiência, em contraponto à cultura oficial dominante” (OLIVEIRA, 2011, p. 34).

Eis que surgem novas perspectivas no campo das investigações literárias, pois, segundo Oliveira (2011), a literatura marginal da periferia faz com que os estudos sobre literatura repensem suas categorias e parâmetros de análise:

Essa literatura não fornece apenas um repertório de técnicas literárias, mas transforma-se em uma ferramenta para a organização da vida individual e coletiva, uma “estratégia de ação”, ultrapassando a concepção estabelecida de literatura como bem espiritual, fonte de “ilustração” e prazer desinteressado. Assim, trata-se de uma produção com repercussões não apenas do ponto de vista estético, pois a literatura é tomada também como um modo de habitar a periferia, o que certamente acrescenta novas perspectivas no campo das investigações literárias. (OLIVEIRA, 2011, p. 35).

O *Poetry Slam* tem um potencial incrível para contribuir efetivamente com o letramento literário na escola quanto ao gênero poema. Os alunos parecem se identificar com a linguagem, com as temáticas, com o espírito crítico dos poetas e com o aspecto lúdico de jogo que permeia todo o campeonato de poesia falada. E como diz Neves, apesar do espírito transgressor que os alunos-*slammers* desenvolvem com o *Slam*, eles:

[...] não deixam de valorizar a cultura letrada escolar, mas principalmente a reinventam, a reformulam, a redizem, imprimindo nela sua identidade social e cultural. Ali, em versos, os alunos-*slammers* reagem, rejeitam, revoltam-se, reconhecem-se, resistem e restam. É preciso resistir para existir. *Poesia é reexistência*. Cabe à escola aceitar o novo desafio e se abrir à nova poesia do/no mundo contemporâneo. (NEVES, 2017, p. 110, grifos da autora).

Os campeonatos interescolares que Emerson Alcalde vem realizando em São Paulo com alunos de escolas públicas e particulares demonstram bem isso: os alunos gostam muito dos poemas dos *slammers* e se dedicam bastante tanto na produção escrita quanto nas apresentações dos seus poemas.

2.6 Texto literário, valor estético e literariedade

[...] a qualidade estética não está no texto, mas nos olhos de quem lê. (ABREU, 2006, p. 34).

Discorremos um pouco sobre o que vem a ser valor estético, literariedade e sobre o próprio conceito do que seja Literatura devido ao *Poetry slam*, que faz parte do nosso objeto de estudo, sendo contemplado em nossa proposta de intervenção, nas oficinas de poesia, visto que se trata de uma literatura considerada marginal e periférica e, portanto, não é devidamente valorizada nem pela sociedade nem pela escola apesar de estar conseguindo adentrar os muros desta gradativamente e conquistando leitores e ouvintes país e mundo afora. Segundo Ferréz:

A Literatura Marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem

dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, isto é, de grande poder aquisitivo. Mas alguns dizem que sua principal característica é a linguagem, é o jeito como falamos, como contamos a história [...]. (FERRÉZ, 2005, p. 12).

Afinal, o que vem a ser texto literário, valor estético e literariedade? O que faz um texto ser literário ou não? O que é literatura? Para Abreu (2006) a literatura é um produto sóciocultural que foi naturalizado, tomado como natural. Segundo a mesma autora, ao tratarmos desse assunto – literatura, qualidade estética e literariedade – estamos falando de algo incerto, instável e que é variável conforme a época, a região e o leitor, portanto a apreciação estética não é universal. E o que se define como literário são convenções e regras que se estabelecem a partir de um determinado ponto de vista social. Segundo a autora:

O que se considera literatura hoje não é o que se considerava no século XVIII; o que se considera uma história bem narrada em uma tribo africana não é o que se considera bem narrado em Paris; o enredo que emociona uma jovem de 15 anos não é o que traz lágrimas aos olhos de um professor de 60 anos; o que um crítico literário carioca identifica como um uso sofisticado de linguagem não é compreendido por um nordestino analfabeto. O problema é que o parisiense, o professor, o crítico literário, o homem maduro têm mais prestígio social que o africano iletrado, a jovem, o lavrador. Por isso conseguiram que seu modo de ler, sua apreciação estética, sua forma de se emocionar, seus textos preferidos fossem vistos como o único (ou o correto) modo de ler e de sentir. (ABREU, 2006, p. 58).

Por se tratar de um fenômeno cultural e histórico, segundo a autora, precisamos discutir o que é literatura, pois ela pode ser definida de diferentes formas conforme as diferentes épocas e diferentes grupos sociais.

O fato da Literatura fazer parte da grade curricular como disciplina foi importante para mostrar às pessoas que ela é “um bem comum ao ser humano” (ABREU, 2006, p. 58) e que, portanto, todos têm direito a ela, como já dizia Antonio Cândido.

Uma das prováveis causas do letramento literário não ter sucesso nas escolas se deve a esse padrão estético e gosto literário elitista que é, praticamente, imposto aos alunos, ignorando outros gostos possíveis, inclusive, desmerecendo-lhes seus próprios gostos. Segundo Abreu:

A avaliação estética e o gosto literário variam conforme a época, o grupo social, a formação cultural, fazendo que diferentes pessoas apreciem de modo distinto os romances, as poesias, as peças teatrais, os filmes. Muitos, entretanto, tomam algumas produções e algumas formas de lidar com elas como as únicas válidas. E aí reclamam porque o brasileiro não lê e não tem interesse pela cultura. Muita gente pensa assim e por isso são criadas organizações encarregadas de difundir o gosto pela leitura, são elaboradas propagandas divulgadas pelo rádio, pela televisão, em jornais, em outdoors e em revistas para estimular a leitura e o contato com livros. (ABREU, 2006, p. 59).

O que se tem feito normalmente é usar como parâmetro o gosto estético erudito da elite intelectual para definir o que “merece ser Literatura e o que deve ser apenas *popular, marginal, trivial, comercial*”. (ABREU, 2006, p. 80, grifos da autora). A escola, por sua vez, costuma compartilhar da opinião dos intelectuais e desvaloriza o gosto dos alunos e das pessoas comuns, chegando ao ponto de “estigmatizá-lo”, julgando seus gostos como inferiores ou desmerecendo-os de valor, e tenta lhes impor esse padrão estético, o que resulta em fracasso quanto ao letramento literário. “Se os alunos rejeitam os livros escolhidos pela escola, o problema está nos alunos – em sua ingenuidade, em sua falta de preparo, em sua preguiça. Se as pessoas leem *best sellers*, o problema também está nelas – em sua ignorância, em sua falta de refinamento, em sua alienação” (ABREU, 2006, p.109-110), afirma a autora.

Abreu (2006) salienta ainda que “Não há uma literariedade intrínseca aos textos nem critérios de avaliação atemporais” (ABREU, 2006, p. 107); por isso avaliar algumas obras literárias como boas ou ruins podem mudar de acordo com a época. E porque a literariedade não é intrínseca ao texto, como afirma a autora, também não podemos afirmar que o texto é literário e que tem valor estético simplesmente pela “definição de gêneros (poesia, prosa de ficção, teatro etc.), por procedimentos linguísticos (ritmo, rima, métrica etc.) ou pela utilização de figuras de linguagem (metáfora, aliteração, antítese etc.)”. (ABREU, 2006, p. 40).

Abreu ressalta em seu livro que não está propondo que não se leia os clássicos, mas que haja espaço para a diversidade de textos e de leituras ampliando o conhecimento do mundo literário do aluno:

Alargar o conhecimento da própria cultura e o interesse pela cultura alheia pode ser um bom motivo para ler e para estudar literatura. A literatura erudita pode interessar a comunidades afastadas da elite intelectual, não porque devam conhecer a *verdadeira* literatura, a *autêntica* expressão do que de *melhor* se produziu no Brasil e no mundo, mas como forma de compreensão daquilo que setores intelectualizados elegeram como as obras imaginativas mais relevantes para sua cultura. Do mesmo modo, pode-se estudar e analisar os textos não canonizados, o que para alguns significará refletir sobre sua própria cultura e para outros, o conhecimento das variadas formas de criação poética e ficcional. (ABREU, 2006, p. 112).

Percebemos que é objetivo da autora, também, desconstruir o preconceito com relação a tantas outras literaturas por aí, não as julgando nem as hierarquizando a partir de um único critério do que possa ser literatura, respeitando-lhes o valor estético dentro do contexto no qual foram criadas. E acrescenta:

Não se trata de se esquivar de qualquer forma de julgamento ou hierarquia, até porque os grupos culturais avaliam suas próprias produções e decidem

que há algumas mais bem realizadas que outras. O que parece inadequado, entretanto, é avaliar todas as composições segundo os critérios pertinentes à criação erudita. Abandonando esta forma de agir, ficará claro que não há livros bons ou ruins para todos, pois nem todos compartilham dos mesmos critérios de avaliação. (ABREU, 2006, p. 110-111).

Portanto, os livros e textos preferidos pelos alunos precisam ser lidos e discutidos em sala de aula e comparados com textos eruditos, mas não com o objetivo de menosprezar qualquer um que seja, e sim para “entender e analisar como diferentes grupos culturais lidam e lidaram com questões semelhantes ao longo do tempo” (ABREU, 2006, p. 111). Para Abreu:

Ler um livro não é apenas decifrar letra após letra, palavra após palavra. Ler um livro é cotejá-lo com nossas convicções sobre tendências literárias, sobre paradigmas estéticos e sobre valores culturais. É sentir o peso da posição do autor no campo literário (sua filiação intelectual, sua condição social e étnica, suas relações políticas etc.). É contrastá-lo com nossas ideias sobre ética, política e moral. É verificar o quanto ele se aproxima da imagem que fazemos do que seja literatura. Normalmente nenhum destes critérios é explicitado, uma vez que o discurso da maior parte da crítica é construído a partir da afirmação de uma *imanente literariedade*. (ABREU, 200, p. 98-99 grifos da autora).

A autora encerra afirmando que Literatura também se trata de uma questão política e não simplesmente de gosto. “O que há são escolhas – e o poder daqueles que as fazem”. (ABREU, 2006, p. 112). Como bem diz Paulino (2010, p. 46): “Lê-se um texto em vez de outro, e esta escolha não radica na liberdade do indivíduo leitor. Há práticas institucionalizadas de seleção de leitura, que determinam quais textos serão lidos, e quais indivíduos os lerão”.

Em consonância com as ideias de Abreu, destacamos, também, Derrida (2014) que afirma que “não há nenhum texto que seja literário em si. A literariedade não é uma essência natural, uma propriedade intrínseca do texto”. (DERRIDA, 2014, p. 64). Sobre a origem do termo “literatura”, ele diz que:

O termo “literatura” é uma invenção muito recente. Anteriormente, a escrita não era indispensável para a poesia ou para as belas-letras (...). O conjunto de leis ou convenções que estabeleceu o que se chama de literatura na modernidade não era indispensável para que obras poéticas circulassem. (DERRIDA, 2014, p. 57).

Após explicar o que vem a ser para ele “transcender” a leitura, ou seja, ir além do “interesse pelo significante, pela forma, pela linguagem [...], na direção do sentido ou do referente” (DERRIDA, 2014, p. 64), ele afirma que qualquer tipo de texto pode ser lido de forma “não transcendente” – que seria, no caso, uma prerrogativa do texto literário em si.

Sem suspender a leitura transcendente (*transcendant Reading*), mas mudando de atitude com relação ao texto, é sempre possível reinscrever num espaço literário qualquer enunciado – um artigo de jornal, um teorema científico, um fragmento de conversa. Há, portanto, um *funcionamento* e uma *intencionalidade* literários, uma experiência, em vez de uma essência, da literatura (natural ou a-histórica). (DERRIDA, 2014, p. 65, grifos do autor).

Derrida prefere a expressão “acontecimento literário” à “essência literária” do texto.

O acontecimento literário talvez seja mais acontecimento (porque é menos natural) do que qualquer outro, mas, por isso mesmo, torna-se muito “improvável” e difícil de verificar. Nenhum critério *interno* pode garantir a “literariedade” essencial de um texto. Não há nenhuma essência ou existência garantida da literatura. Procedendo-se a análise de todos os elementos de uma obra literária, nunca se encontrará a própria literatura, somente alguns traços que ela compartilha ou toma emprestado, e que se pode encontrar noutros lugares também, noutros textos, seja uma questão de língua, de significações ou de referentes (“subjetivos” ou “objetivos”). (DERRIDA, 2014, p. 115).

Citamos ainda Paulino (2010) que faz duras críticas às regras e convenções que se estabeleceram para definir o que é literário, afirmando que essas

[...] funcionam como um dispositivo de controle, que discrimina obras para não serem lidas/não serem escritas. [...] A crise do modelo se instala. Torna-se inevitável o reconhecimento de que todo protótipo de literariedade é histórico, e atende aos interesses do grupo social que o institui. (PAULINO, 2010, p. 49).

É interessante o alerta de Paulino quanto ao fetiche estético, essa ideia de perfeição estética a que muitos perseguem: “A devoração insaciável do fetiche estético separa a arte da vida, negando a tensão em que ambas mutuamente se fundam, e que pressupõe mudança incessante. Imobilizada pela ideia de perfeição, própria do absolutismo, a experiência estética se torna intransitiva e mortal.” (PAULINO, 2010, p. 66). Ela também critica o puritanismo estético, citando Xavier de Ventós, o qual fala sobre as heresias da estética.

O que a estética puritana deseja evitar é a relatividade, o deslocamento da questão do que é arte para o quando é arte. Este deslocamento reduziria o poder da arte dominante e dos discursos sobre a arte, tais como ainda se apresentam hoje. A caracterização da literatura de massa é uma das manifestações da teoria estética puritana. (PAULINO, 2010, p. 82).

Portanto, não foi nosso propósito aqui polemizar a questão em torno do que se convencionou como literário ou não nem muito menos chegar a uma conclusão sobre a questão, mas, tão somente, apresentar algumas considerações sobre o assunto a fim de compreender melhor a importância de se legitimar a literatura marginal produzida na periferia.

3 A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: APLICAÇÃO EM SALA DE AULA

Poetas, gritos, artistas de rua,
 Fazemos poesias como jogamos bola,
 Para democratizar a literatura
 Levamos o Slam para as escolas...
 (ALCALDE, 2016, p. 15).

Este capítulo está dividido em 7 partes. Primeiramente trataremos dos fundamentos metodológicos para a coleta, geração e análise de dados e, também, justificamos a nossa escolha pela pesquisa-ação. Em seguida descrevemos o contexto no qual realizamos a pesquisa. Na sequência, detalhamos os procedimentos metodológicos que utilizamos para realizar nossa proposta de intervenção em sala de aula. Na quarta parte, detalhamos minuciosamente como foram realizadas todas as etapas da proposta de intervenção assim bem como os resultados alcançados. Na quinta parte analisamos alguns poemas produzidos pelos alunos à luz do que foi desenvolvido com eles durante as etapas anteriores. Na sexta parte analisamos os resultados do questionário sobre leitura e poesia que os alunos responderam e, por fim, registramos e comentamos de uma forma geral as avaliações feitas pelos alunos de todo o nosso trabalho que objetivou promover o letramento literário com o gênero poema.

3.1 Fundamentos metodológicos

Toda a investigação teve como base o estudo profícuo do arcabouço teórico-metodológico já mencionado que conduziu toda a pesquisa. A metodologia que foi utilizada neste estudo foi a pesquisa-ação, na qual a participação das pessoas envolvidas (pesquisador e participantes) nos problemas investigados é de suma importância. Nesse tipo de pesquisa tanto o pesquisador quanto os participantes têm um papel ativo na investigação do problema e na contribuição para a resolução do mesmo. A pesquisa-ação tem como meta alcançar realizações, ações efetivas, transformações ou mudanças no campo social. O presente estudo teve como objetivo principal realizar uma proposta de intervenção de letramento literário com o gênero poema nas aulas de literatura do 9º ano C do Ensino Fundamental II, da escola municipal Hilda Leão Carneiro, do município de Uberlândia/MG, utilizando para tal fim o *Poetry Slam*, além dos estudos teóricos apresentados anteriormente nesta pesquisa.

A pesquisa-ação se configura de objetivos práticos – que auxiliam o pesquisador para propor ações que visem solucionar o problema – e objetivos de conhecimento – que ajudam o pesquisador a obter informações que lhe possibilitem compreender o problema. A pesquisa-ação se organiza de modo flexível caracterizando-se por um vaivém entre as várias

preocupações de acordo com as necessidades que o estudo apresentar durante o processo de realização.

Esse tipo de metodologia se constitui de diversos métodos ou técnicas para coletar e interpretar dados, resolver problemas, organizar ações, diagnósticos de situação, resolução de problema, mapeamento de representações etc. No presente estudo utilizaremos diagnósticos de situação, resolução de problemas e questionários para os alunos como meio de informação complementar.

A abordagem metodológica da pesquisa-ação apresenta características argumentativas seja na colocação do problema pelo pesquisador e pelos participantes, nas explicações ou soluções, nas deliberações quanto à escolha dos meios da ação ou nas avaliações dos resultados da pesquisa. Esta metodologia se vale da formulação de hipóteses, as quais direcionam a pesquisa inclusive nos seus aspectos qualitativos, orientando a busca de informações, as quais poderão aumentar ou diminuir o seu grau de certeza.

Justificamos a opção pela escolha da pesquisa-ação por entender que demanda a inserção do pesquisador no meio pesquisado; valoriza a imersão consciente do professor em sua prática a partir de uma análise reflexiva intencional; valoriza também a problematização orientada pela prática e produção de conhecimentos; precisa haver uma efetiva participação da população pesquisada (no caso, os alunos) na pesquisa; e, principalmente, porque objetiva transformar a prática pedagógica em sala de aula, ou seja, fundamenta-se num real desejo de mudança.

Embasados no enfoque da pesquisa-ação e na revisão bibliográfica sobre letramento literário, sobre o gênero poema, o *Poetry Slam* e algumas sugestões de alguns estudiosos sobre como trabalhar com a poesia em sala de aula, esperamos, como resultado deste trabalho, contribuir para com a formação de um leitor literário proficiente, proporcionando aos alunos experiências significativas de leitura literária subjetiva, visando o leitor real, e também desenvolvendo nesses mesmos alunos habilidades para que leiam textos literários, sabendo analisar minimamente alguns elementos de composição poética como figuras fônicas e figuras de linguagem. Nesta proposta de trabalho, procuramos ler com os alunos poemas de diversos autores nacionais, principalmente do *Poetry Slam*, mas também canônicos, a fim de lhes mostrar a diversidade de estilos literários existentes.

Além da leitura individual silenciosa, proporcionamos aos alunos momentos de leitura compartilhada em voz alta na sala de aula em rodas de leitura nas quais eles puderam ler individual ou coletivamente (em duplas, trios ou todos juntos), frisando que eles respeitassem o ritmo e a cadência dos poemas, para isso observando a pontuação, as pausas, as rimas, a

entonação e, também, a expressão corporal por meio de gestos, olhares e postural corporal. Mas também houve momentos que estimulamos que os alunos lessem os poemas de forma criativa, atribuindo-lhes novos ritmos, novas cadências etc. Com o *Poetry Slam*, eles também tiveram uma experiência de compartilhamento coletivo de leitura em voz alta, na qual apenas ouviram, mas puderam reagir à leitura dos poemas com aplausos, risos, expressões de entusiasmo, de satisfação e, embora não tenha sido o caso, puderam, também reagir negativamente caso não gostassem da leitura do poema.

Nessas rodas de leitura, insistentemente, estimulamos que os alunos fizessem comentários orais ou escritos, de ordem afetiva e/ou estética, a respeito dos poemas, indagando-lhes sobre a linguagem empregada, sobre as imagens, sobre as críticas, sobre a linguagem coloquial do *Poetry Slam* e, também, sobre o que eles sentiam ao ler e/ou ouvir os poemas, ou seja, quais os sentimentos que surgiam a partir dessas leituras, se gostaram ou não, se os incomodou ou não, se concordavam com o poeta/*slammer* ou não etc.

Durante essas leituras, estimulamos os alunos a inferirem nos textos as diferentes visões de mundo possíveis, a presença de certos valores sociais, culturais e humanos que permeiam todos os textos literários, procurando ressaltar-lhes os vínculos com a cultura e com a vida deles. Destacamos, também, a importância e necessidade de que eles se posicionassem criticamente em relação às ideias dos autores.

Na produção escrita dos poemas estimulamos os alunos quanto ao planejamento da escrita, da reescrita, da escolha do tema, das leituras pertinentes, do público-alvo, dos objetivos de cada um com seu texto, das características do *Slam* quanto à temática, à linguagem coloquial. Neste item, solicitamos a eles que não exagerassem no uso de palavras obscenas e que essas não fossem gratuitas, descontextualizadas, simplesmente para causar risos. Ainda sobre a escrita, incentivamos que eles utilizassem o recurso da intertextualidade, aproveitando versos de letras de música, versos de poemas conhecidos ou de outros textos literários, mas que isso não tornasse o texto deles uma “colcha de retalhos”, ou seja, um texto com apenas trechos de outros textos. Embora os alertássemos quanto a isso, também não os proibimos. Além da intertextualidade, recomendamos que eles utilizassem as figuras fônicas e as figuras de linguagem e que, sempre que possível, valorizassem as variedades linguísticas conhecidas por eles de modo contextualizado, claro.

3.2 Contexto da pesquisa e dos participantes

O presente trabalho, intitulado “*Poetry Slam: uma experiência com a linguagem poética e seus vínculos com a cultura e a vida*” teve como propósito utilizar o gênero poema como

uma prática de letramento literário na escola, envolvendo como participantes da pesquisa, através de Oficinas de poesia, a turma do 9º ano C do Ensino Fundamental II, da escola municipal Hilda Leão Carneiro, do município de Uberlândia/MG;

A escolha dessa escola para a realização da proposta de intervenção aconteceu em função do pesquisador trabalhar nessa mesma instituição de ensino. A turma foi selecionada por meio de sorteio dentre as 3 para as quais o pesquisador ministra aulas de Língua Portuguesa. O pesquisador ministra 12 aulas de Língua Portuguesa nesta escola distribuídas em três dias da semana, de terça a quinta-feira, sendo 04 aulas por turma. Nessa disciplina, o pesquisador trabalha com produção textual, interpretação de texto e gramática. Atualmente ele é dispensado pela secretaria municipal de educação de 4 aulas semanais em função de estar cursando o mestrado profissional em Letras.

A escola na qual desenvolvemos nossa proposta de intervenção se localiza no bairro Morumbi que fica situado na região leste da cidade de Uberlândia/MG, bairro este considerado como uma região de periferia. A turma é composta por trinta e um estudantes sendo 14 do sexo masculino e 17 do sexo feminino, a maioria residente do bairro Morumbi e os demais de bairros próximos. A idade média dos participantes oscila entre 14 e 17 anos, porém, a maioria dos alunos se encontra na faixa de 14/15 anos. Desse total de 31 alunos, 2 estudam e trabalham no contraturno; 3 fazem outro curso além de estudar; os demais apenas estudam. A maioria dos alunos estuda nesta escola desde o primeiro ano do Ensino Fundamental I. Ao observar a chegada dos alunos no portão da escola, notamos que grande parte deles vem sozinhos de casa, a pé. Pouquíssimos são trazidos pelos pais e/ou responsáveis de carro.

A turma selecionada para participar da pesquisa é formada, em sua grande maioria, por alunos que já faziam parte da mesma turma desde o início do ano. No decorrer do ano, devido a uma determinação da secretaria municipal de educação, houve fusão de salas e chegaram para essa turma novos alunos que pertenciam a outras três turmas, mas isso ocorreu antes de iniciarmos a proposta de intervenção, portanto não interferiu na pesquisa. Todos receberam os termos de consentimento livre e de assentimento livre conforme estabelecido pelo Comitê de ética em pesquisa. Três alunos não nos devolveram os termos devidamente assinados uma vez que seus responsáveis não autorizaram. Porém, esses mesmos alunos participaram das atividades propostas, visto que elas aconteceram durante as aulas de língua portuguesa que o pesquisador ministra na turma. Salientamos que as atividades desses alunos não constam da nossa pesquisa.

A realização das oficinas de poesia ocorreu no período entre os meses de agosto e outubro de 2018, durante as aulas de Língua Portuguesa, duas vezes por semana, às terças e quintas-feiras, no mesmo horário de aula que o pesquisador tem com a turma nesses dois dias, conforme combinado com a direção da escola. Uma parte dos desses encontros aconteceu na sala multimeios devido à necessidade de utilizarmos o Datashow e aparelhagem de som; outra parte aconteceu na própria sala de aula e a apresentação final do “Leões do Slam” aconteceu na quadra de esportes da própria escola.

O material que precisou ser reproduzido e que utilizamos para realizar as atividades contempladas pela proposta de intervenção – coletânea de poemas, poemas diversos, letras de música, atividades pedagógicas, cartaz – foi providenciado pelo pesquisador fora da escola, uma vez que a máquina da escola estava estragada quando o pesquisador planejava e durante a aplicação da proposta da intervenção. Em alguns momentos utilizamos o próprio livro didático de Língua Portuguesa dos alunos. Para a produção do cartaz “Leões do Slam”, o pesquisador precisou confeccioná-lo fora da escola, também, mas sem ônus algum para os alunos participantes da pesquisa. As premiações para os vencedores do “Leões do Slam” foi providenciada pelo próprio pesquisador, mais uma vez, sem ônus algum para os alunos participantes da pesquisa. Todo e qualquer material que foi utilizado para a aplicação da nossa proposta de intervenção não acarretou em ônus algum para os alunos.

3.3 Procedimentos metodológicos

O trabalho se constituiu de atividades diversas alusivas ao gênero poema: exibimos por meio de vídeos poemas declamados por *slammers* nacionais; realizamos rodas de leitura ora lendo poemas silenciosamente, ora em voz alta, individual e coletivamente; também refletimos e discutimos sobre os poemas lidos. Além disso, desenvolvemos com os alunos oficinas de poesia com produções textuais escritas e, para finalizar, realizamos um campeonato de poesia falada – *Leões do Slam* – com os participantes da pesquisa.

A proposta de intervenção foi planejada para 20 aulas, a princípio, mas finalizamos com 25 aulas que foram divididas em sete etapas: 1^a) aplicação do questionário diagnóstico; 2^a) apresentação do *Poetry Slam* com a exibição de alguns vídeos de *slammers* nacionais; 3^a) leitura de poemas de *slammers* nacionais através de uma coletânea com poemas pré-selecionados do *Slam* da Guilhermina; 4^a) comparação do Rap com os poemas escritos por *slammers*; 5^a) realização de oficinas poéticas nas quais estudamos com os alunos alguns elementos de composição poética e na qual os alunos, também, escreveram seus poemas; 6^a) organização de um campeonato de poesia falada com os participantes da pesquisa na escola;

7ª) realização do campeonato Leões do Slam na escola, exposição dos poemas numa página do Facebook e avaliação final da proposta de intervenção.

Na primeira etapa, aplicamos o questionário diagnóstico a fim de verificar o interesse dos alunos por leitura em geral, leitura literária e, mais especificamente, pela leitura de poesia; também foi objetivo desse questionário verificar o conhecimento deles sobre poesia e investigar sua relação com a poesia dentro e fora da escola, tanto na leitura quanto na escrita desse gênero literário; e, por último, objetivamos avaliar o que eles sabem sobre o *Poetry Slam*.

Na segunda etapa, apresentamos aos participantes desta pesquisa poemas sendo falados por *slammers* em vídeos selecionados da internet. Em seguida, na terceira etapa, lemos com os alunos uma coletânea de poemas pré-selecionados de três livros do *Slam* da Guilhermina, de São Paulo. Também nesta parte realizaremos algumas atividades que destacaram a cadência, o ritmo e a melodia dos poemas realizando com eles leituras orais dos poemas.

Na quarta etapa, fizemos um trabalho com o gênero musical Rap a fim de mostrar aos alunos que esse gênero textual se aproxima dos poemas apresentados no *Poetry Slam*, principalmente quanto à linguagem, ao conteúdo temático, ao ritmo e à sonoridade. Na quinta etapa, trabalhamos com os alunos alguns elementos da composição poética tais como: a sonoridade das palavras (rima, aliteração, assonância, onomatopeia, repetição, trava-língua, trocadilhos), verso, rima, estrofe, a plurissignificação das palavras, o humor, os neologismos, a metalinguagem, a intertextualidade, a pontuação no poema, algumas figuras de linguagem, a relação entre poesia e música, a disposição gráfica do poema no papel. Nesta etapa ainda, realizamos com os alunos alguns exercícios de escrita poética para desinibição da escrita: Após os exercícios de escrita poética, os alunos produziram seus próprios poemas que foram apresentados no *Leões do Slam* – nome que eles escolheram para o campeonato de poesia falada.

Ressaltamos que os conceitos acima relacionados não foram o foco do nosso trabalho. O propósito principal com essa proposta de intervenção foi de aproximar a poesia dos alunos e despertar neles o gosto pelo texto poético quanto à leitura e à escrita, contribuindo, assim, para a formação de um leitor literário proficiente.

Na sexta etapa, organizamos o nosso *Slam*, que foi realizado em duas partes: uma em sala de aula e outra na quadra de esportes. Aqui definimos com os alunos os temas que foram tratados por eles nos poemas que produziram; definimos que escreveu individualmente, em dupla ou trio – foram apenas essas três opções. Também agendamos a apresentação do *Slam* e delegamos funções diversas para alguns alunos tais como: organização da quadra, limpeza da

quadra após o evento, sonoplastia etc. Ainda nesta etapa realizamos um campeonato de poesia falada entre os alunos na própria sala a fim de selecionarmos os finalistas para o evento que seria realizado na quadra da escola.

Por fim, na sétima e última etapa, realizamos o campeonato na quadra da escola com a participação dos finalistas apresentando seus poemas e dos demais alunos assistindo à apresentação, publicamos os poemas produzidos pelos alunos numa página do Facebook e, também, realizamos uma avaliação do projeto de um modo geral.

Nas leituras que realizamos com os poemas procuramos seguir, principalmente, as sugestões de Leo Cunha (2012) que estão em seu livro *Poesia para crianças*: a) Primeira leitura: a da intuição – ou seja, sentir o poema sem se preocupar em analisá-lo. “Deixe-se levar pelo poema, sinta os efeitos que ele lhe traga, as emoções que afloram em vocês – quaisquer que elas sejam.” (CUNHA, 2012, p. 110); b) Segunda leitura: a análise do poema – ou seja, extraír do texto as múltiplas interpretações possíveis e descobrir recursos expressivos que foram utilizados pelo poeta; e c) Terceira leitura: fruição em voz alta “para que as sonoridades, fundamentais no poema, agora muito mais conhecido, se evidenciem”. (CUNHA, 2012, p. 112). Em nossa proposta de trabalho, vamos inverter a segunda e a terceira leitura. E também nos apoiamos nos demais estudos citados e analisados na presente pesquisa.

3.4 Descrição da realização da proposta de intervenção em sala de aula e seus resultados

Descreveremos e analisaremos abaixo os resultados por etapa iniciando com um breve comentário geral sobre a importância de cada uma das etapas. Na sequência, apresentamos um roteiro de trabalho, especificando a quantidade de aulas que foi utilizada em cada uma das etapas, o conteúdo de cada uma delas, seus respectivos objetivos, as atividades que foram aplicadas e/ou desenvolvidas; a metodologia empregada e os recursos didáticos utilizados. Por fim, detalharemos o desenvolvimento e os resultados obtidos em cada uma dessas etapas.

Consideramos esta primeira etapa muito importante porque nela aplicamos um questionário diagnóstico antes de iniciamos todo o nosso trabalho a fim de avaliar o antes e o depois da realização da proposta, no que concerne ao interesse dos alunos pela leitura literária, pelo gênero poema e para averiguar o conhecimento deles sobre o *Poetry Slam*. Esta etapa também foi importante para instigar nos alunos a curiosidade pelo *Poetry Slam*.

QUADRO 1 – Primeira etapa da proposta de intervenção

Quantidade de aulas: 01
Introdução: Apresentação do projeto: objetivos, desenvolvimento, metodologia, período de execução do projeto, forma da avaliação; Aplicação do questionário diagnóstico; Pesquisa para casa sobre o que é <i>Poetry Slam</i> .
Objetivos: Explicar aos alunos a proposta de intervenção de uma forma geral; Verificar através do questionário diagnóstico o que os alunos pensam sobre leitura literária, poesia e <i>Poetry Slam</i> ; Motivar os alunos quanto ao <i>Poetry Slam</i> .
Atividades: Aplicação do questionário diagnóstico com os alunos (APÊNDICE C, p. 149); Perguntas aleatórias sobre o que é poesia, o que é <i>Poetry Slam</i> .
Metodologia: Aula dialogada
Recursos didáticos: xerox, quadro e voz

Fonte: O próprio autor.

Iniciamos esta primeira etapa apresentando aos alunos a proposta de intervenção de uma forma geral, explicando-lhes seus objetivos, que fazia parte da nossa pesquisa de mestrado e que a participação deles nesse trabalho era de grande relevância além de que aprenderiam muitas coisas novas que iriam lhes agregar muita experiência na vida de estudante e na vida pessoal, também. Já havíamos conversado sobre isso anteriormente quando da entrega dos termos de consentimento e de assentimento da participação na pesquisa.

Após recolhermos os termos de consentimento e de assentimento da participação na pesquisa assinados pelos pais e estudantes, aplicamos um questionário diagnóstico em sala de aula a fim de verificar o interesse dos alunos pela leitura literária e, mais especificamente, pela leitura e escrita de poesia. Também averiguamos se eles conheciam ou não o *Poetry Slam*. Pedimos aos alunos que respondessem ao questionário levando em consideração a leitura literária, ou seja, a leitura de livros e textos literários.

Explicamos que o questionário era composto de 15 perguntas, sendo que a maioria delas eram objetivas, portanto bastariam que assinalem a(s) resposta(s) que desejassem.

Algumas dessas perguntas objetivas possibilitem mais de uma resposta inclusive. Quanto às questões cujas respostas poderiam ser abertas, também, uma delas – a de número 11 – só seria comentada por eles caso a opção escolhida fosse o “Sim”. As outras três questões dessa natureza (1.b, 10 e 14), poderiam ser comentadas independente da escolha na parte objetiva. Explicamos ainda que a questão de número 7 era exclusivamente aberta. Incentivamos os alunos que respondem a todas as questões, mas também os deixamos à vontade para que não respondem alguma se assim o desejarem.

Em seguida, entregamos a cada um deles uma cópia do questionário para que eles respondessem de forma sincera e os orientamos, também, para que não se identificassem em hipótese alguma no formulário do questionário. O modelo do questionário aplicado aos participantes da pesquisa encontra-se no APÊNDICE C (p. 149) deste trabalho.

Os alunos responderam ao questionário com uma aparente tranquilidade visto que não precisavam se identificar. Os resultados do questionário serão descritos ao final desta pesquisa.

Em seguida, fizemos algumas perguntas sobre o que eles achavam das aulas de literatura, dos livros de literatura, da biblioteca da escola, sobre poesia e se já haviam ouvido falar do *Poetry Slam*. Alguns alunos demonstraram total desinteresse por poesia, alegando que achavam chato. Outros disseram que gostavam bastante principalmente por serem textos pequenos. Quanto à biblioteca escolar, alegaram não irem com frequência, apenas nos dias pré-estabelecidos pela bibliotecária para cada sala pegar livros emprestados. Acrescentaram que quase sempre a biblioteca está fechada e que durante as aulas os professores não os deixam buscar livros, nem mesmo o de português e de literatura, os quais alegavam que havia um dia pré-determinado para isso ou que a bibliotecária estava em sala de aula cobrindo faltas de professores. Sobre as aulas de literatura, alguns demonstraram gostar das aulas porque são mais de leitura, ou seja, quase não tem tarefa. Quanto a ler livros, poucos falaram que gostam de ler, os meninos principalmente. As meninas demonstraram se interessar mais por livros.

Perguntamos aos alunos se sabiam o que era o *Slam*. A princípio alguns alunos relacionaram a palavra ao Islamismo, religião muçulmana. Esclarecemos que não se tratava disso e demos uma informação a mais que o *Slam* se tratava de um campeonato de poesia de falada. Neste momento alguns alunos citaram os desafios de rima que são uma forma de competição bastante difundido na internet no qual as pessoas envolvidas aceitam o desafio de improvisar um poema. Após esses primeiros comentários, solicitamos aos alunos que pesquisassem em casa na internet sobre os campeonatos de poesia falada: *Poetry Slam* para que continuássemos nossa conversa na aula seguinte. Ainda pedimos a eles que, se quisessem,

poderia trazer alguns desses poemas que encontrassem com a pesquisa que fariam para que lêssemos em sala.

A segunda etapa teve como foco central os poemas do *Poetry Slam*, quando então os alunos puderam ver e ouvir poetas/*slammers* declamando seus poemas em campeonatos estaduais, nacionais e até internacional.

QUADRO 2 – Segunda etapa da proposta de intervenção

Quantidade de aulas: 02
Assunto: Apresentado o <i>Poetry Slam</i>
Objetivos:
Apresentar aos alunos, através de vídeos, <i>slammers</i> declamando seus poemas em campeonatos nacionais;
Atividades: Exibição de vídeos
Metodologia:
Aula dialogada
Apresentação de vídeos na sala multimeios
Recursos didáticos: Computador, Datashow e voz

Fonte: O próprio autor.

Iniciamos esta aula estimulando os alunos a falarem sobre os resultados da pesquisa proposta no encontro anterior. Pouquíssimos alunos pesquisaram. Após a apresentação rápida de cada um deles, perguntamos se algum desses três havia trazido algum poema representativo do *Poetry Slam*. Embora tenham assistido a alguns vídeos na internet de poemas sendo declamados por *slammers* e de terem gostado do que viram, nenhum deles trouxe nenhum poema. Um aluno comentou a temática, que os poemas tinham uma linguagem “bem forte” com palavrões e que ele achou “massa” essa linguagem.

Em seguida lemos o texto “Poetry Slam: campeonatos de performances poéticas” que consta do caderno pedagógico deste trabalho no APÊNDICE D (p. 150). Com esse texto, fizemos uma introdução com mais detalhes sobre o *Poetry Slam*. Explicamos a origem da palavra e seu significado. Também apresentamos um breve histórico sobre a origem do campeonato em Chicago, nos EUA. Falamos um pouco sobre Roberta Estrela D’Alva, que foi quem trouxe o *Slam* para o Brasil. Explicamos sobre o funcionamento do *Poetry Slam*, quem participa, quais são as regras e etapas.

Em seguida, fomos para a sala de vídeo da escola para assistir a alguns vídeos pré-selecionados por nós a fim de exibi-los para a turma. Trouxemos vários vídeos para eles que foram exibidos durante duas aulas, esta e mais uma. Nesta aula ainda não trouxemos cópias dos poemas por escrito para os alunos. Deixamos para a terceira aula. O objetivo principal dessa exibição de vídeos foi de apresentar a todos o *Poetry Slam* na prática e também de motivá-los para o trabalho que iríamos desenvolver nas próximas aulas. Antes de exibirmos os vídeos, solicitamos aos alunos que durante a apresentação dos vídeos observassem a temática dos poemas, a linguagem empregada, as rimas, a sonoridade, a intertextualidade com outros textos (músicas e poemas conhecidos por eles) e, também, a expressão corporal dos *slammers* durante suas apresentações. Já havíamos conversado um pouquinho no decorrer do primeiro semestre sobre o que é intertextualidade, nas aulas de Língua Portuguesa, assunto que foi retomado nas oficinas de criação poética. Após a apresentação de cada vídeo, foi aberto espaço para que os alunos se manifestassem fazendo seus comentários sobre os poemas dos *slammers*: se gostaram ou não, o que acharam interessante na apresentação, se o tema os incomodava ou não, o que haviam achado da linguagem etc. A seleção de vídeos que fizemos na internet são vídeos de *slammers* nacionais, principalmente do *Slam* da Guilhermina e *Slam* da Resistência (ambos de São Paulo) e alguns poemas apresentados no programa Manos e Minas, da TV Cultura, apresentado por Roberta Estrela D’Alva. Todos os vídeos selecionados para esta etapa do nosso trabalho estão disponíveis na plataforma digital YouTube, conforme constam das referências ao final desta pesquisa (p. 135).

O primeiro vídeo apresentado foi da *slammer* Mariana Félix, “Baseado em escrotos reais”, apresentado na Final do *Slam* da Guilhermina – 2017. Os alunos reagiram de forma positiva à exibição do primeiro vídeo com palmas e algumas expressões de euforia como por exemplo “sangue”. Após a exibição do vídeo, abrimos espaço para que eles comentassem o que acharam. Apesar do silêncio da maioria, alguns poucos alunos comentaram e foi perceptível no olhar de alguns deles um certo entusiasmo, diríamos; em outros, um pouco de surpresa provavelmente devido ao tema ou à linguagem empregada pela poeta a qual utilizou gírias e, às vezes algumas palavras obscenas.

Feitos os comentários, apresentamos o segundo vídeo, do *slammer* João Paiva, “Devagar escola”, apresentado na Copa do Mundo de *Slam* em Paris em 2015. O terceiro vídeo que exibimos foi de Lucas Afonso, “Carta para Mariana”, exibido no programa Manos e Minas e um quarto vídeo, de Catharine Moreira e Cauê Gouveia, do projeto *Slam* do Corpo – um projeto de surdos e ouvintes, no qual o poema é criado em conjunto pelos dois poetas.

Este vídeo foi exibido no programa Manos e Minas também. Não conseguimos identificar o título do poema.

De um modo geral, sempre ao final dos vídeos os alunos reagiam de forma eufórica, com aplausos e expressões de entusiasmo como “sangue!”, “uau!”, “Nuh!”. Quando abríamos espaços para que se manifestassem sobre o que assistiram, poucos falavam (são tímidos nesse aspecto, mas procuramos estimulá-los para que falassem, às vezes dirigindo uma pergunta específica para determinado aluno, por exemplo). Aqueles que conseguiam falar um pouco destacavam a temática do poema, algum fato histórico relacionado ao poema, a linguagem coloquial de alguns dos poemas e também destacavam a expressão corporal dos *slammers*.

Encerramos a aula solicitando aos alunos que em casa procurassem mais poemas na internet para assistirem pois há uma quantidade enorme disponível no YouTube. Além disso também solicitamos que poderiam trazer indicações de alguns dos quais gostassem bastante para exibirmos na próxima aula para a turma.

Iniciamos a segunda aula perguntando se alguém havia pesquisado mais alguns poemas em casa. Alguns alunos confirmaram que sim. Disseram que até haviam gostando mais de alguns do que de outros, mas não trouxeram anotações para que os procurássemos na internet e os exibíssemos para a turma. Apenas nos disseram que iriam pegar essas informações e repassá-las depois a mim para que em outro momento oportuno assistíssemos na escola. Sugeri que eles poderiam compartilhar no grupo da sala ou nas redes sociais.

O primeiro vídeo desta aula foi uma reportagem cujo título é “Juventude Consciente – Poemas de luta”, também disponível na plataforma digital do YouTube, sobre o campeonato interescolar realizado com alunos da rede pública e de uma escola particular em São Paulo (40 escolas no total), por Emerson Alcalde, *slammer* bem conhecido e que iniciou o campeonato interescolar no Brasil. Ele também é responsável pelo *Slam* da Guilhermina em São Paulo. Trata-se de um vídeo maior por ser uma reportagem e por apresentar trechos da final do campeonato. Antes, ainda, explicamos aos alunos que faríamos algo parecido e que em momento oportuno conversaríamos sobre isso.

Durante a exibição do vídeo, os alunos se manifestaram com gritos, exclamações, aplausos, risadas de um modo geral. Após o vídeo, abrimos espaço para discussão. Como sempre, poucos falam e muitos observam. Dentre os comentários feitos, um e outro destacaram a dificuldade de escrever um poema, já que a ideia seria de realizarmos um campeonato com eles. Procuramos tranquilizá-los quanto a isso, pois desenvolveríamos com eles algumas atividades que os ajudariam nisso, mas também, os estimulamos a irem escrevendo caso sentissem vontade de fazê-lo sem ser necessário esperar as próximas aulas. E

realmente alguns alunos (três) começaram a escrever e enviar alguns rascunhos para o pesquisador, os quais ele leu a fim de dar um retorno para esses alunos.

Nesta mesma aula ainda exibimos outros vídeos de *slammers* nacionais: Mariana Félix e Lucas Afonso (poema em dupla), Isabela Penov, Eluê, Ana Zêpa, Bruno Negão (Ei meu, ei meu, e se Jesus fosse preto) e Luz Ribeiro (Menimelímetros). Não conseguimos identificar os títulos dos poemas dos quatro primeiros *slammers*.

Por último, gostaríamos de ter passado para os alunos o filme “Voz de Levante” (2017), documentário que, no momento em que realizamos a proposta de trabalho, estava sendo exibido apenas em festivais brasileiros. Atualmente o documentário está sendo exibido em algumas salas de cinema em São Paulo, Santos e Rio de Janeiro. Por isso não foi possível apresentá-lo aos alunos, mas combinamos devê-lo juntos em 2019 quando estiver disponível no mercado nacional e/ou na internet.

Trata-se de um longa-metragem, brasileiro, produzido pela Miração Filmes e Exótica Cinematográfica, dirigido por Tatiana Lohmann e Roberta Estrela D’Alva, esta última *slammer* fundadora do *Slam* no Brasil conforme já relatamos nesta pesquisa anteriormente. É um documentário sobre a batalhas de poesia do *Poetry Slam* desde suas origens nos Estados Unidos até sua expansão pelo Brasil e pelo mundo e acompanha a campeã nacional de 2016, Luz Ribeiro, até a Copa do Mundo de *Slam* em Paris, a qual representa uma nova onda feminista e negra que tem se firmado pela virulência poética do verbo politizado. O filme teve sua estreia no Festival do Rio 2017, recebendo os prêmios de melhor direção de documentário e prêmio especial do júri. Em São Paulo, estreou na 41ª Mostra Internacional de Cinema. Também ganhou prêmio no Festival Internacional Mulheres no Cinema.

A próxima e terceira etapa propiciou aos alunos o contato direto com os poemas de *slammers* impressos através de uma coletânea organizada pelo pesquisador. Nesta etapa os alunos tiveram a oportunidade ler em silêncio – em casa e na sala de aula – e em voz alta em sala de aula.

QUADRO 3 – Terceira etapa da proposta de intervenção

Quantidade de aulas: 5
Assunto: Leitura dos poemas da coletânea (ANEXO A, p. 193).
Objetivos:
Ler os poemas do <i>Poetry Slam</i> em sala de aula em silêncio e em voz alta;
Realizar uma leitura literária desses poemas explorando sua linguagem poética, a sonoridade, as imagens simbólicas e as temáticas presentes;
Interpretar efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofização, rimas, figuras fônicas etc.), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráficoespacial (distribuição gráfica do texto no papel);
Discutir os poemas com os alunos.
Atividades: Leitura silenciosa, leitura oral e debate
Metodologia: Aula dialogada, roda de leitura compartilhada
Recursos didáticos: Xerox da coletânea de poemas, quadro e voz.

Fonte: O próprio autor.

Na terceira etapa da nossa proposta de intervenção, providenciamos uma cópia da coletânea com vinte e seis poemas para cada aluno. Os poemas foram selecionados pelo pesquisador dos livros *Slam da Guilhermina* – dois ponto zero, *Slam da Guilhermina* – três ponto zero e *Slam da Guilhermina* – quatro ponto zero. Além da coletânea dos poemas disponibilizamos a versão integral das três obras no formato PDF para que os alunos lessem quem assim o desejasse. Os arquivos foram enviados para o grupo da sala de Whatsapp.

Os critérios utilizados pelo pesquisador para a seleção dos poemas levaram em consideração aqueles com cuja temática os alunos mais se identificariam tais como escola, orientação sexual, autoestima, romantismo, discriminação, violência urbana, machismo, fome, copa, beleza, consumismo, funk etc. Quanto à dimensão poética dos textos, foram considerados o jogo de palavras, a sonoridade dos poemas, a riqueza de imagens, a linguagem figurada e a intertextualidade.

Começamos com a leitura do poema “Devagar escola”, de João Paiva. Este já havia sido apresentado em um dos vídeos na segunda etapa sendo declamado pelo próprio poeta na Copa Mundial da Franca de Poesia Falada em 2016. Nesse vídeo o *slammer* fala seu poema de forma muito rápida, com muitas partes, inclusive, incompreensíveis apenas ouvindo. Primeiramente fizemos uma leitura silenciosa. Alguns alunos se arriscaram a lê-lo da mesma

forma, mas não conseguiram. Em seguida realizamos a leitura em voz alta. Dois alunos se dispuseram a ler o poema, um de cada vez.

DEVAGAR ESCOLA!

João Paiva

DEVAGAR ESCOLA!

“Ês” (eles) cola é por isso
História sem ofício
Oficina sem serviço
Rápido demais
Quer andar e deixa pra trás
Reclama do atraso
Ritmo ditado
Ditado no ritmo da ditadura
São ditados de tortura...

DEVAGAR ESCOLA!

É por isso que ês cola
Senão não sai da escola
Escora lá fora
Espera acabar a prova
A prova de bala
Depois volta pra sala
Estuda moleque
Se não quiser ir pra vala
Mas a matemática é uma má temática
Deixa as criança estática
Sem utilidade na prática
E sem contar a gramática
Que mais parece uma sátira...

DEVAGAR ESCOLA!

Senão ês cola
E cê (você) não pode reclamar
Cê faz eles de otário
Eles seguem o seu ritmo e tinha que ser o contrário
CE é lugar de formação
Informação

E que formas são
Que cê usa pra fazer?
Com métodos arcaicos,
De colorir mosaicos
Que nunca vão convencer?
E o que eles querem aprender,
Cê tá pronta pra falar?
Ou quer seguir no conteúdo
Vai, não para nos estudos
Quadro cheio copia tudo...

DEVAGAR ESCOLA!

Ês cola
E cê esfola a mente da galera
Controle social
Fechá a mente de geral
Edu
cação de verdade
Oferece liberdade
Ajuda a comunidade
Ajuda na cidadania
Na luta de cada dia
Olha os moleque e alivia...

!

DEVAGAR ESCOLA!
 É por isso que ês cola
 Comunidade a sua volta
 Vê se não ignora
 Ensina sobre a história
 Incentivando a luta de agora.
 Essas mente que não explode
 Escola vê se não fode
 Desse jeito não pode
 Os moleque pede: ACODE!
 Alguma coisa que atraia,
 Que nos chame a atenção,
 E que nos livre da vaia
 Do show da vida meu irmão
 E não nos deixe que caia
 Em qualquer boteco de esquina
 Alimente a esperança
 E o desejo de mudança
 No coração das crianças
 Muita comida na pança
 Preciso de confiança
 Escola vê se avança
 Mas, DEVAGAR ESCOLA!
 DEVAGAR ESCOLA!
 Queaíésnum(não) cola!
 E a cola vai virar uma êx-cola!
 Vai ficar de enfeite.
 Só um mero lembrete.
 Os moleque tem sede.
 De saber,
 Descobrir,
 Conhecer,
 De sorrir,
 Envolver,
 Intervir,
 Interver,
 Saber ir,
 Saber vir,
 Saber ler,
 E saber
 Que pode contar com você, mas... devagar!
 ESCOLA!

(PAIVA, 2016, p. 94-96)

Entre risos e momentos de profundo silencio, a turma acompanhou a leitura oral do poema atentamente. Na sequênciа conversamos com eles sobre as duas leituras realizadas em voz alta. Eles destacaram a diferença como cada um leu, o que foi destacado por um e não pelo outro usando a entonação da voz. Os alunos que leram o poema se posicionaram sobre a dificuldade de ler alguns versos. Um aluno da turma percebeu que havia diferença desse poema escrito para aquele ao qual havíamos assistido em vídeo no Datashow. A observação dele procedeu, uma vez que a sequênciа de estrofes realmente estava diferente e o poema do vídeo continha mais versos que o poema da coletânea. Abrimos discussão sobre a temática do poema e a linguagem poética empregada pelo *slammer*. Quanto ao assunto do poema, foram

unâimes em concordar com o poeta o qual faz uma crítica ferrenha à quantidade exagerada de atividades escolares entre tarefas, trabalhos e avaliações em várias disciplinas e faz um alerta repetitivo à escola pra ir mais devagar e procure dar significado ao que se ensina aos alunos. Os alunos gostaram bastante desse poema. Percebemos que o interesse por ele foi unânime.

A leitura dos demais poemas foi indicada para ser realizada em casa e demos uma semana de prazo para que lessem os poemas previamente. Agendamos uma aula para que nesse dia abrissemos discussão sobre os poemas.

Para a leitura dos demais poemas da coletânea realizamos a seguinte proposta de trabalho com os alunos:

- a) Dividimos a sala em cinco pequenos grupos. Após selecionarmos alguns poemas da coletânea conforme o interesse dos alunos, sorteamos três poemas para cada grupo. Propomos aos alunos que escolhessem uma forma criativa de ler o poema em voz alta: coletivamente, cantado, alternando voz masculina e voz feminina etc.;
- b) Após a leitura feita pelo grupo, seus componentes comentaram o que acharam do poema destacando os temas presentes, a linguagem utilizada, a criatividade do autor e o que mais quiseram ressaltar;
- c) Os grupos que ouviram puderam fazer perguntas para o grupo que apresentou e vice-versa.

Durante a leitura de alguns desses poemas em sala de aula (não lemos todos, apenas alguns que eles escolheram), destacamos alguns dos elementos da composição poética. Ressaltamos o efeito impactante da linguagem utilizada pelos *slammers* repleta de gírias e palavras obscenas, inclusive, tais como “pau”, “pica”, “cu” etc. Refletimos sobre o efeito dessas palavras nos poemas e que a poesia nem sempre usa a bela linguagem, romântica e politicamente correta. Aliás, conversamos também que a poesia nem sempre fala de coisas bonitas, de boas maneiras, de sentimentos alegres. A poesia é livre para falar de qualquer tema e para explorar a linguagem de qualquer forma.

Também procuramos interpretar algumas das imagens nos poemas explorando o lado “fanopeico”, imagético dos poemas e descobrindo significados diversos. Exploramos com os alunos nesta etapa, também, a disposição de alguns textos no papel destacando que essa distribuição não é despretensiosa e que se trata de um elemento importante para os significados possíveis do poema. Para Pound (1976), há três espécies de poesia:

MELOPEIA, na qual as palavras estão carregadas, acima e além de seu significado comum, de alguma qualidade musical que dirige o propósito ou

tendência desse significado; FANOPEIA, que é uma atribuição de imagens à imaginação visual; e LOGOPEIA, “a dança do intelecto entre palavras”, isto é, o emprego das palavras não apenas por seu significado direto mas levando em conta, de maneira especial, os hábitos de uso, do contexto que esperamos encontrar com a palavra, seus concomitantes habituais, suas aceitações conhecidas e os jogos de ironia. (POUND, 1976, p. 37-38).

Identificamos com os alunos durante a leitura dos poemas da coletânea a presença da intertextualidade em alguns deles que às vezes faziam referência a trechos de músicas nacionais em forma de paródia, de pastiche, de citações ou simplesmente em forma de alusão a outros textos já existentes que não letras de música.

Não foi possível ler todos os poemas da coletânea com os alunos em sala de aula. Lemos aleatoriamente segundo a escolha dos próprios alunos, os quais já haviam lido a coletânea previamente em casa. Em sala lemos com eles os poemas: “Sou poeta”, de Luck Vaz; “Desabafo”, de Patrícia Meira; “O menino e o farol”, de Daniel GTR; “Miniatura”, de Victor Rodrigues; “Ideias de televisão”, também de Victor Rodrigues; “Palpites da Copa”, de Luiza Romão; “Não senhor”, de Mariana Félix; “Um outro conselho”, de Maria Félix, também e “Consumo”, de Leandro Santoro.

Perguntamos aos alunos se eles haviam lido os livros em PDF disponibilizados em arquivo no grupo do Whatsapp, nenhum se manifestou afirmativamente. Estimulamos que eles lessem quando pudessem, pois havia muitos outros poemas interessantes e que essas leituras poderiam contribuir quando fossem produzir os próprios poemas escritos.

A quarta etapa deste trabalho foi importante a fim de proporcionar aos alunos uma experiência estética musical comparando a semelhança da letra do gênero musical Rap com os poemas do *Poetry Slam* quanto à linguagem e à temática utilizadas em ambas as artes.

QUADRO 4 – Quarta etapa da proposta de intervenção

Quantidade de aulas: 02
Assunto: Semelhanças entre o gênero musical Rap e o <i>Poetry Slam</i> .
Objetivos: Mostrar aos alunos as semelhanças entre o gênero musical Rap e os poemas escritos por <i>slammers</i> .
Atividades: Audição da música “Racismo é burrice” do rapper Gabriel, o Pensador; Discussão sobre a temática das músicas e as semelhanças entre a linguagem e a temática das letras de Rap com os poemas do <i>Poetry Slam</i> ; Atividades do livro didático de Língua Portuguesa sobre Rap e sobre a música.
Metodologia: aula dialogada e atividades escritas
Recursos didáticos: Livro didático de Língua Portuguesa, celular e caixas acústicas

Fonte: O próprio autor.

Nesta etapa do nosso trabalho, ouvimos e lemos a letra da música “Racismo é burrice” de Gabriel o Pensador o qual já constava do livro didático da turma (ver APÊNDICE D, p. 165). Observamos com os alunos a semelhança da linguagem e da temática na letra da música com os poemas que lemos do *Poetry Slam*. Destacamos que muitos dos poetas *slammers* também são rappers. Nesta mesma etapa, também desenvolvemos as atividades propostas no livro didático dos alunos.

Na quinta etapa, tratamos de alguns elementos da composição poética e os alunos produziram os poemas que foram utilizados na realização do *Poetry Slam* da turma. Aqui também realizamos com eles alguns exercícios de escrita poética com o propósito de deixarem-nos mais à vontade quanto à produção escrita.

QUADRO 5 – Quinta etapa da proposta de intervenção

Quantidade de aulas: 9
Assunto: Elementos de composição poética e produção escrita de poemas
Objetivos:
Apresentar os principais elementos de composição poética: figuras de linguagem, versificação, rima; Estimular a escrita criativa na produção de poema, não com o propósito de torná-los poetas, mas como um exercício prazeroso e criativo;
Atividades:
Atividades do livro didático de Língua Portuguesa do 9º ano; Leitura de poemas e audição da música “Amor pra recomeçar” que explora a intertextualidade.
Metodologia: Atividades de leitura, de escrita, aula dialogada, audição de músicas
Recursos didáticos:
Livro didático, xerox, quadro, pincel, voz, celular e caixas acústicas de som

Fonte: O próprio autor.

Nesta etapa, realizamos com os alunos atividades sobre alguns elementos de composição poética como as figuras fônicas: assonância, aliteração, paronomásia e trocadilhos. Na sequência, trabalhamos com eles as figuras de linguagem como onomatopeia, metáfora, comparação, ironia e paroxo. A maioria desses elementos faz parte de atividades do livro didático de Língua Portuguesa dos alunos, portanto aproveitamos esse material conforme é possível verificar no APÊNDICE D (p. 170) deste trabalho. Também trabalhamos os tipos de rima, e os conceitos de versos brancos e livres conforme é possível verificar no APÊNDICE D (p. 175) deste trabalho.

Em seguida retomamos o assunto da intertextualidade, a qual foi trabalhada a partir da leitura de alguns poemas que exploram esse recurso e, também, com uma música nacional, conforme é possível verificar no APÊNDICE (p. 178) deste trabalho. Frisamos bem esta parte a fim de que os alunos utilizassem a intertextualidade na produção escrita dos seus poemas.

Antes de partirmos para a produção escrita dos poemas que os alunos apresentariam no *Slam* da turma, realizamos com eles alguns exercícios de escrita poética, através dos quais propiciamos os primeiros passos para que os alunos se desinibissem para a escritura efetiva

dos poemas. Começamos com a atividade “Exercício poético: o que esconde seu nome?” conforme é possível verificar no APÊNDICE D (p. 184) deste trabalho. A proposta consistiu, a princípio, nas palavras de Sorrenti (2009, p. 140-141): “fazer ‘brotar’ uma palavra a partir de uma palavra geradora suprimindo as letras de uma palavra, sem inverter a sua ordem, gerando novas palavras, que darão suporte à construção do poema”, ideia que nasceu para a autora da leitura do livro *Diário de Classe*, de Bartolomeu Campos Queirós: O escritor apresentou um modo interessante de fazer brotar palavras a partir de uma palavra geradora, como ele explica no prefácio de seu livro:

Se olho demoradamente para uma palavra, descubro dentro dela outras tantas palavras. Assim, cada palavra contém muitas leituras e sentidos. O meu texto surge, algumas vezes, a partir de uma palavra que, ao me encantar, também me dirige. E vou descobrindo, desdobrando, criando relações entre as novas que dela vão surgindo. Por isso digo sempre: é a palavra que me escreve. (QUEIRÓS, 1992, p. 5 *apud* SORRENTI, 2009, p. 140).

Ampliamos a proposta de atividade possibilitando aos alunos que eles brincassem com seu nome de outras formas possíveis também. Para ilustrar melhor essa atividade, lemos com os alunos alguns exemplos conforme é possível verificar no APÊNDICE D (p. 184) deste trabalho.

Em seguida, brincamos com os nomes de alguns alunos da turma criando poemas na lousa coletivamente. Na sequência, eles tentaram fazer o mesmo com os próprios nomes. Alguns acharam difícil fazer com o próprio nome. Então sugerimos que fizessem com nomes de pessoas queridas: mãe, pai, irmão, amigas (os), namoradas(os) etc.

Em outra aula, realizamos um segundo exercício poético conforme é possível verificar no APÊNDICE D (p. 186) deste trabalho. A atividade consistiu em que eles escrevessem um poema utilizando palavras de uma mesma classe gramatical. Para ilustrar a atividade, também lemos com eles um poema que fora escrito de acordo com essa proposta. Também escrevemos um poema na lousa conjuntamente de acordo com a atividade. Nesta atividade eles apresentaram dificuldade quanto ao reconhecimento da classe gramatical: muitos não conseguiam identificar, como por exemplo, o substantivo. A maioria optou pelo uso dos verbos que consideraram mais fácil de identificar.

Na sequência, partimos para a escritura dos poemas que eles apresentariam no *Poetry Slam* da sala, quando, então, selecionamos os 4 finalistas para o evento final do *Leões do Slam*. Permitimos que escrevessem individualmente, em duplas ou em trios. A maioria preferiu escrever individualmente.

Reforçamos a ideia de que entendessem esta etapa como uma diversão, brincando com as palavras e que procurassem explorar a sonoridade das palavras, os trocadilhos, as figuras fônicas, a semântica das palavras. Sobre o que escreverem, como a temática ficou livre, lemos com os alunos o poema “Matéria de Poesia”, de Manoel de Barros conforme é possível verificar no APÊNDICE D (p. 188) deste trabalho.

Nesta etapa de produção escrita dos poemas, muitos dos alunos manifestaram dificuldade sobre o que escrever e como começar a escrever. Sugerimos a eles que utilizassem o recurso da intertextualidade e que poderiam aproveitar versos de letras de música da qual gostassem bastante, trechos de textos – poéticos ou não – que conheciam e dos quais gostassem também e que, a partir disso, desenvolvessem suas próprias ideias. Relembramos-lhes das atividades que fizemos sobre intertextualidade, nas quais eles ouviram músicas de cantores nacionais famosos que também se utilizam desse recurso que é a intertextualidade. Além das músicas, lemos alguns poemas de escritores nacionais canônicos que também utilizam o recurso da intertextualidade. Alguns dos alunos aproveitaram, inclusive, versos de poemas do *Poetry Slam* a que assistimos ou que lemos na coletânea. Outros pesquisaram na internet em seus celulares e outros ainda pesquisaram no livro didático de Língua Portuguesa.

Alguns alunos também demonstraram dificuldade quanto à estrutura poética em versos e estrofes e escreveram seus textos em forma de prosa. Conversamos com eles um pouco sobre poesia em prosa, mas não aprofundamos nesse aspecto e os orientamos para que escrevessem esta atividade em versos e estrofes e não em parágrafos. Os alunos que escreveram em parágrafos foram orientados para transformarem os parágrafos em versos. Quanto às estrofes, ficaram livres para escreverem como quisessem, ou seja, em uma ou várias estrofes. Apesar disso, alguns deles deixaram seus poemas escritos em forma de parágrafos.

Também sugerimos que utilizassem na escrita dos seus poemas alguma(s) das figuras fônicas e/ou figuras de linguagem que havíamos aprendido anteriormente. As sugestões sempre foram feitas como possibilidades para enriquecerem o texto poético em termos estéticos, mas os alunos sempre ficaram livres para acatarem ou não as recomendações.

À medida que os poemas ficavam prontos, eles os mostravam ao pesquisador a fim de que este lhes desse um parecer quanto ao que escreviam no sentido de saberem se estavam ficando bons ou não. As ideias dos alunos foram sempre respeitadas. Em nenhum momento solicitamos que trocassem a temática ou mudassem o conteúdo. Nossas sugestões foram mais restritas a questões estruturais como estrofes, versificação, rimas e insistimos nas rimas – sem obrigatoriedade – a fim de que o poema apresentasse uma sonoridade interessante uma vez

que a maioria dos alunos apenas ouviria e não teria cópias desses poemas em mãos para acompanhar as declamações. Ressaltamos que as rimas poderiam ajudar muito nesse sentido, mas que também não seriam obrigatórias, os poemas poderiam ser escritos somente em versos livres.

Todos os poemas que os alunos escreveram foram mostrados ao pesquisador para que este os orientasse quanto à correção gramatical, quanto à estrutura do poema e, também, quanto ao conteúdo dos poemas. Embora o tema tenha ficado livre, fizemos restrições quanto a temas que fizessem apologia ao uso de drogas, que estimulassem qualquer tipo de violência, discriminação ou preconceito contra qualquer pessoa ou, de um modo geral, conteúdos que pudessem ofender ou prejudicar alguém de quaisquer modos possíveis.

Parte dos poemas foi escrito em sala de aula e outra parte em casa. Não foi possível realizar toda a escritura dos poemas apenas nas aulas devido ao pouco tempo do qual dispúnhamos.

Um dos poemas escritos pelos alunos nos chamou à atenção de uma forma especial devido a sua temática. A aluna K. T. escreveu um poema relatando um abuso sexual que havia sofrido na infância pelo padrasto o qual não mora mais com a família há alguns anos. Quando ela escreveu o poema, declarou ao pesquisador que era muito pessoal. Após sua leitura e uma vez questionada pelo pesquisador se ela se sentiria à vontade para ler o poema para a turma, a estudante confirmou que sim. Mesmo assim, relatamos o caso para a vice-direção da escola. Esta, por sua vez, conversou com a aluna em particular sobre o fato. Segundo a direção da escola, a aluna lhes confessou que ela ainda tinha problemas emocionais relacionados ao episódio de abuso sexual. Portanto, a direção da escola devidamente autorizada pela mãe da menor conseguiu um psicólogo no SUS (Sistema Único de Saúde) a fim de que a estudante fizesse um acompanhamento psicológico. Na leitura do poema em sala de aula, os colegas se sensibilizaram com o relato em forma de poema e respeitaram a colega conforme a situação o exigia. Esta aluna foi uma das selecionadas para ir à final do “Leões do *Slam*”, etapa para a qual ela teria que escrever mais dois poemas, ou se preferisse poderia escrever mais três sem haver necessidade de ler o mesmo poema novamente. Ela optou por escrever mais outros dois diferentes e permaneceu com o mesmo para o evento. Eis o poema no qual ela menciona o fato acontecido com ela na infância:

Abuso sexual
K. T.

Uma menina
de apenas 8 anos
de nada sabia

nem mesmo o
que com ela acontecia
mas a pessoa que cometia
com certeza sabia
que o que ele fazia
não era coisa de humano
e sim de um animal
brutal.

E assim ele falava
“Vamos brincar de casinha”
E a menina
Que de nada sabia
Pensava:
“Essa deve ser
a brincadeira que brinco
com a minha mãe
e o meu papai”.

Mas não era
A brincadeira
Que ela brincava
Com sua mãe
E o seu papai
Era o abuso sexual.

Será que isso é humano?
Não, isso é um animal
Vai abusar de uma menina
Pra que isso?
Não bastava a mulher que tinha?

Homem descarado
Cara-lavada e safado
Abusa de um animal,
Quero dizer,
Nem ele por você
Deve ser abusado.

Com os poemas escritos, partimos para a organização do nosso *Poetry Slam*, momento tão aguardando pelos alunos e por nós, pesquisadores.

Esta etapa foi muito importante, pois todos puderam colaborar com sugestões.

QUADRO 6 – Sexta etapa da proposta de intervenção

Quantidade de aulas: 02
Assunto: Organização do <i>Poetry Slam</i> da turma
Objetivos:
Criar um nome para o <i>Poetry Slam</i> da turma; Definir dias, horários, locais para realização do evento, premiações, ; Delegar funções para alguns alunos quanto à sonoplastia, jurados, organização do espaço, divulgação do evento para as outras turmas dos nonos anos; Definir funções de alguns alunos no dia do evento; Criar um cartaz com desenho e nome do <i>Poetry Slam</i> da turma;
Atividades: Discussão com a turma
Metodologia: Aula dialogada
Recursos didáticos: Lousa, pincel e voz

Fonte: O próprio autor.

Primeiramente tivemos que escolher um nome para nosso *Poetry Slam*. Dentre outras sugestões que apareceram, citamos: *Slam Carneiro*, *Slam Leão*, *Slam da Hilda*, *Slam da diferença*, *Slam Periferia*, *Slam Morumba*, *Slam HLC*, *Slamérico*. Após algumas sugestões, a turma, por votação, escolheu o nome “Leões do *Slam*”. “Leões” porque no nome da escola aparece o substantivo “Leão” (Escola Municipal Hilda Leão Carneiro).

Em seguida, para produzirmos nosso cartaz, solicitamos aos alunos que criassem algum desenho para ilustrar nosso cartaz. Esta tarefa foi indicada para ser feita em casa. No dia seguinte, apareceram duas opções apenas de desenho e decidimos em conjunto aproveitar as duas opções na confecção do cartaz, conforme é possível verificar no ANEXO B (p. 230) deste trabalho.

Decidimos, juntamente com os alunos, realizar duas etapas para o *Poetry Slam*: a primeira aconteceu em sala de aula na qual cada aluno participou com um poema apenas, de autoria própria, para apresentar à frente da sala, sem recurso de microfone e caixa de som. Nesta etapa escolhemos 04 participantes por votação, ou seja, não utilizamos notas para realizarmos esta etapa. Decidimos por 04 participantes na final devido ao tempo que teríamos no dia para a realização do evento: dois horários apenas. E como o campeonato é composto por três rodadas e prevendo algum tipo de atraso, consideramos a quantidade de 04 participantes um número razoável.

Aos demais alunos que não estivessem entre os 04 participantes na final, delegamos algumas funções para o dia: dois seriam jurados, dois filmariam e fotografariam o evento, dois ficariam responsáveis pela sonoplastia, dois nos ajudariam na organização com as cadeiras na quadra de esporte, dois seriam os *counters* (registrariam as notas), dois estourariam os foguetes com confetes no momento em que seria anunciado o vencedor, e o pesquisador foi o *slammaster*.

Ficou determinado, também, que o poema que o aluno apresentou nesta etapa poderia ser utilizado na segunda, caso desejasse. A segunda etapa, que consideramos a final, aconteceu na quadra de esportes e utilizamos o recurso do microfone e caixa de som para quem quisesse utilizá-los. Nesse dia, também, convidamos as outras duas turmas de nonos anos para assistirem, inclusive, três dos cinco jurados pertenciam a essas outras duas turmas. Todos foram eleitos pelas próprias turmas. Antes dessa escolha, é bom ressaltar, que explicamos as regras e a responsabilidade de cada jurado.

Para elaborarmos as regras do nosso *Slam*, nos baseamos nas regras existentes nos campeonatos oficiais. Fizemos algumas adaptações. Quanto à autoria do poema, continuamos com a mesma regra, ou seja, o poema com o qual o aluno participaria do *Poetry Slam* deveria ser de autoria própria. Propusemos a quem quisesse que pudessem fazê-lo em dupla ou trio, também. Houve apenas duas alunas que quiseram fazer em dupla. Os demais participantes preferiram fazer individualmente. Quanto ao tema, ficou determinado que escreveriam sobre o que quisessem, inclusive que pudessem ser autobiográficos, românticos ou cômicos. Com relação ao tempo de apresentação de cada poema, ficou mantida a regra de no máximo três minutos. Recomendamos um tempo mínimo de um minuto, mas isso não foi regra.

Os jurados foram escolhidos previamente em sala de aula a partir da própria vontade de quem quisesse ser – os candidatos – e seria feita uma eleição pela turma na qual escolheríamos cinco jurados apenas. Em acordo com os alunos, estabelecemos que as notas seriam de 5 a 10. Os poemas poderiam ser lidos na apresentação tanto num papel, quanto no caderno, no celular ou, também, poderiam ser falados de cor. Ficou a critério de cada um.

Cada autor teria que escrever três poemas, para participar das três rodadas, cada uma com um poema diferente. Sugerimos que os 04 participantes finais não mostrassem seus poemas a ninguém, mas poderia fazê-lo se quisessem, claro. Também deixamos os alunos à vontade para que solicitassem ajuda na elaboração dos seus poemas a outros colegas de casa que não estavam entre os doze finalistas, caso quisessem. Não houve relato de algum aluno que o tivesse feito.

Estimulamos os alunos quanto à expressão corporal durante a leitura dos seus poemas, mas sem exigirmos que o fizessem, considerando que o nervosismo nesse dia seria bastante natural. Sugerimos que, em casa, lessem seu poema para os pais, para irmãos e amigos. Também foi sugerido que gravassem em áudio no próprio celular e que depois ouvissem-no a fim de observarem como ficou e que assim fizessem quantas vezes quisessem. Além disso, também, estimulamos que decorasse seus textos a fim de que a performance poética ficasse mais interessante, mas não exigimos isso. Outra sugestão dada a eles foi a de que lessem para si mesmos, procurando variar o tom de voz em algumas partes dos poemas, principalmente naqueles versos que consideravam mais interessantes a fim de obterem um resultado oral bem interessante para aqueles que estavam apenas vendo e ouvindo, os colegas, no caso. Alguns alunos gravaram em áudio e pediram ao pesquisador para escutar a fim de que lhes desse opinião. Houve alunos que filmaram, também. Esta etapa do trabalho foi realizada em casa pois lá ficariam mais à vontade para gravarem.

QUADRO 7 – Sétima etapa da proposta de intervenção

Quantidade de aulas: 04
Assunto: Realização das duas partes do Leões do <i>Slam</i>
Objetivos: Ler os poemas em voz alta para a turma num primeiro momento; Selecionarmos dessa primeira apresentação doze finalistas para a outra parte do Leões do <i>Slam</i> ;
Realizar o evento, num segundo momento, na quadra da escola com as três turmas de nonos anos.
Atividades: Apresentação dos alunos em sala e, depois, na quadra.
Metodologia: Leitura oral
Recursos didáticos: Caderno, celular, voz, corpo (nos dois momentos).

Fonte: O próprio autor.

Percebemos nas aulas que antecederam as apresentações muitos alunos ansiosos quando se aproximava o dia. A fim de tranquilizá-los e já prevendo esta ansiedade, e sem menosprezar a importância do trabalho, durante todo o processo procuramos mostrar aos alunos que vissem essa atividade escolar como uma grande brincadeira, sem se cobrarem demais visto que não se tratava de um campeonato oficial e sim de um jogo no qual a poesia

era o elemento principal. Nos dias anteriores à apresentação, a ansiedade por parte deles estava mais visível ainda e, mais uma vez, reforçamos a ideia de brincadeira, de diversão, na qual a grande vencedora de tudo isso seria a poesia. Ressaltamos a qualidade do trabalho que já haviam desenvolvido até agora e que os resultados estavam além do esperado.

A primeira parte aconteceu em sala de aula conforme havíamos combinado a fim de selecionarmos os 04 finalistas que iriam se apresentar na segunda e última etapa e para a qual teriam que escrever mais dois poemas. Nesta etapa, cada aluno leu seu poema para a turma. Apenas dois poemas foram lidos em dupla porque essas alunas o produziram juntas. Os temas explorados pelos alunos foram diversificados: política, machismo, preconceito, amor, violência doméstica, uso de drogas, pobreza e amizade.

Antes de iniciarem as apresentações, salientamos a importância de respeitarem o poema e a apresentação de cada um. Solicitamos aos alunos que reconhecessem o esforço de cada um neste trabalho. Estimulamos a empatia por parte deles visto que todos estavam nervosos quanto a sua apresentação e que se tratava de um trabalho que nunca haviam feito antes. Incentivamos os aplausos ou qualquer outra manifestação gestual ou oral no sentido de valorizar a apresentação dos alunos. Alertamos para o fato de que alguns poemas eram autobiográficos e, portanto, exigiam por parte deles mais respeito ainda.

Dispusemos a carteiras em forma de círculo e os alunos foram ao centro da sala de aula para apresentarem seus poemas. Acordamos uma espécie de “grito de guerra” antes da apresentação de cada aluno. Combinamos que o pesquisador contaria até três e na sequência, os alunos, em coro, falariam “Leões do *Slam*”. Fizemos uns ensaios antes de realmente começarmos o *Slam* propriamente dito.

As apresentações foram, a princípio, tímidas. Percebemos muito nervosismo por parte dos alunos que foi bastante respeitado por todos os colegas inclusive estimulando uns aos outros e sempre aplaudindo bastante, com entusiasmo, ao final das apresentações. De um modo geral percebemos uma coesão muito grande no grupo discente durante todo esse trabalho que realizamos com a turma, mas principalmente nesta etapa, na qual eles mais ficaram nervosos devido à exposição perante a turma, seja porque leram textos de própria autoria seja por causa da oralidade. A sequência de apresentação foi aleatória, não houve um pré-definição de quem iria primeiro, em segundo e assim sucessivamente. À medida que um aluno terminava sua apresentação, quem sentisse vontade iria ao centro do círculo para ler o seu poema. Às vezes, entre uma apresentação e outra, ninguém se prontificava em dar sequência às leituras dos poemas, mas isso era momentâneo.

Houve alunos que leram seus poemas escritos em papel, no caderno, no celular e outros que ousaram declamá-los de cor. Devido ao nervosismo, percebemos tremores nas mãos quando seguravam algum suporte no qual liam seus poemas. Outros se perdiam um pouco no próprio texto, mas o retomavam em seguida. Quanto à performance corporal, poucos se apresentaram procurando expressar em forma de gestos, olhares e nuances de voz enquanto liam seus poemas. A maioria investiu mais no tom de voz, procurando ressaltar partes dos seus poemas que consideram mais importantes. Houve aqueles que caminharam em torno do círculo enquanto liam seus poemas, procurando manter um contato visual com os colegas.

Percebemos, também, que os poemas autobiográficos sensibilizavam mais a turma devido à história pessoal que cada um expôs em seu texto poético. Poemas que continham muitas rimas, também animavam mais a turma. Pouquíssimos apresentaram palavras obscenas em seus poemas, mas ocorreram. A turma reagiu com risos, normalmente.

Após as apresentações de todos os alunos, fizemos a escolha dos 04 finalistas com aplausos. Como esta escolha foi realizada na aula seguinte, pedimos aos alunos que relembrassem para a turma o assunto do poema com um breve resumo oral. Em seguida, procedemos à escolha, solicitando que os alunos aplaudissem cada um dos estudantes. Todos apresentaram seus poemas. E assim conseguimos eleger os 04 melhores poemas.

Quanto ao pesquisador que acompanhou todas a apresentação, não foi possível conter a emoção em determinados momentos o que ficou bem transparente perante a turma. Ao final, parabenizamos e elogiamos a todos pelos poemas e pela apresentação.

Para a segunda etapa na qual participaram os 04 finalistas, solicitamos aos alunos que produzissem mais dois poemas em casa e que os trouxessem para que o pesquisador os lesse e lhes orientasse no que fosse necessário quanto à escritura do poema.

Entre essa primeira parte do Leões do *Slam* e a segunda houve um intervalo de duas semanas. Uma dessas semanas foi de avaliações bimestrais. As apresentações foram agendadas para os dois últimos horários, ou seja, após o recreio.

Uma vez organizadas as três turmas no centro da quadra em forma de semicírculo e jurados a postos com suas plaquinhas de notas de cinco a dez, iniciamos as apresentações. A ordem de apresentação foi feita por sorteio realizado previamente e comunicada aos participantes. Na primeira rodada os doze participantes leriam seus poemas. A cada apresentação, os jurados erguiam suas placas com as respectivas notas. A nota mais baixa e a mais alta eram descartadas. Somavam-se as outras três e dividia-se por três: eis a nota para cada participante. Nessa primeira rodada, todos utilizaram o microfone.

Terminada a primeira parte, os 03 participantes com as melhores notas foram para a segunda rodada. A ordem de apresentação foi realizada na hora. Enquanto organizava-se o sorteio, os alunos responsáveis pela sonoplastia colocaram rap nacional para tocar. Nesta segunda parte, um dos participantes não quis utilizar o microfone, mas conseguiu ler seu poema tranquilamente, inclusive sendo ovacionado pela plateia. Somadas as notas, foram selecionados dois participantes para a terceira e última rodada: 1 menino e 1 menina.

Enfim a última parte do Leões do *Slam*. Nesta parte, o mesmo aluno que não utilizou o microfone na segunda rodada, não quis fazê-lo de novo. Após as apresentações foi feito um pequeno suspense pelo *slammaster* para anunciar o *slampião* ou a *slampiã*, ou seja, o (a) vencedor (a). A *slampiã* foi a aluna K. T. O segundo e o terceiro lugares ficaram para dois meninos. Os três finalistas foram premiados pelo pesquisador com uma caixa de bombons para cada um. A proposta inicial foi de irmos a uma pizzaria para comemorarmos juntos. Mas o responsável da *slampiã* não permitiu. Devido a isso e consultando os três finalistas, decidimos pelos bombons de boa qualidade.

Pudemos perceber que nesse dia os 04 participantes estavam bem mais tranquilos para a apresentação. Apenas um deles apresentou bastante nervosismo e demorou um pouco a iniciar a leitura do seu poema. Todos leram dessa vez.

Foram convidadas para a apresentação do Leões do *Slam* as supervisoras da escola, a vice-diretora e a diretora, que não puderam assistir toda a apresentação. Os professores que teriam aulas com as outras duas turmas, também foram assistir, professores do quarto e quinto horários com os quais foi combinado anteriormente a liberação dessas duas turmas para prestigiarem o evento.

3.5 Análise de alguns poemas escritos pelos alunos

Antes de iniciarmos nossa análise dos poemas escritos pelos alunos, queremos considerar as palavras de Lajolo: “[...] texto nenhum nasceu para ser objeto de estudo, de dissecação, de análise. [...] um texto costuma ser produto do trabalho individual de seu autor, e encontra sua função na leitura igualmente individual de um leitor.” (LAJOLO, 1982, p. 53). Com essas palavras queremos ressaltar que os poemas dos alunos não foram escritos para serem analisados por nós e nem tampouco os alunos os escreveram para tal fim. Tanto o propósito inicial quanto o propósito final foi o de que eles escrevessem poeticamente sobre o que desejassem e que o fizessem com emoção. Orientamos os alunos para que escrevessem primeiramente para si mesmos, que se emocionassem com o próprio texto, que o texto de cada um contivesse sua própria verdade quer ela fosse uma crítica a problemas sociais ou

simplesmente um desabafo, uma declaração de amor, uma expressão de um sentimento que por qualquer razão quisesse-lhes derramar-se numa folha de caderno.

Os elementos poéticos que estudamos com os alunos foi, simplesmente, para que isso os ajudasse, talvez, a dar forma poética aos textos deles e nada mais. Ou então os poemas dos alunos passariam a ser uma avaliação do que aprenderam nas oficinas poéticas. Ao analisá-los aqui, queremos antes de tudo registrar nosso respeito por cada verso escrito, por cada poema escrito com sua simplicidade, sua verdade, sua emoção, sua dose de criatividade. Eles foram escritos, repetimos, para serem lidos, ouvidos, relidos e re-ouvidos, lidos novamente, ouvidos de novo e só. Essa análise que faremos é somente para atender a objetivos técnicos da tese. Em qualquer momento destacamos para os alunos que os poemas escritos por eles seriam posteriormente analisados numa dissertação de mestrado pelo pesquisador. Os poemas foram escritos para serem apreciados pelos seus leitores, pelos seus ouvintes no Leões do Slam. Dessa forma, passamos a analisar nos poemas dos alunos o que seus textos conseguiram contemplar daquilo que exploramos com eles até aqui seja com as leituras dos poemas que realizamos, silenciosa ou oralmente, seja com as atividades sobre os elementos poéticos.

Selecionamos 14 poemas escritos pelos alunos para tecermos algumas considerações quando à escritura dos mesmos à luz das atividades realizadas na proposta de intervenção, principalmente, das atividades das oficinas poéticas. Partimos do pressuposto muito bem colocado por Sorrenti:

Quando lemos poemas feitos por adolescentes, precisamos ficar atentos para um tipo de texto que é o poema confessional. É claro que todos nós, em algum momento de nossas vidas, já experimentamos algo que poderíamos chamar de sentimento poético: ficar emocionado, revoltado, ter vontade de desabafar por escrito. Entretanto, é importante reconhecer que a manifestação escrita de um sentimento, geralmente feita às pressas, não constitui ainda a poesia propriamente dita, mas pode ser o seu ponto de partida. (SORRENTI, 2009, p. 33).

Embora esse cuidado citado por Sorrenti (2009) tenha sido bastante observado por nós, também fomos cautelosos para não desestimular os alunos quanto à escritura dos seus poemas. Sempre que possível, orientamos os alunos a reescreverem os poemas no sentido de melhorá-los quanto à correção gramatical, estrutura composicional e, também, à escrita poética estimulando-os a escreverem sem pressa, a recorrerem aos elementos de composição poética estudados nas oficinas de poesia e a empregarem temáticas e linguagem mais típicas do Poetry Slam etc.

Outro ponto a salientar nesta parte em que teceremos algumas considerações sobre as produções escritas dos alunos é a performance. Nossas ponderações sobre os poemas se

restringem apenas à escritura dos textos, o que parece muito simplista quando levamos em consideração a performance: a transmissão, a recepção da mensagem poética e as circunstâncias simultaneamente (ZUMTHOR, 1997). Os momentos de apresentação dos poemas foram muito mais ricos e o poema, que a princípio, parecia muito simples, ganhando voz e expressão por parte dos seus autores, por mais tímidas que fossem – considerando ainda a reação do público e os pormenores que a situação propicia: barulhos, risos, aclamações – resultaram num momento performático emocionante.

Selecionamos 14 dos 28 poemas escritos pelos alunos levando em consideração dois critérios básicos: poemas que mais contemplaram o que foi trabalhado nas oficinas de poesia e poemas cujas temáticas se aproximaram mais dos temas comuns ao *Poetry Slam*. Lembramos que os nomes verdadeiros dos autores/alunos dos poemas transcritos abaixo foram omitidos propositalmente visando manter em sigilo a identidade de cada um deles conforme orientação do Comitê de Ética em Pesquisa. A fim de cumprir essa orientação, optamos por identificá-los utilizando as iniciais dos dois primeiros nomes de seus respectivos autores e informando o gênero: se feminino ou masculino.

O poema 1 “Beleza” transscrito abaixo é de autoria de R. e está digitalizado no ANEXO C (p. 245) deste trabalho. O poema está dividido em estrofes de quantidade irregular de versos. É composto em sua maior parte por versos livres, possui muitas rimas (versos 6, 8, 10, 11, 12, 13, 17, 24, 26, 27) que contribuem bastante para com o ritmo e cadência melódicos. A linguagem não se aproxima muito da utilizada no Poetry Slam visto que não apresenta gírias nem palavras obscenas, mas é simples. Percebemos uma abreviação da palavra “sempre” (smp) no verso 12 e uso de uma palavra inglesa “likes” no verso 7 que não interferem na compreensão do texto visto que é comum esses usos na linguagem dos adolescentes e isso ocorre também nos poemas dos *slammers*.

O eu-lírico inicia questionando o que é beleza e continua apresentando conceitos subjetivos sobre o que é beleza para ela. Trata-se de um tema que mexe muito os adolescentes visto que nesta faixa etária eles costumam se preocupar bastante com a aparência física. A autora defende um conceito de beleza mais ligado a valores éticos e sociais. Por tentar desconstruir um padrão de beleza que a sociedade geralmente impõe aos jovens, o tema se aproxima da proposta do *Poetry Slam* cujos poemas tratam de assuntos que visam criticar a sociedade e seus valores que costumam “escravizar” o jovem a certos padrões que não são relevantes para o bem comum e/ou próprio.

Poema 1
Beleza
R. O. (sexo feminino)

1. Beleza
2. Sabe o que é beleza?
3. Não! Não! Não!
4. Beleza significa caráter, virtude, qualidade.
5. Pra ser bonito não precisa ser rico
6. Ter carro e altos likes nas redes sociais
7. Pra ter os lábios bonitos é só dizer
8. palavras doces, que acalmam e atraem
9. amigos.
10. Para ter olhos bonitos, não precisa
11. usar lentes, mas busque olhar smp
12. O lado bom das coisas.
13. Para ser alto, não precisa usar saltos
14. altos, mas procure crescer
15. para ajudar os carentes.
16. Para ser conhecido nas redes sociais,
17. Seja leal, amigo e companheiro
18. ro de quem mais está ao seu lado.
19. Beleza é caráter
20. Beleza não é maquiagem
21. Silicone, roupas e joias da
22. moda
23. Beleza não depende da cor
24. Depende do seu respeito
25. Beleza não depende do exterior
26. Mas sim do interior!

O segundo poema “Pulsa” transcrito abaixo é de autoria de L. A. e está digitalizado no ANEXO C (p. 237) deste trabalho. O poema não está dividido em estrofes, apenas o último verso que ficou isolado. Sua linguagem é simples e não há gírias nem palavrões. Há repetição de algumas palavras (versos 1, 2, 3, 4), de sons consonantais (a letra “p”, principalmente, na palavra “pulsa”) e vocálicos (as vogais “u” e “a”) que caracterizam as figuras fônicas assonância e aliteração, recursos esses que reforçam a sonoridade do poema contribuindo bastante para a cadência e o ritmo melódicos do poema. O eu lírico também utilizada o recurso da onomatopeia (verso 44) no final do poema, que enriquece o aspecto sonoro do poema e que corresponde ao som da batida “persistente” do coração apesar de “cansado”. Apresenta poucas rimas e a maior parte do poema é composta de versos livres. Percebe-se claramente a intertextualidade com o refrão da música “O pulso” (“O pulso ainda pulsa / O pulso ainda pulsa”), composição de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Tony Belotto cantada pelo grupo Titãs. O tema do seu poema é uma crítica aos problemas sociais mas que

apesar disso, há esperança “O coração ainda pulsa”. Percebemos que a autora do poema conseguiu contemplar vários elementos estudados nas oficinas de poesia.

Poema 2

PULSA

L. A. (sexo feminino)

1. Pulsa!
2. Ele ainda pulsa!
3. O coração ainda pulsa
4. Pulsa doente, mas pulsa
5. Na esperança
6. Que apareça uma democracia
7. Mais justa.
8. Pulsa!
9. Ele ainda pulsa
10. Oh, Deus ele ainda pulsa
11. Em busca de uma vida justa
12. Pulsa desesperado
13. Como se perdesse o pulso
14. Como se perdesse o justo
15. Da justiça
16. Pulsa com raiva
17. Pulsa com ódio
18. Por ver nossos pobres e negros
19. A pedir esmola do governo
20. Pulsa pelas falcatrucas de nosso governo
21. Pulsa por sermos enganados
22. E massacrados todos os dias
23. Pulsa por sermos forçados a nos calar
24. Pulsa por ver o desemprego em alta no país
25. Pulsa por ver crianças pedindo no farol
26. Pulsa pelas mulheres que são violentadas
27. E vítimas de feminicídio
28. Pulsa pelos jovens não terem oportunidades
29. Ou pulsa por eles serem mortos
30. Pulsa por ver a saúde precária
31. Pulsa pelas nossas florestas serem devastadas
32. Pulsa, ele ainda pulsa
33. Aos olhos de uma população injusta
34. Que defende o consumismo
35. E se esquece do social
36. Pulsa, ele ainda pulsa
37. Pulsa devastado
38. A ponto de parar
39. Pulsa fraco e desnorteado
40. Com medo de não ver tudo que sonha e acredita acontecer
41. Pulsa, ele pulsa, quase parando
42. Mas ainda pulsa defendendo o justo
43. Tum Tum Tum...
44. Ele ainda pulsa!

O terceiro poema transcrita abaixo “Um ‘eu te amo’ sempre é bom!” é de autoria de A. A. e está digitalizado no ANEXO C (p. 238) deste trabalho. Quanto aos aspectos formais podemos destacar que o poema foi escrito em estrofes de quantidade de versos irregular, possui poucas rimas sendo que a maior parte do texto é constituído por versos livres, mas percebe-se uma certa cadência e ritmo melódicos no poema. Seu texto apresenta uma linguagem simples, com gírias (versos 5, 9, 15, 18, 32) e accidentalmente uma palavra que podemos enquadrá-la na categoria dos “palavrões” (verso 6 - bosta). Percebemos também a presença da intertextualidade (versos 23 a 26) quando seu autor utiliza o refrão da música “Monte Castelo” de Renato Russo que, por sua vez, também utilizou a intertextualidade parafraseando alguns versículos bíblicos (I Coríntios, 13).

Seu texto é mais romântico do que crítico. O autor destaca a importância de valorizar o que há de bom na vida, que são muitas coisas, dentre elas a expressão “Eu te amo” que quando ouvida por seu interlocutor, ele deveria se sentir “o cara mais foda do mundo”.

Poema 3

Um “Eu te amo” sempre é bom!
A. A. (sexo masculino)

1. Nascer
2. Crescer
3. Reproduzir
4. E morrer...
5. Isso cara, é a vida.
6. Pode parecer uma bosta
7. Quando citada desse jeito
8. Pode parecer uma coisa sem graça
9. Mas entre essas 4 palavras, mano,
10. Existem tantas e tantas coisas boas...
11. E a que mais vivemos na maioria das vezes
12. É o amor.
13. Até parece que não,
14. Mas o amor está em tudo,
15. Acredite irmão!
16. Não só nos momentos intensos
17. Como estar com a morena...
18. Rolar aquela cena...
19. Mas também nos momentos simples
20. Como ficar conversando com um amigo,
21. Receber e devolver um sorriso,
22. E até mesmo naquele almocinho de domingo.
23. “É só o amor, é só o amor,
24. Que conhece o que é verdade.
25. O amor é bom, não quer o mal
26. Não sente inveja ou se envaidece.”

27. Não fique bravo, meu amigo,
28. Ao receber um “eu te amo” diferente
29. Afinal, ser amado é a melhor coisa que tem
30. Não importa a intensidade do sentimento
31. Você tem que se sentir
32. O cara mais foda do mundo neste momento.

33. Então, meu irmão,
34. Não mendigue um “eu te amo” não.
35. Mas lembrando,
36. Tem que vir do coração.

O poema 4 “O verdadeiro eu” transcrito abaixo é de autoria de A. G. e está digitalizado no ANEXO C (p. 231) deste trabalho. O poema é dividido em estrofes que não têm uma quantidade regular de versos. Percebe-se muitas rimas por todo o texto, mas há também versos livres. O poema tem cadência e ritmo melódicos. Seu autor recorre bastante à linguagem coloquial com uso de gírias (versos 2, 4,), principalmente, e de palavras conforme o registro oral (versos 1, 25). A temática, de tom subjetivo, melancólico e subversivo, revela uma certa insatisfação do eu lírico quanto ao mundo que não muda - “Já são apenas 16 e eu tô na mesma, mano” – o que lhe causa certa angústia e revolta. Este tema é bem comum nos poemas do *Poetry Slam*. O eu lírico revela um conhecimento pouco comum quando se refere a “Bukowski” e à música “Highway to Hell” (versos 12 e 40).

Poema 4
O verdadeiro eu
A. G.

1. Já são apenas 16 e eu tô
2. na mesma, mano.
3. Daqui só vi decepção e os
4. cara atrasando os plano.
5. Enquanto o mundo vai queimando
6. Eu tô ligando?
7. Não
8. Sei que não é bonito
9. Mas não quero opinião.

10. Salvar o mundo não é meu
11. drama
12. Tô no time do Bukowski, ignorei
13. o Dalai Lama
14. Essa é a realidade
15. Eu explodiria essa cidade
16. Inteira, sem um pingo de piedade.

17. Já faz mó tempão que tô na mesma
18. Paro pra pensar no passado

19. De tudo que eu queria
 20. Ter aproveitado mais
 21. Então, pego o álbum e começo a folhear
 22. Na minha infância onde tudo era folia
 23. Onde eu achava que ser adulto era foda
 24. Mas se eu pudesse eu voltaria pro passado
 25. e me avisaria que eu tava bem errado
 26. que todos que eu amava
 27. não vão estar ao meu lado.

28. A vida é assim
 29. Amigos vêm e vão
 30. Pessoas vêm e vão...
 31. Não existe coisa pior que perder um amigo
 32. E a sensação que todos que você ama estão longe.

33. Tenho o futuro tatuado na costela direita
 34. Acho que vou morrer sozinho
 35. Trancado no quarto
 36. Encontrado pelo vizinho

37. Mau agouro?
 38. Isso é o desabafo de um cara niilista
 39. Queimando um maço de Marlboro,
 40. Ouvindo “Highway to Hell” sem sonhos
 41. O meu peito é uma cratera
 42. Sensação de não ter família
 43. E nada mais é como era

44. O tempo é limitado
 45. E às vezes o desperdiçamos
 46. Nem conta damos
 47. Quantos sorrisos pra gente
 48. Que não suportamos?
 49. Descontando nossos erros
 50. Em quem nós amamos
 51. Tô de outono em outono
 52. Com medos matando meus sonhos
 53. Planos tirando meu sono.

O poema 5 “A caça (in)falível do amor” transcrito abaixo é de autoria de D. A. e está digitalizado no ANEXO C (p. 256) deste trabalho. Trata-se de um poema bem dividido em estrofes em sua maioria compostas de quatro versos. Os primeiros versos de cada estrofe se iniciam com letras maiúsculas destacadas (versos 1, 5, 9, 13, 17, 21, 24 e 27). O poema é rico em rimas que dão ao poema cadência e ritmo melódicos. A linguagem é simples e formal. Não há uso de gírias e de palavrões. Percebe-se no título uma brincadeira com a palavra “falível” e o prefixo “in” indicado uma explícita ambiguidade quanto à caça ao amor. A temática, apesar do seu tom romântico, é uma crítica a essa “caça (in)falível ao amor”, a essa busca inevitável (ou evitável) e ao mesmo tempo que parece ser inalcançável, segundo o eu

lírico e o mesmo termina fazendo uma autocrítica por não “regar” os lugares por onde passou com amor. Alguns poemas de slammers também abordam o tema do amor.

Poema 5

A caça (in)falível ao amor

D. A. (sexo feminino)

1. Procurei neste mundo
2. Vazio e sem vida
3. Com muito ardor e suor
4. O amor que tanto se dizia
5. Tempestade pra inundar sua alma,
6. Tsunami pra te afogar
7. Fogueira que arde em brasa,
8. Mesmo sem te queimar
9. Difícil procurar
10. Neste mar de hipocrisia
11. O amor, coisa real e natural
12. Tornou-se uma fantasia
13. Procurei em todo ponto
14. Em cada esquina
15. Em cada canto
16. No coração de algum estranho
17. Também procurei amor nos conhecidos
18. Mas seus abraços eram vazios
19. Falsos eram seus sorrisos
20. E na minha barriga, um frio conhecido
21. Primeiro que, não se acha o amor, ele te acha
22. Esse sentimento inverte os papéis
23. O caçador acaba virando a caça
24. Segundo, esqueci de regar os lugares por onde procurei
25. Um lugar seco e vazio
26. Foi a única coisa que deixei
27. Terceiro que terra seca nada traz
28. Mas se cuidada com amor próprio
29. Com seus próprios frutos se satisfaz.

O sexto poema 6 “A carta” transcrito abaixo e digitalizado no ANEXO C (p. 264) deste trabalho é do mesmo autor que o poema 4 “O verdadeiro eu”. O poema é um pouco extenso se comparado aos dos demais alunos, mas não é maçante visto que percebe-se uma evolução na temática sem repetir ideias anteriores de modo a tornar o texto prolixo. Ele está dividido em estrofes de quantidade irregular de versos, com bastantes rimas, inclusive, rimas internas (versos 4, 5, 15, 16), que dão ao poema uma cadência e ritmo melódicos. A linguagem é

simples e há um recorrente uso de palavras conforme o registro oral (versos 9, 19). Encontramos o emprego da paronomásia (versos 6 e 7), figura fônica também contemplada nas oficinas poéticas. O eu lírico parece fazer uso da imagem da “eutanásia” para representar o fim de uma determinada fase em sua vida a qual demonstra considerar cheia de ilusões e da qual está cansado e deseja mudar seu jeito de encarar a vida “Já me cansei de tentar ser sociável / Agora quero ser admirável” (versos 46 e 47). Esse tom de revolta, desespero, falta de esperança em relação a um mundo melhor é constante nos poemas do Poetry Slam.

Poema 6

A carta

A. G. (sexo masculino)

1. Preso numa bolha onde tudo era perfeito
2. Eu conheci o mundo
3. E com ele os seus defeitos
4. Eu conheci pessoas
5. Eu fiz escolhas e estava errado
6. E com a maldade que me apresentaram
7. Eu fui moldado
8. Um dia, dois dias, três meses, um ano
9. E cê leva tudo no embalo.
10. Mas quando cria-se um monstro
11. É impossível domá-lo
12. E antes que ele me mate
13. Eu vou matá-lo
14. É a causa
15. Não é uma carta de despedida
16. Dessa vida mas,
17. Considere a minha eutanásia.
18. Trancado no quarto acabou a paciência
19. Desde a infância que “tô” assim
20. Cansado de fato,
21. Desistência,
22. Não tem recompensa
23. E eu não vejo um fim
24. Pensei em mudar
25. Tentei mudar o mundo
26. Tentei mudar minha vida
27. Mas só o que consegui
28. Foi ficar pior ainda
29. No final era eu com a minha olheira
30. Sem dormir
31. Saí sem rumo pelas ruas,
32. Era Deus e a luz da lua na madrugada
33. O lar dos poetas e das putas.
34. Mau temperamento ou um mau comportamento?
35. Eu “tô” exausto há muito tempo
36. Não me diga como agir

37. Mau comportamento ou um mau temperamento?
 38. Só me dá um tempo
 39. Que senão eu vou explodir.

40. Eles te dizem que a vida é linda
 41. É assim que te enganam
 42. Doutores me dizem que a vida é linda
 43. Não me convenceram
 44. Doutor me deixa no meu quarto
 45. Não me peça pra ser sociável
 46. Já me cansei de tentar ser sociável
 47. Agora quero ser admirável

48. Por que a vida é linda?
 49. Acreditam nessa ainda?
 50. No mundo real não tem amor
 51. E a lei da selva continua valendo
 52. Se tá chovendo amor,
 53. Meu coração é como agreste
 54. “Mais amor, por favor?”
 55. Não.
 56. Mais ódio e dor.
 57. Não existe sorte.
 58. E é assim que nasce um homem forte.

59. Eu sou o prodígio precoce,
 60. Às vezes bate a neurose
 61. “Tô” nisso por mais quantos anos?
 62. Mas se for par reinar,
 63. Não queria ser Tutakamon
 64. Não chore quando eu for, não
 65. Eu vou estar aqui sempre
 66. Mas por favor entenda então
 67. Que os melhores sempre morrem
 68. Pelas suas próprias mãos.

69. O karma vem contra mim
 70. E me atinge bem no peito
 71. Eu juro que eu tentei fazer tudo direito
 72. Mas quanto mais eu tento
 73. Mais eu perco o controle
 74. E quando eu quero ficar perto
 75. É aí que eu fico longe.

76. Confio em pouca gente faz anos
 77. Pensando em quem vai me abandonar primeiro
 78. Já vi esse filme, não me assusta.
 79. Eu “tô” jogando com a vida
 80. Uma roleta russa
 81. “Tô” vomitando meus sonhos
 82. Vai ser assim
 83. De fato nem eu confio em mim

84. Cê sabe pessoas são ruins
 85. Portanto, a paz é uma lenda

- 86. Tenho mais cigarros no maço
- 87. Do que amigos na minha agenda
- 88. Luz nem sempre vence
- 89. Então não tem motivação
- 90. pra eu querer ser brilho
- 91. Eu sou total escuridão.

O poema 7 “Pílula vermelha” transcrito abaixo e digitalizado no ANEXO C (p. 252) deste trabalho também é de mesma autoria que os poemas 4 e 6. Trata-se de um poema também extenso o que parece ser característica do autor. Durante a escritura dos seus poemas, orientamos o aluno para que escrevesse poemas menores uma vez que depois seriam apresentados no Poetry Slam e poemas menores conseguiriam prender mais a atenção do público. Mas o autor preferiu manter o tamanho dos textos o que lhe prejudicou de certa forma no dia do evento pois o público, perceptivelmente, não conseguiu acompanhar a leitura integral dos seus textos. O poema é constituído por várias estrofes de quantidade de versos irregular. Possui muitas rimas externas e, também, internas (versos 15, 24, 30, 42, 44, 45 48). Seu autor utiliza uma linguagem simples, com uma gíria (verso 7) apenas, e com um certo tom áspero, enérgico. O poema faz uma referência ao filme Matrix, conforme o autor fez questão de frisar no título e na sexta estrofe (versos 55 a 64) o que nos revela a presença da intertextualidade. O eu lírico faz uma crítica ao conceito de sucesso levando seu interlocutor a refletir sobre isso e também faz um protesto à alienação da sociedade quando esta hipervaloriza o materialismo, o consumismo, a tecnologia, o uso de drogas etc. E alerta essa mesma sociedade sobre a perda de valores humanos como a compaixão, o calor humano, o respeito aos animais e sugere que, para resgatar isso, precisamos de mais literatura. Os temas tratados em seu poema são recorrentes no *Poetry Slam*.

Poema 7
 (Pílula vermelha) Matrix
 A. G. (sexo masculino)

- 1. Me disseram que poesia é feita de protesto
- 2. Então, toma!
- 3. Aqui vai meu primeiro manifesto.
- 4. Primeiro, qual a definição de sucesso pra você?
- 5. A sociedade diz que tudo tem que ser uma disputa
- 6. Como se não passasse de uma mera competição
- 7. Diz, truta!
- 8. Se você acha isso certo
- 9. Então me desculpa!
- 10. Quem te disse que você é um ninguém
- 11. Se for o vice-campeão?
- 12. Como se não existe comunhão
- 13. Como que eu vou vencer na vida

14. Se eu não tenho o talento do Batistuta?
15. E a fatia do pão, quem desfruta?
16. Para a sociedade não passamos de uma meretriz, puta
17. Em que ela te fode
18. E não paga nada.
19. É o seguinte,
20. Não é de tragédia que o povo gosta?
21. As tragédias vão bem além daquilo que a TV nos mostra
22. As tragédias vão bem além dos direitos humanos
23. Que não dão direitos pra quem morre todo dia trabalhando
24. Ano após ano, década após década
25. Quantas coisas mudam com as pessoas nascendo e morrendo
26. A cada época?
27. Antes, quando o mundão estava por si
28. Juntávamos mais vacas que berrantes
29. Tínhamos menos joias e mais pegadas de elefantes
30. Traficaram marfim pelo mar sem fim dos diamantes
31. Éramos viajantes explorando-os.
32. Agora, mal sabemos a nossa origem
33. E estamos a um passo da última guerra
34. O câncer nasce no homem
35. Como as árvores são arrancadas das terras
36. E o futuro, será mais ou menos aquilo que Nostradamus previu
37. Os seres humanos frios
38. Numa vida preenchida com o vazio
39. O consumismo será a nova fome, tabloide
40. Nos definimos entre usuários de IPhones e Androids
41. Do que adiantou a nossa conquista do espaço
42. Se o nosso espaço na terra é cada vez mais escasso
43. O homem já foi até a lua
44. Mas a compaixão do mesmo não atravessa nem a rua
45. Os prédios crescerão capazes de tocar o céu
46. Mas é isso que chamam de evolução
47. Se os prédios crescem, mas o amor não?
48. Humanidade cética, desafiando a ética
49. Como só não passasse de uma mera fórmula aritmética
50. E o que você procura ainda é a estética
51. Pro futuro ter uma cura
52. Precisamos de mais literatura
53. Mas se os jovens não têm compromisso
54. Como vai começar o início da mudança da nossa nação?
55. Nesse poema eu sou o Neo
56. E vocês aceitaram a pílula vermelha
57. Esse vai ser o seu Bom Dia Cinderela
58. As câmeras filmando
59. Não são só pra proteção
60. A imprensa é convincente
61. E paga pra contar a mesma mentira
62. Mil vezes até você acreditar
63. Os mísseis Tomahawk

64. Estão na nossa direção.
 65. Estão mais próximos do fim
 66. E mais distantes do nosso próximo
 67. Enquanto vocês não passam de uma criação mimada
 68. Que se irrita com seus pais
 69. No continente africano, a fome e o HIV
 70. Matam milhões de pessoas por ano

 71. Whisky, Red Bull, Ecstasy, LSD
 72. Que acabam com os emocionados loucos por prazer

 73. Eu poderia ficar escrevendo até essa crise passar
 74. E com o nosso país devastar
 75. Mas não posso gastar todo o meu tempo.

O poema 8 “Minha estrela cadente” transcrito abaixo e digitalizado no ANEXO C (p. 258) deste trabalho é de mesma autoria que os poemas 4, 6 e 7. Como podemos verificar, trata-se de um poema também extenso, escrito em estrofes, com presença de muitas rimas (versos 7, 8, 9, 10, 12 e outros), inclusive uma dessas rimas com uma palavra em português “réu” e a outra em inglês “Hell” (versos 58 e 59) e também há versos livres. O poema possui cadência e ritmo melódicos. Traz no interior do seu texto o emprego de palavras do uso oral (versos 11, 39, 41). O poema parece tratar-se de uma despedida amorosa que talvez represente o término de um relacionamento amoroso. O eu lírico inicia o texto lamentando essa separação, mas na evolução do texto reconhece que não deseja a reconciliação (versos 31 e 32). Ele segue fazendo uma autorreflexão sobre os próprios erros e finaliza com versos da canção de Raul de Seixas “Tente outra vez” (versos 88 e 89) o que nos revela a presença da intertextualidade.

Poema 8

Minha estrela “cadente”
 A. G. (sexo masculino)

1. Resolvi os seus problemas
2. Pra tentar te ver sorrir, feliz
3. Mas mesmo assim, suficiente não foi pra você ficar
4. Te mandar uma mensagem
5. E o que quero ainda
6. E sempre quis
7. Mas o medo novamente chega pra me sufocar
8. Não quero mais te ver chorar
9. E você também tem medo de se machucar
10. Quem não tem?
11. Eu sei que tudo tá mal,
12. Mas tudo bem.
13. A gente finge que não vai mais ser assim.

14. Outra noite engulo a saudade aqui

15. Sua canção favorita nem consigo mais escutar
 16. Desde aquela noite em que você se foi
 17. E eu fiquei acordado
 18. Só encontrando motivos para me magoar
 19. Eu morri um pouco naquela noite
 20. Em que você me deixou no quarto em prantos
 21. Via nossos corpos rasurados
 22. E as histórias rasuradas
 23. Via nosso futuro numa Opala
 24. E nós transando pela estrada
 25. Agora vejo as coisas tão sem graça
 26. E as horas congeladas.

27. Posso ver em frente ao espelho
 28. O que eu não quero ser
 29. Olho pro espelho e é só maldade no olhar
 30. E é só isso que eu posso ver

31. Pra você ia voltar mas repensei,
 32. Eu não quero ser “nós” mas uma vez não
 33. Então que se dane essa saudade
 34. E que se dane o coração
 35. Dane-se o pulmão
 36. Se sentimento fosse bom eu não
 37. Passaria por isso não.

38. Hoje tá frio
 39. E eu “tô” na varanda, sentado, sozinho.
 40. Lotado de lembranças
 41. Eu tava te seguindo,
 42. Mas me perdi no caminho.

43. As pessoas em minha vida são como estrelas cadentes
 44. Brilham e partem
 45. Mas você tinha um brilho diferente
 46. E eu que ainda saio sentenciado
 47. Será que o problema é o mundo
 48. Ou o problema sou eu?
 49. Será que eu me perdi
 50. Ou você que me perdeu?

51. Essas coisas acontecem sem ter um porquê
 52. Se as pessoas são assim comigo
 53. Fazer o quê?
 54. Como Bukowski disse
 55. “Cada vez tenho mais desprezo pelas pessoas”.

56. Mais dúvidas na mente do que estrelas no céu
 57. Eu posso não poder comprar as estrelas
 58. Mas eu ainda sou o réu
 59. Só que foi você quem criou meu Hell.
 60. Posso realmente não poder comprar as estrelas
 61. Mas se você ainda estivesse aqui
 62. Eu faria de tudo pra você as tê-las.

63. Eu sou humano
 64. “tô” errando ao tentar acertar
 65. Eu sou humano, erro mas tento me perdoar
 66. Eu sou humano, erro ao me afastar.

67. Sinceramente respeitar meus erros foi
 68. A melhor escolha do mundo
 69. Nesse momento eu tive aflição
 70. Mas descobri que nem tudo é escuridão
 71. Foi aqui que começou a minha recuperação

72. A melhor rima sai quando se tem emoção
 73. Melhores amigos não aparecem,
 74. Eles estão.

75. É pouco tempo pra dizer sim
 76. Mas enquanto eu tenho tempo eu quero dizer
 77. Preciso te falar o quanto eu me empenho
 78. Me esforço pra ter o que quero
 79. Eu não me contengo
 80. A vida é um labirinto
 81. E eu tô sempre me perdendo

82. Voltando pros meus princípios do início
 83. acordo cedo
 84. ciente que pra eu ver meu pior inimigo
 85. Basta eu olhar pro espelho.

86. Então façam como Raul
 87. “Tente outra vez”
 88. “Porque é de batalha que é feita a vida”
 89. Afinal quem nasceu pra ser luz
 90. Pode até piscar
 91. Mas jamais se apagará!

O poema 9 “O Brasil que nós queremos para o futuro” transcrito abaixo e digitalizado no ANEXO C (p. 244) deste trabalho é de autoria de J. R. O poema é constituído em sua maior parte por versos livres e por uma única estrofe. A autora faz uso da linguagem coloquial ao usar a expressão “titica de galinha” (verso 25). Seu texto é uma resposta à campanha veiculada numa rede nacional de televisão na qual as pessoas produzir um pequeno vídeo respondendo à pergunta “Que Brasil você quer para o futuro?”. O eu lírico recheia o texto de críticas aos problemas sociais que assolam o país afirmando seu desejo de ter um país mais justo, mais igualitário, no qual “os políticos não pensem só neles / pensem no povo também” (versos 35 e 36).

Poema 9

O Brasil que nós queremos pro futuro
 J. R. (sexo feminino)

1. O Brasil que nós queremos pro futuro

2. Um futuro sem preconceito, com direitos,
3. Sem desigualdade social
4. E ser livre como um pardal
5. Um país com menos ódio
6. Mais ruas limpas
7. Um país sem corrupção,
8. Um país onde há respeito,
9. Educação entre as pessoas,
10. Amor ao próximo.
11. Educação elevada.
12. Que a educação seja o quesito
13. Considerado mais importante
14. Assim ser o quesito a obter maior investimento.
15. Um sistema de saúde digno
16. Porque eu tenho quase certeza
17. Que ninguém quer ficar
18. Uma, duas horas ou mais para ser atendido
19. Mas você é obrigado a ficar
20. Lá no hospital esperando
21. Alguém médico te atender.
22. Um país onde as pessoas se respeitem
23. Independente de suas diferenças
24. Por outro lado ainda tem pessoas
25. Que tem titica de galinha na cabeça
26. E te julgam por essas diferenças
27. Não se sinta mal,
28. Suas diferenças não te fazem melhor
29. Ou pior que ninguém
30. Suas diferenças não são ruins
31. Elas são excelentes
32. Um país que as pessoas de bem
33. Tenham mais direitos
34. Do que as pessoas ruins
35. Que os políticos não pensem só neles
36. Pensem no povo também.

O poema 10 “Valorização da mulher” transcrito abaixo e digitalizado no ANEXO C (p. 235) deste trabalho é de autoria de S. S. O poema é constituído por uma estrofe apenas, apresenta poucas rimas e muitos versos livres. Utiliza pouco da linguagem coloquial usando a palavra “babaca” por duas vezes (versos 8 e 24) e “vadia” (verso 16). O tema é a crítica ao machismo, a violência contra a mulher e a desvalorização da mulher no mercado de trabalho. Essa temática é bastante comum nos poemas dos *slammers*.

Poema 10
 Valorização da mulher
 S. S. (sexo feminino)

1. Ela tem força, ela tem sensibilidade
2. Ela é guerreira. Ela é uma deusa
3. Ela é mulher de verdade

4. Então para com esse machismo
5. E vê se enxerga a verdade
6. Nós mulheres nascemos pra ser valorizadas
7. E não estupradas
8. Ainda fala um babaca
9. Que nós mulheres merecemos
10. Menor salário
11. Mas aí te digo
12. Não vou deixar seu machismo
13. Me remeter a ser uma mulher
14. Só pra ser usada.
15. Só porque ela não faz o que você quer
16. Então a chama de vadia
17. Mas te digo em forma de poesia
18. Nós mulheres nascemos pra ser rainhas
19. Aquela mulher que você dizia
20. Que não valia mais nada,
21. Discriminava
22. Hoje é determinada e obstinada
23. A não ser mais desvalorizada
24. Então fica a dica pra você, babaca
25. Nós mulheres somos superioridade
26. Da nossa sociedade democrata.

O poema 11 “Racismo” transcrito abaixo e digitalizado no ANEXO C (p. 269) deste trabalho é de autoria de K. T. O poema é constituído por 6 estrofes, possui poucas rimas (versos 3, 5, 12, 13, 20, 22) sendo a maioria dos seus versos livres. O poema tem uma cadência e ritmo melódicos. A autora faz uso de uma figura de linguagem: a comparação (versos 14 a 16). Trata-se de um poema protesto contra o racismo da sociedade em relação às pessoas negras, uma das temáticas preferidas dos *slammers*, visto que, em sua grande maioria, eles são negros e da periferia.

Poema 11
Racismo
K. T. (sexo feminino)

1. Você pode ser preto
2. Pode ser gordo
3. Pode ser magro
4. De qualquer forma
5. Você é julgado.
6. Só porque sou preto
7. Devo ser escravo?
8. Já imaginou se
9. O branco fosse escravo?
10. Já imaginou o branco
11. Levando chicotadas?
12. Seria desagradável, né?

13. Pois é!
14. Foi assim que os pretos
15. Foram tratados
16. Feito animais.

17. O que adianta isso?
18. Todos somos humanos
19. Todos temos pé, perna
20. Braço e mão
21. Todos nós vivemos
22. Nesse mundo de ilusão.

23. E se você me julga
24. Por minha pele ser escura
25. Não me importo
26. Pois eu devo ter orgulho
27. E não o mundo.

28. E assim eu pergunto:
29. Essas pessoas que praticam o racismo
30. O que querem desse mundo?
31. Um mundo que só vive de guerra
32. E não de paz eterna?

O poema 12 “Abuso sexual” transcrito abaixo e digitalizado no ANEXO C (p. 243) deste trabalho é também de autoria de K. T. Este poema já foi citado na descrição da nossa metodologia, uma vez que, seu conteúdo nos chamou bastante a atenção. O poema é constituído por 05 estrofes, possui bastantes rimas externas (versos 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11 etc.), tem uma cadência e ritmo melódicos e de um tom bastante enfático, contundente. A autora utilizou a linguagem coloquial quando faz uso das palavras “descarado, cara-lavada, safado na última estrofe (32 e 33 versos). Trata-se de um relato pessoal triste em que a autora foi vítima de abuso sexual por parte do seu padrasto quando tinha 8 anos de idade. Este tema também é presente nos poemas do *Poetry Slam*.

Poema 12
Abuso sexual
K. T.

1. Uma menina
2. de apenas 8 anos
3. de nada sabia
4. nem mesmo o
5. que com ela acontecia
6. mas a pessoa que cometia
7. com certeza sabia
8. que o que ele fazia
9. não era coisa de humano
10. e sim de um animal
11. brutal.

12. E assim ele falava
13. “Vamos brincar de casinha”
14. E a menina
15. Que de nada sabia
16. Pensava:
17. “Essa deve ser
18. a brincadeira que brinco
19. com a minha mãe
20. e o meu papai”.

21. Mas não era
22. A brincadeira
23. Que ela brincava
24. Com sua mãe
25. E o seu papai
26. Era o abuso sexual.

27. Será que isso é humano?
28. Não, isso é um animal
29. Vai abusar de uma menina
30. Pra que isso?
31. Não bastava a mulher que tinha?

32. Homem descarado
33. Cara-lavada e safado
34. Abusa de um animal,
35. Quero dizer,
36. Nem eles por você
37. De ser abusado.

O poema 13 “Meu jeito” transcrito abaixo e digitalizado no ANEXO C (p. 236) deste trabalho é de autoria de S. P. Trata-se de um poema com poucos versos, de uma estrofe apenas e no qual percebemos muitas rimas externas (versos 2, 5, 7, 9, 6, 11, 14 etc.) e que possui ritmo e cadênci a melódicos. O autor utiliza a linguagem coloquial quando usa a palavra “bosta” (verso 8). Apesar de ser um poema pequeno, bem nos parece que seu autor conseguiu transmitir sua mensagem que se resume à questão de reafirmar sua identidade quanto a seus gostos serem diferentes do que seus amigos gostam, os quais parecem criticá-lo devido a isso. É tema recorrente nos poemas do Poetry Slam reafirmar a própria identidade, a liberdade de ser, a autoestima, a individualidade do ser humano, portanto, a temática do poema 13 está relacionada a isso também, uma vez que o eu lírico deseja apenas ser quem ele é independente da opinião dos outros.

Poema 13
Meu jeito
Samuel de Paula

1. Tem adolescente que rouba, fuma e mata

2. E ainda se acha os top
3. Eu não faço nada disso
4. E você vem me julgar
5. Porque eu escuto Kpop
6. Não gosto do seu estilo musical
7. Mas respeito
8. E você vem falar bosta
9. Porque não me entende direito
10. Kpop é bom cara
11. Kpop é legal
12. Mas se você não gosta
13. Vai lá ouvi o seu Plabio Vitar
14. Que tá “passando mal”
15. Eu não tô te obrigando a me amar
16. Não tô te obrigando a idolatrar o meu gosto
17. Afinal, nem todo mundo nasce com bom gosto
18. Como eu disse antes...
19. Eu te respeito
20. Não falo do seu jeito
21. Então sai de perto de mim
22. Com esse seu preconceito.

O poema 14 “Assédio a mulheres” transcrito abaixo e digitalizado no ANEXO C (p. 257) deste trabalho é de autoria de N. C. e M. V. Poema constituído por uma estrofe apenas composta em sua parte por versos livres. Suas autoras utilizam a linguagem coloquial quando empregam termos como “Rssss”, “tu vai”, “bundinha” (versos 6, 12 e 34 respectivamente). Percebe-se que o poema tem ritmo e cadência melódicos. Sua temática é a questão do machismo quando o homem objetifica a mulher atribuindo-lhe uma conotação puramente sexual e a responsabilizando por abuso sexual devido à forma como se veste. O eu lírico reforça a ideia de “Meu corpo é a minha casa” (verso 13) e que, portanto, é a mulher quem manda nele só podendo ser tocado com sua permissão.

Poema 14
Assédio a mulheres
N. C. e M. V. (sexo feminino)

1. Mulher!
2. Mulher!
3. Guerreira, corajosa
4. E ainda assim sofre esse assédio diariamente
5. “Gostosa hein, delícia”
6. Rsss Linda!
7. Essa é bem melhor
8. Mas não é o que ouvimos
9. “Gostosa” essa sim é o que ouvimos
10. São palavras fortes
11. Ouvimos de pessoas que nunca vimos
12. Oh! Que bundinha hein
13. Meu corpo é a minha casa

14. Tocar? Nem se atreva!
15. Mas infelizmente se atrevem
16. Nossa escolha? Não!
17. Mas por que?
18. Hummm, short curto hein!
19. Minha roupa não te dá o direito de me tocar
20. Meu corpo é a minha casa
21. E na minha casa quem manda sou eu!
22. Minha vagina não é lixo
23. Para suportar as suas tralhas
24. Respeita meu corpo
25. Respeita minha escolha
26. Seu tesão é problema seu
27. Experimenta transformar um pouco
28. O seu tesão em caráter
29. Mulher não é boneca para você brincar
30. Descabelar e depois jogar fora
31. Mulher tem que ser respeitada
32. Mulher não foi feita para ficar na cozinha
33. Mulher foi feita para ser amada, cuidada, respeitada
34. Meu amigo, não vem achando que tu vai
35. Chegar, tocar, usar, descabelar e sair fora.
36. Meu amor, eu vou te dizer uma coisa:
37. Não sou teu brinquedinho para você brincar
38. Quer brincar de boneca
39. Volta pro teu berço
40. Que é lá que é o lugar de criança.

Todos os poemas escritos pelos alunos, em maior ou menor grau, apresentaram alguns dos elementos poéticos que foram abordados durante o desenvolvimento da nossa proposta de intervenção, sejam eles mais formais, linguísticos, estéticos ou temáticos. Dentre as características mais recorrentes que pudemos perceber nos poemas dos alunos estão a intertextualidade, as rimas externas, os versos brancos, a linguagem coloquial e temáticas de relevância social como preconceito, racismo, corrupção e machismo. Sem desmerecer o trabalho de nenhum dos participantes, precisamos reconhecer que alguns poemas se sobressaíram em relação a outros, principalmente quando o tema (ou temas) abordado (s) – houve textos que abordaram mais de uma temática – tocava mais o público que assistiu ao evento “Leões do Slam”. E conforme salientamos no início deste tópico, o momento da performance também contribuiu para que alguns desses poemas se sobressaíssem ao gosto do público, não apenas a parte escrita foi responsável por isso. Lembramos, também, que a escritura dos poemas foi orientada pelo pesquisador, ao qual coube mais as correções gramaticais e não estéticas.

3.6 Análise dos resultados do questionário diagnóstico

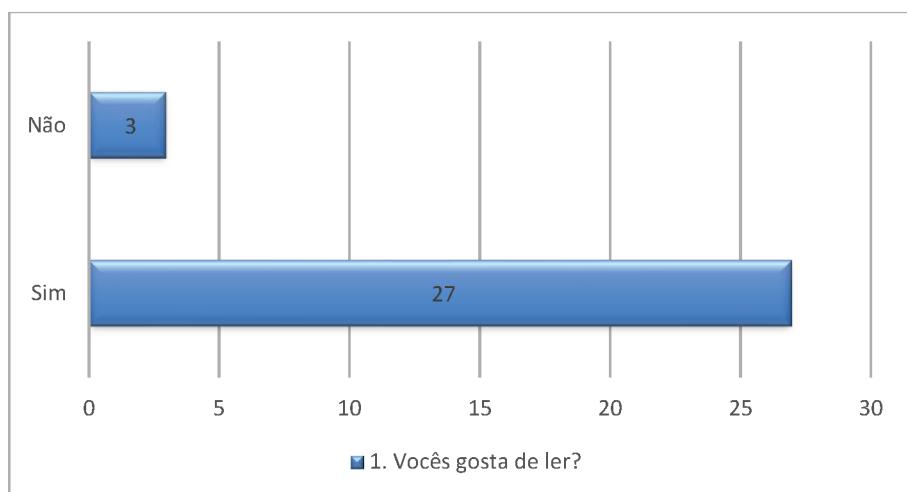
O questionário diagnóstico aplicado aos alunos do 9º ano C contou com 15 perguntas sendo que 10 foram apenas objetivas, portanto bastaram que os alunos assinalassem a(s) resposta(s) que quiseram. Algumas dessas perguntas objetivas possibilitaram mais de uma resposta inclusive. Pedimos aos alunos que levassem em consideração a leitura literária (explicamos que se tratava de textos literários: contos, crônicas, poemas, romances etc.) para que respondessem ao questionário.

Quanto às questões cujas respostas também foram abertas, uma das quatro – a de número 11 – só foi respondida caso o aluno tivesse escolhido a opção “Sim”. Para as outras três questões (1.b, 10 e 14), os alunos comentaram suas escolhas quem assim o quis fazer. A questão de número 7 foi exclusivamente aberta. Apesar de ter incentivado os alunos para que respondessem a todas as perguntas do questionário, pouquíssimos deixaram uma ou outra questão em branco.

O objetivo principal desse questionário diagnóstico foi o de verificar o interesse dos alunos por leitura literária e, mais especificamente, pela leitura e escrita de poesia. No dia da aplicação, faltou um aluno, portanto, 30 alunos responderam ao questionário. As respostas não foram calculadas em porcentagem, visto que em algumas das questões os alunos puderam escolher mais de uma resposta. Calculamos os resultados do questionário pela quantidade de respostas dadas à respectiva alternativa dentre os 30 alunos que responderam ao questionário.

A primeira análise refere-se à pergunta: “Você gosta de ler?”. Para essa pergunta, 27 alunos responderam “sim” e 3 alunos responderam “não”. Esse resultado nos surpreendeu, visto que costumamos pensar que nossos alunos não gostam de ler. E, nesse caso, a grande maioria disse que gosta de ler conforme demonstra a Figura 1.

Figura 1 – Você gosta de ler?



Fonte: O próprio autor.

A segunda análise refere-se à pergunta: “Se sua resposta foi “sim”, o que você mais gosta de ler?”. Nesta pergunta, os alunos puderam escolher quantas opções desejassem dentre as alternativas apresentadas na questão, inclusive, a opção “outros” que deveria ser complementada na próxima pergunta 1.b. Para esta questão obtivemos os seguintes resultados: 12 escolhas para os “Gibis” e “Outros”, respectivamente; 9 escolhas para “Contos”; 10 escolhas para “Poesias”; 10 escolhas para “Romances”. Conforme demonstra a Figura 2 podemos perceber uma preferência da maioria pelos gibis e por outros tipos de leitura os quais serão mencionados na próxima pergunta. Houve um empate entre a poesia e o romance, os quais ficaram como segunda opção e os contos ficaram em terceira opção. Quanto ao gênero poema, consideramos o resultado interessante pois esperávamos uma quantidade menor uma vez que esse gênero não é muito trabalhado em sala de aula. Os alunos que marcaram a opção “Outros”, esclareceram o que eles mais gostam de ler na questão 1.b.

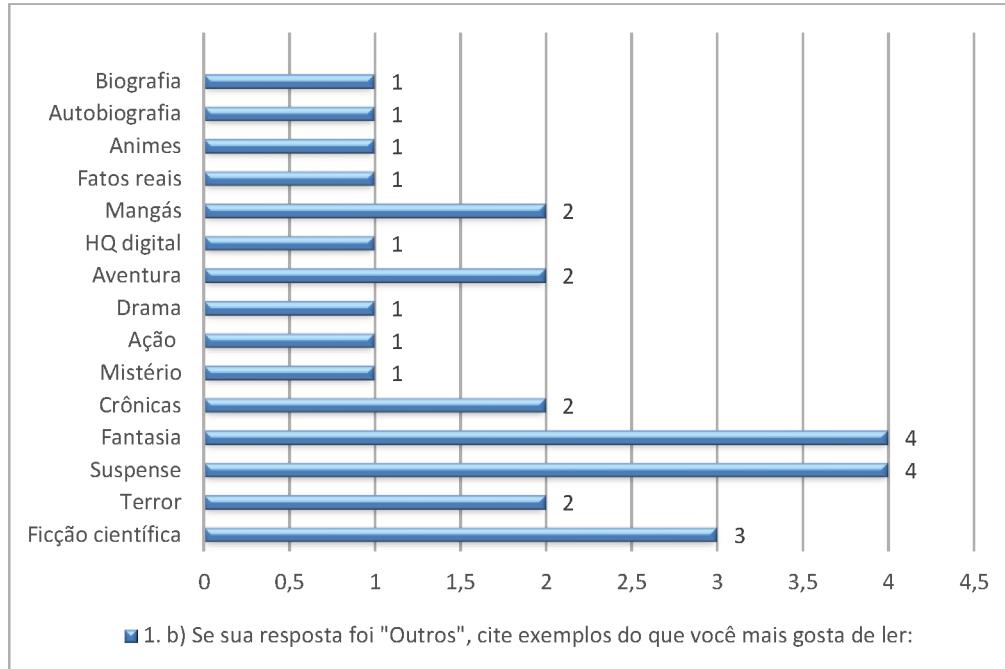
Figura 2 – Se sua resposta foi “sim”, o que você mais gosta de ler?



Fonte: O próprio autor.

A terceira análise refere-se à pergunta: “Se sua resposta foi “Outros”, cite exemplos do que você mais gosta de ler”. Os alunos puderam escrever em suas respostas mais de uma opção como “Outros” nesta pergunta. Os resultados obtidos foram os seguintes: 1 escolha para “Biografia”, “Autobiografia”, “Animes”, “Fatos reais”, “HQ digital”, “Drama”, “Ação” e “Mistério” respectivamente; 2 escolhas para “Mangás”, “Aventura”, “Crônicas” e “Terror”, respectivamente; 3 escolhas para “Ficção científica” e 4 escolhas para “Fantasia” e “Suspense”, respectivamente. Essas opções não foram sugeridas no questionário, os próprios alunos que as relacionaram. Conforme demonstra a Figura 3, podemos perceber que todos os gêneros mencionados nesta parte do questionário são narrativos essencialmente. Dentre os preferidos se destacaram a fantasia, o suspense e a ficção científica.

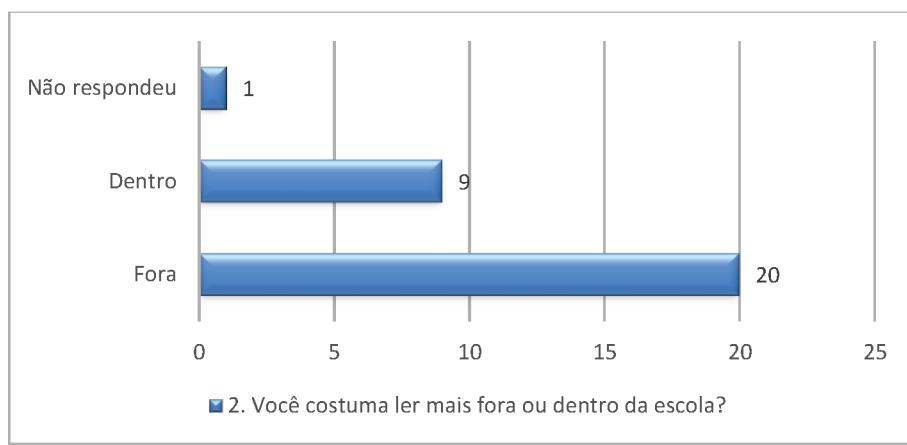
Figura 3 – Se sua resposta foi “Outros”, cite exemplos do que você mais gosta de ler:



Fonte: O próprio autor.

A quarta análise se refere à pergunta: “Você costuma ler mais fora ou dentro da escola?”. Os resultados obtidos foram: 1 aluno não respondeu; 9 alunos responderam “Dentro” e 20 alunos responderam “Fora”. Conforme demonstra a Figura 4 podemos concluir que a prática da leitura por parte desses alunos acontece mais fora da escola visto que, muitas das leituras escolares, são encaminhadas para serem realizadas em casa.

Figura 4 – Você costuma ler mais fora ou dentro da escola?

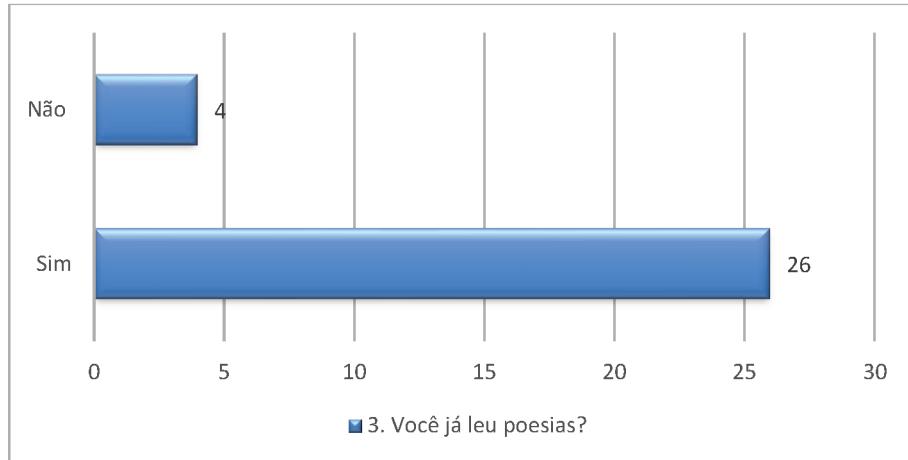


Fonte: O próprio autor.

A quarta análise se refere à pergunta: “Você já leu poesias?”. Os resultados obtidos foram: 4 alunos responderam “não” e 26 responderam “sim”. Conforme demonstra a Figura 5, a maioria dos alunos já leu poesias. O que nos surpreendeu nesta questão foram os 4 “nãos”

visto que, pressupúnhamos, que em alguns momentos da vida escolar e/ou familiar, os alunos já tivessem mantido contato com esse gênero literário.

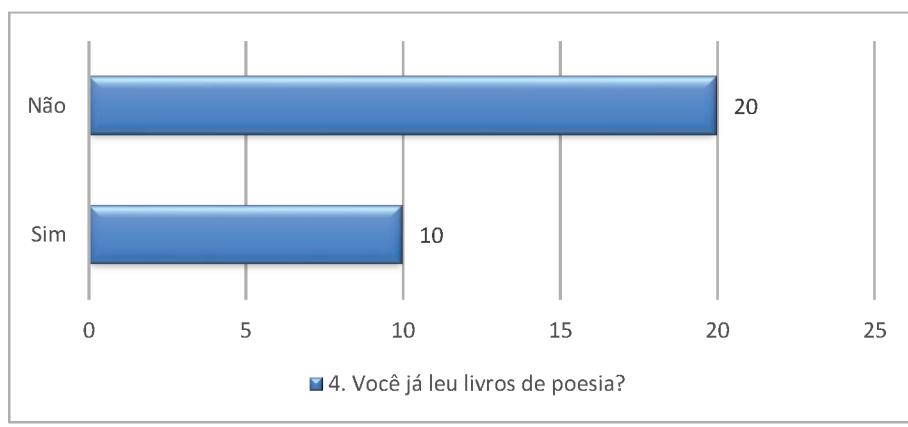
Figura 5 – Você já leu poesias?



Fonte: O próprio autor.

A quinta análise se refere à pergunta: “Você já leu livros de poesia?”. Os resultados obtidos foram: 20 alunos responderam “não” e 10 alunos responderam “sim”. Conforme demonstra a Figura 6, o resultado revelou que a maioria dos alunos nunca leu um livro especificamente de poesia, pois nosso objetivo com esta pergunta foi de saber se os alunos costumam ler poesia em livros do gênero e não apenas em outras fontes aleatórias como redes sociais, sites, blogs, YouTube, jornais, revistas etc.

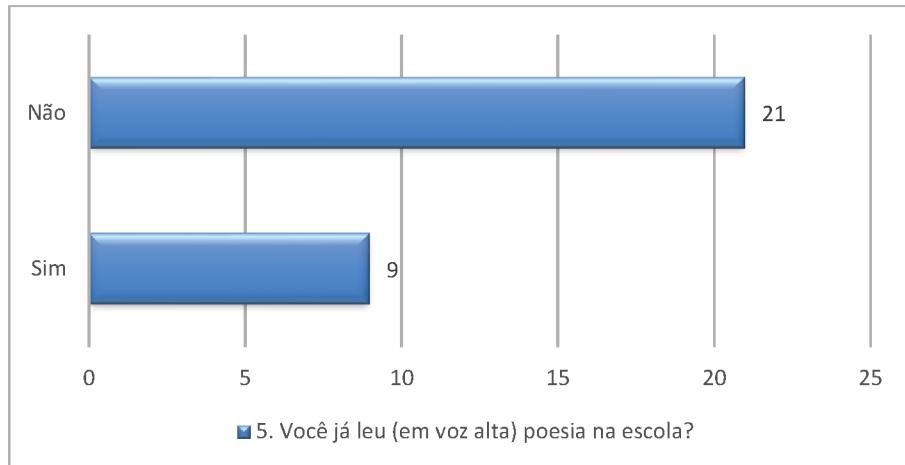
Figura 6 – Você já leu livros de poesia?



Fonte: O próprio autor.

A sexta análise se refere à pergunta: “Você já leu (em voz alta) poesia na escola?”. Os resultados obtidos foram os seguintes: 21 alunos responderam “não” e 9 alunos responderam “sim”. Conforme demonstra a Figura 7 podemos concluir que essa prática de leitura (em voz alta) por parte dos alunos realmente não acontece com frequência na escola, pois uma grande minoria nunca leu em voz alta poesia na escola.

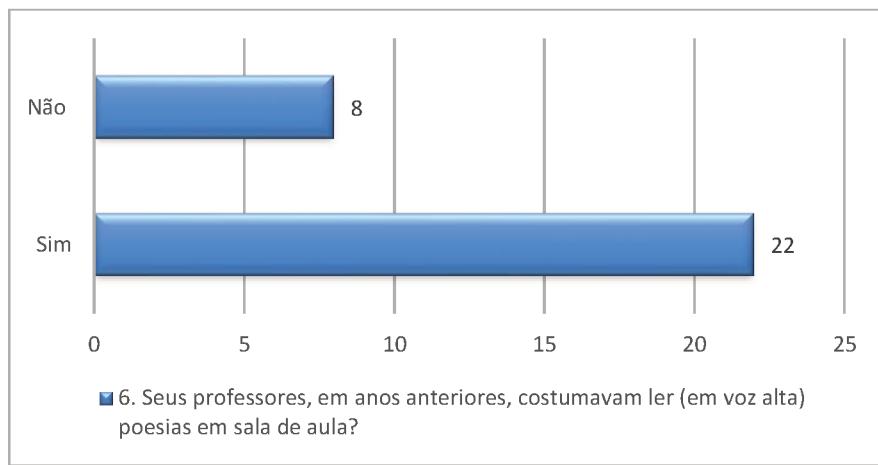
Figura 7 – Você já leu (em voz alta) poesia na escola?



Fonte: O próprio autor.

A sétima análise se refere à pergunta: “Seus professores, em anos anteriores, costumavam ler (em voz alta) poesias em sala de aula?”. Os resultados obtidos foram: 8 alunos responderam “não” e 22 alunos responderam “sim”. Conforme demonstra a Figura 8 podemos concluir que os professores da maioria desses alunos leram para eles poesia em voz alta na sala de aula.

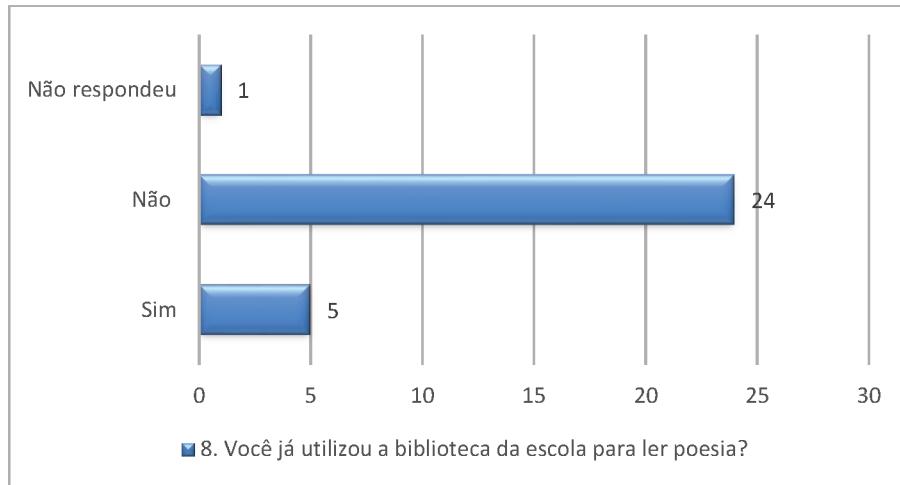
Figura 8 – Seus professores, em anos anteriores, costumavam ler (em voz alta) poesias em sala de aula?



Fonte: O próprio autor.

A oitava análise se refere à pergunta: “Você já utilizou a biblioteca da escola para ler poesia?”. Os resultados obtidos foram: 1 alunos não respondeu; 24 alunos responderam “não” e 5 alunos responderam “sim”. Conforme demonstra a Figura 9, a maioria desses alunos não utiliza a biblioteca da escola para ler poesia. Com esta pergunta pretendemos averiguar se os alunos costumam ler poesia quando estão na biblioteca.

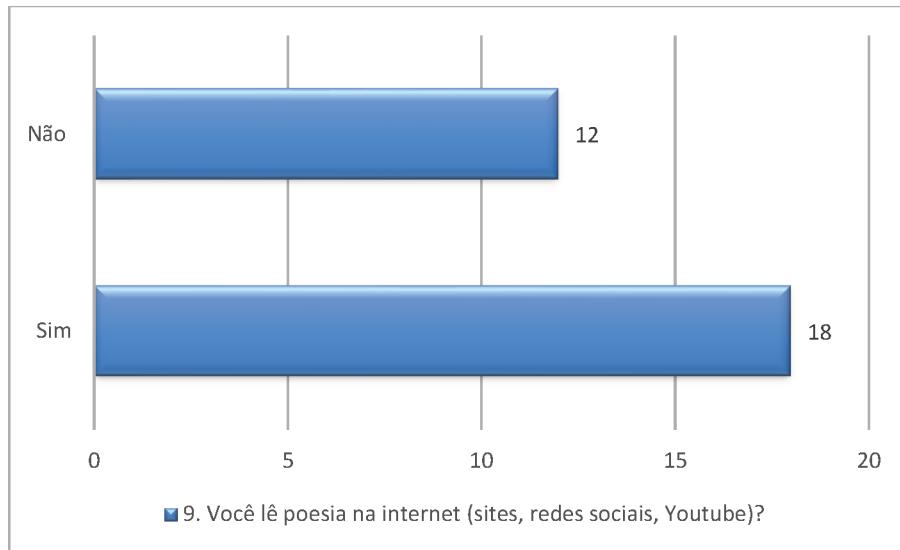
Figura 9 – Você já utilizou a biblioteca da escola para ler poesia?



Fonte: O próprio autor.

A décima análise se refere à pergunta “Você lê poesia na internet (sites, redes sociais, YouTube)?”. Os resultados obtidos foram: 12 alunos responderam “não” e 18 alunos responderam “sim”. Conforme demonstra a Figura 10 podemos concluir que a maioria desses alunos leem poesia na internet.

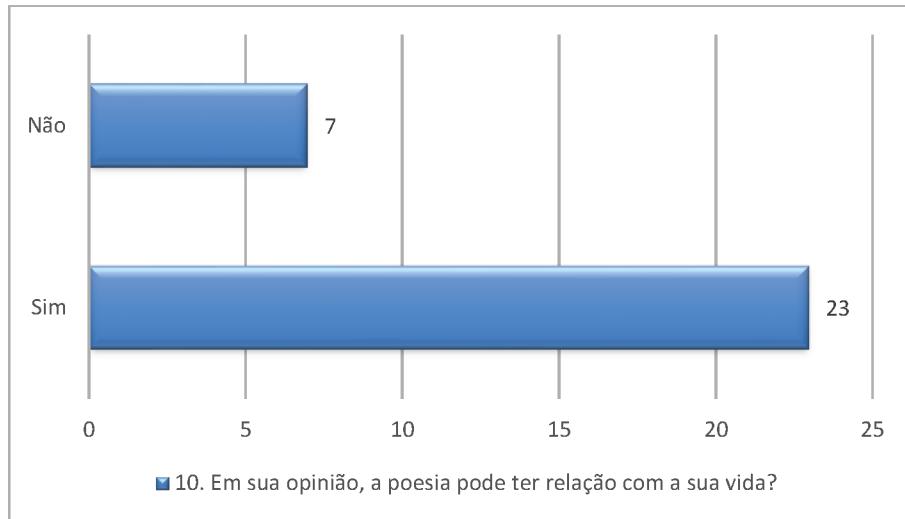
Figura 10 – Você lê poesia na internet (sites, redes sociais, YouTube)?



Fonte: O próprio autor.

A décima primeira análise se refere à pergunta: “Em sua opinião, a poesia ter relação com a sua vida?”. Os resultados obtidos foram: 7 alunos responderam “não” e 23 alunos responderam “sim”. Conforme demonstra a Figura 11 podemos concluir que a maioria dos alunos concordam que a poesia pode ter relação com a vida deles.

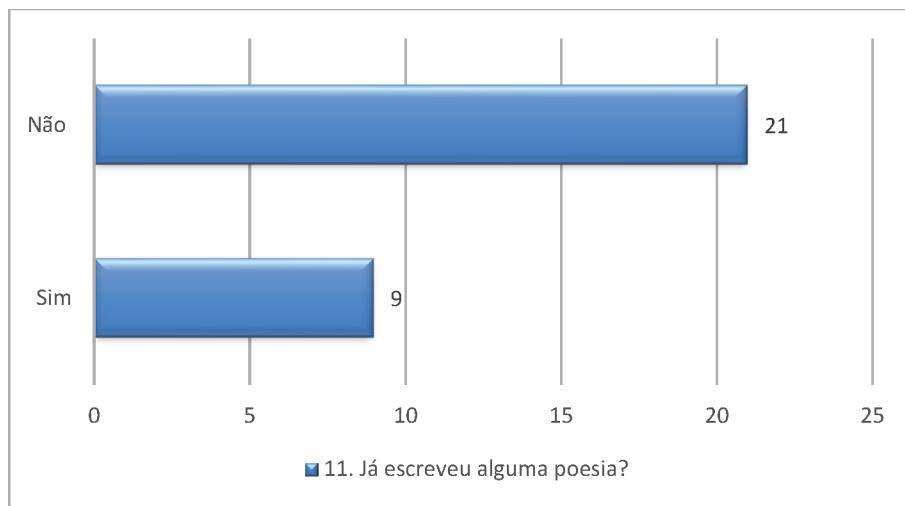
Figura 11 – Em sua opinião, a poesia pode ter relação com a sua vida?



Fonte: O próprio autor.

A décima segunda análise se refere à pergunta: “Já escreveu alguma poesia?”. Os resultados obtidos foram: 21 alunos responderam “não” e 9 alunos responderam “sim”. Conforme demonstra a Figura 12 concluímos que a maioria desses alunos nunca escreveram um poema.

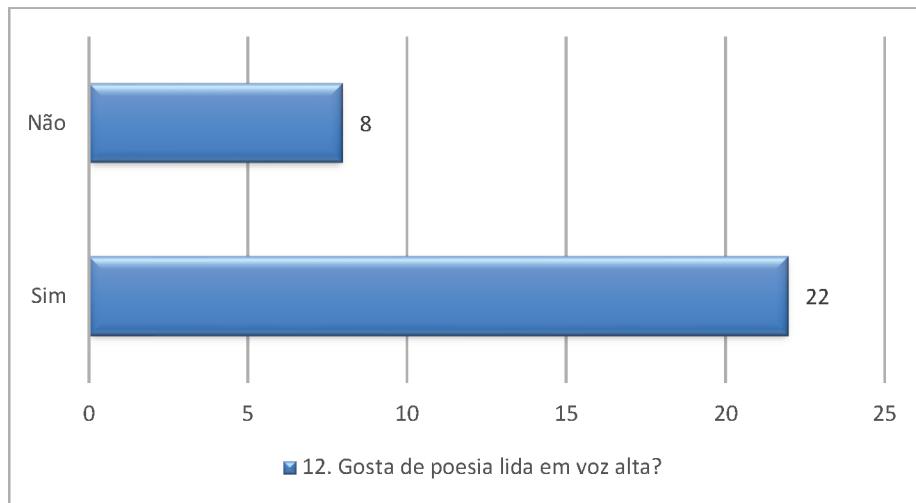
Figura 12 – Já escreveu alguma poesia?



Fonte: O próprio autor.

A décima terceira análise se refere à pergunta: “Gosta de poesia lida em voz alta?”. Os resultados obtidos foram: 8 alunos responderam “não” e 22 alunos responderam “sim”. Conforme demonstra a Figura 13 podemos concluir que a maioria dos alunos gostam de poesia lida em voz alta.

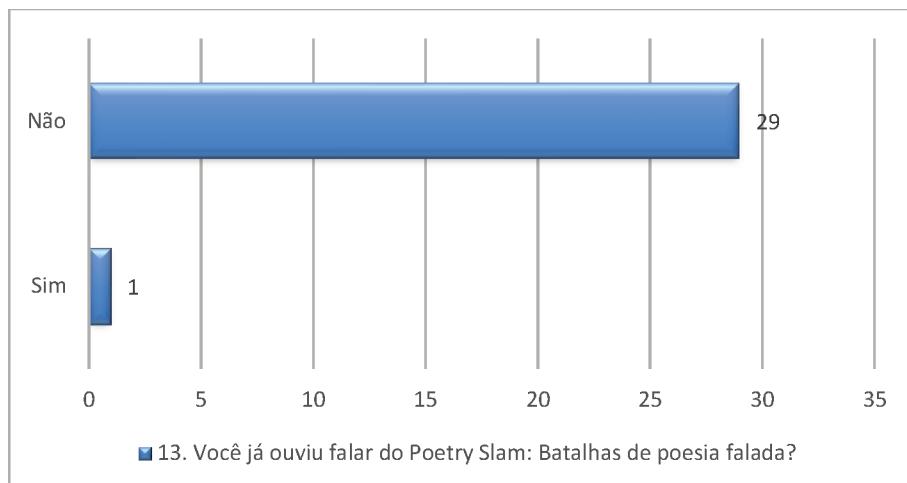
Figura 13 – Gosta de poesia lida em voz alta?



Fonte: O próprio autor.

A décima quarta análise se refere à pergunta: “Você já ouviu falar do *Poetry Slam*: Batalhas de poesia falada?”. Os resultados obtidos foram: 29 alunos responderam “não” e 1 aluno respondeu “sim”. Conforme demonstra a Figura 14 podemos concluir que quase todos os alunos não conhecem o *Poetry Slam*.

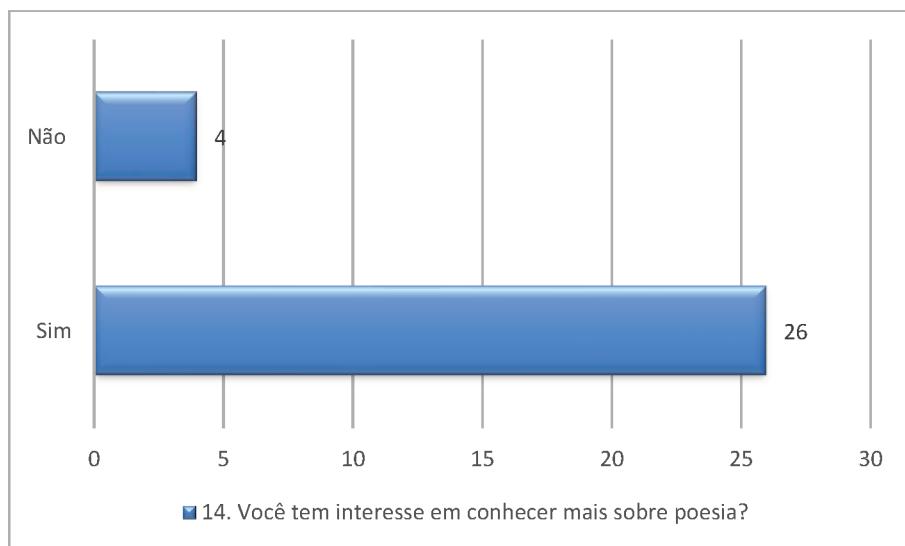
Figura 14 – Você já ouviu falar do *Poetry Slam*: batalhas de poesia falada?



Fonte: O próprio autor.

A décima quinta análise se refere à pergunta: “Você tem interesse em conhecer mais sobre poesia?”. Os resultados obtidos foram: 4 alunos responderam “não” e 26 alunos responderam “sim”. Conforme demonstra a Figura 15 podemos concluir que a maioria desses alunos tem interesse por aprender mais sobre poesia.

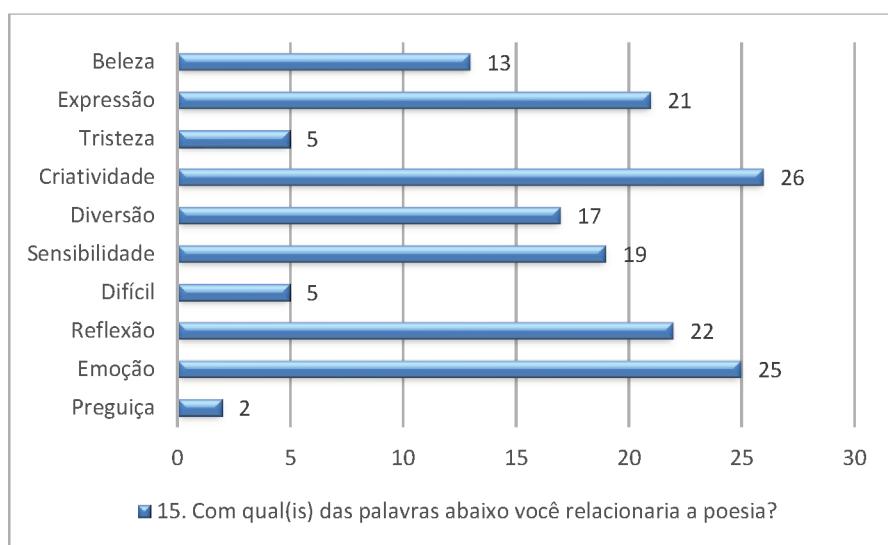
Figura 15 – Você tem interesse em conhecer mais sobre poesia?



Fonte: O próprio autor.

A décima sexta análise se refere à pergunta: “Com qual(is) das palavras abaixo você relacionaria a poesia?”. Os resultados obtidos foram: 13 escolhas para “Beleza”; 21 escolhas para “Expressão”; 5 escolhas para “Tristeza” e “Difícil”, respectivamente; 26 escolhas para “Criatividade”; 17 escolhas para “Diversão”; 19 escolhas para “Sensibilidade”; 22 escolhas para “Reflexão”; 25 escolhas para “Emoção” e 2 escolhas para “Preguiça”. Conforme demonstra a Figura 16 podemos concluir que a maioria desses alunos associam poesia a criatividade, emoção, reflexão, expressão, sensibilidade e diversão, principalmente, criatividade e emoção. Pouquíssimos a associam a tristeza, difícil e preguiça.

Figura 16 – Com qual(is) das palavras abaixo você relacionaria a poesia?



Fonte: O próprio autor.

A décima sétima análise se refere à questão exclusivamente aberta de nº 7 “Como você diferencia uma poesia de outros tipos de texto?”. A maioria dos alunos destacou que diferencia a poesia de outros tipos de textos literários através dos elementos formais, ou seja, das rimas, estrofes e versos. Alguns disseram que por se tratarem de textos com “parágrafos pequenos”, provavelmente estejam se referindo às estrofes. Um dos alunos respondeu que é porque poesia “mexe com nossos sentimentos”. Como podemos ver, os aspectos formais se sobressaíram: versos, rimas e estrofes.

A décima oitava análise se refere à segunda parte da questão de nº 10 “Em sua opinião, a poesia pode ter relação com a sua vida? Comente sua resposta?”. Neste caso, independente da resposta escolhida “sim” ou “não”, o aluno comentaria sua resposta. Lembramos que na parte objetiva da questão 23 alunos responderam “sim” e 7 alunos responderam “não”, ou seja, a maioria dos alunos concorda que a poesia pode ter relação com a vida deles. Dentre vários comentários concordantes, destacamos: “pode retratar uma realidade vivida por você”, “porque a poesia está em tudo que fazemos, que pensamos e no que acontece com a nossa vida”, às vezes a poesia te define muito bem”, “pode te fazer ver o mundo de uma forma diferente”, “às vezes fala histórias parecidas com a sua”, “existem poesias com lições de vida, de preconceito”, “pode mudar seu jeito de viver”, “aprende coisas surpreendentes como ver as pessoas de outro jeito, aprende a amar e a conviver”, “fala da vida, da natureza”, “quanto mais a gente lê, mais a gente aprende” e outros semelhantes. Poucos alunos discordaram que a poesia pode ter relação com a vida deles. Os comentários foram: “porque não faz sentido”, “porque minha vida é louca”, “porque não acho poesia legal, acho chato”, “nunca tive muita intimidade com a poesia” e “porque não vai alterar em nada a minha vida”.

A décima nona análise se refere à segunda parte da pergunta de nº 11 “Já escreveu alguma poesia? Se sua resposta foi “sim”, o que você achou?”. Nesta questão, os alunos comentariam suas respostas caso a opção escolhida fosse “sim”. Lembramos que na parte objetiva da questão 9 alunos escolheram “sim” e 21 alunos escolheram “não”, ou seja, a maioria deles nunca escreveu poesia conforme demonstram os resultados apresentados no questionário. Os alunos que respondeu “sim”, ou seja, que já escreveram poesia, de uma forma geral, comentaram o seguinte: “foi uma experiência boa”, “achei legal, interessante”, “a princípio achei muito difícil, mas com o tempo foi ficando mais fácil e me deu a sensação de alívio”, “achei divertido”, “achei bem interessante, uma forma das pessoas se expressarem com eu fiz”, “gostava de escrever pequenos poemas quando ia pra casa da minha prima, nós fazia caderno de poemas para guardar”, “legal” e “a minha poesia foi palavras de emoção relatando sobre a minha vida, sobre a minha infância”. Podemos concluir pelos comentários

dos alunos que já escreveram poesia que, de maneira geral, eles gostaram da fazê-lo, ou seja, escrever poesia para eles foi uma experiência positiva.

A vigésima análise se refere à segunda parte da pergunta de nº 14 “Você tem interesse em conhecer mais sobre poesia? Comente sua resposta”. Para esta questão os alunos comentariam suas respostas independente da opção escolhida na primeira parte da pergunta “sim” ou “não”. Lembramos que na primeira parte da questão 26 alunos responderam “sim” e 4 alunos responderam “não”, ou seja, a maioria deles demonstraram ter interesse por conhecer mais sobre poesia conforme revelam os resultados obtidos com o questionário. Dentre os vários comentários favoráveis à pergunta, destacamos: “porque é interessante escrever poesia e também é bom”, “quero ter mais contato, me expressar nelas, por tudo para fora meus pensamentos e saberes”, “parece ser um tipo literário que emociona muito a gente”, “acho bem legal brincar com as palavras”, “pretendo aprender mais com ela”, “a poesia me faz refletir mais sobre as coisas”, “porque é mais intensa com as palavras que existem nas poesias, tem vida, me identifico muito, principalmente poemas sobre amor”, “porque conheço pouco de poesia”, “a gente se envolve nela”, “porque admiro as falas, as rimas”, “queria conhecer mais os autores que escrevem poesias mais lidas”, “é algo diferente, o Brasil tem muitos poetas e não é tão comum ser lida nas escolas” e outros semelhantes. A partir desses comentários dos alunos podemos concluir que a maioria deles se interessam em aprender mais poesia por associarem-na à aprendizado, à beleza, à emoção, à reflexão, à liberdade de expressão, à identificação com o gênero.

Quanto aos comentários negativos em relação à pergunta, foram: “não curto muito, tenho preguiça e acho chato”, “porque não gosto”, “não me interesso, não conheço muitas poesias do meu estilo” e “porque não gosto, acho bonito como as pessoas se expressam, mas não é meu estilo”. Aqui podemos perceber que a falta de interesse por aprender mais sobre poesia está mais associado ao fato de não gostarem do gênero sejam porque o consideram chato ou por não se identificarem com o mesmo.

O objetivo principal desse questionário diagnóstico foi o de verificar o interesse dos alunos por leitura literária e, mais especificamente, pela leitura e escrita de poesia.

Resumidamente, com base nos objetivos inicialmente estabelecidos com este questionário de verificar o interesse dos alunos por leitura literária e, mais especificamente, pela leitura e escrita de poesia, podemos concluir que os alunos do 9º ano C, da escola municipal Hilda Leão Carneiro, do município de Uberlândia/MG, de uma maneira geral, gostam de ler (ressaltamos, leitura literária), inclusive poesia – embora não seja o gênero literário preferido da maioria o que justifica, de certa forma, a maioria deles nunca ter lido

livros de poesia, mas a leem aleatoriamente na internet, em sites, redes sociais e no YouTube, e, também, concordam que a poesia pode ter relação com a vida deles, sim. Eles associam poesia à criatividade, reflexão, emoção e forma de expressão. Poucos deles tiveram a experiência com a escrita poética e esses que a tiveram declararam ter sido positiva. Os alunos demonstraram também que gostam de poesia lida em voz alta e a maioria deles já tiveram professores que costumavam ler poesia em voz alta na sala de aula para eles, o que, de certa forma, também pode ter contribuído para que eles gostassem desse tipo de leitura. Para diferenciar o poema dos demais gêneros literários a maioria destacou os elementos formais do texto: verso, rima e estrofe. A maioria também revelou nunca ter ouvido falar sobre o Poetry Slam. E, por fim, grande parte deles demonstrou interesse por aprender mais sobre poesia.

3.7 Análise das avaliações dos alunos ao final da intervenção

Na aula seguinte à final do “Leões do Slam”, solicitamos aos alunos que avaliassem toda a proposta de intervenção que culminou na realização de um campeonato de poesia falada, “Leões do Slam”. Esta avaliação foi feita através de uma produção textual, na qual os participantes da pesquisa puderam expressar suas opiniões. Destacamos neste subtópico alguns trechos dessas avaliações e também colamos abaixo reproduções escaneadas dessas mesmas avaliações em sua íntegra.

Aproveitamos as próprias palavras dos alunos para resumir suas avaliações: “não gostava muito de poemas até conhecer o *slam*”, “não imaginei que seria tão comovente”, “bem diferente do que eu imaginava”, “divertido”, “um jeito de dar voz aos alunos”, “fez com que eu abrisse a minha mente e percebesse que qualquer pessoa pode fazer um poema. Eu mesmo quero levar a poesia para a vida toda, escrevendo poesias para mim mesma ler”, “o *slam* foi o que me fez gostar de poemas (...) eu odiava poesia mas o *slam* fez eu começar a gostar. Mudou tudo o meu pensamento e o meu jeito jeito de ver as coisas hj tudo o que eu vejo eu penso no *slam*”, “o bom também foi saber e escutar cada um”, “tivemos muitas emoções quase chorei de tanta emoção”, “esse projeto foi bão porque foi uma forma de se expressar e de perder a vergonha de se apresentar em público”, “eu pude criar gosto por poesia e expressar, por meio da poesia, o que eu sinto”, “tive a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre os sentimentos de meus amigos”, “não tenho palavras para explicar só o que eu posso dizer sangue tô zuando SLAMMERICO”, “as apresentações foram incríveis”, “foi tudo perfeito”, “o *slam* foi a melhor coisa que eu conheci esse ano”, “espero um dia fazer de novo”, “quero que continue esse projeto na escola”, “levarei esta lembrança em minha memória”, “foi incrível cada um com suas ideias, seus poemas e suas críticas”, “cada arrepió,

cada lágrima, valeu a pena”, “Poesia sempre foi na minha vida um tipo de texto que só lia quando algum professor passava. Depois que conheci o *slam*, passou a ser um tipo de texto em que eu mesma faço, procuro e leio com muito gosto. A experiência de ter feito um poema com minhas próprias palavras e sentimentos, foi memorável e apresentá-lo foi uma barreira a ser quebrada. O *slam* despertou em mim o gosto pela literatura e poesia”.

De um modo geral percebemos por meio dessas avaliações que os alunos avaliaram positivamente a proposta de intervenção com o gênero literário poema que desenvolvemos com eles. Muitos desses alunos passaram a gostar de poesia: ler poesia, ouvir poesia, escrever poesia. Além disso, aprenderam a valorizar a escuta, a superar desafios, a respeitar os sentimentos do outro, a valorizar a história de vida de cada um deles.

O *Slam* 

O *Slam* foi uma forma de conhecer melhor a poesia e como também de se expressar o sentimento de cada um. Eu tive muita interesse pelas meus amigos a conhecer a poesia porque até então não conhecia muita e me peguei pensando melhor as coisas em minha volta. Gostei muito de fazer o *Slam*.

Provação do Slam

For tudo perfeito, amei cada momento, cada poema, quero que continue esse projeto na escola!

Leões do Slam

Eu acho o trabalho bem divertido e legal, ele foi algo bem diferente do que eu imaginava que eu faria no 9º ano, mas me chamou bastante atenção. Os trabalhos e as apresentações ficaram incríveis.

Bom O Slam é uma forma elocuente de discursar, expressar através de poemas. É um movimento muito bom para poder apontar coisas negativas como poder ver a sua opinião de forma é o mais importante da história.

O Slam foi a melhor coisa que eu conheci esse ano, eu aprendi a escrever poemas e palavras e Italy mais foi uma ótima experiência na minha vida.

Valeu professor América.

sobre o Slam Apelação

O Slam é muito bom, não imaginei que isso fosse tão comotente, gostei das apresentações, dos palavrões e etc...
Tudo foi incrível, amei cada poema.
E deseo que continue esse projeto na escola, sou um alunho podido desabutar uma demonstração do poema.
Aprendi várias coisas com os poemas, cada avanço, cada lograda, valeu a pena!

Lecão do Slam

Gostei bastante, foi minha primeira experiência com o Slam, muitas pessoas também fizeram essa experiência e muitas, e desfrutaram o poema, se tinha agradado.

Leão do Slam

Foi bom
Foi legal
No somente em poesia meio chato
mas até que é legal demais.

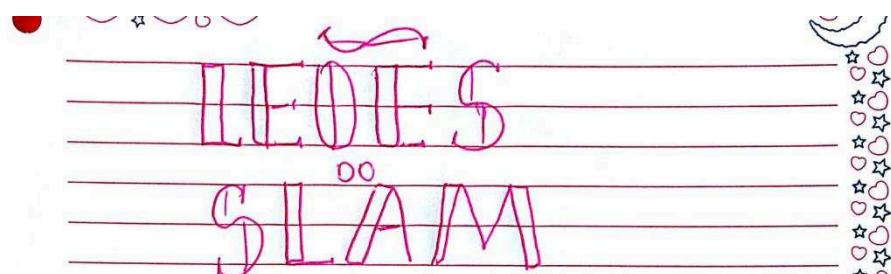
/ /

Lírios do Slam.

Eu aprendi bastante a escrever poemas e também nunca tinha escrito poema e gostei da ideia de trazer esse projeto chamado Slam pra escola ~~que~~ e que eu gostei bastante de talento de cada um e dos poemas de ontem e também que esse projeto sempre continua sempre na escola e também agora agradeço pelo professor ter trazido esse projeto.

Lírios do Slam.

Bom o Slam é uma roda de poesia, nunca tinha visto um competição que vendo Slam, unica ideia de coisa que eu só tinha visto é a Batalha de Rima, que é praticamente a mesma coisa. O Slam para mim ajuda a escutar outros, se possivelmente não optava nesse tipo de poesia, só que o Slam deixa mudar nisso, é isso que é o Slam para mim é muito "pô".



Gostei muito da experiência de fazer Slam, fazer poemas foi uma experiência diferente e bem legal, não gostava muito de poemas até conhecer o Slam,achei muito interessante. Eu gostaria de fazer novamente poemas, para apresentar, mas tempo vergonha. Mas enfim, foi muito bom.

Eu gostei muito do Slam, uma experiência muito legal porque meus amigos me ensinaram um poema, mas eu gostei muito, agora sei porque através dos poemas muitas pessoas expressam seus sentimentos, suas opiniões, é um jeito de dar voz aos alunos.

Lerão do Slam

Eu nunca tinha ouvido falar sobre o slam. E quando comecei a estudar e a conhecer o slam eu gostei muito, a forte ideia e opinião que o slam traz é muito bom sentir, a sensação é de, chega até correr.

Bom me começo quando eu veio essa palestra slam não sabia o que era mais fiquei muito curioso muito porque se tratava de um longo das aulas os vídeos que o professor passou comecei a ver a maioria deles e entender melhor sobre o que se tratava e achei uma ótima super forma de fazer batalhas de poesia uma coisa nova e diferente mais meus massas e algumas ótimo lindas.

E mais foi só isso a ideia de fazer meus próprios compromissos de batalhas de poesias foi incrível cada um com suas ideias suas poemas e suas críticas bem legal foi essa experiência incrível espere um dia fazer elas

O Saram me convida para ser seu novo escritor, chato como o poeta que ele acha muito chato, mas depois dessa experiência em público que não é devo ficar subjugado ou viver sem nunca meus ter passado por aquilo mas em vez disso eu quero muito achar mais coisas novas apreender expressar meus sentimentos em uma forma que não é de parecer idiota e nem legal.

1

Costei muito desse projeto, fui com que era desse e minha mente e precisou que qualquer pessoa pode fazer um poema. Eu pensei que fazer um poema devia ser difícil, mas não, preciso a gente falar da minha vida. Pensei também que muitos alunos não tinham a paixão para a vida, fazendo suas histórias, protetendo em si mesmo de chorando, chorando suas maiores medos ou maiores roubos.

Eu mesmo quei quer a paixão para a vida, fazer, chorando paixão para mim mesma Eu.

Eu mostrei muito desse projeto para fa ilha forma de se expressar em forma de poema.

Conseguir passar sua primeira e sua segunda redação, queria ter bencido suas más consegui, e mas meus últimos estou feliz, expressar os meus sentimentos.

É certo com certeza levo-me ista lembrança em minha memória, e que várias pessoas podem ter a mesma oportunidade de que eu, em poder expressar em público as suas ideias.

DSTQASS

Reções do Slam.



Slam foi o que me fez gostar de poema eu não conhecia o Slam e nunca pensei em fazer um. Eu não imaginava que eu iria gostar de algo parecido com o Slam. Eu odiava poesia mas o Slam fez eu começar a gostar do Slam mudou tudo o meu pensamento e meu jeito de ver as coisas. hj tudo o que eu vejo eu penso no slam.

DSTQASS

Slam

DSTQASS

Eu achei bem diferente e interessante e foi uma forma bem legal de conhecer poemas, de fazer e aprender mais sobre eles. Tô também achando legal porque escutamos e vimos o talento de cada um.

A forma de trabalhar, esforço e interesse, eu tive participação desse trabalho.

O bom também foi saber e escutar cada um, o Slam foi uma forma de expressar seus sentimentos.

Eu achei que o Slam mais meus com a gente ele nos inspirou de maneira tirando muitas emoções que se desviaram de tanta emoção e o Slam nos fez gostar mais de poesia os slammers ficaram muito bonito e os participantes foram muito bem desse se esforçaram os jurados também foram muito sinceros com relação as notas e não pularam nada de ninguém tivemos problemas com o som mas tirando isso foi muito bom e emocionante terceiro ~~15~~ música.

Leões do Slam

Foi muito bacá com seções
páginas ótimas muitas tempos diferentes
e esse projeto foi bacá porque foi
uma ótima forma de se expressar
e de pessoas se enganhar de se apresentar
em público etc.

Sobre o Slam eu fui da mo É. M.
Hilda São Conrado, eu gosto muito, é
delírmico, né? que é uma ótima
maneira das pessoas se expressar e
mudar suas ideias.

Espero realmente que os Leões do
Slam, não morram, mas sim continuem
avançando e ganhando mais pratas

De meu ponto de vista, a aula sobre
poesia do prof. Américo sobre o slam, foi algo que me
marcou muito, eu pude criar gosto por poesia
e expressar, por meio da poesia, o que eu sente.

Gostei muito e acho que isso tem que ser mais
aplicado, aqui, ou em outras escolas.

Foi um, é slam foi um, ótimo trabalho
de centro, mais sobre o poesia. Foi um
ótimo trabalho, é ótimo é maravilhoso na
hora de citar o poema. E mostrou como
soam os poemas tem um dom pra entender.

- Leões do Slam

LEÕES do SLAM

Poesia sempre foi na minha vida, um tipo de texto que eu só lia quando algum professor passava. Depois que conheci o Slam, passou a ser um tipo de texto em que eu mesma faço, procuro e leio com muito gosto.

A experiência de ter feito um poema com minhas próprias palavras e sentimentos, foi memorável, e apresentá-lo foi uma barreira a ser quebrada.

O Slam despertou em mim gosto pela literatura e poesia. Uma ótima experiência!

Intem foi especial por tudo o que aconteceu foi emocionante e muito intrigante enoçes ao extremo e meita Amizade e olhos voltados para o Amer simplesmente magnificas não tenho palavras pra explicar só o que esse pessoalzinho ronque de suonado
SLAM MERICO

↓ Sobre o Slam fui muito interessante
Slam é uma desemendação de pentada tipo o
Slam é bom para ajudar que o futebol de
despedir.

↓ Slam é de sonhar,
é de sonhar o que
desejar, é de sonhar
se desenredar.

↓ O Slam foi uma aprendizagem para mim,
me desenredou muito.

Leana Aparecida de Assis Marcelino 9ºC / Sala 03

Eu aprendi muitas coisas com o Slam, eu nun
café tinha tido tanto contato com a poesia, apesar
de gostar muito de música e de literatura.

No Slam eu tive a oportunidade de me expre-
ssar através da poesia expõe fatos que presencio
na minha vida a dir.

Tive oportunidade de conhecer um pouco
mais sobre os sentimentos de meus amigos. Para
mim o Slam tem que passar a fazer parte
cada dia mais da nossa cultura.

I LOVE

Slam

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gente só chega ao fim quando o fim chega! (BARROS, 2010, p. 407).

Neste capítulo revemos resumidamente o presente estudo procurando destacar seu objeto, o problema que norteou a pesquisa, os objetivos deste trabalho, a revisão bibliográfica sobre o tema, a metodologia utilizada, a proposta de intervenção aplicada em sala de aula, os resultados alcançados e, por fim, discorreremos um pouco sobre as possibilidades deixadas em aberto para futuras pesquisas sobre o assunto.

Conforme descrito na introdução deste trabalho, capítulo 1, o nosso objeto de estudo foi o letramento literário com o gênero poema, sua linguagem e seus vínculos com a cultura e a vida. O *Poetry Slam* – as batalhas de poesia falada – foi contemplado como parte da nossa proposta de intervenção em sala de aula. O problema que norteou nossa pesquisa foi o desinteresse dos alunos pelo gênero literário poema, agravado pela marginalização desse gênero na escola, principalmente, no Ensino Fundamental II.

Partindo desse contexto, nosso objetivo principal com o presente estudo foi o de elaborar e aplicar uma proposta de intervenção em sala de aula que contribuísse para promover o letramento literário com o gênero poema, proposta esta que foi realizada com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, na escola municipal Hilda Leão Carneiro, no município de Uberlândia/MG. Para isso investigamos, analisamos e refletimos sobre os estudos no ensino de Literatura – principalmente o uso de metodologias que pudessem ser utilizadas em sala de aula para trabalhar com o texto poético – que contribuíssem para o efetivo letramento literário com o gênero poema revisando uma bibliografia sobre o assunto. Elaboramos uma proposta de intervenção a partir da análise desses estudos dentro da qual colocamos atividades de leitura literária com poema de autores clássicos e de *slammers*, atividades que contemplaram elementos básicos de composição poética, atividades de escrita poética e organização de um *Poetry Slam* com os alunos participantes da pesquisa.

A metodologia que utilizamos no presente estudo foi a pesquisa-ação (ou pesquisa participante), uma vez que, a participação das pessoas envolvidas (alunos e pesquisadores) nos problemas que foram investigados foi fundamental, pois ambos contribuíram tanto na investigação do problema, na construção de uma provável solução e, principalmente, na aplicação da proposta de intervenção cujo intuito foi o de promover o letramento literário com o gênero poema.

Dentre os estudos teóricos contemplados no capítulo 2 desta pesquisa, destacamos a concepção de letramento literário nos documentos oficiais que norteiam o ensino de literatura

nas escolas brasileiras; salientamos o que estudiosos da área já escreveram sobre o assunto e investigamos até que ponto aqueles documentos oficiais estão em consonância com esses estudos. Além disso refletimos sobre a formação do leitor nesse processo de letramento literário, a importância da leitura subjetiva quando se trabalha com textos literários visando um leitor real cujo foco precisa ser na fruição do texto, mas sem esquecer de estimular no aluno a leitura crítica desses mesmos textos; investigamos também prováveis causas que colaboram com o desinteresse do aluno por poesia, causas essas que podem ser tanto de natureza intraescolar (relacionadas a aspectos que acontecem dentro da sala de aula e da escola) quanto extraescolar (aspectos que vão além da escola).

Ainda sobre essas prováveis causas, destacamos o preconceito das pessoas em geral de que poesia é difícil ignorando que todo texto oferece desafios para o leitor, alguns mais do que outros, claro, e que a pouca familiaridade com o gênero poema pode ser uma agravante dando a parecer que se trata de um gênero textual realmente difícil de ler. Ressaltamos também que a poesia pode contribuir para a formação integral do aluno: sua personalidade, seu crescimento intelectual e afetivo, sua compreensão da realidade e de si mesmo.

Ainda nos estudos teóricos sobre o nosso objeto de estudo, investigamos autores que propõem algumas alternativas interessantes para se trabalhar com a poesia na sala de aula de forma a aproximar cada vez mais o aluno desse gênero literário despertando nele gosto por esse tipo de leitura. Neste subtópico da nossa pesquisa salientamos a importância de que o professor – o mediador principal nesse processo de letramento literário – seja um leitor real de textos literários e que goste de poesia, principalmente, pois seu entusiasmo nesse processo pode ser contagioso fazendo com que se alcance melhores resultados que qualquer metodologia de leitura.

Nesta parte ainda destacamos a necessidade de trazer para a sala de aula a poesia popular brasileira: a literatura de cordel, o repente, o desafio de rima, a embolada e, inclusive o *Poetry Slam*, a fim de que os alunos perceberam a multiplicidade e a complexidade da produção simbólica de nossa sociedade, nela situando o que se convencionou chamar texto literário. E não apenas a poesia popular, mas os diversos gêneros literários, escritos e orais. Salientamos a importância da oralidade, da leitura em voz alta na sala de aula dos textos literários, tanto por parte dos alunos quanto por parte do professor, seja com o poema ou com a prosa, e a escritura de poemas por parte dos alunos, cuja capacidade tem sido subestimada pela escola, pois quase não se promove atividades dessa natureza ignorando que o letramento literário, inclui não apenas a formação leitora literária como também a escritura literária.

Realizamos também um estudo mais detalhado sobre o *Poetry Slam* por este ser contemplado na nossa proposta de intervenção. O Poetry Slam são batalhas de poesia falada cuja origem foi nos Estados Unidos e que hoje já se espalhou por diversos países inclusive o Brasil. Em nossa pesquisa realizamos um breve histórico sobre o assunto, sintetizamos suas regras, como o evento acontece, quem pode participar etc.

Por fim, nesta parte ainda sobre os estudos teóricos, sem querer polemizar nem chegar a alguma conclusão, mas apenas propor uma reflexão, mencionamos alguns estudos sobre os conceitos de valor estético, literariedade, texto literário e literatura marginal, uma vez que, não se tratam de conceitos fechados e sim resultados de regras e convenções que se estabeleceram a partir de um determinado ponto de vista social e, por se tratar de um fenômeno cultural e histórico, precisamos discutir o que é literatura, pois ela pode ser definida de diferentes formas conforme as diferentes épocas e diferentes grupos sociais.

No capítulo 3 descrevemos o contexto da pesquisa e dos participantes, detalhamos minuciosamente como a proposta de intervenção foi desenvolvida na escola e os resultados das atividades desenvolvidas com eles. Também neste capítulo analisamos os resultados obtidos com o questionário diagnóstico aplicado aos alunos para verificar o interesse deles por leitura literária, leitura e escrita de poemas. Analisamos alguns poemas escritos pelos alunos a partir do que trabalhamos com eles na proposta de intervenção. E, por fim, registramos as avaliações que os alunos fizeram através de uma produção textual de todo o trabalho desenvolvido com eles em sala de aula sobre a poesia e o *Poetry Slam*.

A experiência vivenciada com essa proposta de intervenção visando o letramento literário com o gênero poema, desde a participação dos pesquisadores e dos alunos, passando pelas atividades de leitura, de estudo, de produção escrita e realização do campeonato “Leões do Slam” foi única e extremamente satisfatória uma vez que percebemos o envolvimento, a dedicação, a coragem e o esforço de todos os alunos que participaram, mesmo daqueles que a princípio resistiram à proposta. Conforme demonstram claramente os resultados satisfatórios que obtivemos com este estudo e as próprias avaliações dos alunos (final do capítulo 3), eles passaram a se interessar mais por literatura, por poesia e pelo *Poetry Slam*. Certamente esses alunos não mais verão a poesia como gênero literário menor, difícil, chato e como algo distante da realidade de cada um deles. Além disso conseguiram perceber que ler poesia em voz alta e escrever poemas podem ser atividades interessantes, divertidas e muito significativas.

É claro que essas atividades não conseguiram contemplar todas as competências e habilidades ressaltadas no presente estudo quanto ao letramento literário com o gênero poema.

Esta pesquisa não pretendeu dar conta de todas as questões que envolvem esse tema mesmo porque, o tema letramento literário é bastante amplo e restringi-lo ao gênero poema, como no caso desta pesquisa, foi apenas um recorte dentro de um panorama literário também vasto e repleto de desafios. Porém, o presente estudo poderá contribuir para estudos futuros sobre essa temática e esperamos que também possa contribuir com a prática pedagógica do professor de literatura quanto ao ensino da leitura e da escrita literárias com o gênero poema.

Esta experiência de letramento literário com o gênero poema focando o Poetry Slam proporcionou resultados que superaram algumas de nossas expectativas iniciais uma vez que os alunos participantes se envolveram intensamente durante a proposta de intervenção tanto nas etapas iniciais nas quais focamos mais a leitura de poemas de *slammers* quanto nas etapas finais com relação à escritura e à declamação de seus poemas no campeonato de poesia falada “Leões do Slam”. A princípio imaginamos que os alunos teriam bastante dificuldade quanto à escrita dos seus poemas uma vez que os alunos costumam apresentar maior resistência quanto à produção escrita deste gênero textual – o poema. Quanto à performance, nos surpreendemos com a desenvoltura de alguns quando leram em voz alta seus poemas no campeonato demonstrando aparentemente estarem à vontade para isso diante da plateia; outros, apesar da timidez de se exporem performaticamente diante de uma plateia de colegas, foram corajosos o suficiente para superarem essa dificuldade. Podemos, enfim, afirmar com segurança com base nesses resultados mencionados e nas avaliações que os alunos fizeram da proposta de intervenção que os objetivos do presente estudo foram alcançados de forma exitosa.

Somos seres também poéticos – afetivos, emotivos – e não apenas prosaicos – sábios e racionais – (MORIN, 2005) e, por isso mesmo, o texto poético merece um olhar mais atento por parte da escola a fim de que as potencialidades desse gênero literário sejam exploradas com o aluno em sala de aula e suas necessidades poéticas sejam contempladas. “A poesia é um modo de viver o mundo (ver, sentir, experimentar, projetar) e cada composição poética reflete quem somos, o que pensamos, sentimos e buscamos.” (GEBARA, 2011).

Para finalizar, utilizamos os versos de Manoel de Barros (2010) para dizer que com este estudo sobre letramento literário quanto ao gênero poema, pretendemos mostrar ao aluno não “a boa razão das coisas” e sim “o feitiço das palavras” (BARROS, 2010, p. 370), pois todos gostamos mesmo de “encantações do que de informações” (BARROS, 2010, p. 366) e achamos “que a gente deveria dar mais espaço para esse tipo de saber”. (BARROS, 2010, p. 370) . Ao leremos os estudiosos do assunto, “Poucos entendiam quase nada; mas eu entendia um pouco menos”. (BARROS, 2010, p. 283). “A poesia está guardada nas palavras” (BARROS, 2010, p. 403) – é tudo que sabemos. “Só as palavras não foram castigadas com a

ordem natural das coisas. As palavras continuam com os seus deslimites". (BARROS, p. 373). "Poema é um lugar onde a gente pode afirmar que o delírio é uma sensatez". (BARROS, p. 374). Afinal, o que nós gostaríamos de ter feito mesmo em vez de uma pesquisa científica sobre a poesia, era "um livro sobre nada. [...] um alarme para o silêncio, um abridor de amanhecer, pessoa apropriada para pedras, o parafuso de veludo, etc etc. O que eu queria era fazer brinquedos com as palavras. Fazer coisas desúteis. O nada mesmo. Tudo que use o abandono por dentro e por fora". (BARROS, p. 327). Afinal, pensamos "renovar o homem usando borboletas". (BARROS, p. 374).

Mas o fim não chegou... Esta dissertação precisa ser encerrada por uma questão tempo, mas o estudo sobre o assunto não termina com ela assim bem como não começou com ela. A partir desta simples pesquisa outros estudos poderão se desdobrar e se desdobrarão... Simplesmente por uma questão de tempo... precisamos dar uma pausa... suspendê-la... digamos assim, para ser retomada em outro momento... por outros pesquisadores... talvez até por nós mesmos... e em outros níveis certamente... Desse modo, não vamos encerrar nossas considerações finais com um ponto final, mas sim, com reticências... muitas reticências... bastantes reticências...

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada:** literatura e leitura. São Paulo: Editora Unesp, 2006. <https://doi.org/10.7476/9788539302932>

ALVES, Rubem. Como ensinar o prazer de ler. **Folha on line.** Sinapse. 30 de março de 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u778.shtml>. Acesso em: 30 nov. 2018.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

ASSUNÇÃO, Cristina.; ALCALDE, Emerson; CHAPÉU, Uilian. (org.). **Slam da Guilhermina:** quatro ponto zero. [São Paulo]: [s. n.], [2017].

ASSUNÇÃO, Cristina.; ALCALDE, Emerson; CHAPÉU, Uilian. (org.). **Slam da Guilhermina:** três ponto zero. [São Paulo]: [s. n.], 2016.

ASSUNÇÃO, Cristina; ALCALDE, Emerson; MOTTA, Rodrigo; CHAPÉU, Uilian. **Slam da Guilhermina:** dois ponto zero. [São Paulo]: [s. n.], 2015.

AVERBUCK, Ligia Morrone. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, Regina. (org.). **Leitura em crise na escola:** as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 63-83.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil.** São Paulo: Scipione, 1989.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso.** Ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa.** São Paulo: Leya, 2010.

BARTHES, Roland. **Aula.** Tradução e posfácil de Leyla Perrone-Moisés. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 1977

BARTHES, Roland. **O prazer do texto.** Tradução de J. Buinsurg. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BARTHES, Roland. **Rumor da língua.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2004.

BASEADO em escrotos reais. Poema de Mariana Félix. [S. l.; s. n.], 2017. 1 vídeo (3 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1mRoMe-fN8w>. Acesso em: 10 jul. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio:** linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC; SEB, 2006. v. 1.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** língua portuguesa (3º e 4º ciclos do ensino fundamental). Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares nacionais:** linguagens, códigos e suas tecnologias. Ensino Médio. Brasília: MEC; Semtec, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional curricular comum**. Brasília: MEC, 2018.

BRITTO, L. P. L. Letramento e alfabetização: implicações para a educação infantil. In: FARIA, A. L. G.; MELLO, S. A. (org.). **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 5-21.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**, v. 4, n. 9, p. 803-809, 1995.

CÂNDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CAPARELLI, Sérgio. Canção da rua Casimiro de Abreu. In: **111 poemas para crianças**. Porto Alegre: L&PM, 2003, p. 59. Disponível em: <http://viagemliteraria.educapx.com/intertextualidade1430070937.html>. Acesso em: 30 mar. 2018.

CARRIJO, Silvana Augusta Barbosa. Singularidades de uma rapariga metódica: reflexões em torno da Vida e obra de Aletrícia depois de Zoroastro, de Bartolomeu Campos de Queirós. In: GAMA-KHALIL, Marisa Martins; ANDRADE, Paulo Fonseca (org.). **As literaturas infantil e juvenil... ainda uma vez**. 2. ed. Uberlândia: GpEA, 2017.

CARTA para Mariana. Poema de Lucas Afonso. [S. l.; s. n.], 2016. 1 vídeo (1 min. e 1 s.). Apresentação realizada no programa Manos e Minas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8cZphgE5jzU>. Acesso em 10 jul. 2018.

CECÍLIA, Mauro Santa; BARROS, Maurício; FREJAT, Roberto. **Amor pra recomeçar**. 2001. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/frejat/46044/>. Acesso em: 25 mar. 2018.

CESAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

CÍCERO, Antônio. **Poesia e filosofia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

COLASANTI, Marina. **Fino sangue**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CORRÊA, H. T. e RIBEIRO, G. R. de O. Relações entre o letramento literário e a formação do escritor em A menina do Sobrado, de Cyro dos Anjos. 2008, p. 121-134. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça e VERSIANI, Zélia (org.). **Democratizando a leitura: pesquisas e práticas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

CUNHA, Leo (org.). **Poesia para crianças: conceitos, tendências e práticas**. Curitiba: Piá, 2012.

D'ALVA, Roberta Estrela. **Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Trad. Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

DEVAGAR escola. Poema de João Paiva. Paris. [s. n.], 2015. 1 vídeo (3 min.). Poema apresentado no evento Grand Slam 2015, Coupe du Monde. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iW2i6BYmm40&t=2s>. Acesso em: 10 jul. 2018.

DIAS, Gonçalves. Canção do exílio. In: NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. **Como ler poesia**. São Paulo: Scipione, 1993. p. 75. Disponível em: <http://viagemliteraria.educapx.com/intertextualidade1430070937.html>. Acesso em: 30 mar. 2018.

DUDENEY, G. HOCKLY, N.; PEGRUM, M. **Letramentos digitais**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2016.

EI, meu, e se Jesus fosse preto? Poema de Bruno Negão. [S. l.; s. n.], 2018. 1 vídeo (2 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6nRQWP0Wk18>. Acesso em: 10 jul. 2018.

FERRÉZ (org.). **Literatura marginal**: talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

FIGUEIREDO, Laura de; BALTHASAR, Marisa; GOULART, Shirley. **Singular & Plural**: leitura, produção e estudos da linguagem. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2015.

FREITAS, Daniel Silva de. Ensaios sobre o rap e o slam na São Paulo contemporânea. Tese (Doutorado no Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade) – Departamento de Letras do centro de teologia e ciências humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34815/34815.PDF>. Acesso em: 10 dez. 2018.

GENS, Armando. Formação de professores de literatura brasileira: conservação e desvio. In: GOMES, Carlos (org.). **Língua e literatura**: propostas de ensino. São Cristóvão: Editora UFS, 2009. p. 65-80.

GEBARA, Ana Elvira. **O ensino singular dos gêneros poéticos**: reflexões e propostas. Tese (Doutorado no programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-26042010-104329/pt-br.php>. Acesso em 20 jun. 2018.

GEBARA, Ana Elvira Luciano. Para isso foi feito o poema: entre leitura e produção. In: BARBOSA, Márcia Helena S.; BECKER, Paulo (org.). **A poesia que se escreve, a poesia que se lê**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2013.

GEBARA, Ana Elvira. Reflexões sobre o ensino de poesia. In: **Língua Portuguesa**. [S. l.], 12 mai. 2011. Disponível em: <http://portuguesdeosasco.blogspot.com.br/2011/05/reflexoes-sobre-o-ensino-de-poiesia.html>. Acesso em: 06 fev. 2018.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. 4. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.

JEAN, Georges. **Los senderos de la imaginación infantil**: los cuentos, los poemas, la realidad. México: Fondo de Cultural Econômica, 1990. p. 107.

JOCKMANN, Sérgio. Os votos. *In: Emílio Pacheco*, 2006. Disponível em: <http://emiliopacheco.blogspot.com/2006/05/clique-para-ampliar.html>. Acesso em: 20 mar. 2018.

JOSE, Elias. **Tem tudo a ver**, 2011. Disponível em: <http://pornovosleitores.blogspot.com/2011/05/poesia-tem-tudo-ver.html>. Acesso em: 20 fev. 2018.

JOUVE, Vincent. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. *In: ROUXIEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de* (org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

JUVENTUDE consciente: poemas de luta. [S. l.; s. n.], 2017. 1 vídeo (22 min.) *In: Olhar TVT*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ucgw7ZsnuJA>. Acesso em: 10 jul. 2018.

LAURIA, Maria Paula Parisi. Ler levantando a cabeça: Caminhos e descaminhos da leitura literária na educação básica. **Remate de Males**. Campinas, v. 34, n. 2, p. 361-373, jul./dez. 2014.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. *In: ZILBERMAN, Regina* (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 51-62.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Trad. Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LEMINSKI, Paulo. Ali. *In: Em busca do inefável*. Disponível em: <http://embuscadoinefavel.blogspot.com/2010/04/ali-so-ali-se-paulo-leminski.html>. Acesso em 30 abr. 2018.

LEMINSKI, Paulo. **La vie en close**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LEWIS, C S. **Um experimento na crítica literária**. São Paulo: Editora Unesp, 2009

LOPES, Denilson. **A delicadeza**: estética, experiência e paisagens. Brasília: UnB, 2007.

LOPES, Rita. **Canção do desabafo**. [20--?]. Disponível em: <http://viagemliteraria.educapx.com/intertextualidade1430070937.html>. Acesso em: 30 mar. 2018.

MACHADO, Maria Zélia Versiani. Depois da poesia infantil, a juvenil. *In: AGUIAR, Vera Teixeira; CECCANTINI, João Luís* (org.). **Poesia infantil e juvenil brasileira**: uma ciranda sem fim. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

MARTINS, Aracy Alves. Bartolomeu: Filho do sonho, neto do sono? *In: AGUIAR, Vera Teixeira; CECCANTINI, João Luís* (org.). **Poesia infantil e juvenil brasileira**: uma ciranda sem fim. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 262-278.

MEIRELES, Cecília. Ou isto ou aquilo. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1987. *In: Jogos e materiais para alfabetização*. 2010. Disponível em:

http://oficinasdealfabetizacao.blogspot.com/2010/08/nomes-proprios-e-poemas_01.html. Acesso em 30 abr. 2018.

MENDES, Nancy Maria. Intertextualidade: noções básicas. 1994. In: PAULINO, Graça; WALTY, Ivete (org.). **Teoria da literatura na escola**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1994. p. 29-35.

MINIMELÍMETROS. Poema declamado por Luz Ribeiro. [S. l.: s. n.], 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=09KDfTVPAeE>. Acesso em 10 jul. 2018.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia não é difícil**: introdução à análise do texto poético. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1996.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, repensar o ensino. 11. ed. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. *Slams*: letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615>. Acesso em: 10 de nov. 2017.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. Literatura marginal: questionamentos à teoria literária. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 15, n. 2 – Especial, p. 31-39, jul./dez/ 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/7-Literatura.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

PAES, José Paulo. Canção do exílio facilitada. In: NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. **Como ler poesia**. São Paulo: Scipione, 1993. p. 89. Disponível em: <http://viagemliteraria.educapx.com/intertextualidade1430070937.html>. Acesso em: 30 mar. 2018.

PAES, José Paulo. Infância e Poesia. **Folha de São Paulo**. Mais. São Paulo. 09 ago. 1998. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs09089806.htm>. Acesso em: 06 fev. 2018.

PAIXÃO, Fernando. **O que é poesia**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984

PAULINO, Graça. A formação de professores leitores literários: uma ligação entre infância e idade adulta. In: ROSA, Cristina Maria. **Das leituras ao letramento literário**. Belo Horizonte: Fae/UFMG; Pelotas: EDGUPel, 2010. p. 142-153.

PAULINO, Graça. A perfeição mortal. In: ROSA, Cristina Maria. **Das leituras ao letramento literário**. Belo Horizonte: Fae/UFMG; Pelotas: EDGUPel, 2010. p. 62-67.

PAULINO, Graça. Como e por que lemos poesia agora. In: ROSA, Cristina Maria. **Das leituras ao letramento literário**. Belo Horizonte: Fae/UFMG; Pelotas: EDGUPel, 2010. p. 137-141.

PAULINO, Graça. Habermas e a função da literatura. *In: ROSA, Cristina Maria. Das leituras ao letramento literário*. Belo Horizonte: Fae/UFMG; Pelotas: EDGUPel, 2010. p. 68-78.

PAULINO, Graça. Leituras populares. *In: ROSA, Cristina Maria. Das leituras ao letramento literário*. Belo Horizonte: Fae/UFMG; Pelotas: EDGUPel, 2010. p. 79-86.

PAULINO, Graça. Letramento literário por vielas e alamedas. **Revista da FACED**, Salvador, n. 5, p. 117-126, 2001.

PAULINO, Graça. Práticas de seleção de leitura. *In: ROSA, Cristina Maria. Das leituras ao letramento literário*. Belo Horizonte: Fae/UFMG; Pelotas: EDGUPel, 2010. p. 46-50.

PAULINO, Graça.; WALTY, Ivete (org.). **Teoria da literatura na escola**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1994.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PEREIRA, M. A. Jogos de linguagem, redes de sentidos: leituras literárias. *In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (org.). Leitura literária: saberes em movimento*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007, p. 31-46.

PEREIRA, Gabriela Leandro. **Corpo, discurso e território**: a cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus. 2015. Tese (Doutorado em Urbanismo no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2015.

PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. Tradução Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PIGNATARI, Décio. **Comunicação poética**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1981.

PINHEIRO, Helder. Abordagem do Poema: Roteiro de um desencontro. *In: DIONÍSIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). O livro didático do português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

PINHEIRO, Helder. Pesquisa com literatura de cordel. *In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (org.). Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008, p. 97-109.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. 3. ed. rev. ampl. Campina Grande: Bagagem, 2007.

PINHEIRO, Hélder. Toda idade é idade de poesia. 2010. *In: Portal do professor*. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoJornal.html?idConteudo=1426>. Acesso em: 20 mar. 2018.

PINTO, F. N. P.; MELO, M. A. de. Ensino de literatura, letramento literário e formação do leitor. *In: MELO, M. A.; SANTOS, L. A. (org.). Letramento literário e formação do leitor: desafios e perspectivas do PROFLETRAS*. João Pessoa: ABEU, 2015, p. 21-49.

[POEMA sobre abuso sexual]. Poema declamado por Ana Zêpa. [S. l.; s. n.], 2017. 1 vídeo (2 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ghj0T66Gi_A. Acesso em 10 de jul. 2018.

[POEMA sobre a cultura surda]. Poema declamado por Catharine Moreira e Cauê Gouveia. [S. l.; s. n.], 2016. 1 vídeo (2 min.). Poetas que fazem parte do Slam do Corpo, o primeiro slam de surdos e ouvintes do Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gnwNDGVg0eI>. Acesso em 10 jul. 2018.

[POEMA sobre a mulher]. Poema declamado por Isabela Penov. [S. l.; s. n.], 2016. 1 vídeo (2 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IRjV_ZHD62A. Acesso em: 10 jul. 2018.

[POEMA sobre machismo]. Poema declamado por Eluê. [S. l.; s. n.], 2018. 1 vídeo (1 min.). Apresentado no Programa Manos e Minas da TV Cultura. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dUCEChydU_4. Acesso em: 10 jul. 2018.

[POEMA sobre o amor]. Poema declamado por Mariana Félix e Lucas Afonso. [S. l.; s. n.], 2017. 1 vídeo (3 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ehEfu9hiiC4>. Acesso em: 10 jul. 2018.

POUND, Ezra. **A arte da poesia.** Tradução de Helyoysa de Lima Dantas e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1976.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. [Sinopse] Diário de Classe. Moderna: São Paulo, 1992. *In: Jogos e materiais para alfabetização*. 2010. Disponível em: http://oficinasdealfabetizacao.blogspot.com/2010/08/nomes-proprios-e-poemas_01.html. Acesso em 30 abr. 2018.

RAMALHO, C. B. A poesia é o mundo sendo: o poema na sala de aula. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 36, p. 330-370, jan./jun. 2014.

RAMOS, Gabriel Teixeira. Narrações de experiências urbanas por meio de slams de poesia de São Paulo *In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL*. 17., 2017, São Paulo. **Anais** [...] São Paulo: ENAMPUR, 2017. p. 1-14. Disponível em http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%206/ST%206.2/ST%206.2-03.pdf. Acesso em: 20 dez. 2017.

RIMA. Arquivo em PDF sobre rima. [20--?]. Disponível em: <http://pessoal.educacional.com.br/up/50280001/1527329/Rima.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2018.

ROJO, R.; MOURA E. (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

ROSA, Cristina Maria. **Das leituras ao letramento literário**. Belo Horizonte: Fae/UFMG; Pelotas: EDGUPel, 2010.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. A pesca. *In: Entre letras*. 2009. Disponível em: <http://analisedetextos.blogspot.com/2009/07/pesca-de-affonso-romano-de-santanna.html>. Acesso em 30 abr. 2018.

SANTOS, Maria Lêda Lóss dos. **Educação de jovens e adultos:** marcas da violência na produção poética. Passo Fundo: UPF Editora, 2003.

SAMOYAULT, Tiphaine. **A intertextualidade.** Tradução de Sandra Nitrine. Revisão de Maria Letícia Guedes Alcofonado e Regina Salgado Campos. São Paulo: Ed. Hucitec, 2008.

SILVA, Marina Cabral da. Intertextualidade. *In: Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/redacao/intertextualidade.htm>. Acesso em: 20 abr. 2018.

SOARES, Magda. Leitura e democracia cultural. *In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça e VERSIANI, Zélia (org.). Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008, p. 17-32.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. *In: RIBEIRO, Vera Masagão; FERRARO, Alceu Ravanello (org.). Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. 2. ed. São Paulo: Global, 2004. p. 89-113.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA, Gláucia de. Procurando pelo poema na sala de aula. *In: CUNHA, Leo (org.). Poesia para crianças: conceitos, tendências e práticas*. Curitiba: Piá, 2012.

SOUZA, Glória Maria Anselmo de; SILVA, Leda Marina Santos da. Leitura compartilhada: um momento de prazer na formação de professores-leitores. *In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (org.). Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. p. 167-176.

SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola:** reflexões, comentários e dicas de atividades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

STELLA, Marcello Giovanni Pocai. A Batalha da Poesia... O slam da Guilhermina e os campeonatos de poesia falada em São Paulo. **Ponto Urbe:** Revista do núcleo de antropologia urbana da USP. São Paulo. v. 17, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/2836>. Acesso em 30 out. 2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 1986.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Tradução Caio Meira. 4. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

VOZ de levante. Dirigido por Roberta Estrela D'Alva. [S. l.; s. n.], 2018. 1 trailer oficial (2 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yo5DBjMz6Nc>. Acesso em 10 jul. 2018.

WALTY, Ivete. Reflexões sobre a poesia. *In: PAULINO, Graça.; WALTY, Ivete (org.). Teoria da Literatura na Escola*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1994. p. 85-93.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira *et al.* São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido para responsável legal por menor de 18 anos

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEL
LEGAL POR MENOR DE 18 ANOS**

Considerando a sua condição de responsável legal pelo(a) menor, apresentamos este convite e solicitamos o seu consentimento para que ele(a) participe da pesquisa intitulada “Experiência com a linguagem poética: o gênero poema e os vínculos com a cultura e a vida”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Professor Dr. João Carlos Biella e Professor Lucimar Américo Dantas.

Nesta pesquisa nós estamos buscando investigar, analisar e refletir sobre questões metodológicas que contribuam para o efetivo letramento literário através do gênero poema e realizar oficinas literárias a partir de uma coletânea de poemas diversos com alunos do 9º ano. Também realizaremos um trabalho de sondagem com os alunos – por meio da aplicação de um questionário para identificar seu interesse pela leitura literária de poemas e os motivos que os levam a gostar ou não de ler poesia. Buscamos elaborar atividades que envolvam a leitura de poemas, propondo uma nova metodologia, com o propósito de despertar no estudante o gosto pela leitura desse gênero literário.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador professor Lucimar Américo Dantas, integrante da equipe executora, após aceitar o convite para participar do estudo. Este termo será obtido em reunião escolar, de pais ou responsáveis legais dos alunos, que acontece no início de cada bimestre para entrega de notas. Ressaltamos que os pais ou responsáveis legais terão um tempo para decidir se autorizará ou não a participação do menor nesse projeto de pesquisa. Na participação do(a) menor sob sua responsabilidade, ele(a) será submetido a um questionário acerca do seu interesse pela leitura literária especificamente de poesia. Esse questionário será respondido sem qualquer identificação do participante. O menor participará também das atividades propostas no projeto de pesquisa.

Na participação do(a) menor sob sua responsabilidade, ele(a) participará de oficinas literárias no horário normal de aula realizando leituras de poemas e atividades pertinentes tais como debate, interpretação, recital, produção textual e exposição de trabalhos. Ele também responderá a um questionário sobre seus hábitos de leitura e sobre sua experiência com o gênero poema.

Em nenhum momento, nem o(a) menor nem você serão identificados. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a identidade dele(a) e a sua serão preservadas.

Nem ele(a) nem você terão gastos nem ganhos financeiros por participar na pesquisa.

Acredito que o risco mínimo que os alunos podem correr corresponde a sua identificação como participante de pesquisa, o que contraria a Resolução CNS 466/12. Nesse caso, enquanto executor desta pesquisa me comprometo a manter em absoluto sigilo a identidade do aluno participante deste estudo.

O principal benefício que a pesquisa proporcionará ao aluno participante da pesquisa será aperfeiçoar sua competência leitora quanto ao gênero literário poema, visando a sensibilidade estética e cultural.

A qualquer momento, você poderá retirar o seu consentimento para que o(a) menor sob sua responsabilidade participe da pesquisa. Garantimos que não haverá coação para que o consentimento seja mantido nem que haverá prejuízo ao(à) menor sob sua responsabilidade. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos dados do(a) menor sob sua responsabilidade, devendo o pesquisador responsável devolver-lhe o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por você.

O(A) menor sob sua responsabilidade também poderá retirar seu assentimento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, ele(a) também é livre para solicitar a retirada dos seus dados, devendo o pesquisador responsável devolver-lhe o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por você.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com os membros da equipe executora do projeto: Professor Dr. João Carlos Biella, na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, *campus* Santa Mônica, Uberlândia, MG, 38408-100; telefone: (34) 3239-4411 e Professor Lucimar Américo Dantas, na Rua Tito Teixeira, 898, Bairro Custódio Pereira, Uberlândia/MG, 38405-268; telefone: (34) 3212.9390.

Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, 30 de julho de 2018

Prof. Dr. João Carlos Biella

Prof. Lucimar Américo Dantas

Eu, responsável legal pelo(a) menor _____
_____ consinto na sua participação na pesquisa citada acima, após ter
sido devidamente esclarecido.

Assinatura do responsável pelo(a) participante da pesquisa

APÊNDICE B – Termo de assentimento livre e esclarecido

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “Experiência com a linguagem poética: o gênero poema e os vínculos com a cultura e a vida”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Professor Dr. João Carlos Biella (orientador) e Professor Lucimar Américo Dantas (aluno do mestrado profissional em Letras).

Nesta pesquisa nós estamos buscando investigar, analisar e refletir sobre questões metodológicas que contribuam para o efetivo letramento literário com o gênero literário poema e realizar oficinas literárias a partir de uma coletânea de poemas com alunos do 9º ano.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador Lucimar Américo Dantas, integrante da equipe executora, após aceitar o convite para participar do estudo. Este termo será obtido em sala de aula, durante o horário de Língua Portuguesa. Ressaltamos que você, estudante, terá um tempo para decidir se participará ou não desse projeto de pesquisa. Mesmo que seu responsável legal permita sua participação, você pode não querer participar. O aluno que não manifestar interesse em participar da pesquisa ou o responsável legal não autorizar, participará das atividades propostas no projeto de pesquisa, uma vez que elas serão realizadas no horário de aula e constam no programa de ensino dos Parâmetros Curriculares Nacionais. O material coletado desse aluno não será utilizado e será devolvido a ele.

Na sua participação, você será submetido a um questionário acerca do seu interesse pela leitura literária especificamente sobre o gênero poema. Esse questionário será respondido sem qualquer identificação do participante. Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você, também, não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar da pesquisa.

Os riscos consistem em sua identificação como sujeito de pesquisa, o que contraria a Resolução CNS 466/12. Neste contexto, enquanto responsáveis por esta pesquisa, nos comprometemos a manter em total sigilo a sua identidade como participante deste estudo.

Os benefícios são estimular no aluno o gosto de ler poesias e aperfeiçoar sua competência leitora quanto ao gênero literário poema, visando a sua sensibilidade estética e a cultural.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para

solicitar a retirada dos seus dados, devendo o pesquisador responsável devolver-lhe o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por você.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com os membros da equipe executora do projeto: Professor Dr. João Carlos Biella, na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, *campus* Santa Mônica, Uberlândia, MG, 38408-100; telefone: (34) 3239-4411 e Professor Lucimar Américo Dantas, na Rua Tito Teixeira, 898, Bairro Custódio Pereira, Uberlândia/MG, 38405-268; telefone: (34) 3212.9390

Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, 30 de julho de 2018.

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante da pesquisa

APÊNDICE C – Questionário diagnóstico aplicado com os alunos

Questionário diagnóstico Alguns dedos de prosa sobre leitura e poesia

1. Você gosta de ler? () Sim () Não

1. a) Se sua resposta foi “Sim” - O que você mais gosta de ler?

() Gibis () Contos () Poesias () Romances () Outros

1. b) Se sua resposta foi “Outros”, cite exemplos do que você mais gosta de ler:

2. Você costuma ler mais fora ou dentro da escola? () Fora () Dentro

3. Você já leu poesias? () Sim () Não

4. Você já leu livros de poesias? () Sim () Não

5. Você já leu (em voz alta) poesia na escola? () Sim () Não

6. Seus professores, em anos anteriores, costumavam ler (em voz alta) poesias em sala de aula?

() Sim () Não

7. Como você diferencia uma poesia de outros tipos de texto?

8. Você já utilizou a biblioteca da escola para ler poesia? () Sim () Não

9. Você lê poesia na internet (sites, redes sociais, Youtube)? () Sim () Não

10. Em sua opinião, a poesia pode ter relação com a sua vida? () Sim () Não
Comente sua resposta:

11. Já escreveu alguma poesia? () Sim () Não

Se sua resposta foi “Sim”, o que você achou?

12. Gosta de poesia lida em voz alta? () Sim () Não

13. Você já ouviu falar no *Slam*: Batalhas de poesia falada? () Sim () Não

14. Você tem interesse em conhecer mais sobre poesia? () Sim () Não

Comente sua resposta:

15. Com qual(is) das palavras abaixo você relacionaria a poesia?

() preguiça () emoção () reflexão () difícil () sensibilidade

() criatividade () reflexão () tristeza () amor () beleza

APÊNDICE D – Caderno Pedagógico com as atividades da proposta de intervenção

Apresentação

As atividades que constam deste material foram utilizadas na realização da proposta de intervenção em sala de aula conforme os objetivos do presente estudo no intuito de contribuir para com a promoção do letramento literário com o gênero poema junto aos participantes desta pesquisa – alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, na escola municipal Hilda Leão Carneiro, no município de Uberlândia/MG.

A proposta de intervenção foi planejada para 20 aulas, a princípio, mas finalizamos com 25 aulas que foram divididas em sete etapas: 1) Introdução ao assunto “poesia” e “Poetry Slam”; 2) apresentação do *Poetry Slam* e exibição de alguns vídeos de *slammers* nacionais; 3) leitura de poemas de *slammers* nacionais através de uma coletânea com poemas pré-selecionados do *Slam* da Guilhermina; 4) comparação do Rap com os poemas escritos por *slammers*; 5) oficinas poéticas nas quais estudamos alguns elementos de composição poética e na qual os alunos escreveram seus poemas; 6) organização do Poetry Slam com os alunos; e 7) realização do campeonato de poesia falada com a turma na escola.

Na primeira etapa aplicamos o questionário diagnóstico a fim de verificar o interesse dos alunos por leitura em geral, leitura literária e, mais especificamente, pela leitura de poesia; também foi objetivo desse questionário verificar o conhecimento deles sobre poesia e investigar sua relação com a poesia dentro e fora da escola, tanto na leitura quanto na escrita desse gênero literário; e, por último, objetivamos avaliar o que eles sabem sobre o *Poetry Slam*.

Na segunda etapa apresentamos aos participantes desta pesquisa poemas sendo falados por *slammers* em vídeos selecionados da internet. Em seguida, na terceira etapa, lemos com os alunos uma coletânea de poemas pré-selecionados de três livros do *Slam* da Guilhermina, de São Paulo. Também nesta parte realizaremos algumas atividades que destacaram a cadência, o ritmo e a melodia dos poemas realizando com eles leituras orais dos poemas.

Na quarta etapa fizemos um trabalho com o gênero musical Rap a fim de mostrar aos alunos que esse gênero textual se aproxima dos poemas apresentados no *Poetry Slam*, principalmente quanto à linguagem, ao conteúdo temático, ao ritmo e à sonoridade. Na quinta etapa, trabalhamos com os alunos alguns elementos da composição poética tais como: a sonoridade das palavras (rima, aliteração, assonância, onomatopeia, repetição, trava-língua, trocadilhos), verso, rima, estrofe, a plurissignificação das palavras, o humor, os neologismos,

a metalinguagem, a intertextualidade, a pontuação no poema, algumas figuras de linguagem, a relação entre poesia e música, a disposição gráfica do poema no papel. Nesta etapa ainda, realizamos com os alunos alguns exercícios de escrita poética para desinibição da escrita. Após os exercícios de escrita poética, os alunos escreveram seus próprios poemas os quais foram apresentados no evento “Leões do Slam” – nome que eles escolheram para o campeonato de poesia falada.

Ressaltamos que os conceitos acima relacionados não foram o foco do nosso trabalho. O propósito principal com essa proposta de intervenção foi de aproximar a poesia dos alunos e despertar neles o gosto pelo texto poético quanto à leitura e à escrita contribuindo, assim, para a formação de um leitor literário proficiente.

Na sexta etapa, organizamos o nosso *Slam*, que foi realizado em duas partes: uma em sala de aula e outra na quadra de esportes. Aqui definimos com os alunos os temas que foram tratados por eles nos poemas que produziram; definimos que escreveu individualmente, em dupla ou trio – foram apenas essas três opções. Também agendamos a apresentação do *Slam* e delegamos funções diversas para alguns alunos tais como: organização da quadra, limpeza da quadra após o evento, sonoplastia etc.

Por fim, na sétima e última etapa, realizamos o evento “Leões do Slam” com os alunos, publicamos seus poemas numa página do Facebook e, também, solicitamos aos alunos que avaliassem a proposta de intervenção mediante uma produção de textual na qual expressassem suas opiniões a respeito de todo o trabalho desenvolvido com eles no decorrer dessas 7 etapas.

Nas leituras que realizamos com os poemas procuramos seguir, principalmente, as sugestões de Leo Cunha (2012) que estão em seu livro *Poesia para crianças*: a) Primeira leitura: a da intuição – ou seja, sentir o poema sem se preocupar em analisá-lo. “Deixe-se levar pelo poema, sinta os efeitos que ele lhe traga, as emoções que afloram em vocês – quaisquer que elas sejam. (CUNHA, 2012, p. 110)”; b) Segunda leitura: a análise do poema – ou seja, extraír do texto as múltiplas interpretações possíveis e descobrir recursos expressivos que foram utilizados pelo poeta; e c) Terceira leitura: fruição em voz alta “para que as sonoridades, fundamentais no poema, agora muito mais conhecido, se evidenciem” (CUNHA, 2012, p. 112). Em nossa proposta de trabalho, vamos inverter a segunda e a terceira leitura. Também nos baseamos nos demais estudos citados em nossa pesquisa intitulada “*Poetry Slam: uma experiência com a linguagem poética e seus vínculos com a cultura e a vida*”.

E, por último, queremos ressaltar que as atividades deste caderno tiveram como princípio básico respeitar o texto conforme Lajolo (1982, p. 52) muito bem nos diz “ponto de encontro entre dois sujeitos: o que o escreve e o que o lê; escritor e leitor, reunidos pelo ato

radicalmente solitário da leitura, contrapartida do igualmente solitário ato de escritura”. Para todas as atividades criadas e mesmo aquelas que foram desenvolvidas a partir de outras já elaboradas, tivemos o cuidado de assumir “perante o texto, uma perspectiva que o violente o menos possível. Uma perspectiva que respeite sua natureza específica de texto, qual seja, o constituir ponto de encontro entre autor e leitor”. (LAJOLO, 1982, p. 53). E somente assim e ainda com muita cautela, exploramos elementos do texto tais como linguagem, rima, figuras fônicas, figuras de linguagem, intertextualidade etc. uma vez que acreditamos também ser importante que o leitor literário amplie seus horizontes para assim conseguir mergulhar mais profundamente em outras leituras futuras de outros textos literários com os quais irá se encontrar vida a fora e até dos mesmos textos com os quais irá se reencontrar na sua vida. Esse cuidado, mais uma vez, destacamos porque não concordamos com a ideia de que o texto literário seja pretexto para se ensinar nada. Pode até ser usado para outros fins, mas sem violentar sua natureza primária de que foi escrito para ser lido, ouvido, escutado, incorporado.

À medida que avançamos em nossa pesquisa, fomos percebendo a nossa responsabilidade de ressaltar essa qualidade essencial do texto literário tão violentada pelo professor, consciente ou inconscientemente.

Mas afinal, o que a poesia tem a ver com a gente? Com este poema “Tem tudo a ver”, pretendemos estimular uma discussão com os alunos sobre a importância da poesia na vida do ser humano. Após a leitura oral do poema, abrimos espaço para que os alunos expressassem seus pontos de vista a respeito da temática do poema. Para isso elaboramos algumas questões para estimular e conduzir esse debate: 1) O que é poesia pra você? 2) Segundo o poema, poesia tem a ver com o quê e com quem? 3) Poesia só fala de coisas boas? 4) A poesia pode ter algo a ver com sua vida? 5) O que você comprehende dos três últimos versos: “A poesia / é só abrir os olhos e ver / tem tudo a ver com tudo”?

Tem tudo a ver

Elias José

A poesia
tem tudo a ver
com tua dor e alegrias,
com as cores, as formas, os cheiros,
os sabores e a música
do mundo.

A poesia
tem tudo a ver
com o sorriso da criança,
o diálogo dos namorados,
as lágrimas diante da morte,
os olhos pedindo pão.

A poesia
tem tudo a ver
com a plumagem, o voo e o canto,
a veloz acrobacia dos peixes,
as cores todas do arco-íris,
o ritmo dos rios e cachoeiras,
o brilho da lua, do sol e das estrelas,
a explosão em verde, em flores e frutos.

A poesia
- é só abrir os olhos e ver -
tem tudo a ver com tudo.

(JOSÉ, 2011)

PRIMEIRA ETAPA

QUADRO 1 – Primeira etapa da proposta de intervenção

Quantidade de aulas: 01
<p>Introdução:</p> <p>Apresentação do projeto: objetivos, desenvolvimento, metodologia, período de execução do projeto, forma da avaliação;</p> <p>Aplicação do questionário diagnóstico;</p> <p>Pesquisa para casa sobre o que é <i>Poetry Slam</i>.</p>
<p>Objetivos:</p> <p>Explicar aos alunos a proposta de intervenção de uma forma geral;</p> <p>Verificar através do questionário diagnóstico o que os alunos pensam sobre leitura literária, poesia e <i>Poetry Slam</i>;</p> <p>Motivar os alunos quanto ao <i>Poetry Slam</i>.</p>
<p>Atividades:</p> <p>Aplicação do questionário diagnóstico com os alunos (APÊNDICE C, p. 145);</p> <p>Perguntas aleatórias sobre o que é poesia, o que é <i>Poetry Slam</i>.</p>
<p>Metodologia: Aula dialogada.</p>
<p>Recursos didáticos: xerox, quadro e voz.</p>

Fonte: O próprio autor.

Apresentação da proposta de intervenção

- **Objetivo geral:** Desenvolver atividades que promovam o letramento literário com o gênero poema ressaltando seus vínculos com a vida e a cultura dos alunos e realizar um campeonato de poesia falada – Poetry Slam.
- **Desenvolvimento:** A proposta é composta por 7 etapas sendo 1^a) Apresentação geral; 2^a) Introdução ao Poetry Slam; 3^a) Leitura de poemas de slammers; 4^a) Comparação entre o Rap e o Poetry Slam; 5^a) Oficinas de poesia; 6^a) Organização do Poetry Slam e 7^a) Realização do Poetry Slam e avaliação.
- **Metodologia:** Aulas expositivas, rodas de leitura, vídeos, atividades escritas, produção escrita de poemas, declamações dos poemas lidos.
- **Quantidade prevista de aulas:** 20
- **Avaliação:** Processual – participação nas aulas lendo poemas em voz alta, conversando sobre os poemas, escrevendo poemas etc.

Iniciamos as atividades estimulando uma conversa sobre assuntos relacionados à proposta de intervenção. Em seguida solicitamos aos alunos que pesquisassem em casa sobre o Poetry Slam e que trouxessem os resultados da pesquisa para socializarem na próxima aula.

Perguntas iniciais que foram feitas para motivar a turma:

1. Quem gosta de ler? O que você mais gosta de ler?
2. Quem gosta de poesia?
3. Quem prefere poesia a prosa? Por quê? (Aqui foi necessário explicar a diferença entre prosa e poesia)
4. Alguém já ouviu falar de Literatura de cordel, desafio de rima, repentes?
5. Alguém sabe o que é *Poetry Slam*? Alguém já ouviu falar de campeonatos de poesia falada?

SEGUNDA ETAPA

QUADRO 2 – Segunda etapa da proposta de intervenção

Quantidade de aulas: 02
Assunto: Apresentado o <i>Poetry Slam</i> .
Objetivos:
Apresentar aos alunos, através de vídeos, <i>slammers</i> declamando seus poemas em campeonatos nacionais.
Atividades: Exibição de vídeos
Metodologia:
Aula dialogada;
Apresentação de vídeos na sala multimeios.
Recursos didáticos: Computador, Datashow e voz.

Fonte: O próprio autor.

Primeiramente os alunos compartilharam em sala de aula os resultados da pesquisa. Em seguida lemos e discutimos com os alunos o Texto “*Poetry Slam: campeonatos de poesia falada*” escrito pelo pesquisador com um breve resumo histórico e com suas as principais regras do evento.

Texto - *Poetry Slam: campeonatos de performances poéticas*

Slam – termo onomatopeico de origem inglesa que indica o som de uma “batida” de porta ou janela – nomeia os campeonatos de performances poéticas que se originaram em Chicago e depois se espalhou mundo a fora, inclusive, o Brasil.

Poderíamos definir o *poetry slam*, ou simplesmente *slam*, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo mundo. (D’ALVA, 2014, p. 109).

Ou como diz Ramos (2017) consiste “em declamações poéticas em locais públicos e privados, em que o poeta versa, em formato de batalha, durante três minutos, sobre diversos temas ligados a sua vida”.

Trata-se de uma espécie de literatura marginal que, segundo alguns estudiosos da periferia, precisa ser legitimado.

Essa literatura, em meio a disputas por reconhecimento e demarcação de um gênero – “literatura marginal” – e suas contestações, tem buscado espaço também através da construção de interfaces virtuais, uma vez que a disputa pelo mercado editorial nas grandes editoras mostra-se pouco porosa e quase inacessível. Notamos estratégias como o surgimento de pequenas novas produções independentes e também pequenas editoras cujos modos de operar se mostraram mais acessíveis. Identificamos a elaboração de conteúdos digitais, produzidos e difundidos por redes sociais, páginas pessoais, sites especializados em “cultural da periferia”, por onde circula uma infinidade de registros impossíveis de serem capturados em sua totalidade. (PEREIRA, 2015, p. 36).

O objetivo dos *slams* não é ganhar dinheiro vendendo as poesias nem ganhar fama. Segundo Neves (2017, p. 97) “Promover a poesia oral, falar poesias (*spoken word*), ler, escrever, declamar, divulgar, promover batalhas de performances poéticas, transformar os *slams* em linguagem, em educação – eis os desafios dos *slammers* ao/ no mundo”.

Esses campeonatos ou “batalhas” acontecem em roda com os organizadores do evento, público, júri escolhido ou do público, o *slammaster* – mestre de cerimônia – e os *slammers*. Eles possuem dez etapas ao longo do ano – fevereiro a novembro – e em dezembro há a batalha final com os ganhadores de cada mês. Em seguida os vencedores de todos os *slams* do país disputam uma vaga no Campeonato Nacional - *Slam Br*, no qual será definido o vencedor que irá representar o Brasil na Copa do Mundo de Poesia Falada, em Paris, na França, todos

os anos. Vinte *slammers* competem na França, campeonato este todo financiado pelo governo francês.

Há três regras básicas que regem qualquer *Slam*: “os poemas devem ser de autoria própria do poeta que vai apresentá-lo, deve ter no máximo três minutos e não devem ser utilizados figurinos, adereços, nem acompanhamento musical (D’ALVA, 2014, p. 113)”.

O *counter* é quem cronometra o tempo de três minutos para cada apresentação e, também, registra as notas (de zero a dez) de cada *slammer*. Tempo esgotado, o *slammer* tem mais dez segundos para finalizar. (Há batalhas de poesia que criam outra categorização de declamação, a de poemas curtos, de até 10 ou 12 segundos). Das cinco notas atribuídas pelos jurados, a menor e a maior são desconsideradas efetuando a soma das outras três notas. Existe um rito para quando as notas são dadas pelo júri: o público grita “Credo!” para as notas baixas e “Bom!” para as notas altas. Cada *slam* é composto por três rodadas: na primeira todos os poetas inscritos participam; na segunda, apenas cinco vencedores participam e na terceira somente três finalistas participam. Os *slammers* podem ler em voz alta seus poemas ou recitá-los de cor.

Além do campeonato nacional de *Slam* e a Copa do Mundo de Poesia Falada, existem, também, os campeonatos intra e interescolares de *Slam*, através dos quais os alunos conseguem se tornar leitores e escritores de poesia, ou seja, o letramento literário com o gênero poema acontece de fato, ou como afirma Neves (2017, p. 109 e 110), “os alunos atuam como agentes de letramentos de *reexistência* (...) É preciso resistir para existir. *Poesia é reexistência*”.

Segundo D’Alva (2014, p. 112), mais que uma competição, os *slams* se configuram como uma celebração coletiva, pois sem o público, a performance poética não faz sentido.

Após a leitura do texto, levamos os alunos à sala multimeios para exibirmos os seguintes vídeos:

- Mariana Félix – Baseado em escrotos reais;
- Devagar escola – João Paiva;
- Lucas Afonso – Carta para Mariana;
- Catharine Moreira e Cauê Gouveia, do projeto *Slam do Corpo* – Sem título;
- Reportagem “Juventude Consciente – Poemas de luta”;
- Mariana Félix e Lucas Afonso (poema em dupla);
- Bruno Negão – Ei meu, e se Jesus fosse preto;

- Luz Ribeiro – Menimelímetros.

Também apresentamos vídeos sem títulos de outros slammers: Isabela Penov, Eluê, Ana Zêpa. Após a exibição de cada um dos vídeos, abrimos espaço para que os alunos pudessem expressar suas apreciações e suas opiniões sobre os poemas declamados pelos *slammers*.

O documentário “*Voz de levante*” *fica aqui como sugestão, pois não foi possível apresentar aos alunos por não estar disponível ainda no mercado, apenas em festivais brasileiros.*

TERCEIRA ETAPA

QUADRO 3 – Terceira etapa da proposta de intervenção

Quantidade de aulas: 5
Assunto: Leitura dos poemas da coletânea (ANEXO A, p. 189).
Objetivos: Ler os poemas do <i>Poetry Slam</i> em sala de aula em silêncio e em voz alta; Realizar uma leitura literária desses poemas explorando sua linguagem poética, a sonoridade, as imagens simbólicas e as temáticas presentes; Interpretar efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (rimas, aliterações etc.), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráfico especial (distribuição gráfica do texto no papel), imagens e relação com texto verbal; Propor uma conversa com os alunos sobre os poemas.
Atividades: Leitura silenciosa, leitura oral e debate.
Metodologia: Aula dialogada, roda de leitura compartilhada.
Recursos didáticos: Xerox da coletânea de poemas, quadro e voz.

Fonte: O próprio autor.

Iniciamos a aula com a leitura do texto “Devagar escola” e uma deliciosa e divertida discussão sobre o poema. Este poema de João Paiva certamente resume o que nossos alunos gostariam de dizer aos professores. Ele também propicia várias formas de leitura em voz alta, seja individual, em dupla ou em conjunto com a turma inteira. O ritmo também pode ser bastante explorado. O próprio autor lê de uma forma bastante expressiva no vídeo que apresentamos aos alunos na etapa 2.

DEVAGAR ESCOLA!

João Paiva

DEVAGAR ESCOLA!

“Ês” (eles) cola é por isso

História sem ofício

Oficina sem serviço

Rápido demais

Quer andar e deixa pra trás

Reclama do atraso

Ritmo ditado

Ditado no ritmo da ditadura

São ditados de tortura...

DEVAGAR ESCOLA!

É por isso que ês cola

Senão não sai da escola

Escora lá fora

Espera acabar a prova

A prova de bala

Depois volta pra sala

Estuda moleque

Se não quiser ir pra vala

Mas a matemática é uma má temática

Deixa as criança estática

Sem utilidade na prática

E sem contar a gramática

Que mais parece uma sátira...

DEVAGAR ESCOLA!

Senão ês cola

E cê (você) não pode reclamar

Cê faz eles de otário

Eles seguem o seu ritmo e tinha que ser o contrário

CE é lugar de formação

Informação

E que formas são

Que cê usa pra fazer?

Com métodos arcaicos,

De colorir mosaicos

Que nunca vão convencer?

E o que eles querem aprender,

Cê tá pronta pra falar?

Ou quer seguir no conteúdo

Vai, não para nos estudos

Quadro cheio copia tudo...

DEVAGAR ESCOLA!

Ês cola

E cê esfola a mente da galera

Controle social

Fechá a mente de geral

Edu

cação de verdade

Oferece liberdade

Ajuda a comunidade

Ajuda na cidadania

Na luta de cada dia
 Olha os moleque e alivia...
 !
DEVAGAR ESCOLA!
 É por isso que ês cola
 Comunidade a sua volta
 Vê se não ignora
 Ensina sobre a história
 Incentivando a luta de agora.
 Essas mente que não explode
 Escola vê se não fode
 Desse jeito não pode
 Os moleque pede: ACODE!
 Alguma coisa que atraia,
 Que nos chame a atenção,
 E que nos livre da vaia
 Do show da vida meu irmão
 E não nos deixe que caia
 Em qualquer boteco de esquina
 Alimente a esperança
 E o desejo de mudança
 No coração das crianças
 Muita comida na pança
 Preciso de confiança
 Escola vê se avança
 Mas, DEVAGAR ESCOLA!
DEVAGAR ESCOLA!
 Queaiêsnun(não) cola!
 E a cola vai virar uma êx-cola!
 Vai ficar de enfeite.
 Só um mero lembrete.
 Os moleque tem sede.
 De saber,
 Descobrir,
 Conhecer,
 De sorrir,
 Envolver,
 Intervir,
 Interver,
 Saber ir,
 Saber vir,
 Saber ler,
 E saber
 Que pode contar com você, mas... devagar!
ESCOLA!
 (ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2016, p. 94-96)

Perguntas para estimular a conversa e a reflexão sobre o poema “Devagar escola”:

- Vocês gostaram do poema? Por quê?
- O tema do poema tem alguma relação com a vida de vocês? Por quê?
- Vocês concordam com as ideias do slammer?
- Vocês acrescentariam alguma outra crítica no poema?

- e) Vocês perceberam as diferenças nas leituras realizadas pelos alunos?
- f) O que vocês acharam de mais curioso quanto à escrita do poema?
- g) O autor escreveu “errado” algumas palavras? Por quê?
- h) Relembrando o ritmo com o qual o próprio autor declamou o poema na Copa do Mundo de Poesia falada, tem algum sentido pra vocês o fato dele ter declamado tão rápido que quase não entendemos no vídeo? (Este poema já foi apresentado aos alunos em vídeo).
- i) Alguém gostaria de ler o poema tão rápido quanto seu autor?
- j) Quem poderia destacar do poema algumas brincadeiras que o autor fez com as palavras? Você achou interessante? Por quê?
- k) Este poema tem rimas?

Uma palavrinha sobre as rodas de leitura compartilhada

As rodas de leitura compartilhada foram organizadas com os alunos num grande círculo na sala de aula de modo que todos vissem uns aos outros. Convidamos os alunos para que lessem em voz alta os poemas, preferencialmente, mais de um aluno para ler o mesmo texto; o professor/pesquisador, também, deve ler em volta alta alguns poemas para a turma. Além da leitura individual, propusemos leituras coletivas: em duplas, trios, a turma inteira, alternando meninos e meninas etc. Após as leituras em voz alta, compartilhamos com a roda as experiências pessoais deflagradas pela leitura dos poemas e construímos novas experiências coletivas a partir dessas falas tendo como base os poemas lidos.

Para as rodas de leitura procuramos criar um ambiente descontraído, mas respeitoso, no qual os alunos se sentissem à vontade para falar, para rir, para se emocionar, para questionar, duvidar, discordar etc. Os alunos poderiam, inclusive, interromper a leitura caso sentissem necessidade de fazer alguma pergunta sobre o significado de alguma palavra ou questionar algo que não comprehendeu.

A leitura dos demais poemas foi indicada para ser feita em casa previamente. Na aula seguinte, antes de continuarmos com as leituras, solicitamos aos alunos que haviam lido os poemas que nos dissessem o que tinham achado dos poemas da coletânea, de qual ou de quais mais haviam gostado, se alguém havia se identificado mais com algum dos poemas, qual e por quê? Ou seja, pretendemos com essa conversa inicial que os alunos falassem sobre essa primeira leitura silenciosa dos poemas.

Para a leitura dos demais poemas da coletânea realizamos a seguinte proposta de trabalho com os alunos:

- d) Dividimos a sala em cinco pequenos grupos. Após selecionarmos alguns poemas da coletânea conforme o interesse dos alunos, sorteamos três poemas para cada grupo. Propomos aos alunos que escolhessem uma forma criativa de ler o poema em voz alta: coletivamente, cantado, alternando voz masculina e voz feminina etc.;
- e) Após a leitura feita pelo grupo, seus componentes comentaram o que acharam do poema destacando os temas presentes, a linguagem utilizada, a criatividade do autor e o que mais quiseram ressaltar;
- f) Os grupos que ouviram puderam fazer perguntas para o grupo que apresentou e vice-versa.

Sugestões adicionais: A partir dos poemas apresentados, solicitar que os alunos escolham algum deles para parafrasear, parodiar ou dar uma resposta para o autor concordando com ele ou discordando. Em seguida, os alunos poderão ler suas produções.

QUARTA ETAPA

QUADRO 4 – Quarta etapa da proposta de intervenção

Quantidade de aulas: 02
Assunto: Semelhanças entre as letras de Rap e o <i>Poetry Slam</i> .
Objetivos:
Mostrar aos alunos as semelhanças entre as letras de Rap e os poemas escritos por <i>slammers</i> .
Atividades:
Audição das músicas “Racismo é burrice” do rapper Gabriel, o Pensador; Discussão sobre a temática das músicas e as semelhanças entre a linguagem e a temática das letras de Rap com os poemas do <i>Poetry Slam</i> ;
Atividades do livro didático de Língua Portuguesa sobre Rap.
Metodologia: aula dialogada
Recursos didáticos: Livro didático de Língua Portuguesa, celular e caixas acústicas.

Fonte: O próprio autor.

As atividades desenvolvidas com os alunos nesta etapa foram extraídas do livro didático de língua portuguesa do 9º ano (FIGUEIREDO; BALTHASAR; GOULART, 2015) que é utilizado pelos alunos.

Primeiramente exploramos as questões que já existem no início da proposta do livro didático para estimular uma discussão sobre o gênero musical “rap”. Depois ouvimos a música de Gabriel Pensador. E antes de conversarmos sobre as semelhanças entre o Rap e os poemas dos *slammers* (linguagem e temática são muito parecidas), conversamos sobre o tema da música “racismo” e solicitamos que os alunos respondessem às questões na seção “provocações”, as quais foram devidamente corrigidas pelo pesquisador com os alunos.

Leitura e produção

Roda de Leitura: Rap – Rhythm and poetry (Ritmo e poesia)

Você sabe o que significa *rap*? E *hip-hop*? E *break dance*?

Leia o boxe a seguir e conheça alguns dos elementos que constituem o *hip-hop*. Depois, converse com seus colegas sobre as questões a seguir:

1. O que mais você sabe sobre o *hip-hop* e sobre o *rap*?
2. Você conhece algum *rap* nacional? Do que ele fala?
3. Você gosta desse estilo de música? Por quê?
4. Você conhece alguém que discrimine esse estilo musical? Sabe por quê?

O *hip-hop* e o *rap*

O *hip-hop* é um movimento cultural juvenil que surgiu na década de 1960, nas periferias de Nova York e Chicago (EUA), e foi uma iniciativa de jovens afro-americanos que pensaram em uma forma de expressão alternativa à situação de violência que viviam, fruto do descaso do poder público. Assim, passaram a falar da sua realidade por meio da dança (*break dance*), da pintura (grafite) e da música (*rap*).

O *rap* é a trilha sonora do *hip-hop*: por meio das letras feitas pelos MCs (mestres de cerimônia), antes acompanhadas apenas pelas músicas mixadas por DJs (Disc Jockeys), eles falam do descaso, da violência e da miséria que vivem todos os dias.

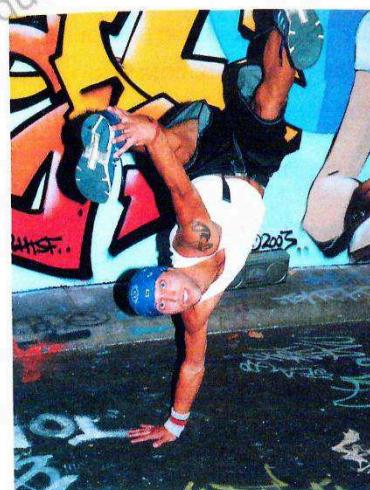
O espaço de manifestação do *hip-hop*, inicialmente, era as ruas.



Mesa de DJ (Disc Jockey), 2010.



Rapper J. Cole em show na cidade de Toronto, Canadá, 2011.



Dançarino de *hip-hop*, 2010.

Leitura e produção

Roda de leitura

Racismo é burrice

Salve, meus irmãos africanos e lusitanos, do outro lado do oceano
 "O Atlântico é pequeno pra nos separar, porque o sangue é mais forte que
 a água do mar"

Racismo, preconceito e discriminação em geral;
 É uma burrice coletiva sem explicação
 Afinal, que justificativa você me dá para um povo que precisa de união
 Mas demonstra claramente
 Infelizmente

Preconceitos mil
 De naturezas diferentes
 Mostrando que essa gente
 Essa gente do Brasil é muito burra
 E não enxerga um palmo à sua frente
 Porque se fosse inteligente esse povo já teria agido de forma mais consciente
 Eliminando da mente todo o preconceito
 E não agindo com a burrice estampada no peito
 A "elite" que devia dar um bom exemplo
 É a primeira a demonstrar esse tipo de sentimento
 Num complexo de superioridade infantil
 Ou justificando um sistema de relação servil
 E o povão vai como um bundão na onda do racismo e da discriminação
 Não tem a união e não vê a solução da questão
 Que por incrível que pareça está em nossas mãos
 Só precisamos de uma reformulação geral
 Uma espécie de lavagem cerebral

Racismo é burrice

Não seja um imbecil
 Não seja um ignorante
 Não se importe com a origem ou a cor do seu semelhante
 O que que importa se ele é nordestino e você não?
 O que que importa se ele é preto e você é branco?
 Aliás, branco no Brasil é difícil, porque no Brasil somos todos mestiços
 Se você discorda, então olhe para trás
 Olhe a nossa história
 Os nossos ancestrais



ORLANDI

O Brasil colonial não era igual a Portugal
 A raiz do meu país era multirracial
 Tinha índio, branco, amarelo, preto
 Nascemos da mistura, então por que o preconceito?
 Barrigas cresceram
 O tempo passou
 Nasceram os brasileiros, cada um com a sua cor
 Uns com a pele clara, outros mais escura
 Mas todos viemos da mesma mistura
 Então presta atenção nessa sua babaquice
 Pois como eu já disse racismo é burrice
 Dê à ignorância um ponto-final:
 Faça uma lavagem cerebral
 Racismo é burrice
 Negros e nordestinos constroem seu chão
 Trabalhador da construção civil conhecido como peão
 No Brasil, o mesmo negro que constrói o seu apartamento ou o
 [que lava o chão de uma delegacia
 É revistado e humilhado por um guarda nojento
 Que ainda recebe o salário e o pão de cada dia graças ao negro, ao
 [nordestino e a todos nós
 Pagamos homens que pensam que ser humilhado não dói
 O preconceito é uma coisa sem sentido
 Tire a burrice do peito e me dê ouvidos
 Me responda se você discriminaria
 O Juiz Lalau ou o PC Farias
 Não, você não faria isso não
 Você aprendeu que preto é ladrão
 Muitos negros roubam, mas muitos são roubados
 E cuidado com esse branco aí parado do seu lado
 Porque se ele passa fome
 Sabe como é:
 Ele rouba e mata um homem
 Seja você ou seja o Pelé
 Você e o Pelé morreriam igual
 Então que morra o preconceito e viva a união racial

Clipe

A entrada do rap no Brasil

Racionais MC's, Thaide e DJ Hum, MV Bill, Rapin Hood são alguns dos primeiros nomes que divulgaram o *rap* nacional, no final da década de 1980, quando o preconceito contra o estilo musical era grande e o *rap* só circulava nas periferias das grandes cidades.

A partir da década de 1990, o *rap* ganha as rádios e a indústria fonográfica passa a investir no estilo musical – que começa a se misturar com outros estilos musicais como o samba, o *rock* e até a *bossa-nova*!

Leitura e produção

Roda de leitura

Quero ver essa música você aprender e fazer
 A lavagem cerebral

Racismo é burrice

O racismo é burrice mas o mais burro não é o racista
 É o que pensa que o racismo não existe
 O pior cego é o que não quer ver
 E o racismo está dentro de você
 Porque o racista na verdade é um tremendo babaca
 Que assimila os preconceitos porque tem cabeça fraca
 E desde sempre não para pra pensar
 Nos conceitos que a sociedade insiste em lhe ensinar
 E de pai pra filho o racismo passa
 Em forma de piadas que teriam bem mais graça
 Se não fossem os retratos da nossa ignorância
 Transmitindo a discriminação desde a infância
 E o que as crianças aprendem brincando
 É nada mais nada menos do que a estupidez se propagando
 Nenhum tipo de racismo – eu digo nenhum tipo de racismo – se [justifica]

Ninguém explica
 Precisamos da lavagem cerebral pra acabar com esse lixo que é [uma herança cultural
 Todo mundo que é racista não sabe a razão
 Então eu digo meu irmão
 Seja do povão ou da “elite”
 Não participe
 Pois como eu já disse racismo é burrice
 Como eu já disse racismo é burrice
 Racismo é burrice

E se você é mais um burro, não me leve a mal
 É hora de fazer uma lavagem cerebral
 Mas isso é compromisso seu
 Eu nem vou me meter
 Quem vai lavar a sua mente não sou eu
 É você.

Quem é



GABRIEL NORONHA/FOLHAPRESS

O cantor e compositor Gabriel, O Pensador, 2010.

Gabriel, O Pensador é um dos mais populares e irreverentes rappers brasileiros. De origem inusitada para o gênero – é branco e de classe média alta –, distante da realidade do negro de periferia e, por isso, ainda hoje discriminado pelos puristas do rap, Gabriel produz letras que reúnem crítica social e moral, como no sucesso “Tô feliz (Matei o presidente)”, e, muitas vezes, humor, como no hit dos anos 1990 “Lôruba”. Seu álbum de maior sucesso foi *Quebra-cabeça* (1997), que vendeu mais de 1 milhão de cópias e foi responsável pela popularização do rap entre as mais diversas classes do país. Os destaques desse álbum foram a engraçada “2345meia78” e a polêmica “Cachimbo da paz”.

<<http://letras.mus.br/gabriel-pensador/137000/>>. Acesso em: 29 maio 2015.

■ Provocações

1. Qual é o assunto do *rap*?
2. Na letra, o *rapper* se dirige ao seu interlocutor usando o pronome você. Quem é esse sujeito? A que classe social ele pertence?
3. Um dos sentidos do termo *racismo*, segundo o *Dicionário Houaiss*, pode ser *atitude de hostilidade em relação a determinada categoria de pessoas*.
 - Levando em conta esse sentido, quem são as pessoas vítimas de atitudes hostis, citadas pelo *rapper*?
4. Considere este verso da letra: "Precisamos da lavagem cerebral pra acabar com esse lixo que é uma herança cultural".
 - a) A que o MC está se referindo quando diz esse *lixo*?
 - b) Ao usar essa metáfora, qual é o sentido que ele acrescenta ao que ele está se referindo?
 - c) E o que significa fazer uma *lavagem cerebral*, no contexto da letra de *rap*?
5. O assunto deste *rap* e o modo como foi abordado tem relação com as origens do movimento *hip-hop*? Comente.
6. Considerando que o *rap* é um gênero entre a poesia e a música, o que ele tem de poesia e o que tem de música?
7. A linguagem é marcada pela presença de muitas palavras que são consideradas rudes, grosseiras ou palavrões, por muitas pessoas.
 - a) Quais poderiam ser apontadas desse modo, na letra?
 - b) Essa linguagem tem alguma relação com a origem do *rap*? Comente.
 - c) Essa linguagem torna a letra do *rap* agressiva? Explique.

■ Vale a pena ouvir!

Racionais MC's



Integrantes dos Racionais MC's, 1997.

Ouça "Beco sem saída", do álbum *Holocausto urbano*, de 1990. A letra faz crítica à falta de compromisso do poder público com a parcela da sociedade negra e pobre, à responsabilidade da mídia e, ao mesmo tempo, critica também a inércia de muitos que não reagem à situação e não exercem seu dever de buscar por seus direitos.

Áudio disponível em:
<http://www.radio.uol.com.br/#/lettras-e-musicas/racionais-mcs/beco-sem-saida/440857>.
 Acesso em: 29 maio 2015.

■ Vale a pena ver e ouvir!

Thaide e DJ Hum

Ouça e assista ao vídeo "Corpo fechado", com Thaide e DJ Hum. Nesse *rap*, que já tem mais de 20 anos, você poderá ver como o fundo de base, feito pelo DJ, é o resultado de uma mixagem bem ao estilo da origem do *rap*. Sobre essa base o MC "declama" a letra que fala sobre a vida de miséria e violência a que o próprio MC (e tantos outros como ele) foi exposto desde que nasceu.

Letra e vídeo disponíveis em:
<http://letras.terra.com.br/thaide-e-dj-hum/186792/>.
 Acesso em: 29 maio 2015.



A dupla de rappers Thaide e DJ Hum, 2000.

QUINTA ETAPA

QUADRO 5 – Quinta etapa da proposta de intervenção

Quantidade de aulas: 10
Assunto: Elementos de composição poética e produção escrita de poemas.
Objetivos:
Apresentar os principais elementos de composição poética: figuras fônicas, figuras de linguagem, tipos de rimas, intertextualidade;
Estimular a escrita criativa na produção de poema, não com o propósito de torná-los poetas, mas como um exercício prazeroso e criativo.
Atividades:
Atividades do livro didático de Língua Portuguesa do 9º ano;
Leitura de poemas e audição de músicas nacionais que exploram a intertextualidade.
Metodologia: Atividades de leitura, de escrita, aula dialogada, audição de músicas.
Recursos didáticos:
Livro didático, xerox, quadro, pincel, voz, celular e caixas acústicas de som.

Fonte: O próprio autor.

Para abordarmos as figuras fônicas: aliteração, assonância, paronomásia, onomatopeia e os trocadilhos e, também, algumas figuras de linguagem: metáfora, comparação, ironia, antítese e paradoxo, utilizamos as atividades que havia no livro didático de língua portuguesa do 9º ano (FIGUEIREDO; BALTHASAR; GOULART, 2015) que é utilizado pelos alunos.

Primeiramente explicamos e exemplificamos as figuras fônicas e as figuras de linguagem. Em seguida solicitamos que os alunos fizessem as atividades propostas no livro e, por fim, as corrigimos com eles. Uma boa parte dessas atividades foram indicadas para serem feitas em casa.

O poema “A voz da igrejinha” foi lido em voz alta e destacamos a presença da assonância no texto poético. Estimulamos que os alunos falassem uma pouco sobre o valor cultural e simbólico de uma igreja nas cidades pequenas e assuntos correlacionados: por que a igreja católica ou não a igreja de outra denominação religiosa, por exemplo.

Usos expressivos da língua: figuras fônicas

Como é que é?

Neste capítulo, veremos mais três recursos expressivos que temos à nossa disposição para produzir diferentes efeitos de sentido em nossos textos. Eles são conhecidos como **figuras de linguagem fônicas**: a **assonância**, a **aliteração** e a **paronomásia**. Mas...

- *Em que consistem as figuras de linguagem fônicas? Que recursos da língua elas utilizam como material?*
- *Como podemos construí-las?*
- *Que efeitos elas podem criar nos textos?*
- *Em que situações as usamos?*

Aliteração, assonância, paronomásia

Vamos lembrar

Os fonemas e as figuras fônicas

No capítulo anterior você recordou que as palavras da língua são formadas por sons (na fala) representados por letras (na escrita). Esses sons são chamados de **fonemas** e podem ser:

- **Vocálicos** – são produzidos pela livre passagem do ar pela boca.
- **Consonantais** – são produzidos quando o ar “esbarra” ou vibra em alguma parte de nosso aparelho fonador (língua, dente, garganta, etc.).
- **Semivocálicos** – são os sons **i** e **u** quando pronunciados com menos intensidade na sílaba.

Você verá, neste capítulo, como eles participam da construção das figuras fônicas.

▼ Observe o que se diz sobre estes três recursos expressivos.

Aliteração: ocorre quando há a repetição constante de um mesmo fonema consonantal, ou de fonemas consonantais muito parecidos, na sequência de um enunciado.

Assonância: ocorre quando há a repetição constante de uma determinada vogal tônica (fonema vocalico) na sequência de um enunciado.

Paronomásia: ocorre quando usamos palavras que se aproximam pela semelhança de sons (fonemas), mas diferem quanto ao significado.

▼ Mas em que situações usamos esses recursos e para quê?

1. Com os colegas, tente ler os trava-línguas sem “engasgar” e, depois, analise-os em relação à sonoridade das palavras que os compõem.

1º – A vaca malhada foi molhada por outra vaca molhada e malhada.

2º – O sabiá não sabia que o sábio sabia que o sabiá não sabia assobiar.

3º – O rato roeu a roupa do rei de Roma. A rainha raivosa rasgou o resto.

4º – Três tigres tristes para três pratos de trigo. Três pratos de trigo para três tigres tristes.

- Em qual (ou quais) dos trava-línguas ocorre:
 - a repetição de uma mesma vogal tônica (assonância)?
 - o uso de palavras que se aproximam pela semelhança de sons, mas diferem quanto ao significado (paronomásia)?
 - a repetição de consoantes iguais ou muito parecidas (aliteração)?
- O que são os trava-línguas e para que servem?
- Seria possível criar trava-línguas sem o uso das figuras fônicas? Explique sua resposta.
- A discussão sobre os trava-línguas ajudou você a pensar um pouco em que situações usamos as figuras fônicas? Explique.

Lembre que **vogal tônica** é aquela sobre a qual recai o acento tônico da palavra:

casado

Só esta vogal é a tônica.

A resposta da questão 2 vai ajudá-lo na seção “Então, ficamos assim...” Portanto, anote-a com cuidado no caderno!

A aliteração e seus efeitos de sentido

▼ Observe este anúncio publicitário.



- Quais são as qualidades do carro, destacadas no anúncio?
- Essas qualidades são destacadas no título da propaganda. Observe-o e responda.
 - Que consoante está sendo repetida para produzir aliteração?
 - Essa consoante aparece em quais palavras do título?
- Essa mesma consoante aparece em alguma outra palavra usada na composição do anúncio?

Converse
com a turma

1. Nas frases que aparecem na parte inferior esquerda do anúncio, as palavras *compacto* e *gigante* estabelecem entre si uma relação de antônima, sinonímia ou polissemia? Explique sua resposta. (Recorra aos esquemas de retomada, no fim do volume.)

- De que ângulo vemos o carro no anúncio?
- A posição ocupada pelo carro no anúncio tem alguma relação com o sentido das frases “Compacto para quem vê. Gigante para quem anda”? Explique sua resposta.

Fonte: (FIGUEIREDO; BALTHASAR; GOULART, 2015).

Estudos de língua e linguagem

4. Há alguma relação entre essas palavras e as qualidades destacadas do carro? Explique sua resposta.
5. Copie em seu caderno a alternativa que melhor explica o efeito da sonoridade produzida pela aliteração.
 - A aliteração não acrescenta nada ao sentido da propaganda.
 - A aliteração chama a atenção do leitor para as qualidades do produto.
 - A aliteração é indesejável porque a repetição pode incomodar o leitor.
 - A aliteração atrapalha a compreensão do sentido porque desvia a atenção para o som.
6. Considerando as qualidades destacadas, qual seria o perfil de público a quem interessaria este carro?

A assonância e seus efeitos de sentido

▼ Leia este poema.

A voz da igrejinha

E o sino da Igrejinha com voz fina de menina
tem dlins-dlins
para o batismo dos pimpolhos.

Para os mortos: devagar – DLIM-DLIM...
é como um choro de menino, compassado
sem
fim.

Dlin-dlins para as manhãs loucas de luz,
para as tardinhas que são como as velhinhas
passo tardo, xale preto, corcundinhas...

As andorinhas conhecem esses dlins-dlins
e vêm
ouvi-los no verão.
As ave-marias vêm
ouvi-los ao sol-pôr...
E a estrela Vésper
atrás da torre,
e entre a neblina
ouve quieta: dlim, dlim, dlim...

E há dlins-dlins de esperança,
de ventura, de saudades e de fé...
[...]

LIMA, de Jorge. *Poesia completa*. BUENO, Alexei (Org.).
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 232.



VIVIANA BILOTTI

Glossário

- **Tardo:** lento, vagaroso, sem pressa.
- **Estrela Vésper:** um dos nomes dados ao planeta Vênus, porque ele atinge seu brilho máximo logo depois do ocaso (Vésper tem a mesma origem de *vespertino*, que significa "relativo à tarde"). Vênus também é chamada de *estrela-d'alva* porque brilha antes da aurora.

1. Do que o eu lírico está falando no poema?
2. Para a construção do poema, foi usada a **assonância**.
 - a) Que som de vogal mais se repete e é responsável pela maior assonância no poema? (Observe se essa vogal se repete em todos os versos.)
 - b) No poema há a repetição de um sufixo diminutivo em que essa vogal aparece.
 - I. Que sufixo é esse? E em que palavras aparece?
 - II. Qual é o efeito de sentido do uso desse sufixo nessas palavras, no contexto do poema?
 - c) Também aparece no poema uma onomatopeia.
 - I. Indique qual é ela e qual é o seu sentido.
 - II. Ela contribui para a construção da assonância no poema? Explique.
 - III. Essa onomatopeia representa a personificação de um objeto sobre o qual o eu poético fala. Indique o objeto personificado e explique essa personificação.
3. Você acha que essa assonância trouxe ao poema um efeito triste, alegre ou melancólico? Por quê?
4. Como você explica a relação entre a escolha da repetição dessa vogal e o conteúdo do poema?

A paronomásia e seus efeitos de sentido

Lembrando que a **paronomásia** é a figura que consiste no emprego de palavras semelhantes sonoramente, porém distintas quanto ao significado, leia o anúncio a seguir.

JÁ FUI ASFALTADO!

VOCÊ PODE ESTAR
FALANDO INGLÊS ASSIM.

BRASÍLIA
alumni
AQUI VOCÊ APRENDE

1. Que produto está sendo anunciado?
2. A frase de maior destaque no anúncio lembra que frase do cotidiano de grandes cidades com alto índice de violência?
3. Considerando a **intenção** de quem diz uma frase como essa, podemos afirmar que sua redação, no anúncio, está correta? Explique sua resposta.
4. Considerando o produto anunciado, o que o anuncianta quer destacar do seu produto em relação aos outros?

A resposta que você deu à questão 2 (letra b, item II) também vai ajudá-lo na seção “Então, ficamos assim...”.

Vamos lembrar

Personificação ou **prosopopeia** é a figura de linguagem pela qual se atribuem ações e sentimentos humanos a animais, a plantas ou a seres inanimados.

Paronomásia e trocadilhos

Os trocadilhos geralmente se apoiam na figura fônica da paronomásia para produzir humor. Assim, usando palavras ou expressões que fazem referência a outras, às quais são sonoramente semelhantes, porém com significado distinto, podemos construir frases engraçadas, como:

Vou ali cozinar minhas mágoas na panela depressão.
(de pressão)

Draco Malfoy e já voltou!
(mal foi)
Eu não vi, mas o Clodovil.
(Clodo viu)

Estudos de língua e linguagem

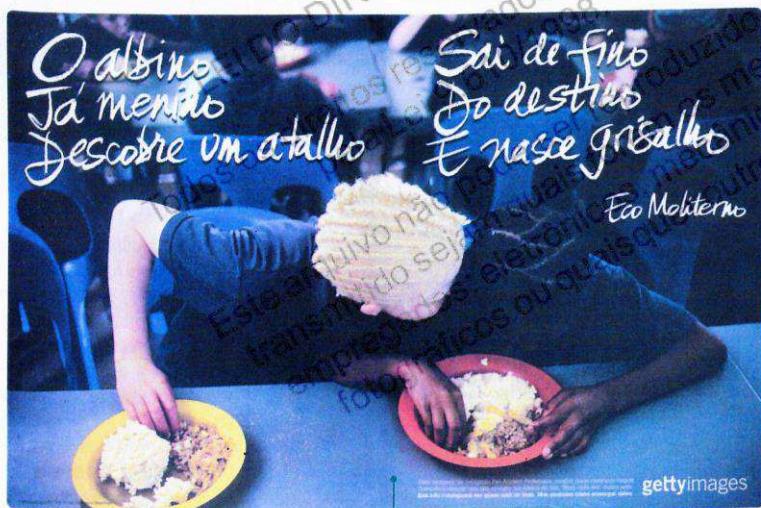
5. Há semelhança de sentido entre a palavra usada no anúncio e a palavra que seria a correta? Explique sua resposta.
6. Por que podemos dizer que o principal recurso usado para a construção de sentido da propaganda foi a paronomásia?
7. A discussão sobre aliteração, assonânci a paronomásia ajudou você a pensar um pouco mais sobre as situações em que usamos as figuras fônicas? Explique.

Há diferença entre as figuras fônicas e as rimas?

A rima também é um tipo de figura fônica. Ela consiste na coincidência de sons, em geral no final das palavras, feita de modo mais ou menos regular, na poesia. Pode ter a função de agradar aos ouvidos ou de facilitar a memorização, por repetir os sons em determinados intervalos. Ou pode, ainda, ter a função expressiva de realçar as ideias contidas nas palavras em que ocorre, inclusive relacionando as palavras que a apresentam e ajudando a construir a unidade do texto.

A resposta da questão 7 também vai ajudá-lo no fim do capítulo.

8. Veja:



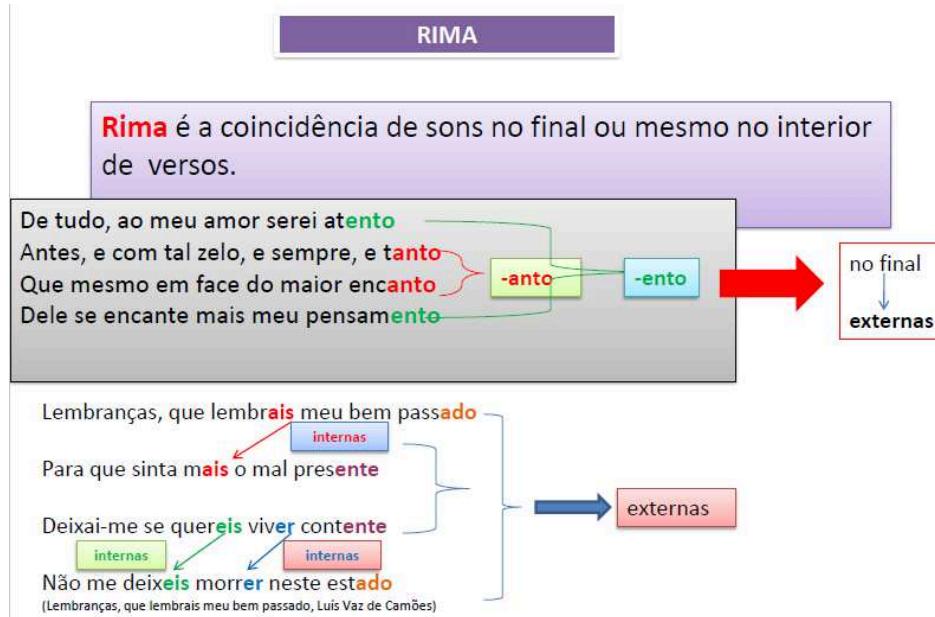
Essa imagem do fotógrafo Per-Anders Petterson mostra duas crianças cegas durante um almoço em um colégio na África do Sul. Uma com cor, outra sem. Elas não conseguem ver quem está ao lado. Mas ensinam como enxergar além.

- a) Que ideia esse anúncio veicula?
- b) Em "Elas não conseguem ver quem está ao lado. Mas ensinam como enxergar além" existe uma oposição de sentidos na construção da ideia veiculada. Explique que oposição é essa.
- c) Agora observe o poema que compõe o anúncio.
 - I. Há um trabalho com a sonoridade das palavras. Explique.
 - II. Esse trabalho sonoro pode ser considerado rima. Por quê?
 - III. Que função essas rimas têm no poema?

Fonte: (FIGUEIREDO; BALTHASAR; GOULART, 2015).

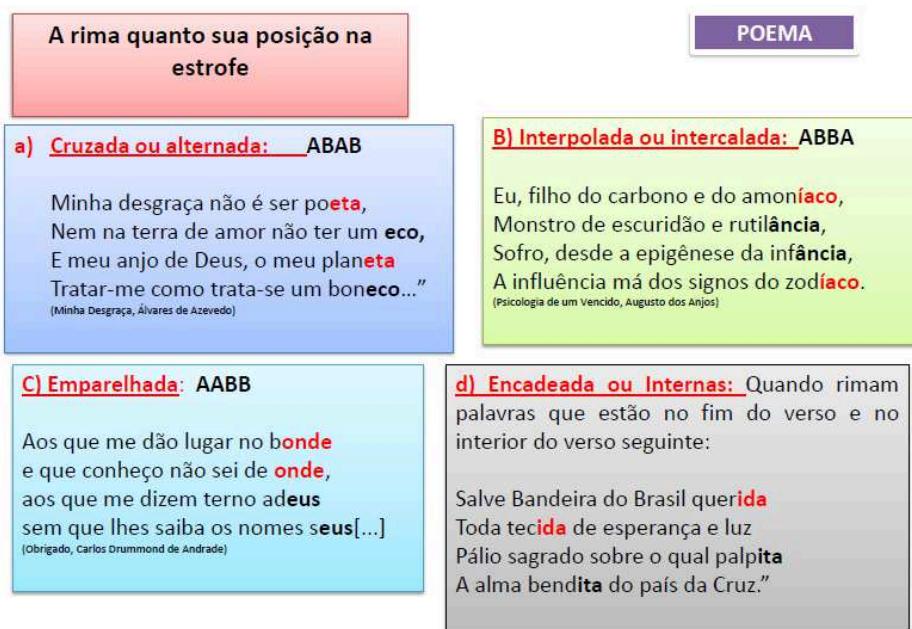
Para trabalhar um pouco sobre rima, imprimimos o material abaixo e providenciamos cópias para os alunos. Lemos o material projetado nos slides com os alunos e à medida que líamos, esclarecíamos as dúvidas que iam surgindo. *O objetivo com esta aula foi que eles tivessem uma noção geral sobre rima e não que memorizassem tais conceitos.*

Figura 17 - Rima



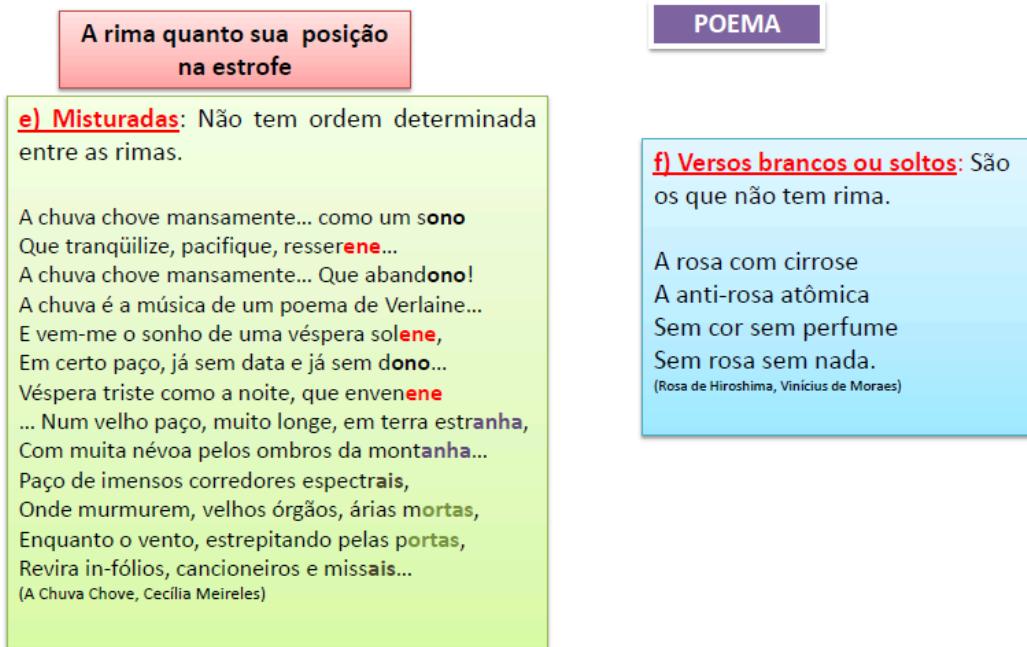
Fonte: Pessoal Educacional, 2018.

Figura 18 – A rima quanto sua posição na estrofe



Fonte: Pessoal Educacional, 2018.

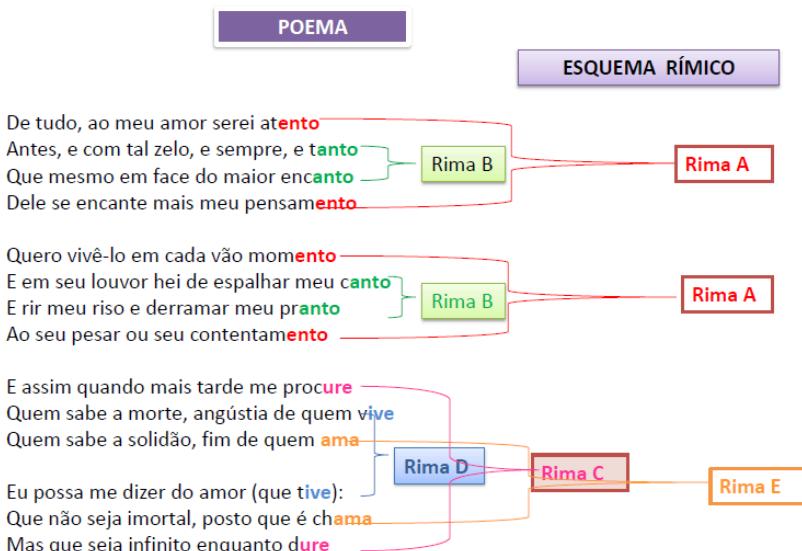
Figura 19 – A rima quanto sua posição na estrofe



Fonte: Pessoal Educacional, 2018.

Versos livres: não se baseiam em critérios predefinidos de métrica ou rima, ou seja, versos sem regras.

Figura 20 – Esquema rítmico



Fonte: Pessoal Educacional, 2018.

Poema de Vinícius de Moraes, Soneto da fidelidade

Antes de explorarmos o esquema rítmico do poema de Vinícius de Moraes, lemos o poema umas três vezes em voz alta por alunos diferentes explorando sua sonoridade e sua cadência rítmica. Além disso conversamos sobre o tema, claro, a começar pelo título “Soneto

da fidelidade”, que gerou uma calorosa discussão. Explicamos aos alunos, também, o que é um soneto – composição poética estruturalmente constituída por dois quartetos e dois tercetos.

Figura 21 – Rima quanto à sonoridade

POEMA

Rima quanto à sonoridade

a) **Perfeitas** (consoantes, soantes, totais): Há uma perfeita identidade dos sons finais, assim como uma semelhança entre as últimas vogais e consoantes.

Exemplo: Fada/dourada, rosa/formosa, anil/Brasil.

b) **Imperfeitas** (assonantes, toantes, parciais): Quando, ou há identidade apenas entre as vogais finais, não havendo necessariamente identidade entre os sons finais, ou quando o sonoridade é semelhante, mas a grafia das palavras é diferente.

Exemplo: Estrela/vela, vertigem/virgem, mais/faz, seis/fez.

Fonte: Pessoal Educacional, 2018.

Figura 22 – Rimas quanto ao valor

POEMA

Rimas quanto ao valor

a) **Pobres**: Quando a rima acontece entre palavras da mesma classe gramatical.

Falar/amar (verbo/verbo), o calor/o sabor (subs./subs.), bonito/bendito (adj./adj.).

b) **Ricas**: Quando a rima acontece entre palavras de classes gramaticais diferentes.

Exemplo: Cantando/bando (verbo/subs.), mar/navegar (subs./verbo).

c) **Raras**: Quando a rima acontece entre palavras de difícil combinação melódica.

Exemplo: Cisne/tisne (ave/fuligem).

d) **Preciosas**: Rimas entre verbos na forma verbo-pronome com outras palavras.

Exemplo: Estrela/Tê-la, Tranquilo/seguí-lo.

Fonte: Pessoal Educacional, 2018.

Intertextualidade

Para trabalhar com os alunos a intertextualidade, imprimimos e reproduzimos cópias dos textos abaixo para serem lidos com os alunos em sala de aula. A Intertextualidade pode ser definida como um diálogo entre dois ou mais textos.

Inicialmente entregamos cópias dos 5 poemas abaixo e pedimos aos alunos que os lessem silenciosamente. Antes de explorarmos a presença da intertextualidade nos textos, estimulamos uma conversa sobre os poemas lidos com as seguintes perguntas: 1) Vocês já conheciam algum ou alguns desses poemas? 2) O que vocês acharam dos poemas? 3) Gostaram mais de algum em especial? 4) Qual dos 4 primeiros poemas você acha que foi escrito primeiro e há quanto tempo?

Em seguida, pedimos para que os alunos observassem o que havia em comum quanto ao tema nos 4 primeiros poemas e se eles reconheciam a presença de um outro texto no último poema “Hino”. Pedimos aos alunos que tentassem explicar qual a relação entre o poema “Canção do exílio facilitada” com “Canção do exílio”, “Canção da rua Casimiro de Abreu” e “Canção do desabafo”.

Canção do exílio Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores
Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar –sozinho, à noite–
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que disfrute os primores
Que não encontro por cá;

Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

(DIAS, 1993)

Canção da rua Casimiro de Abreu
Sérgio Caparelli

Outros bairros tem palmeiras,
Bem-te-vis e sabiás,
Mas o Bom Fim estende tapetes
De flores de jacarandás.

Não quero ir para longe
E ficar triste, a cismar,
Pertinho dos gaturanos,
Distante dos jacarandás.

E se existem tantas pessoas
Cismando com sabiá,
Não permita, Deus, que morram,
Sem que venham para cá.

Entre as flores de setembro
Caindo dos jacarandás.

(CAPARELLI, 2003)

Canção do exílio facilitada
José Paulo Paes

...sabiá
...papá
...maná
...sofá
...sinhá
...cá?
bah!

(PAES, 1993)

Canção do desabafo
Rita Lopes

Minha terra tem corruptos.
Cínicos senhores do poder
Envolvidos em mentiras, propinas e tramas mil,
Fazem o povo padecer.
Nosso futuro cobriu-se de incerteza.
Nossa vida ficou difícil, com inflação e outros temores.
Nossa gente sem garantia de saúde, educação e comida na mesa.
Nossos direitos ameaçados, cenário sombrio para os trabalhadores.

Quando ouço os discursos,
 Ponho-me a pensar:
 Cínicos senhores do poder,
 Pensam que conseguem a todos enganar!
 Minha terra tem trabalhadores
 Que vivem a lamentar:
 Como pode tanto imposto
 A vida do povo nada melhorar!
 Minha terra tem cínicos senhores do poder
 Que nos fazem padecer.
 Não permita Deus que eu morra
 Sem que eu possa comemorar;
 Sem que veja nosso povo
 Os corruptos desbancar;
 Sem que veja o poder do voto
 O cinismo derrotar.

(LOPES, [20--?])

Meu Hino - Cena7 (Michel)

Ouviram do Ipiranga as mentiras pálidas?
 De um povo genocida que se julgou heroico o brado retumbante
 E o sol da escravidão, em raios fúnebres?
 Brilhou longe do céu de nossa Matria antes desse instante.

Se o penhor dessa igualdade existisse
 Conseguimos sim! Conquistar com braço forte (pois o temos)
 Em teu seio, ó maldade
 Entregai a nossa carne de peito aberto à própria morte!

Ó Pátria abandonada
 Inda assim nos futebóis Idolatrada
 Salve??? Só se for... Salve tiu! Salve mina! Salve mano!

Brasil, em sono intenso, nem um raio parece que o revive
 De amor e de esperança a terra cansa e sofre...
 Se teu formoso céu fosse límpido, haveria estrelas por sobre São
 Paulo
 A imagem do Cruzeiro não resplandece, mas sim some em tua
 fumaça

Gigante pela própria natureza
 És belo, és forte, submissos colosso!
 E o teu futuro espelha essa grandeza? (abraça)

Terra mentirosa
 Entre outras mil
 És tu, Brasil
 Ó Pátria rancorosa!
 Dos filhos deste solo és pai cruel
 Pátria abandonada
 Brasil!

Deitado eternamente em coma num berço esplêndido

Ao som de tiros sem mar, sem luz, em sentido do céu escuro e profundo
 Fulguras, ó Brasil!? PUTO da América
 Cegado pela sombra do se diz Primeiro Mundo

Do que a terra, mais garrida?!
 Teus risonhos, lindos campos têm mais flores?!
 Aê!! “Nossos bosques foram roubados e passo a passo já não possuem vida”
 “Nossa vida” no teu seio “mais desamores”

Ó Pátria safada!
 Inda assim através da carne global Idolatrada
 Salve tiu! Salve mina! Salve mano!

Brasil, de amor eterno com suas mentiras seja ridículo
 O lábaro que ostentas ensanguentado!
 E diga o verde-louro dessa flâmulazinha...
 - “guerras internas sem futuro e sofrimento acorrentado no passado.”

Mas, se ergues com injustiça e corrupção a clava forte
 Verás que um filho teu mano meu! Empulha o cano e não foge à luta
 Nem teme quem te ignora, assim, lutamos pela vida a própria morte
 Terra abandonada
 Entre outras mil
 És tu, Brasil
 Ó Pátria amada!?
 Dos filhos deste solo és pai cruel
 Pátria rancorosa
 BRAZIL!

(ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2015, p. 34-35).

Intertextualidade na música

Nesta atividade entregamos aos alunos o poema abaixo “Os votos” do poeta gaúcho Sérgio Jockymann, publicado em 1980 no Jornal Folha da Tarde, de Porto Alegre/RS). Após sua leitura perguntamos aos alunos se o poema lhes era familiar. (A maioria dos alunos se lembraram da música “Amor pra recomeçar” de Roberto Frejat ou na voz da dupla sertaneja Jorge & Matheus).

Os votos

Sérgio Jockymann

Desejo primeiro que você ame,
 E que amando, também seja amado.
 E que se não for, seja breve em esquecer.
 E que esquecendo, não guarde mágoa.
 Desejo, pois, que não seja assim,
 Mas se for, saiba ser sem desesperar.

Desejo também que tenha amigos,
 Que mesmo maus e inconsequentes,
 Sejam corajosos e fiéis,
 E que pelo menos num deles
 Você possa confiar sem duvidar.
 E porque a vida é assim,
 Desejo ainda que você tenha inimigos.
 Nem muitos, nem poucos,
 Mas na medida exata para que, algumas vezes,
 Você se interpele a respeito
 De suas próprias certezas.
 E que entre eles, haja pelo menos um que seja justo,
 Para que você não se sinta demais segura.
 Desejo depois que você seja útil,
 Mas não insubstituível.
 E que nos maus momentos,
 Quando não restar mais nada,
 Essa utilidade seja suficiente para manter você de pé.

Desejo ainda que você seja tolerante,
 Não com os que erram pouco, porque isso é fácil,
 Mas com os que erram muito e irremediavelmente,
 E que fazendo bom uso dessa tolerância,
 Você sirva de exemplo aos outros.
 Desejo que você, sendo jovem,
 Não amadureça depressa demais,
 E que sendo maduro, não insista em rejuvenescer
 E que sendo velho, não se dedique ao desespero.
 Porque cada idade tem o seu prazer e a sua dor e
 É preciso deixar que eles escorram por entre nós.

Desejo por sinal que você seja triste,
 Não o ano todo, mas apenas um dia.
 Mas que nesse dia descubra
 Que o riso diário é bom,
 O riso habitual é insosso e o riso constante é insano.
 Desejo que você descubra,
 Com o máximo de urgência,
 Acima e a respeito de tudo, que existem oprimidos,
 Injustiçados e infelizes, e que estão à sua volta.

Desejo, outrossim, que você tenha dinheiro,
 Porque é preciso ser prático.
 E que pelo menos uma vez por ano
 Coloque um pouco dele
 Na sua frente e diga “Isso é meu”,
 Só para que fique bem claro quem é o dono de quem.
 Desejo também que nenhum de seus afetos morra,
 Por ele e por você,
 Mas que se morrer, você possa chorar
 Sem se lamentar e sofrer sem se culpar.

Desejo por fim que você sendo homem,
 Tenha uma boa mulher,
 E que sendo mulher,
 Tenha um bom homem
 E que se amem hoje, amanhã e nos dias seguintes,
 E quando estiverem exaustos e sorridentes,
 Ainda haja amor para recomeçar.
 E se tudo isso acontecer,
 Não tenho mais nada a te desejar.
 (JOCKMANN, 1980).

Em seguida entregamos a letra da música abaixo, a ouvimos e a lemos com os alunos.
 Após esta parte eles puderam comentar os trechos em comum com o poema “Os votos”.

Amor pra recomeçar

Mauro Santa Cecilia / Mauricio Barros / Roberto Frejat

Eu te desejo não parar tão cedo
 Pois toda idade tem prazer e medo

E com os que erram feio e bastante
 Que você consiga ser tolerante

Quando você ficar triste que seja por um dia
 E não o ano inteiro e que você descubra
 Que rir é bom, mas que rir de tudo
 É desespero

Desejo que você tenha a quem amar
 E quando estiver bem cansado
 Ainda exista amor
 Pra recomeçar
 Pra recomeçar

Eu te desejo muitos amigos
 Mas que em um você possa confiar
 E que tenha até inimigos
 Pra você não deixar
 De duvidar

Quando você ficar triste que seja por um dia
 E não o ano inteiro e que você descubra
 Que rir é bom, mas que rir de tudo
 É desespero

Desejo que você tenha a quem amar
 E quando estiver bem cansado
 Ainda exista amor
 Pra recomeçar
 Pra recomeçar

Eu desejo que você ganhe dinheiro
 Pois é preciso viver também
 E que você diga a ele

Pelo menos uma vez
 Quem é o dono de quem
 Desejo que você tenha a quem amar
 E quando estiver bem cansado
 Ainda exista amor
 Pra recomeçar
 Pra recomeçar
 Pra recomeçar
 Recomeçar
 Pra recomeçar
 Pra recomeçar
 (CECÍLIA; BARROS; FREJAT, 2001).

Exercícios poéticos: Prazer de brincar com as palavras

O nosso objetivo com os dois exercícios poéticos a seguir foi de desinibir os alunos quanto à escrita poética propiciando-lhes duas atividades lúdicas de produção textual.

Exercício poético 1: o que esconde seu nome?

Como diz Sorrenti (2009), esta proposta de atividade nasceu da leitura do livro *Diário de Classe*, de Bartolomeu Campos Queirós, no qual “o escritor apresentou um modo interessante de fazer *brotar palavras* a partir de uma palavra geradora, como ele explica no prefácio de seu livro (SORRENTI, 2009, p. 140). E ela continua citando o autor:

Se olho demoradamente para uma palavra, descubro dentro dela outras tantas palavras. Assim, cada palavra contém muitas leituras e sentidos. O meu texto surge, algumas vezes, a partir de uma palavra que, ao me encantar, também me dirige. E vou descobrindo, desdobrando, criando relações entre as novas que dela vão surgindo. Por isso digo sempre: é a palavra que me escreve. (QUEIRÓS, 1992, p. 5 *apud* SORRENTI, 2009, p. 140).

Sinopse do livro Diário de Classe de Bartolomeu Campos Queirós

Uma viagem poética através das Bárbaras, das Marianas, dos Rodrigos, das Lucianas...

Ah, o nosso nome! Quanta coisa ele guarda, quantas ideias, quantos sonhos, quantos amores! Só mesmo a sensibilidade do poeta para revelar esses segredos da nossa individualidade.

Fonte: Caleidoscópio

Nesta primeira atividade propusemos aos alunos que eles criassem poemas a partir das letras do seu nome, criando um jogo de palavras e explorando a sonoridade do seu nome, como nos exemplos abaixo:

Ali só ali se

Ali
 Só
 Ali

Se

Se alice
Ali se visse
Quando alice viu
E não disse

Se ali
Ali se dissesse
Quanta palava
Veio em ão desce

Ali
Bem ali
Dentro de alice
Só alice
Com alice
Ali se parece
(LEMINSKI, 2010)

L U Z I A

L U Z

L U A

L I A

Luzia lia

Na luz da lua

Lia, lia

... e ia!

(QUEIRÓS, 1992, p. 30-31 *apud* SORRENTI, 2009, p. 140)

LUCIANA

Lia na lua
recados
De Luci e Ana,
Lembranças de
Lina e Lana,
e saudades de
Luana
(QUEIRÓS, 1992)

GRAÇA

Se Graça trocar
De lugar as letras,
A garça voa.

E a menina,
Sem graça,
Fica sozinha.

(QUEIRÓS, 1992)

Colar de Carolina

Cecília Meireles

Com seu colar de coral,
 Carolina
 corre por entre as colunas
 da colina.

O colar de Carolina
 colore o colo de cal,
 torna corada a menina.

E o sol, vendo aquela cor
 do colar de Carolina,
 põe coroas de coral

nas colunas da colina.

(MEIRELES, 1987)

Exercício poético 2

Nesta atividade propusemos aos alunos que eles criassem poemas utilizando palavras que pertencessem a apenas uma determinada classe gramatical desenvolvendo uma sequência lógica de ideias que resultasse num texto coerente conforme o exemplo a seguir:

A PESCA

Affonso Romano de Sant'Anna

O anil
 o anzol
 o azul
 o silêncio
 o tempo
 o peixe
 a agulha vertical mergulha
 a água
 a linha
 a espuma
 o tempo
 o peixe
 o silêncio
 a garganta
 a ancora
 o peixe
 a boca
 o arranco
 o rasgão
 aberta a água
 aberta a chaga

aberto o anzol
 aquelíneo
 ágil-claro
 estabanado
 o peixe
 a arcia
 o sol
 (SANT'ANNA, 2009)

Afinal, o que serve para poesia?

Antes de iniciarmos a produção escrita dos poemas para o *Poetry Slam*, realizamos uma reflexão com os alunos sobre o que serve para poesia, ou seja, pode-se fazer poesia sobre o quê? Após essa reflexão inicial, lemos com os alunos o poema “Matéria de poesia” de Manoel de Barros que já constava do livro didático de língua portuguesa do 9º ano (FIGUEIREDO; BALTHASAR; GOULART, 2015), a fim de motivá-los um pouco mais para a produção escrita visto que muitos ainda não sabiam sobre o que escrever. Realizada a leitura do poema, fizemos algumas perguntas sobre o poema a fim de estimular o debate entre os alunos: 1) O que vocês acharam do poema “Matéria de poesia”? 2) O que mais lhes chamou a atenção no poema? 3) Você escreveria um poema sobre algum dos assuntos para se fazer poesia citados pelo eu lírico? Além desse debate, sugerimos que os alunos realizassem também as atividades propostas no livro didático sobre o poema.

Após a realização dessas atividades, os alunos iniciaram suas produções escritas em sala de aula as quais foram orientadas pelo pesquisador durante o processo de escritura. Algumas partes dos poemas foram escritas em casa pelos alunos devido ao pouco tempo que nos restava para concluirmos a proposta de intervenção. Todos os textos foram lidos pelo pesquisador a fim de orientar os alunos quanto à correção gramatical, quanto aos elementos de composição poética e para tirar dúvidas que os alunos quisessem.

Inicialmente os alunos escreveram apenas um poema para a realização da primeira parte do *Poetry Slam*. Aqueles que foram selecionados para a segunda parte, tiveram que escrever mais dois poemas para o evento final.

Leitura e produção

Roda de leitura: poemas

Converse com a turma



1. De que matéria é feito um carro? De que matéria é feito um livro? De que matéria é feito um lápis?
2. Para você, qual é a matéria da poesia?
3. Veja estes outros sentidos da palavra *matéria*.

Aquilo de que trata um livro, discurso, ação jurídica, etc.
Tema de uma discussão, argumento, exposição, etc.; assunto.

Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=mat%E9ria>>. Acesso em: 28 maio 2015.

- Considerando esses sentidos, qual poderia ser a matéria ou tema de uma notícia, de uma novela e de uma crônica?
- 4. Ainda de acordo com esses outros sentidos, o que pode ser tema ou matéria da poesia?

▼ Leia o poema de Manoel de Barros a seguir.

I. MATÉRIA DE POESIA

1.

Todas as coisas cujos valores podem ser
disputados no cuspe à distância
servem para poesia

O homem que possui um pente
e uma árvore
serve para poesia

Terreno de 10 x 20, sujo de mato – os que
nele gorjeiam: detritos semoventes, latas
servem para poesia

Um chevrolé gosmento
Coleção de besouros abstêmios
O bule de Braque sem boca
são bons para poesia

As coisas que não levam a nada
têm grande importância

Cada coisa ordinária é um elemento de estima
Cada coisa sem préstimo
tem seu lugar
na poesia ou na geral

O que se encontra em ninho de joão-ferreira:
caco de vidro, garampos,
retratos de formatura,
servem demais para poesias

As coisas que não pretendem, como
por exemplo, pedras que cheiram
água, homens
que atravessam períodos de árvore,
se prestam para poesia

Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma
E que você não pode vender no mercado
Como, por exemplo, o coração verde
dos pássaros,
serve para poesia

As coisas que os líquenes comem
– sapatos, adjetivos –
têm muita importância para os pulmões
da poesia

Tudo aquilo que a nossa
civilização rejeita, pisa e mijia em cima,
serve para a poesia

Os loucos de água e estandarte
servem demais

O traste é ótimo
O pobre-diabo é colosso

Tudo que explique
o alicate cremoso
e o lodo das estrelas
serve demais da conta

Pessoas desimportantes
dão para a poesia
qualquer pessoa ou escada

Tudo que explique
a lagartixa da esteira
e a laminação de sabiás
é muito importante para a poesia

O que é bom para o lixo é bom para a poesia

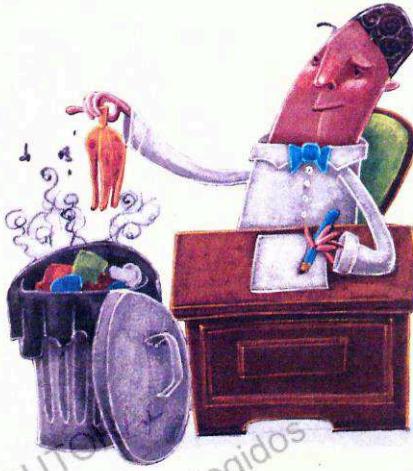
Importante sobremaneira é a palavra repositório;
a palavra repositório eu conheço bem:
tem muitas repercussões
como um algibe entupido de silêncio
sabe a destroços

As coisas jogadas fora
têm muita importância
- como um homem jogado fora

Aliás é também objeto de poesia
saber qual o período médio
que um homem jogado fora
pode permanecer na terra sem nascerem
em sua boca raízes da escória

As coisas sem importância são bens de poesia
Pois é assim que um chevrolé gosmento chega
ao poema, e as andorinhas de junho.

BARROS, Manoel de. *Matéria de poesia*.
Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974. p. 17.



EUGÉNIA NOBATTI

Glossário

- **Sémoventes:** que se movem por si próprios.
- **Chevrolé:** referência a Chevrolet, veículo motorizado.
- **Abstêmio:** que não toma bebida alcoólica.
- **Braque:** referência a Georges Braque, pintor e escultor cubista francês, que costumava representar bules em suas telas.
- **Garampos:** palavra inexistente nos dicionários, provavelmente um neologismo criado pelo poeta.
- **Colosso:** grandioso, descomunal.
- **Laminação:** ato de dar regularidade a um objeto, um material ou de diminuir-lhes a espessura.
- **Repositório:** lugar onde se guarda alguma coisa, depósito.
- **Algibe:** reservatório onde se recolhe água, geralmente da chuva.
- **Saber a:** ter o sabor de algo (este chá sabe a morango = este chá tem sabor de morango).
- **Escória:** coisa sem valor, desprezível.

Leitura e produção

Roda de leitura

■ Provocações

1. Releia o poema e, em dupla, respondam às questões a seguir. Depois, compartilhe oralmente as respostas com a turma.
 - Há regularidade no tamanho dos versos e das estrofes do poema?
 - Há repetição de palavras? Quais?
 - Há repetição de estruturas sintáticas? Dê exemplos.
 - Há versos com rimas internas? Dê exemplos.
 - Há aliterações e assonâncias? Exemplifique.
 - Há enumerações? Exemplifique.
 - Este poema não tem rimas, mas você diria que ele tem ritmo? Justifique.

2. Releia este trecho.

Um chevrolé gosmento

Coleção de besouros abstêmios

- Você acha que os assuntos citados poderiam ser matéria de algum outro tipo de texto que não fosse literário, como a poesia?

3. Segundo o poema, que tipos de assunto podem servir de tema para a poesia? Copie no caderno as possibilidades que lhe parecerem mais adequadas.
 - Acontecimentos importantes.
 - Questões filosóficas.
 - Coisas estranhas, imaginárias.
 - Problemas sociais.
 - A natureza.
 - Sentimentos fortes ou conflituosos.
 - Coisas simples, sem importância e corriqueiras.
 - Qualquer coisa.

4. Você concorda com o que diz o poema? Por quê?

5. Considerando que os textos poéticos permitem que cada leitor lhes atribua sentidos diferentes, que sentido você daria para os seguintes versos?

Importante sobremaneira é a palavra repositório;
a palavra repositório eu conheço bem:
tem muitas repercussões

6. Afinal, qual é a matéria do poema lido? Ou seja, do que ele é feito e do que ele fala?

Vamos pensar

Aliteração é o nome que se dá à repetição de um mesmo som consonantal em um verso.

Assonância: ocorre quando há a repetição constante de determinada vogal tônica (fonema vocalico) na sequência de um enunciado.

Este arquivo não pode ser reproduzido ou transmitido sejam quais forem os meios, eletrônicos, mecânicos, fotográficos ou quaisquer outros.

Reprodução proibida. Art. 18 da Código Penal e Lei 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998.

Quem é



O poeta pantaneiro Manoel de Barros em Campo Grande (MS), 27 abr. 2000.

Poeta do século XX, **Manoel de Barros** explora bastante a temática do cotidiano e da natureza, mais especificamente o Pantanal. Com um vocabulário mais coloquial e rural e explorando a formação de palavras novas (neologismo), o poeta transforma qualquer assunto em objeto poético.

QUADRO 6 – Sexta etapa da proposta de intervenção

Quantidade de aulas: 02
Assunto: Organização do <i>Poetry Slam</i> da turma.
Objetivos:
Criar um nome para o <i>Poetry Slam</i> da turma; Definir dias, horários, locais para realização do evento, premiações; Delegar funções para alguns alunos quanto à sonoplastia, jurados, organização do espaço, divulgação do evento para as outras turmas dos nonos anos; Definir funções de alguns alunos no dia do evento; Criar um cartaz com desenho e nome do <i>Poetry Slam</i> da turma.
Atividades: Discussão com a turma.
Metodologia: Aula dialogada.
Recursos didáticos: Lousa, pincel e voz.

Fonte: O próprio autor.

Tarefas:

- a) Criar um nome e um cartaz para o *Poetry Slam* da turma;
- b) Definir dias, horários e locais para a realização de cada uma das partes do *Poetry Slam*;
- c) Escolher os jurados e quem vai confeccionar as placas com as notas;
- d) Adaptar as regras do *Poetry Slam* para o *slam* da turma;
- e) Definir quem serão os alunos que vão divulgar o evento nas outras salas de nonos anos e convidá-los para assistirem;
- f) Escolher os alunos que poderão auxiliar no dia do evento final;
- g) Definir as premiações.

QUADRO 7 – Sétima etapa da proposta de intervenção

Quantidade de aulas: 04

Assunto: Realização das duas partes do Leões do *Slam*.

Objetivos:

Ler os poemas em voz alta para a turma num primeiro momento;

Selecionar dessa primeira apresentação doze finalistas para a outra parte do Leões do *Slam*;

Realizar o evento, num segundo momento, na quadra da escola com as três turmas de nonos anos;

Avaliação final feita pelos alunos da proposta de intervenção.

Atividades: Apresentação dos alunos em sala e, depois, na quadra.

Metodologia: Leitura oral e produção textual.

Recursos didáticos: Caderno, celular, voz, corpo (nos dois momentos).

Fonte: O próprio autor.

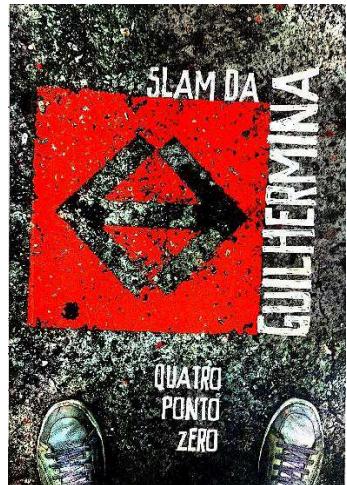
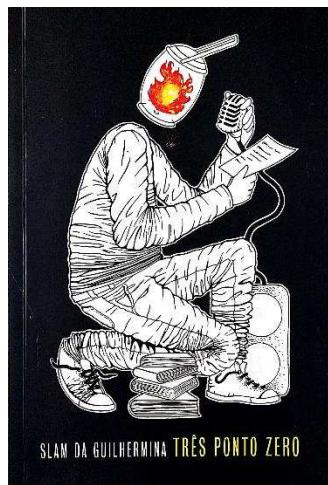
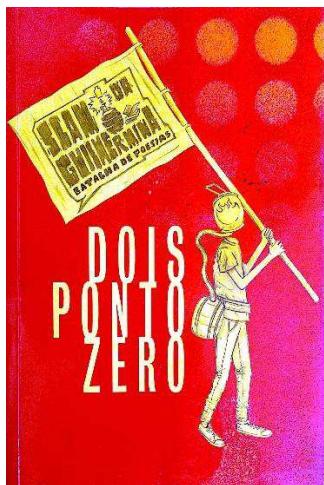
A sétima etapa foi dividida em duas partes: a primeira parte realizamos em sala de aula com os alunos organizados em círculo para que eles declamassem os poemas produzidos por eles a fim de que selecionássemos os finalistas para a realização do evento final na quadra da escola; a segunda parte, já com os 03 alunos finalistas, realizamos na quadra de esporte da escola com a participação de outras turmas de nonos anos na plateia.

Os textos produzidos pelos alunos foram publicados na página do Facebook. Finalizamos a proposta de intervenção com uma avaliação por parte dos alunos sobre todo o trabalho desenvolvido com eles nesta pesquisa.

ANEXO A – Coletânea de poemas de *slammers* brasileiros

Esta coletânea de poemas foi organizada pelo pesquisador a partir de uma seleção prévia realizada nos livros relacionados abaixo conforme constam, também, das referências do presente estudo. Este material foi utilizado para leitura e discussão na realização da proposta de intervenção desenvolvida em sala de aula na etapa 3 conforme os objetivos desta pesquisa, no intuito de contribuir para com a promoção do letramento literário com o gênero poema junto aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, da escola municipal Hilda Leão Carneiro, no município de Uberlândia/MG.

Livros a partir dos quais selecionamos os poemas para compor a coletânea:



**Ode às gargantas dos vários zóios de gato (Funk) – Felipe Marinho
(ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2017, p. 11-13)**

ser funkeiro
não é ser ligado ao tráfico
nem sempre funkeiro
é o favelado

por mais que eu não concorde
com as letras de apelação sexual
não posso aceitar discurso de ódio
que limite um movimento
autêntico e artístico
por gosto próprio

tal gosto que condena a
cultura afro brasileira
com as marcas da injustiça
que se fa(z)velado
atrás de um ponto de vista

que condena
quem por difícil conduta destrava
(...)
o passinho do romano
que não é menos
por não ser parecido com a valsa

funk,
tu rege um concerto
tal qual sensível
nas vidas quebradas
que são descriminadas
por ter sido
a única cultura acessível
por ser acessível já salvou vidas
me diz quantos bailes de favela
fizeram milagres
quando foram escritos
em um quarto mal arejado
por meninos
que não pegaram no cano
pela redenção da arte?

o funk é pra todos
pra todas as castas
me diz qual ritmo
que ia acolher uma travesti
que nem a lacraia?

cultura não é o nosso gosto

seu discurso preconceituoso
continua derramando sangue
vai ter baile sim
e se a perseguição continuar
vai ter ocupa baile funk

não reconhecer
o funk como cultura
é não reconhecer
os direitos do pobre e do preto
é desafiar os direitos humanos
com a desculpa da opinião
velando preconceito

ser funkeiro
não é ser ligado ao tráfico

mas o funk abriga
uma juventude
sem perspectiva funcional
sendo esta a juventude que sofrerá
com a redução
da maioridade penal

pro burguês super tendência
não é fashion week
muito menos roupa cara
são roupas
sendo examinadas no IML
lotadas de furos de balas

com uma certa clientela
pra um público em especial
pobres e pretos quem vestem a
obra assinada pelo estilista: policial

se redução da maioridade penal
realmente funcionasse
Eduardo cunha
não precisaria ter nem 16 anos
há muito tempo estaria
atrás das grades

das grades que condena
à juventude periférica brasileira
que nunca
teve uma mão de ajuda estendida
e sim uma arma
apontada pra cabeça

Sou poeta - Luck Vaz

(ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2017, p. 40-41)

Sou poeta
e eu prefiro ser
essa meta-“morfose ambulante”
que atinge a sua meta
(velha opinião formada sobre tudo)

Eu não me iludo
Eu não vou ficar seguindo essa seta
que só indica linha reta
pra quem vegeta
nessa monotonia
correta?!

É trabalhar pra matar a fome
e o que consome defeca
e se não come peca
e assim repete essa rotina
que me afeta
e me inquieta
Por que moleque tem que bater peteca?
E menina brincar de boneca?

Na quebrada
é mais botecos
e menos biblioteca
pra que o jovem favelado
na faculdade
tenha cota
mas nunca a beca

No busão nem soneca
No vagão o machismo
e sua velha dialética
Mensalão na cueca
Nossa água que seca
Querem acabar com o crack
mas comercial de cerveja
não veta

E quando acaba com a pedra
carrega massa
concreta

Se eu calar
eu sou mais um nessa coleta
Mas não me calo
pois sou
sou
sou poeta

Desabafo - Patrícia Meira

(ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2017, p. 69-70)

Socorro!

Gritou o Brasil,

O que a tira visão não mostrou, você não viu.

O neguinho saindo pra trabalhar, quatro horas da manhã.

Pela MP, foi enquadrado.

Descia o morro sonhando, mas pela coronhada do demônio de farda foi acordado.

Do sonho ao pesadelo, acinzentou - se tudo numa fração de segundos.

- Encosta vagabundo.

- vagabu...

Pow, pow

O PM apertou o gatilho, o sonho do preto acabou.

Do outro lado da cidade, não tem sonho só realidade.

Burguês engravatado que mal estudou, mas por ser branco, parente de fulano de tal pra melhor vaga de emprego foi indicado.

Plim, plim foi o tilintar das moedas que ecoou na rede Bobo que você foi laçado.

Ou seria dindim?

Plim, Plim do dindim.

_assine já a pay per vil e veja um bando de burguês ou preto não tem vez.

Gastando seu dinheiro num programa só pra branco, chamado grande irmão Brasil.

Irmãos, somos frutos da mesma pátria,

Por tanto, filhos da mesma puta mãe gentil.

Tacharam-me de louca, por chamar nossa pátria amada de puta.

Mas, orgulham-se em sermos reconhecidos como o país da Bunda.

Talvez seja por isso, que corremos o risco de morrermos soterrados na merda.

Porque cerveja, carnaval e futebol é o que interessa.

Já o resto não tem pressa.

Afinal, pra que mais saúde e educação se o povo brasileiro pra tudo dá um jeitinho.

Talvez seja por isso que é torturado aos poucos e vai morrendo bem devagarzinho.

Pouco importa a vida do pobre,

Essa realidade não dá ibope,

Estão todos encastelados em seu próprio egoísmo,

Então dane-se quem sofre.

O futuro do preto menor é ser bandido,

O futuro do branco maior é ser executivo e algoz de toda uma nação sofrida.

Nos querem ver mendigar por um BOM PRATO de comida.

Não querem que tenhamos sonhos e que sejamos votos, mortos em vida.

Mas essa é uma novela real que pela porra da globo,

Nunca será exibida.

Diário de um estudante - Daniel Carvalho

(ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2017, p. 87-89, grifos do autor)

Enquanto a grande se ocupa em criar mentira,
a cabeça do Governador ocupa nossa mira!

Nossa ira vira rima e intima
quem ocupa cargos de Poder.
Nossa poesia denuncia
quem se ocupa de mentira o seu ser.

Mentes desocupadas, que só leem TVs e jornais,
deveriam aprender um pouco mais com jovens que ocupam escolas estaduais.
Essas mentes cagam ao ler a Veja, ocupam papéis de irracionais.
Pra esse povo que na ignorância veleja, mais versos dos Racionais.

Ademais, querem que a gente acredite em reorganização escolar.
Não sabem que o Governo deixou o ensino de pernas pro ar?

Sem contar que a Mídia
não se pre-ocupa em falar
que a PM tá aí pra matar,
que nossa água tá pra acabar,
e que as obras do metrô e o aumento da tarifa serviram apenas pro bolso do Governo ocupar,
nem a merenda os caras conseguiram perdoar

Qual a próxima mentira a ir ao ar?
Só falta a seguinte manchete mandar: “Porcos ocupam o céu, eles aprenderam a voar”
Talvez essa notícia não seria tanta enganação, já que são porcos que estão em ação.
Jão, eles não aprenderam a voar, eles aprenderam a se candidatar.

Porcos de terno e gravata são eleitos por papagaios de pirata.
E, assim, mais um *demon-crata*
se candidata,
ganha eleição
para investir em repressão,
para investir em armas, balas e pistolas,
pra depois fechar escolas,
transformar salas de aula em gaiolas
e a verba da Educação em esmola.
Nossa voz agora degola
o pescoço de quem ocupa o fundo do poço.
LARGA O OSSO, ALCKMIN!
Seu tempo já deu!
Tucano que voa igual urubu ocupa um céu que ele escureceu.
Seja enforcado pelos braços de Morfeu!
Diga adeus!

Na nossa luta pra curar as feridas, a grande Mídia nossa causa invalida dizendo:
“escolas são invadidas”
NÃO!
Escolas não são invadidas,
escolas são ocupadas,

porque antes vozes são caladas,
vozes são sufocadas,
quando querem que escolas sejam fechadas.
O que queremos invadir é o sono tranquilo e doce,
pois o tempo de cruzar os braços acabou-se.

Ocupados em distorcer fatos
são culpados por blindar assassinatos,
pois fechar escolas
é matar histórias,
é matar lembranças,
é matar esperanças,
é matar o futuro,
é criar novos muros,
é cobrir com pano fundo e escuro
a incompetência...

RESISTÊNCIA!
De alunos e alunas,
não com murros,
mas com poesia,

*porque aqui estamos mais um dia
sob olhar sanguinário do vigia*

*porque aqui estamos mais um dia
sob olhar sanguinário
da política
facista
de alckmistas*

Devagar escola - João Paiva

(ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2016, p. 94-96)

DEVAGAR ESCOLA!
 “Ês” (eles) cola é por isso
 História sem ofício
 Oficina sem serviço
 Rápido demais
 Quer andar e deixa pra trás
 Reclama do atraso
 Ritmo ditado
 Ditado no ritmo da ditadura
 São ditados de tortura...
 DEVAGAR ESCOLA!
 É por isso que ês cola
 Senão não sai da escola
 Escora lá fora
 Espera acabar a prova
 A prova de bala
 Depois volta pra sala
 Estuda moleque
 Se não quiser ir pra vala
 Mas a matemática é uma má temática
 Deixa as criança estática
 Sem utilidade na prática
 E sem contar a gramática
 Que mais parece uma sátira...
 DEVAGAR ESCOLA!
 Senão ês cola
 E cê (você) não pode reclamar
 Cê faz eles de otário
 Eles seguem o seu ritmo e tinha que ser o
 contrário
 CE é lugar de formação
 Informação
 E que formas são
 Que cê usa pra fazer?
 Com métodos arcaicos,
 De colorir mosaicos
 Que nunca vão convencer?
 E o que eles querem aprender,
 Cê tá pronta pra falar?
 Ou quer seguir no conteúdo
 Vai, não para nos estudos
 Quadro cheio copia tudo...
 DEVAGAR ESCOLA!
 Ês cola
 E cê esfola a mente da galera
 Controle social
 Fecha a mente de geral
 Edu
 cação de verdade

Oferece liberdade
 Ajuda a comunidade
 Ajuda na cidadania
 Na luta de cada dia
 Olha os moleque e alivia...
 !
 DEVAGAR ESCOLA!
 É por isso que ês cola
 Comunidade a sua volta
 Vê se não ignora
 Ensina sobre a história
 Incentivando a luta de agora.
 Essas mente que não explode
 Escola vê se não fode
 Desse jeito não pode
 Os moleque pede: ACODE!
 Alguma coisa que atraia,
 Que nos chame a atenção,
 E que nos livre da vaia
 Do show da vida meu irmão
 E não nos deixe que caia
 Em qualquer boteco de esquina
 Alimente a esperança
 E o desejo de mudança
 No coração das crianças
 Muita comida na pança
 Preciso de confiança
 Escola vê se avança
 Mas, DEVAGAR ESCOLA!
 DEVAGAR ESCOLA!
 Queafêñum(não) cola!
 E a cola vai virar uma êx-cola!
 Vai ficar de enfeite.
 Só um mero lembrete.
 Os moleque tem sede.
 De saber,
 Descobrir,
 Conhecer,
 De sorrir,
 Envolver,
 Intervir,
 Interver,
 Saber ir,
 Saber vir,
 Saber ler,
 E saber
 Que pode contar com você, mas... devagar!
 ESCOLA!

AOS HOMENS DE BENS - Thiago de Freitas Peixoto
(ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2016, p. 30-33)

Eu não mordo a fronha
só babo
mas preciso dizer
que sinto vergonha em pertencer
a esse gênero tão efêmero e mal resolvido
que tem medo de ser confundido
se abraçar ou beijar um indivíduo.

Educado para valorizar o umbigo,
diz farsas e não diz eu te amo a um amigo.
Nega que ganha privilégios de graça,
vê na força da mulher uma ameaça
e na homossexualidade um perigo,
e após lerem esse poema
por certo arrumarão problema comigo.

Não ligo,
que façam barulho.

Essa ostentação do caralho
não é motivo de orgulho,
pelo contrário,
fomos criados para agir feito otários
e reproduzir comentários
de machos que se dizem alpha,
exaltando uma virilidade beta.
Uma gama de imbecilidades
que na realidade mostra
o que muita gente enrustedamente gosta.

Espero que a morte (sem piedade)
com toda sua feminilidade,
abraçe os que se julgam do sexo forte
pra abusar sexualmente
ou simplesmente se aproveitar de uma situação
dentro de um vagão lotado.

Um deputado propôs como solução
isolar todas as mulheres
e assim evitar confusão.
Existe, porém,
com relação a esse trem,
também outra questão
(que vai acabar caindo no vão):
a legitimação desse apetite do Cão.

Até quando vamos rezar a cartilha
de que somos parte duma matilha
que só faz expelir escarro?

“Seja homem você também:
 exerçite sua virilidade,
 largue essa pilha a louça,
 isso é resposta das moças.
 Saia pela cidade para fazer alvoroço.
 Acenda seu próprio cigarro.
 Ponha o braço pra fora do carro.
 Dirija como um piloto.
 Haja feito um escroto ao ver passar uma mulher.
 Finja realmente saber o que ela provavelmente não quer.”

Fomos doutrinados assim,
 a enxergá-las como um pedaço de acém
 e assobiar como quem diz “vem”,
 mas cá pra nós,
 isso nunca rendeu nada a mim
 e acredito que a ninguém.

Reproduzimos por ignorância,
 sem dar importância a essa arrogância
 que as provocam ânsia
 e faz com que mantenham distância
 por terem ciência que é a essência
 do que chamam de paumolecência.

Quantas vezes nos pegamos
 exaltando que não vomitamos,
 que nunca, jamais, brochamos,
 que nós podemos trair
 já elas tem que se dar ao respeito
 não podem beber até cair
 pois nós tiraremos proveito.

Escondemos sentimentos
 e optamos por mentir
 a confessar que amamos,
 choramos e esperneamos feito jumentos
 o fim de um relacionamento.

Nessa busca por ser o mais gostoso
 vence o maior mentiroso,
 seja por ter comido mais mina
 ou gozado mais sem sair de cima.

Volte Espertirina,
 saque desse buque vistoso
 seu poderoso explosivo
 e o atire contra nós, homens nocivos,
 ditos de família,
 que temem ter filhas
 ou filhos que usem rosa

E traem suas esposas
 (uma vez por semana),
 com garotas de programa

que, por não desfrutarem da nossa regalia,
são chamadas de vadia,
quando na realidade,
vinte e quatro horas por dia
são pessoas de verdade.

Diferente dos meus demais,
que quando convém,
são homens de bem,
quando não, são animais.

ESTADO CAPITAL - Thiago de Freitas Peixoto
(ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2016, p. 34-36)

Piauíiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii,
preciso ir,
preciso ir,
preciso ir, preciso ir, preciso ir.

Em São Paulo
o estado é capital,
toda Brasília, Gol(iás), sonha Sergipe
mas na marginal fica parado
ao lado do Rio de Janeiro a dezembro.

Aqui, Santa Catarina
vende Mato Grosso do Sul,
fino da norte, prensado da oeste
não há quem não compre,
não há um que preste
e (h)Ama(is)zonas que nunca.

Como no sertão agreste
a seco o amor padece.
Não (h)Alagoas
e ninguém oferece:
tó cantis, isso nunca se diz.

Ricos querem ser mais
pobres querem ser miss.
Uns brigam por espaço no trem
outros brincam com o ferRoraima que tem.

A maioria em drama
desfila de Pernambucanas.
O cheiro é Acre por toda parte
e isso só vai mudar
se a gente for Paraná força.
“Amapá(ra) de reclamar!”
Alguém vai esbravejar.

Bah,ia, mas como Pará?
do lado de cá do Rio Grande

que da Sul a Norte
divide a São Paulo Brasil,
toque de recolher é algo normal,
Pondônias ostensivas nos becos
é chão, caixão ou Distrito Federal
Infelizmente virou cultural
como pra gente soltar Maranhão.

O Sarney não, nunca dá linha.

Desde seus ancestrais
minas e mais Minas Gerais
para suas gerações futuras,
não falaremos a respeito,
sujeito a censura.

Os filhos do nordeste
sem país pra viver
sem pais pra criar
sem paz pra morrer.

Vendidos à esmola
sem escola Paraíbem na vida,
ou melhor, na lida.

São fortalezas
na terra que não vinga
nem Ceará.

Não tem Espírito Santo
nem tempo pra pranto
pois o amanhã taí
e o trem vai passar.

Piauíiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii,
preciso ir,
preciso ir,
preciso ir, preciso ir, preciso ir.

Maleducados - Thiago de Freitas Peixoto
(ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2016, p. 37-39)

“Crianças?
Há muito deixaram de ser!
Quem mandou não estudar?
Não sabem nem escrever
mas já aprenderam a roubar!

E nego ainda defende!
Esses moleques tão formados,
têm que apodrecer, enjaulado,
quem sabe assim aprende.

E não adianta dizer
que não havia outro caminho
o filho do meu vizinho,
coitado, foi abandonado,
sofreu de um tudo,
mesmo assim não caiu no mundo.”

É amigo.
Engolimos um discurso pronto,
no telejornal batido,
servido em busca de pontos,
e, pensado em nossos umbigos,
saímos reproduzindo
arrotadores de opinião
sem sequer refletir sobre a situação.

Nós criamos esse inimigo
negando-lhes passado,
presente e futuro digno.
Demos o mínimo do mínimo
quando muito, pão e abrigo,
e ao invés de reparação,
pensamos em mais um castigo?

É evidente que uma lei
para redução da idade penal
não é para o filho rei,
você sabe e eu também sei,
eles têm imunidade legal.

Convenhamos,
conhecemos a arapuca,
nos negligenciamos
para repassar toda a culpa.

Os abandonamos

e vamos lhes condenar
por não conseguirem escapar
do destino que nós mesmos traçamos.

Jovens talentos,
roendo ossos, sedentos,
entram cedo no esquema
por desenvolverem por dentro
uma disfunção tema de cinema:
nenhuma gota de medo
do tão temido sistema.

A falsa política,
a farsa midiática
e a força elitista covarde
os querem na estatística,
até que não mais exista
distinção de maioridade.

Nessa insensatez,
temendo ser a bola vez,
pedem grades aos dezesseis.
Amanhã com doze, com dez,
quem sabe até na gravidez,
talvez.

Defendo esse conceito
ciente de que estou sujeito
a uma bala escaldante no peito.
Me renderia um dilema
e outra manchete pro Datena.
Contudo, assumo esse risco,
não serei mais um omisso
a repassar o problema.

Recicle suas verdades
e clame as prioridades.
O homem já pisou na lua
e crianças ainda moram na rua,
essa a realidade.

O sol atravessa a peneira,
porque insistir que não?
O que vai acabar com a sujeira
um tapete ou o esfregão?
E quando não couber na lixeira
faremos o que então?

Homem, sexualmente livre! - Daniel Marques
(ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2016, p. 43-44)

Feito de homem e mulher
De masculinidade bruta
E feminilidade astuta
Ele é o que é!

Homem sensível
De duras palavras
Não trava o quadril
Onde quer que ele passa

Muitas são as perguntas:
-Tu é homem ou é mulher?
Desculpe amigo,
Sou o que quiser

O que me der na telha
Posso ser forte leão
Ou doce abelha
Pequena centelha
Ou enorme fogaréu
Do meu corpo faço templo
Ou escandaloso bordel

Não entendo
Porque tanta gente se espanta
Com homem que dança
De cabelo black e faz trança

Ei, vê se te amansa
Não condene o meu gingado
Malemolência é pra quem tem
Não é pros recalcado.

Tem até quem o chame
De efeminado ou homossexual
Mas na real
Quem é você para julgar
O Natural
De cada ser humano
Deixa o mano,
Ser feliz.
Metade ator, metade atriz
Critica a felicidade alheia
Mas na verdade é infeliz.

Se fecha ou se liberta
Tu só tem duas opção
Engolir teu preconceito
Ou lutar por emancipação.
Será em vão
Qualquer tipo de represálias
Contra repressão muitas gargalhadas
Para afrontar os canalhas
Que acham que homem não dança
Não se expressa
Diga o que quiser
Eu vou ser feliz à beça!

Aqui não! - Mariana Felix

(ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2016, p. 56-57)

Vejo-as por toda parte
 Educando filhos: coragem!
 Descem aos montes do busão
 Seja de manhãzinha ou à noite
 Indo às escolas buscando educação
 Estamos anos atrasadas...
 Mas nem por um dia sequer
 levanto desistente dessa batalha!
 Quem cozinhou, lavou, passou, apanhou... resistiu!
 Hoje mais do que nunca merece o meu respeito e do país ao qual tanto serviu
 Foram tantos tapas na cara, assassinatos, selvageria
 Vinda dos próprios companheiros, intitulados “Homens de família”
 E mesmo assim elas suportaram
 Engoliram o choro, foram chamadas de desquitadas, mas mesmo assim se separaram
 Umas com medo da morte
 Outras tantas do novo viver
 Mas ainda assim mulheres guerreiras, pagaram pra ver!
 O mesmo preço que tenho pago todos os dias
 Escolhi ser a mulher, própria líder da minha vida
 Carrego comigo a voz de várias meninas
 Que ainda não ousaram explorar de verdade a sua autoestima
 Às vezes não entendem que não devemos simplesmente agradar
 Valorize também o seu sexo, quem disse que somente o homem tem que gozar?!

Não aceite vidinhas...
 De tantos fogõezinhos e panelinhas
 Desde de pequena nos restringiram a cozinha
 Eu? Quero rua, salário igual, quero respeito!
 Ninguém mais cala a voz que sai do meu peito!
 Levantei uma bandeira
 Eu vesti uma camisa
 De liberdade e dignidade pra toda e qualquer mina
 Não case, se não quiser
 Ame, se puder
 Gere filhos, por você
 Eles? Nem sempre assumem a responsa
 Menos um nome de pai no R.G.
 O que não faz diferença na vida de muitas crianças
 São criadas somente por mãe
 Cheias de amor, regadas de esperança
 Não invada meu corpo sem ser convidado
 Não sou seu prato do dia
 Menos ainda manequim em catálogo
 Aqui não! Comigo não!
 Está dado o recado!
 Também sou gente!
 Sexo é carinho, momento a ser compartilhado
 Com quem eu quiser!
 Direto meu, igualitário
 Seja homem ou mulher
 Acredito: ainda vamos viver em um mundo como iguais
 Ainda verei muitas conquistas femininas, sem algemas pra nos impedir do que formos capaz
 Mas isso só vai acontecer quando houver união
 Não considere a outra sempre errada
 Isso os homens já fazem sem moderação.
 E se for pra falar em moral:
 Não sou santa!
 Tô bem mais pra Maria Madalena
 Mas como vocês bem sabem, nunca tive pretensão alguma de ser perfeita.

Projétil de lei - Luiza Romão

(ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2016, p. 80-81)

brasil,
tu te tornas eternamente responsável
por aquilo que pões em cativeiro
da FEBEM ao navio negreiro

sei que assusta
perder seus privilégios
somos o plano europeu que não deu certo
alerto:

reduzir a maioria
não é questão de segurança
isso é genocídio de criança
extermínio de classe
do moleque roubar o passe
tirar a bola
é oferecer prisão e não escola
tratar infância com escolta
então solta
larga o osso
agora não tem almoço
é fácil comer o pão
e o diabo ser o outro
mas vem do nosso rosto
o suor de todos os dias
brasil,
tu quer ser gigante?
então lembra do Golias

o poder gestado pelas mãos da minoria
no país da escravidão
ainda é branca a democracia
é a bancada da bala

e seus projéteis de leis:
onde já se viu
tornar-se adulto aos dezesseis?

diga aí vocês:
o país seccionado
a fratura está exposta
nossa bandeira não é a mesma
nem durante a copa

alienistas alienados
querem o brasil-condomínio fechado
têm sangue nas mãos
e agora nos olhos
mergulham a bíblia em poça de ódio

sabe,
meritocracia é fácil
pra quem já nasceu no pódio

por trás do discurso, investimentos:
células transformadas em cédulas
empresa de presos
desprezo
por qualquer matéria humana
cunha, eu sei quem financia sua campanha
quer tornar-se o novo franco da Espanha?

o jogo é certeiro:
cercar a casa-grande
e pôr três porteiros
mas, cuidado
com quem coloca em cativeiro

Canção do exílio paulistana - Daniel Carvalho (Daniel GTR)
 (ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2016, p. 103-104)

É simplório,
 mas Itaquera é meu território.
 Aqui
 nasci,
 cresci,
 vivi.

Na rua, o jogo de bola
 e as tardes de bicicleta;
 fase dos longos anos de escola...
 Nem sonhava em ser poeta.

Aqui, aprendi o que é namoro,
 encontrei o riso e o choro.
 Arrumei emprego,
 fui à universidade,
 aos poucos,
 construindo fui minha identidade.

Pena
 que minha região sempre foi esquecida,
 lembrada apenas nas más notícias;
 pela criminalidade ficou conhecida.

Lugar que pra ter solução
 vai ter que criar sim monte de cota
 e recebeu da mídia atenção
 somente por conta de uma copa.

Realidade estigmatizada
 realidade esquecida
 julgam não haver aqui qualidade de vida.
 Não sabem que aqui há também gente boa e querida?

Violência, trânsito e favelas,
 pobreza, injustiças e outras mazelas.
 Não é falta de sorte,
 o mesmo vejo no sul, oeste e norte.

Temos nossa cultura
 temos nossos parques
 temos nossos bares
 temos nossas universidades, escolas,
 artistas e intelectuais.
 O que os bairros nobres têm a mais?

Não se avalia
pelo poder aquisitivo,
mas por aquilo que é vivo
em nossa trajetória,
por tudo aquilo faz parte
da história.

E, aqui, na memória do tempo,
fazemos com poesia nossa história.

Nosso céu também tem estrelas
ocultadas pela poluição.
No Parque do Carmo tem mais flores,
vidas e amores.
Mas não gostam dele só porque é de Itaquera.
Quisera recebesse ele prestígio
de Ibirapuera.

Meu bairro tem um parque
onde canta um sabiá.
As aves que aqui gorjeiam
em nada perdem
para as aves de lá.

O menino e um farol - Daniel GTR
 (ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2016, p. 108-110)

É frio, tá de noite
 o vento me corta tipo uma foice.
 Jaqueta fina, calça que não serve no irmão
 chinelo, sem meia,
 imagina a pressão.

Tô com fome e preciso levar grana pra casa
 entro num fast food
 mas ali só tem gente rude comendo
 vai vendo!
 Entro,
 peço uns trocado
 mas na mente dos cara sentado tá escrito:
 “dar grana pra moleque folgado, pra quê? Não sou obrigado!”
 Me sinto culpado, nem sei de quê!
 O recado é dado no olhar indiferente
 mas na fala, a forma é diferente;
 sorrisinho sem graça e hipócrita na boca:
 “não tenho grana hoje, filho.”
 E assim eu trilho
 mas só partilho
 da mesma dor
 com quem é da quebrada
 porque pros outros, nós não é nada
 a moeda nem é dada
 mas a ideia errada é lançada:
 “sustentar família errada? Vagabundo que bota criança no mundo? Não
 vou! Cadê o pai dessa criança?”
 Ae, também faço essa cobrança!
 Meu pai tá preso...
 Foi isso que me deixaram de herança
 “Mas e a mãe?”
 sei lá, meu,
 quem tá pedindo ajuda não é ela,
 sou eu!
 Passo de mesa em mesa
 mas já na certeza do não
 não tenho patrão
 mas tenho minhas metas
 preciso sustentar meus irmãos.
 Tá vendo como no bagulho tenho resposta?
 E você aí na desconfiança.
 não, nem tenho tempo de estudar
 nem cabeça pra pensar
 que a escola é importante
 o trampo na rua é maçante.
 Enquanto os moleque da sala têm tempo de jogar vídeo game e fazer lição
 minha mãe não tem grana pra botar lápis e borracha na minha mão.

Realidade dura e fria
 o desejo de vingança em mim se cria.
 Os moleque me zoando na escola
 só porque vivo pedindo cola
 acham que sou burro, idiota
 é... talvez eu seja
 mas minha melhora ninguém almeja.
 As prof dizendo que não tenho esforço
 vou ficar de reforço
 uns até dizem que cheguei ao fundo do poço.
 Mas também tenho minhas metas
 também tenho os meus sonhos
 até uns funk componho...
 também quero andar nos pano
 não é isso que dá valor ao ser humano?
 Então, por isso comecei a andar com uns mano aí...
 Tô fazendo coisa errada
 Eu sei
 Mas também queria ter vida de rei

A realidade da rua convida
 à conduta da intriga e da ira.
 Dizem pra mim “sai dessa, é fria!”
 Sair como? Minha vida nem tem poesia!
 E nem me venha com ladainha de meritocracia!
 Qual é a tua?
 Trampo vendendo bala na rua
 enquanto você sai de carro pros rolê
 pra você ver,
 não é a meritocracia que faz a gente crescer?
 Então, tio,
 trampo no frio, olho uns carro,
 vendo bala no farol,
 faça chuva, faça sol,
 tô na correria
 mas a recompensa de mim se distancia!

Fala, jão, por que tô dessa?!
 Fala, caraio, como saio dessa?
 Meça seu preconceito, parça
 porque por nós não há quem faça!

*

Relaxa, jão, não vou te assaltar
 mesmo você miguelando aí o que vai sobrar.
 Quem tá roubando aqui é a sociedade
 tá assaltando a infância de um menino.
 E sempre parece destino do oprimido parecer o assassino...
 Quem mata aqui é você, pobre burguês da classe dominante
 é o seu olhar de desprezo, arrogante.

O grande inquisidor
 da minha sentença
 é a tua indiferença!

Meu Hino - Cena7 (Michel)
 (ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2015, p. 34-35)

Ouviram do Ipiranga as mentiras pálidas?
 De um povo genocida que se julgou heroico o brado retumbante
 E o sol da escravidão, em raios fúnebres?
 Brilhou longe do céu de nossa Mâtria antes desse instante.

Se o penhor dessa igualdade existisse
 Conseguimos sim! Conquistar com braço forte (pois o temos)
 Em teu seio, ó maldade
 Entregai a nossa carne de peito aberto à própria morte!

Ó Pátria abandonada
 Inda assim nos futebóis Idolatrada
 Salve??? Só se for... Salve tiu! Salve mina! Salve mano!

Brasil, em sono intenso, nem um raio parece que o revive
 De amor e de esperança a terra cansa e sofre...
 Se teu formoso céu fosse límpido, haveria estrelas por sobre São
 Paulo
 A imagem do Cruzeiro não resplandece, mas sim some em tua
 fumaça

Gigante pela própria natureza
 És belo, és forte, submisso colosso!
 E o teu futuro espelha essa grandeza? (abraça)

Terra mentirosa
 Entre outras mil
 És tu, Brasil
 Ó Pátria rancorosa!
 Dos filhos deste solo és pai cruel
 Pátria abandonada
 Brasil!

Deitado eternamente em coma num berço esplêndido
 Ao som de tiros sem mar, sem luz, em sentido do céu escuro e
 profundo
 Fulguras, ó Brasil!? PUTO da América
 Cegado pela sombra do se diz Primeiro Mundo

Do que a terra, mais garrida?!

Teus risonhos, lindos campos têm mais flores?!

Aê!! “Nossos bosques foram roubados e passo a passo já não
 possuem vida”

“Nossa vida” no teu seio “mais desamores”

Ó Pátria safada!
 Inda assim através da carne global Idolatrada
 Salve tiu! Salve mina! Salve mano!

Brasil, de amor eterno com suas mentiras seja ridículo
O lábaro que ostentas ensanguentado!
E diga o verde-louro dessa flâmulazinha...
- “guerras internas sem futuro e sofrimento acorrentado no passado.”

Mas, se ergues com injustiça e corrupção a clava forte
Verás que um filho teu mano meu! Empulha o cano e não foge à luta
Nem teme quem te ignora, assim, lutamos pela vida a própria morte
Terra abandonada
Entre outras mil
És tu, Brasil
Ó Pátria amada!?
Dos filhos deste solo és pai cruel
Pátria rancorosa
BRAZIL!

A moça, a cidade e o metrô - Victor Rodrigues
(ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2015, p. 53-54)

a moça caiu no metrô
se machucou
causou um alvoroço danado
quem é o culpado?
maquinista? controlador?
senhor prefeito? governador?
ninguém?
tem?
me diga por favor
a moça caiu no metrô
e deu dô
ultrapassou a faixa amarela
disseram que foi culpa dela
anunciaram na SSO
caiu
não esperou
não prestou atenção
na pressa tropeçou
no vão da plataforma
perdeu a baldeação
a moça estava cansada
não queria viajar de pé
queria ir sentada
mas era uma qualquer
e o assento é preferencial
então foi julgada
caiu na mão do guarda
foi parar no tribunal
investigada
descoberta
pulou a catraca
tentou ser esperta
tinha perdido a integração
não tinha crédito no bilhete
sem sistema
não tinha dinheiro
tinha problema
desesperada
passou sem pagar nada
não chegou à sua estação
criminosa condenada
a coitada que caiu no metrô
não saiu ilesa
atrapalhou
está presa
por causa dela a cidade parou
por causa dela todo mundo atrasou
e ninguém perdoou
a moça caiu no metrô
e ninguém ajudou

Ideias de televisão - Victor Rodrigues
 (ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2015, p. 55-57)

patifes superpops dizem ser mais você
 mulheres fabricadas e galãs de fachada
 apresentam fórmulas pra ser feliz
 mostram casas dos artistas pra te fazer aprendiz
 ídolos em larga escala
 não saia da sala
 é hora da audiência subir
 big brothers preparados dentro de um caldeirão
 amigos comercializados movidos à malhação
 é só falar que te escutam sem demora
 têm o melhor do Brasil num domingão legal espetacular
 fantástico é fazer o que quiserem ensinar
 sua cabeça ponto a ponto disputam até altas horas
 com o controle na mão te querem na programação
 então ensinam a moda que sua essência poda
 escolhem seu gosto modelam seu rosto
 quem topa tudo por dinheiro facilmente se acomoda
 quem liga primeiro garante seu posto

o que cê quer ser quando crescer?
 artista global? sex symbol nacional?
 cantor do momento? craque mundial?

pessoas em pânico riem de qualquer piada
 fingindo esquecer não ter uma vida engraçada
 nos shows da fé vendem ilusão dizendo que tudo é possível
 a nova era do circo e do pão
 em alta rotação e a dor de combustível
 uma sessão da tarde é pra distrair
 disfarçar que a tela é quente a ponto de estourar
 o povo no limite no passa ou repassa
 se vira nos trinta morre de graça
 com porta na cara
 sonhando uma alegria cada vez mais rara
 não vale a pena ver de novo
 filmes retratam sempre as mesmas trapaças
 enquanto trapalhões exibem cífrões
 nenhum capacho sai de baixo
 o jogo não é aberto
 sai na frente o mais esperto
 o jogo é sujo e está longe de querer ver o homem liberto

jornal hoje é seu manual
 seja ao redor do globo ou nacional
 no horário eleitoral é gratuita a zorra total
 as portas da esperança já se fecharam há muito tempo
 a praça não é mais nosso passatempo
 ninguém sabe na verdade
 onde foi enterrado o baú da felicidade
 casos de família são graves cada vez piores
 grandes famílias ficam cada vez menores

amor e sexo não caminham juntos
namoro na tv é baixaria pra ter assunto
a tv fama ao povo conclama
quanto mais fantasia menos gente reclama
tem cidade alerta do sul a Brasília
e o caso do Brasil é urgente
mas do nordeste a São Paulo acontece que a massa esfria
enquanto riem em horário nobre
bem na nossa frente
o cheiro é podre e se espalha no ar

espectadores distantes de si
sonham sentados em sofás
uma vida que não podem nem precisam
com recursos que não têm
humilhados ao vivo
querendo ser alguém
engolindo não ser ninguém

ideias de televisão
toda hora todo dia
numa grade de exibição sem espaço pra alforria
há sempre uma novela pra te descrever
te comprar e te vender
te acostumar a esquecer
faça dela seu guia
antena no quintal
escolha seu canal
quem te viu quem te vê
babando num comercial
quem diria
tudo a ver

Miniatura - Victor Rodrigues
(ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2015, p. 58-60)

a bela adormecida agora vive acordada
à base de remédios, sempre estressada.
na terra do nunca invadiu o trabalho infantil,
produção em série, rentável como nunca se viu.
animais de espécies raras estão em extinção:
não há mais pica-paus, pernalongas, frajolas,
porquinhos, patolinos ou pequeninos piu-pius.
tom e jerry correram,
os ursinhos carinhosos se enfureceram,
zé colmeia partiu e scooby-doo sumiu.
não existem mais reis leões
nem meninos lobos nas florestas.
não é mais fantástico o mundo de bob;
os flinstones são civilizados,
os jetsons estão ultrapassados.
a turma da mônica brigou e se desuniu.
a bela é aquela que agora
espera a fera que perdeu a hora;
a fera que foi embora e bateu a porta,
a bela que agora chora e aborta.
cinderela se divorciou,
os anões pediram demissão,
alice voltou,
limparam as migalhas do chão,
aladin largou jasmine,
chapeuzinho mandou a vovó pro asilo,
pinóquio foi trocado por marfim,
fizeram couro do crocodilo.
o bicho-papão veio assustar,
trouxe a cuca pra pegar,
o boi-da-cara-preta pra ajudar
e não tem herói pra salvar.
a amarelinha desbotou,
a corda está arrebentada,
o barquinho afundou,
a bolha foi estourada,
o pequeno bote virou,
a dona aranha está cansada,
a adoleta acabou,
a borboleta tem empregada.
sem cozinha, sem comidinha,
sem passa-anel;
se quer casinha paga aluguel.
sem sujeira, nada de papel,
nem pipa, nem avião;
sem ciranda ou carrossel;
nem bola, bolinha ou balão no céu,
nem figurinha ou pião no chão.
a graça se esconde-esconde
porque a cabra-cega agora enxerga.
o gato-mia e não se sabe de onde;

melhor fugir se não pega-pega.
roubaram a bandeira e ninguém sabe de nada;
corre cotia pra não ficar queimada.

o pé-de-moleque já é calejado.
malandro, agora só dadinho viciado.
tubaína não ganha menina,
não faz ver teta de nega.
sem gibi nem amor,
deixa a maria dar mole
que com louvor ele chega.
de cigarro na boca,
sabor chocolate,
a surpresa já é pouca.

sabe bem do doce que quer lambuzar.
se acha o rei da cocada;
preta, branca ou queimada.
já passou da hora do geladinho esquentar.
então se apressa, sem conversa;
quebra-queixo de otário
que ficar no seu lugar.
diz que não se deixa mais enganar.

lencinho branco manchado
caiu no chão e foi deixado.
moça bonita de coração gelado;
joão é bobo, não serve pra namorado.
duro ou mole, quente ou frio, morto ou vivo;
agora tanto faz.
a batata é fria, seu mestre não manda,
a estátua anda sem motivo.
nem cravo, nem rosa, nem lenda, nem prosa.
era uma vez nunca mais.

Palpites da copa - Luiza Romão
 (ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2015, p. 67-69)

era pra ser de várzea,
 te fizeram Itaquerão.
 era pra ser pelota pelada
 pedala Pelé,
 projeto de pátria,
 bola no pé
 mas virou World Cup

pro elenco de estrelas,
 investimento estratosférico,
 não sei mais o nome dos teus astros,
 por isso escalo
 o que vejo no estádio:
 Fiat na zaga;
 Adidas pelo meio;
 BR cruza pra Unimed
 lá vem Semp Toshiba
 olhá o Habbibs chegando
 LG com Liquigás
 e é GOOOOOOL!!!
 (Linhas áreas inteligentes)

nesse passe-repasse
 a bolada some
 num passe de mágica.

em campo são onze,
 mas a ordem
 vem do Banco.

apararam
 a grana
 do gramado
 pra debaixo do tapete.

o chapéu
 virou cartola;
 não sei o que fizeram
 do coelho nesse história.

não há impedimento
 pros seus cruzamentos
 financeiros.

a barreira aperta
 mas a bola sobe:
 encobre o goleiro
 o fiscal
 o agiota.

seu estádio vale mais
 do que qualquer escola
 professor bem pago

é o técnico dessa palhoça
enquanto isso, os moleques
só usam caneta
na hora de fazer gol de letra.

aos 48 do segundo tempo
um dois cinco
milhões
de acréscimo
por alguma entrada ilícita
ou falta
de planejamento

o meio de campo tá armado
com canhão, tiro de meta
pra silenciar quem,
do lado de fora,
protesta

carrinho agora é blindado
bicicleta, envenenada
arquibancada só pra quem tem
cartão amarelo
visa mastercard ou cielo
de TUP(i)

só a organizada,
sua língua oficial
é Real Madrid
Sócrates virou auto-ajuda
Casagrande voltou pra senzala
seus ídolos não tem mais Raí.

na minha terra tinha Palmeiras
onde cantava galo gavião píqurito
terra de todos os Santos
de São Paulo a Santo Expedito.

era pra ser Fla-flu
Botafogo nos Sport
Grêmios de toda sorte.
mas seu Cruzeiro aponta
pro Hemisfério Norte,
você só quer saber se auto-alstral
sua Vitória é Internacional

se esse é o país do Futebol
eu penduro minhas chuteiras
enquanto o grito na garganta
for motivo de pranto,
espero voltar do vestiário

o futebol primário,
sem empreendedores
que faz de nós,
Libertadores!

Da impossibilidade de ser romântica em São Paulo - Luiza Romão
 (ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2015, p. 70-71)

São Paulo:
 quanto mais carece, mais encarece
 quanto mais pressa, menos praça
 quanto mais apreço, maior o preço

em São Paulo,
 o carinho anda tão caro
 que ela só me fazer carão.

eu digo,
 juro que te amo,
 e a cidade me cobra
 à vista.

eu digo:
 promessa de vida,
 você entende,
 promissória dívida.

eu só queria uma transação às claras
 sem lobby
 puro hobby
 mas, São Paulo,
 você só transa no escuro:

me encosta contra o muro
 e me revista,
 Veja SP,
 minha Caras de espanto,
 Isto É opressão de outra Época;
 Caros Amigos a coisa aqui
 continua preta
 tem muito sangue, muito choro e rock n'roll
 eu pensei em te fazer uma serenata,

éramos três Mano Brow e uma passeata,
 mas bateu a Polícia Civil
 Cala a boca! Olha a Lei do Psiu!

pensei em pixar seu nome na São João,
 mas as câmeras caguetaram:
 deu cana,
 detenção.

pensei em me jogar na linha amarela:
 Por você, meu amor, enfrento qualquer querela
 mas ela era privatizado, dinheiro dos banqueiros:
 Quer se matar, imbecil, se joga no Rio Pinheiros.

pensei em te comprar perfume no Iguatemi,

mas nem lá entrar, eu consegui.
o segurança me mediu debaixo em cima
Ô moleque, sai daqui.

pensei em invadir seu quarto durante a noite,
nem preciso falar,
acabei no açoite.

pensei em tanta forma
de me declarar pra você
flash mob poesia
até me vesti de ET.

Juro não foi por falta de querer.
Porra! Te amo, São Paulo!

mas essa mania de vigilância
segurança, mata até criança,
tá me dando ânsia.
mais um pouco,
vou começar a crer
que não há mais amor em SP.

Coração de frango - Luiza Romão

(ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2015, p. 79-80)

e o coração,
quanto pesa?
perguntou ela,
moça magrela
de expostas costelas,
ao homem bigodudo
atrás do balcão.

depende,
de boi ou de frango?

intrigada
não entendeu,
pois era do dela
que tratava.

sabia que pouco valia,
era carne fraca
sangue de anemia
que batia mais por inércia,
do que serventia.

na verdade,
queria fazer uma barganha,
trocar seu coração
por, quem sabe,
um naco de picanha.

o homem não estranhou a proposta
da moça de costelas expostas.
era a terceira vez
que vinham lhe oferecer
aquele estranho produto
já conhecidamente sem uso.

mas por pena ou caridade
lhe ofereceu em troca
duas asas de frango.
o que era muito,
comparado ao seu tamanho.

faminta,
aceitou sem demora.
lambuzou-se com as asas alheias,
visto que ela,
bicho terreno,
não conhecia tais atrevimentos.

até hoje não se sabe:
se foi a gordura espessa
ou a carne fibrosa
(tão desconhecidas a seu corpo de menina)
que lhe causaram alucinação.

fato é que
munida da carcaça das duas asas,
uma em cada mão,
acreditou-se ave,
ave Maria,
e do parapeito da janela,
estufou o peito externo.
de um só golpe
sentiu o corpo leve.

o voo foi breve.
o baque, surdo.
a carne mole,
moída na calçada,
parecia que indagava:

e meu corpo,
quanto vale?

“Não senhor!” - Mariana Félix
(ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2015, p. 91)

Não é sua beleza que determina se eu vou ficar
Não são seus bíceps “bem trabalhados” que me farão querer te beijar
Não me vendo por sua família de nome, seu dinheiro, seu status
Não preciso ficar mendigando carinho, respeito e abraços
Não preciso me adequar à sociedade pra você me aceitar
Não é você quem me diz o que devo pensar
Minha cerveja faço questão de não te deixar pagar
Pra depois você não achar que te devo algo, e vir do pior jeito me cobrar
Não é seu julgamento que me sufoca
Não é seu carro que me transporta
Não preciso me deitar com quem eu não queira pra “abrir portas”
Não são suas notas de 100 que vão me comprar
Não sou mercadoria pra você me vender depois de me usar
Não sou mostruário pra enfeitar
Não é você quem decide quando posso falar
Não é seu olhar de desdem que me consome
Não preciso ser a mais bonita, pra feito objeto você me mostrar pra outros homens
Meu decote não é de puta
Minha fala não é de deboche
Não é você quem determina o tamanho do meu shorts
Da sua academia não sou escrava
Na sua roda de amigos muitas vezes sou mal falada
Não vou deixar seu machismo me remeter a ser uma mulher, só pra ser usada
Não preciso ser perfeita: uma boneca muda, gostosa e sem falhas
Talvez eu não seja pra casar, pra namorar...
Talvez você ache que eu nem sou digna de ao seu lado estar...
Mas se esse é o preço que todos os dias eu tenho que pagar do meu bolso, centavo por centavo, para simplesmente poder ser eu...
Fica com seu troco!

Vinagre - Luiza Romão

(ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2015, p. 81-83)

ela vinha	ela vulto
ele vinho	ele vulva
ela tinta	ela fenda
ele tinto	ele fundo
ela pisca	ela falha
ele pisco	
ela suga	ele para
ele suco	ela pede
ela breja	ele para
ele brejo	ela pede
ela mangue	ele poda
ele manga	ela tenta
ela tang	ele tonto
ele tango	ela chora
ela samba	ele cora
ele sombra	ela chama
ela sanha	ele xinga
ele sonho	ela chata
ela sala	ele chuta
ele solo	ela parte
	ele porta
ela bula	
ele bala	ela anda
ela bela	ele onde
ele bolo	ela lembra
ela bola	ele lombra
ele bebe	ela limbo
ela baba	ele lindo
ele bobo	ela apega
ela brasa	ele apaga
ele brisa	ela liga
ela louca	ele logo
ele louça	ela suma
ela limpa	ele some
ele língua	ela surta
ela lava	ele sorte
ele love	
	ela volta
ela saca	ele vira
ele soca	ela vinha
ela tira	ele vinho
ele tiro	eles vinagre.
ela mata	
ele mete	
ela monta	
ele mente	
ela cama	
ele come	
ela grita	
ele gruta	
ela supra	
ele sutra	

“Um outro conselho” - Mariana Felix
(ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2015, p. 94)

Se eu pudesse te dar um conselho hoje: chora!!
Porque chorar também faz bem!
Chora porque você tá com medo
Chora porque ainda que você tentou certo, deu tudo errado
Chora porque às vezes o que te falta é só um abraço apertado!
Mas não chora acuado
Se joga! Chora bem alto
Se entrega, se permita
Chorar não significa que você é fraco!
Chora porque você carrega o mundo nas costas
E ninguém parece perceber
Chora, porque o choro te liberta
Muitas vezes faz um novo dia nascer
Chora porque seu amor foi embora, com promessa de não voltar
mais
Chora porque você tinha algo a dizer...e a chance ficou pra trás
Chora de soluçar...mas não procura culpados
Suas lágrimas são pra aliviar sua dor
Aliviar seu cansaço
Depois que você chorar tudo, a ponto de até vermelho estar
Dá aquele suspiro de alívio
Pensa: ufaaa!! Cansei de chorar!
E ai... ria de si mesmo
Tentando lembrar do que tanto chorou...
Porque te garanto que vai parecer quase nada...o que agora pouco
parecia dor

Consumo - Leandro Santoro

(ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2015, p. 113-114)

Seu salário acabou e agora você passa fome e frio.
Pois é! O consumismo já te consumiu.
Perdeu o emprego. Não fazia nada. A empresa faliu.
Pois é! O consumismo já te consumiu.
Fez um empréstimo e a dívida está quase nos seis mil.
Pois é! O consumismo já te consumiu.
Seus pais o perderam pro poder caótico do Brasil.
Pois é! O consumismo já te consumiu.
Consumido, consumida ou consumidor, tanto faz.
No seu crescimento um passo para frente são cinco para trás.
E por que você deixa que tudo aconteça deste jeito?
Abre o olho. Preste a atenção e vê se faz as coisas direito.
Deixe de viver esse seu mundo de mentira.
O Brasil não porque o redentor virou uma das sete novas
maravilhas.
Isso você deveria ter, com clareza, em sua mente.
Mas não, você custa a entender que é inteligente.
Também não acredita no poder que tem latente.
Desenvolver o conhecimento é só elo da corrente.
Entre as coisas que você pensa e as coisas que você faz.
Se o consumismo é forte sua mente pode ser mais.
A capacidade de mudar é grande então mude.
Falar não adianta se não existe atitude.
Arranjou um emprego graças a um amigo do seu tio.
Pois é! O consumismo já te consumiu.
Mas não deu valor e gastou todo dinheiro que conseguiu.
Pois é! O consumismo já te consumiu.
Depois que viu que saldo da conta, vazio.
Pois é! O consumismo já te consumiu.
Pediu emprestado pro chefe e ele logo te demitiu.
Pois é! O consumismo já te consumiu.
Quando o assunto é dinheiro o seu problema é Real.
Não é Dólar nem Euro é brasileiro seu mal.
Você só pensa em dinheiro quando é que vai entender.
Vive em prol da “grana”, mas ela não vive em prol de você.
Quando entender isso será grandioso.
Pensar nas riquezas da vida e não nas riquezas do bolso.
Valioso é crescer na vida de pouquinho em pouquinho.
E não fica rico, poderoso e sozinho.
É trabalhar com honestidade em qualquer profissão.
É ter responsabilidade até na hora da diversão.
O capitalismo faz vítimas e você já está na mira.
Faz mal, eu sei, mas ta no ar que a gente respira.
Para que não sofra com ele você terá que aprender.
Controle logo o sistema ou ele controla você.

Ao homem: a sensibilidade - Daniel Marques
(ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2015, p. 126-127)

Mostra-te homem,
torna-te visível,
soma no combate,
seja mais sensível.

Um macho machucado
De corpo ralado.
Chora e lembra, de que já fostes um ser pequenininho.
De olhos iluminados,
um frágil pivotinho.

Ninguém é forte para sempre,
A todo momento ou a qualquer hora.
Homem que é homem,
também desaba,
desabafa,
descansa.
Às vezes faz bem a fala mansa.

Lágrima rola,
rola um dia brocha.
Nem tudo é bola,
Bate boca ou ereção.
Na masculinidade pode haver a compreensão,
Para com os irmãos ou com as companheiras.
Às mulheres o respeito!
Lado à lado só riquezas.

E se amar à outro,
não permita que o impeçam.
Demonstrar o amor,
vai além do que impuseram...
A sexualidade.
Manter as aparências só matam as vontades.

Fragilidades aos carrancudos!
Banco de lágrimas aos durões,
que se podam, se deixam, se vão...

Lembre-se: Por de trás do peito de aço, ainda bate um coração!

O Outro Lado - Rafael Carnevalli
 (ASSUNÇÃO, C.; ALCALDE, E.; CHAPÉU, U. 2015, p. 147-148)

o lado que é menos visto
 o lado que é mais julgado
 deste lado mais um jovem se foi...
 executado!
 por falar o que não devia
 mas será que não devia?
 se falava o que sentia
 o que vivia!

como pode julgar a ostentação
 quem sempre teve brinquedo, ‘os pano’, refeição

como pode julgar o rancor com os ‘homi’
 quem nunca se sentiu oprimido
 em becos em que qualquer neguinho
 é fácil confundido com bandido

mais uma voz calada
 um garoto que iniciava sua caminhada
 e começava a brilhar
 o brilho nos olhos transmitia
 que só queria cantar
 suas ideias, seus anseios, suas dores
 a verdade...

cantou!
 o cano da ponto 40
 em meio a seu show
 (PowPow)
 Daniel Pellegrine
 peregrinou para o outro lado
 pelo tráfico?
 pelas drogas?
 pelo destilado?
 (NÃO!)
 por um grupo de extermínio
 que caça quem afronta o corrupto legado

foram para o outro lado
 por cantarem os anseios do outro lado do muro
 Felipe Boladão, Duda do Marapé, Primo, Careca,
 Amarildo, Cláudia, Pixadores e Camelôs...
 seres da norte, oeste, sul... Da Leste!
 difícil de entender não é pobre burguês?!
 você que legitima esses atos
 que apoia e ri do outro lado

“um bandido a menos”
 “esses neguinho de favela, tudo vagabundo”
 “tem que matar mesmo”

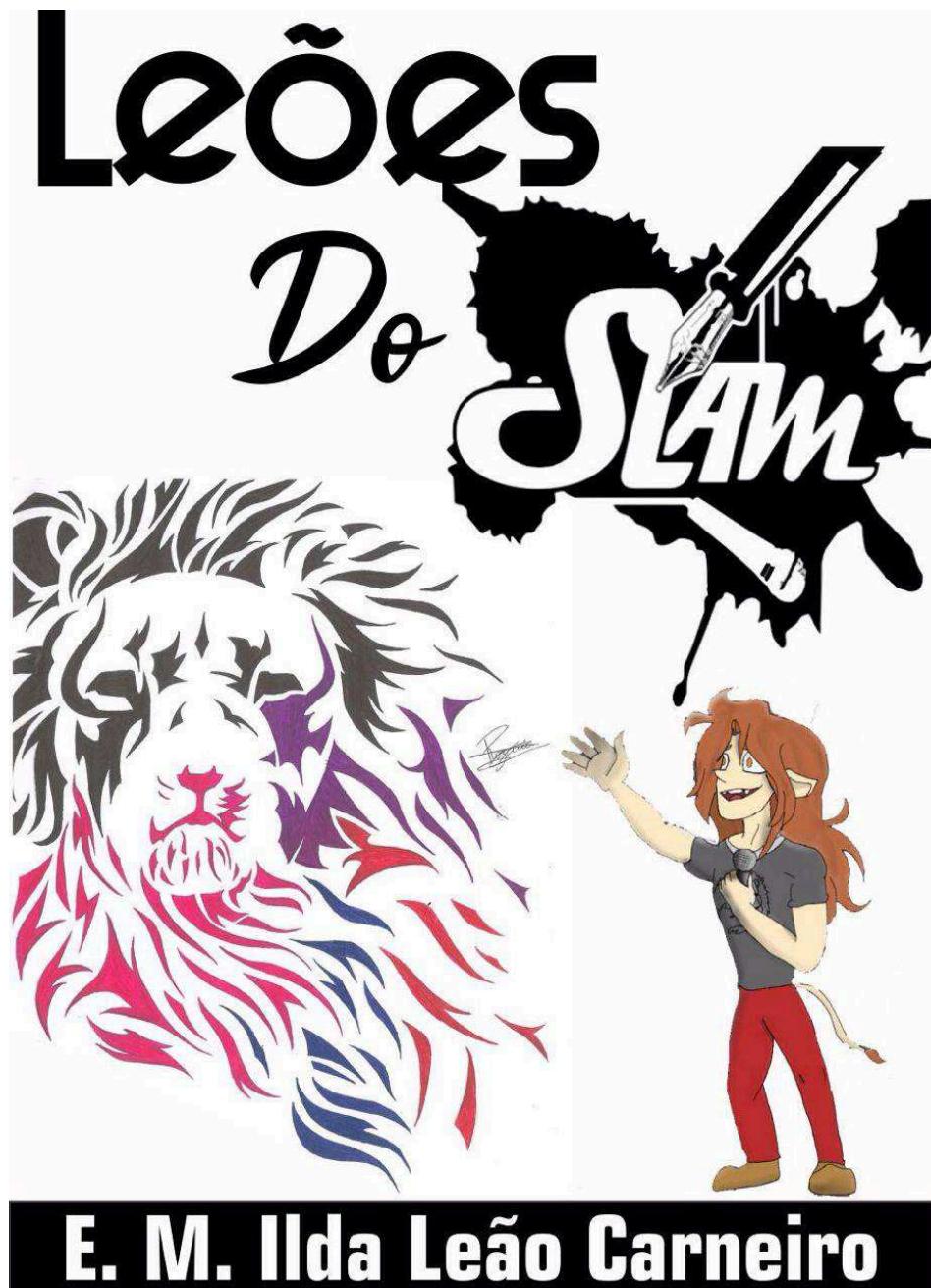
você não sabe o que é favela!
 você que nunca pegou condução
 que nunca sofreu enquadro abusivo
 que vive com o copo de Whisky na mão
 você do outro lado
 dos muros e grades de condomínio, da tela da televisão,
 temendo ir para rua e que todos os negros te agridam

mas desse lado as lágrimas caem
 dos corações humanos, corações iguais
 e nutrem a terra com a semente da revolta
 pois não há mais volta
 levaram o pai, o amigo, o irmão...
 mãos que se intitulam “a Lei!”
 mas eu sei, vocês sabem quem são!

um salve aos que nunca deixarão de lutar
 que nunca terão medo de gritar o que vivem
 independente do movimento:
 Funk, Rap, Rock, Afro-Reggae, Samba, Punk, Poesia...
 porque por mais que não satisfaça (a mim ou a quem seja)
 se há amor que tenha quem faça!

são mais Guerreiros
 que ficarão na memória
 e esse é só o Outro Lado da história.
 (o que o Lixo da mídia nunca nos mostra).

ANEXO B – Cartaz “Leões do Slam”



ANEXO C – Poemas escritos pelos alunos

“O verdadeiro eu” – A. G.

A.G.

O verdadeiro eu
 já sou apenas 16 e eu já
 na mesma hora
 só sei o que é deles e os
 cara tirando os planos.
 Enquanto o mundo vai apagando
 eu já ligando?
 Não
 sei que não é ironia mas
 não quero opinião.

Sair do mundo não é meu
 drama
 Tá no time do Buxuski, ignorei
 o Delírio somos
 Essa é a realidade
 Eu explodiria essa cidade
 inteira, sem um pingo de
 piedade.

eu faz mío tempo que fa
 na mesma
 Poco pra pensar no passado
 De tudo que eu queria
 ter oportunidade mais
 Então, pegue o álbum e começo
 a falar
 Na minha infância onde tudo
 era folia
 Onde eu achava que ser
 adulto era foda

data / /
2020

Mas se eu pudesse eu voltaria
pra passado e me avisaria que in-
tans. Isso é errado
que faltas que eu amava, não más
estas as meus lados.

A vida é assim, amigos vêm e vão
pessoas nem é só... não existe
lado pior que perder um amigo
e a sensação que faltas que
você ama esteja longe.

Tenho o futuro todo na
estrela direita
feliz que não morrer sozinho
trancado no quarto
encontrado pelo religião

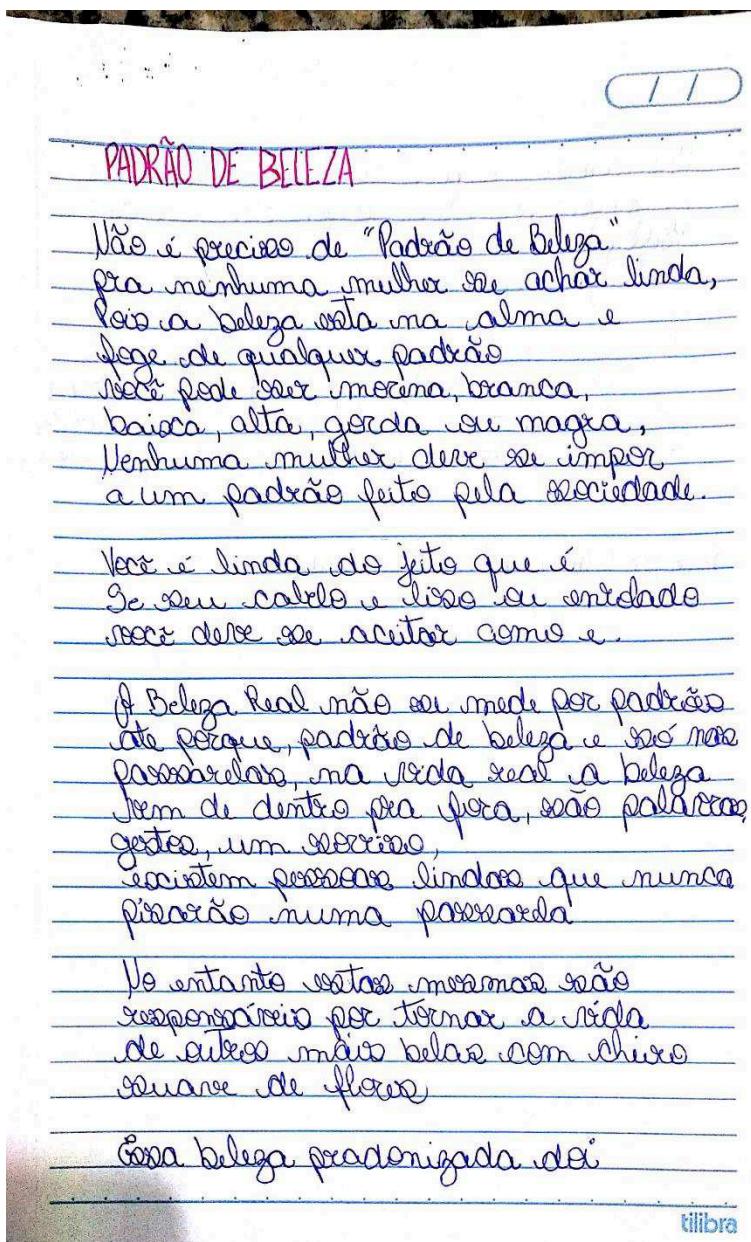
Mais agora
vou é a desbotar de um son-
níaco

Reclamando um moço de Montanha, quando
"Highway To Hell" demônios, um puto é um
sensação de não ter família e modo
mais é como era

O tempo é limitado e só vaga
e despedirmos
Quantas vezes nós perdemos e
nem conta somos
Brigantes berricos pra gente que
não respeitamos?

Descontando nossos erros em quem
nós somos
Tô de outono em outono
com medos matando meus sonhos
Flores tirando meu sono,

Padrão de beleza – S. N.



Mostreamos o que temos de pior
A perfeição é a beleza da natureza
Beleza padronizada daí

No fundo o que mais importa
é se você está feliz consigo mesma
e se você tirar a máscara e se aceita
porque você é linda do jeito que você é.

Sem título – T. H.

T. H.

data / /
S T C C C C

Sols: 03

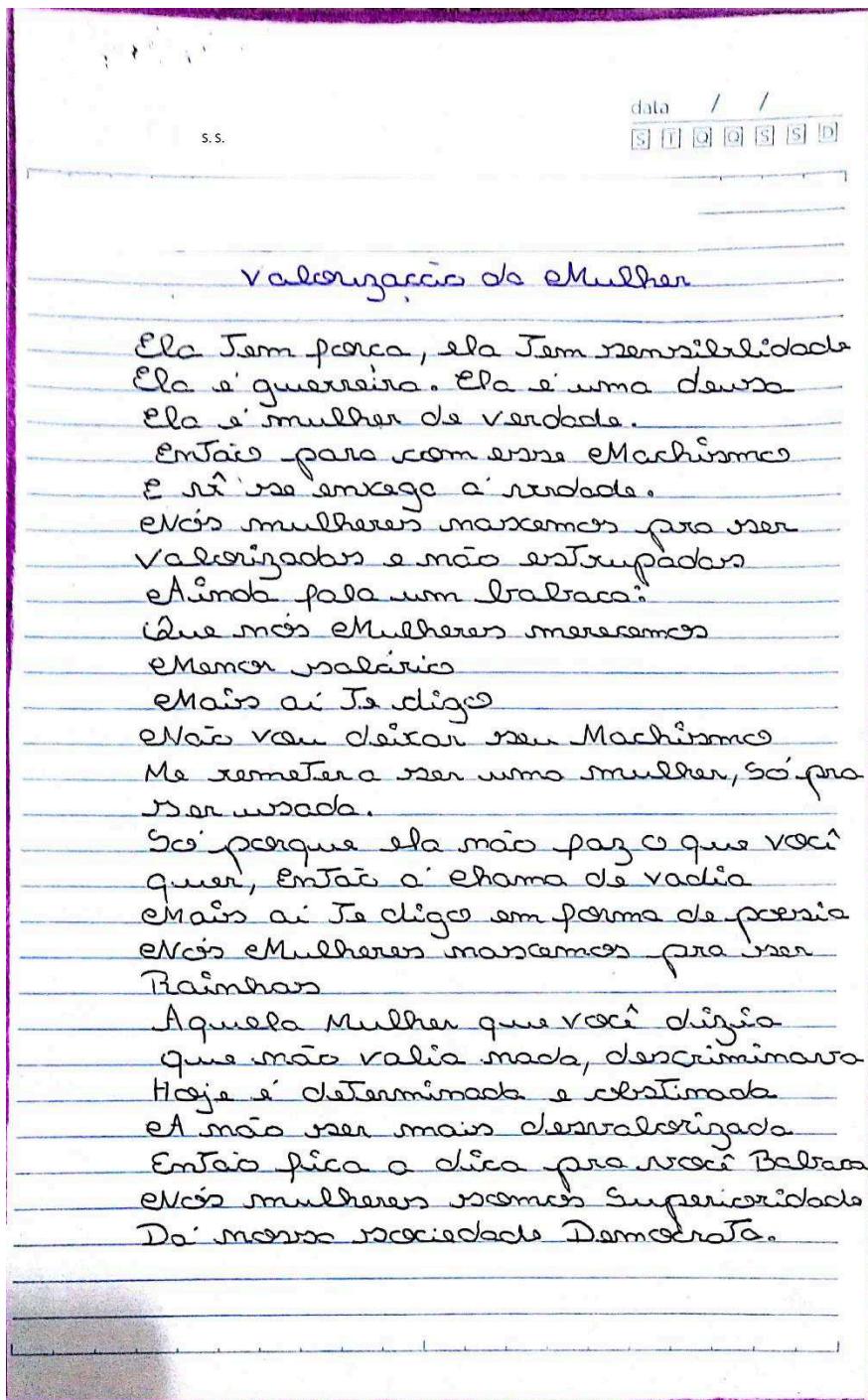
"Vai para, não vira com isto lá
não nem me diga que a mulher
deve apesar na cegada.

Vai para que flor de cultura
mas só tem a ínula cultura
dever corar e chorar a raizinha que

Muller de risco que luta,
muller filha da p...
pensando bem era mãe mãe tem cultura
mas era muller de risco,
para de flor que a muller não tem
pro potta nem huma.

Vai para muller da cultura
muller implora a sua cultura,
mas tem a cultura mas férias e nem cultura
e tem a ronque das exortadas pelo chão.

Valorização da mulher – S. S.



Meu jeito – S. P.

data / /

Meu jeito

Um adolescente que rouba
 fuma
 e mata
 E ainda se acham os Top
 Eu não fico nada disso
 e você tem que julgar
 Porque eu sou o K-Pop
 Eu não gosto do seu estilo musical
 nem respeito
 E você tem que lutar
 Porque não tem entende direito
 K-Pop é bom cara
 K-Pop é legal
 Isso ou você não gosta
 Vai lá seu o seu palco maior que Tu "Passam-
 do mal"
 Eu não Te Te dirigindo a me amar
 Não Te Te dirigindo a idolatriar o meu rosto
 Ajuda, não todo mundo morre com bom gosto
 Como eu disse ontem...
 Eu te respeito
 Não falo do seu jeito
 Então saia de perto da mim
 com seu seu preconceito.

Pulsa - L. A.

Pulsa

Pulsa!

Ele ainda pulsa!

O coração ainda pulsa

Pulsa devane, mais pulsa

Na esperança

Que apareça uma democracia

Mais justa.

Pulsa!

Ele ainda pulsa

Ah, Deus ele ainda pulsa

Em busca de uma vida justa

Pulsa desesperado

Como se perdesse o pulso

Como se perdesse o fuso

Da justiça

Pulsa com raiva

Pulsa com fúria

Por ver nossos pobres e negros

A pedir esmola de governo

Pulsa pelas falcatruas de nosso governo

Pulsa por sermos enganados

E, massacredos todos os dias

Pulsa por sermos fegados a nos calar

Pulsa por ver o desemprego em alta no País

Pulsa por ver crianças pedindo me fome

Pulsa pelas mulheres serem violentadas

E vítimas de feminicídio

Pulsa pelas jovens não terem oportunidades

Da pulsa por elas serem mortas

Pulsa por ver a saúde precária

Pulsa pelas nossas florestas à serem derrubadas

Kairina

T O D O S

Pulsa, ele ainda pulsa

Aos olhos de ~~nos~~ um população injusta

Que defende o consumismo

E, esquece do social

Pulsa, ele ainda pulsa

Pulsa devastado

A ponte de parar

Pulsa fraca e desmotivado

Com medo de não ver tudo que ^{acontece} acontecer

Pulsa ele pulsa, quase paramos

Mais ainda pulsa defendendo o justo

Tum Tum Tum...

Ele ainda pulsa

Um "Eu te amo" sempre é bom! – A. A.

Um "Eu te amo" sempre é bom!

Nascer

Crescer

Reproduzir

e morrer...

Isso cara, é a vida.

Tudo parece uma besta
quando citada desse jeito.

Tudo parece uma coisa sem graça.

Mas entre essas 4 palavras mana,
existem tantas, e tantas coisas boas...

Ela que mais reverenciamos na matéria
das regras é o amor.

Aí parece que não,
mas o amor está em tudo,
acredite irmão.

Não sei nos momentos intensos

Como, estar com a morena...

Isolar aquela cena...

Mas também nos momentos simples

Como, ficar conversando com um amigo,
receber e devolver um sorriso, e ate

mesmo naquela almoxicho

de domingo.

A.A.

"É só o amor, é só o amor,
que conhece o que é verdade.
O amor é leal, não quer o mal
não sente inveja ou se enojece."

Não fique tristes meu amigo,
ao receber um "ente amo" diferente
afinal, ser amado é a melhor
coisa que tem.
Não importa a intencionalidade do
sentimento
Você tem que se sentir o cara
mais foda do mundo neste momento.

Então, meu irmão,
não mande que um "ente amo" não.
mas lembrando, tem que vim
do coração.

Felicidade – H. G.

data * *
 ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦

Felicidade

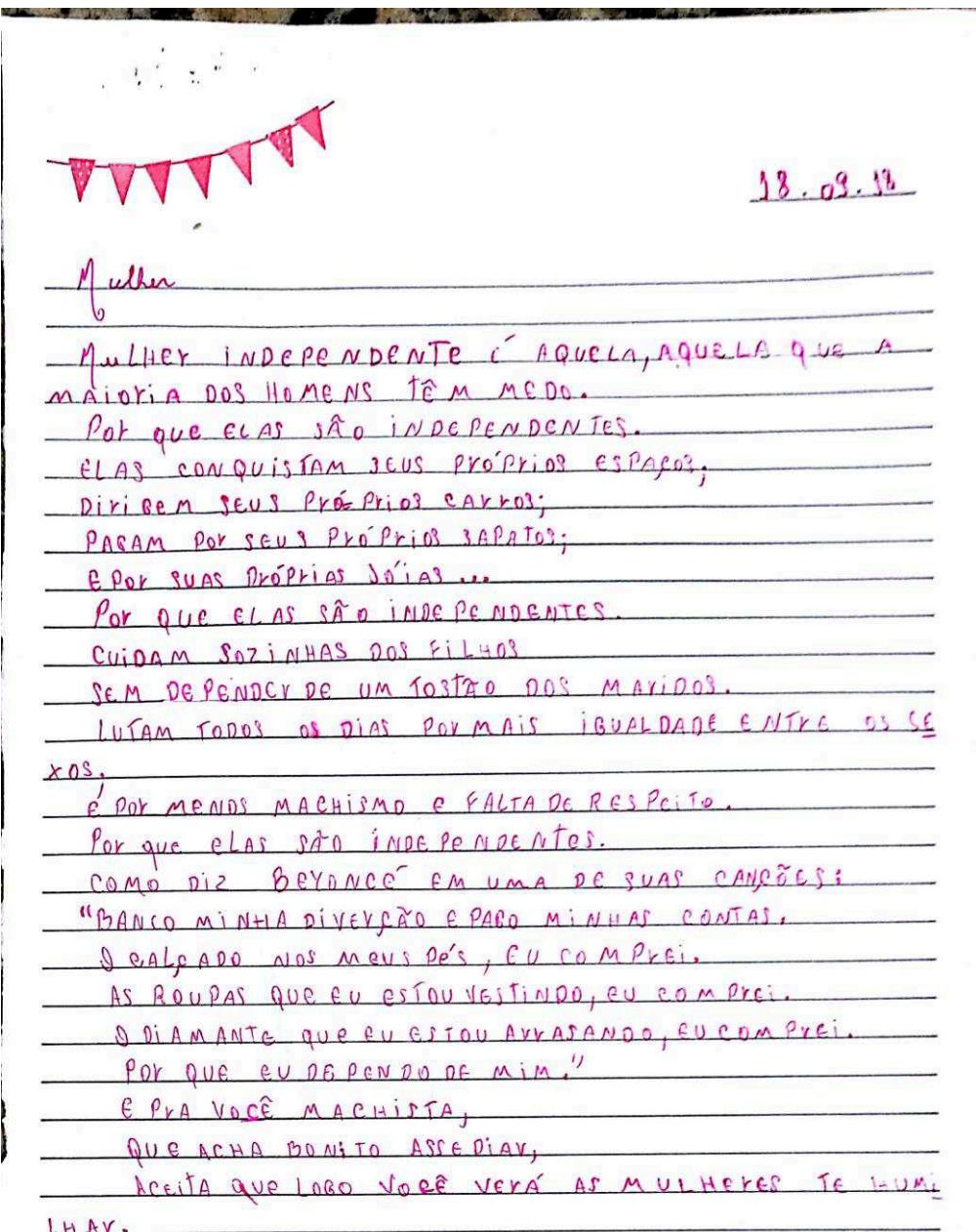
Felicidade é a satisfação real que é o ato
 de sorrir ou simplesmente de se sentir bem
 na terra ou no céu ou talvez seja uma alegria
 mais doce do que o mel

Talvez seja impressão meu dia
 começo com aquele sorriso meu simples
 e recatado só esperando para ser domado
 de uma pessoa que espera seus princípios
 serem testados

Mas toda rosa tem seus espinhos mas
 nada que uma dose de amor e carinho
 não acalme seus estintos mas versos
 palavras não tem sentido e nem religião
 só a chave que controla os batimentos do
 seu coração

A felicidade pode ser tudo isso que foi
 falado só não deixe a escuridão tomar
 conta de sua alma que é guardada
 com a mais pura devoção que pode
 ser degustada

Mulher – T. C.



Gostar de alguém – L. T.

Gostar de alguém

Gostar de alguém não é fácil
 Muitas das vezes não é do certo
 Vou acabo se afeiçoando sem ganhar nada,
 Vou gosto d'inhô com coisas bobas,
 Mais estou preparado pra ser um bêbado

Vou sonhar em ser um bêbado,
 Mais acabo se apaixonando pra um velho.
 Achar alguém que te valorize, é importante
 Pecar esquecendo e errando
 Em todos os lugares pra funzando no enredo.
 Não vale a pena gostar assim,
 Salendo que não vai ganhar atenção.
 Salendo que isso só vai dar desprazer.

Não quero ser intelectual, se valorizar
 Preciso ser feliz
 Felicidade que é felicidade, amizade
 amor, com pessoas
 Vou ser só pra ser feliz de mentir?

Abuso Sexual – K. T.

Anotações

Uma menina
 de espírito bom
 ela malta sabia
 nem mesmo o
 que sombra queria
 Mas a pessoa que sombra
 com certeza sabia
 que o que ela fazia
 não era só só humano
 I. éram de um animal
 honesto.

Nenhum gato é
 humano, não é
 é um animal
 Vai dizer de uma
 menina, pra que isso
 não dizer a mulher
 que tinha.

E assim ela falava
 "Vamos brincar de
 casinha", e a menina
 que de nada sabia
 pensava "Isso deve
 ser a brincadeira
 que brinca com a
 minha mãe e o
 meu papai".

Mas não era
 a brincadeira
 que ela brincava
 com sua mãe
 de seu papai
 Era o humor retado.

O Brasil que nós queremos pro futuro – J. R.

U Brasil que nos queremos pro futuro.

U Brasil que nos queremos pro futuro
um futuro sem preconceito, com direitos,
sem desigualdade social
e ser livre como pardal.

Um país com menos ódio,
ruas limpas.

Um país sem corrupção!

Um país onde a respeito,
educação entre as pessoas,
amor ao próximo.

Educação elevada

que a educação seja o quesito considerado mais importante,
assim ser o quesito a alterar maior investimento.

Um sistema de saúde digno

porque eu tenho quase certeza que ninguém quer ficar
1,2 horas ou mais para ser atendido mas você "abri-
gado" a ficar lá no hospital esperando algum medi-
co(a) te atender.

Um país onde as pessoas se respeitam
independente de suas diferenças.

Por outro lado ainda tem pessoas
que tem tática de galinha na cabeça e
jugam por essas diferenças
ndo se senta mal, suas
diferenças não te fazem melhor
ou pior que ninguém.

Suas diferenças não são ruins

elas não exelentes.

Um país que as pessoas de bem tenha mais direitos
do que as pessoas ruins.

Que as políticas não pensam só nela pensem no povo.

Beleza – R. O.

R. O.

SLAM

3 3

"Beleza"

Beleza

Sabe o que é beleza?

Não! Não! Não!

Beleza significa caráter, virtude, qualidade.

Pra ser bonito não precisa ser rico ter carro e altas like nas redes Sociais Pra ter os lábios bonitos, é só dizer palavras doces, que acalmam e atraem amigos.

Pra ter olhos bonitos, não precisa usar lentes, mas busque olhar sempre o lado bom das coisas.

Pra ser alto, não precisa usar saltos altos, mas procure crescer na empre-
ser para ajudar os carentes.

Pra ser conhecido nas redes Sociais, não precisa ser legal, amigo e companhei-
ro de que mais está ao seu lado?

Beleza é Caráter

Beleza não é maquiagem.

Silicone, roupas e jóias da moda

Beleza não depende da cor

Depende do seu respeito!

Beleza não depende do exterior
mas sim do interior!

Amizades! – D. V.

D. V. Amizade 8 data 1 1
S T Q S S D
Pala: 03

Amizade, é o que é amizade
é ser que é uma pessoa,
que te faz ser atraído

O que até mesmo é bem certo
de querer de uma pessoa,
de gostar da sua pertinho,
que tem um pensamento
mais leve do que o resto.

Que te faz flutuar com os seus pensamentos
nos seus atitudes,
que agradece ou até mesmo desiste,
mas isso pode ser bom
ou não reflete.

É certo que não é certo
com uma amizade
pode fazermos reflexões,
aprender, inspirar, divertir

Amor – C. S.

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
0	0	0	0	0	0	0

Amor

/ /

O que é o amor?
 Um sentimento que não existe nem dor
 é como uma flor
 cheia de vida, car e calor.

Existe amor com espírito
 Existe amor com coração
 Amor com paixão
 Amor que a gente não vê acontecer

Existe amor de todo jeito
 amor com desejo
 respeito
 verdadeiro
 componhido
 com dinheiro
 aquele de qualquer jeito

Com o amor vai seu lado
 a vida pode dar certo
 Mais também pode dar errado
 Sem motivos pra parar
 você sempre quer continuar

Nunca deixe de pensar
 em abraçar
 sacudir
 beijar
 e amar
 pois o amor é pra vida inteira

SÃO DOMINGOS

Mesmo que far pra você do destino
 Sem dores, nem prejuízo
 busque amar a vida inteira.

Sociedade não social – A. K.

Sociedade não social

Sociedade
é definição
é um conjunto de coisas que
comovem de forma organizada
mas é só isso que é social?
Sei minha sociedade social?
é só isso "organização" social real?
coisa que todos falam sociedade social?
contos, festivais, coisas...

Talvez não haveria tão alta aprovação
Talvez a mulher amadura na ilha
sem medo de ser abordada
com um comentário desrespeitoso
por um cara bobo,
Talvez o homem avô se engonha na ilha
e acredita que mulher não é um brinquedo
sexual
Talvez o homossexual seja respeitado
e não exparcido
Talvez o negro seja um racista, comum
e não seria tocado como "diferente"
Talvez o preto fique amarrado
e teria mais oportunidade...
Talvez, Talvez, Talvez

que seja uma chave de realidade
essa sociedade com tanta necessidade
não realidade
não liberdade
não comunidade

Mais realidade, sociedade

Vivemos em um século imperioso
onde você é quem a mídia quer que você seja
não se permita isso
Seja você
mostre o seu melhor
é estique na curva da sociedade
que você é a diferença que você quer.

Seja feliz – G. A. e K. G.

data / /

SEJA FELIZ

A Vida é assim
 Cheia de Altos e Baixos,
 Você pode estar em Cima
 hoje e amanhã vai depaix
 Amanhã você pode estar em
 baixo.

A Vida é assim a noite você pode estar
 chorando e amanhã você pode estar
 sorrindo, como é bom sorrir sempre
 sorrir para mestras para os outros
 que não importa aquele rosto que você
 sempre vai estar sorrindo.

A Vida é assim Deus é o nosso pai
 sempre nos ajuda e você não pode
 ficar vai com a cabeça trabalhada e só
 reclamando, devendo seu cérebro e
 Segue com firmeza e pense positividade.

Tempre porque ele sempre quer ver suas lágrimas
 e não fico vai se chorando mundo de nubis
 enchendo os olhos de lágrimas porque esse mundo é ma
 rrua e nenhuma riria e dei felicidade sempre.

Deus é nosso pai, e o diabo é o inimigo
 então não queira ser triste, e ponha um sorriso
 no rosto e deixa felicidade não queira para os outros
 que quer ser seu rosto triste não deixa pra outros
 pessoas porque isso quer ser seu triste.

O amor – J. B.

11

O amor

O que é amor?

É um ato ou efeito de amar?

Ou é uma reação química?

Ou acontece quando nos apaixonamos?

Onde nasce o que é amor?

O amor não é definido por quem, mas por paixão por alguém.

Mas este é um pequeno verso,

Em que nem metemos.

Como uma boa conversa com amigos

ou até também...

Uma reunião de família.

O que é amor?

O amor não tem explicação...

O amor não tem regra...

Nem busca suas próprias regras...

O amor é pura nudez de maldade.

O amor é tudo sobre, tudo despesta.

Feliz é a pessoa que tem amor na reação,

Porque nem sempre a paixão é a comunhão

entre os namorados!

O que é amor?

Até seria ato ou efeito de amor?

Ou é uma reação química?

Nem um nem outro!

Porque o amor...

Ninguém explica...

Aquela pessoa... – I. R. e L. P.

S T Q Q S S D

1 (3)

Aquela pessoa...

Só a aquela pessoa que quando vê a mim
 Desobre o seu sentido de viver
~~Quando~~ vê com ela é muito melhor
 Têm vez que ignora vê os amigos
 As regras que impõe é tanto melhor
 Mais aquela que em quase todos
 É vê aquela "os ricos e os pobres"
 Tudo que em queria te ter
 Poder te ver te conhecer
 Mas quando olho os meus olhos
 Sua presença está cada vez mais nessa
 Ainda ficando muito em gesso
 Mais mesmo assim gosto de vê-la, mesmo sendo chata
 Minha
 Parece vê-la num cão de noiva
 E em apesar seu vira lata
 Quando nem falar comigo vê-la em gesso
 E fico sem noção
 Sem querer pensar
 Sem querer falar
 Nunca vê-la sem sonhar a poder te beijar
 E poder te dizer o que é devo é te amar
~~Aquela pessoa que~~ é a sua vira lata
 Nós sabemos que somos só umas ~~coisas~~ coisas
 De viver moçambique
 Mas estamos aqui pra representar a sua dor lata!

(Pílula vermelha) Matrix – A. G.

Poema do 1º rodado

A.G.

data / /

(Pílula vermelha) Matrix

Me disseram que poesia é feita
 de protesto
 Então, Isma, aqui vai meu primeiro
 manifesto
 Primeiro, qual a definição de
 protesto pra você?
 A sociedade dig que tudo tem
 que ser numa disputa
 Como se não fosse de uma
 maneira competição
 Dig Fruto
 Se você acha isso certo então
 me desculpa
 Quem te disse que você é
 um ninguém se fosse a vice
 campeão?
 Como se não existisse sombras
 Como que eu não vencer
 na vida se eu não tenha
 o talento do Boticário?
 E a folia de pés quem
 disputa?
 Para a sociedade não paramos
 de uma merda, puta
 Em que ele se fode e não
 paga nada

Esse é o segundão, não é de tragedia
 que para gente.
 As tragédias que temos aí éramos
 aquilo que a TV nos mostrava.
 As tragédias que temos aí éramos
 duas direitas humanas
 que mês dão direitas para
 quem morre. Fazia dia tristeza
 fico após dia. Décade depois de dia
 quando os
 pessoas morrem e morrendo a
 cada época?

Antes quando o mundo estava
 per si
 juntávamos mais vezes que
 descontos
 tínhamos menos opções e mais
 medos de perder
 traficavam marfim pelo mundo
 fui dos diabos
 Éramos viajantes, explorando os
 Agora, mal viajamos e mesmo
 origem e astros é um
 passo de último gueve
 O homem nasce no homem,
 como os ônibus não parecendo
 dos Terres

E o futuro, será mais ou menos
 igual que teríamos previsto
 Os seres humanos fios
 Numa vida preenchida com a
 rotina
 O consumismo será a nova forma
 de felicidade
 Nos definimos entre usuários de
 Iphones, Androide
 De que adianta a nossa longi-
 tud do espaço de o nosso
 espaço não "terra é cada
 vez mais escasso
 Já fomos já foi até a Ima-
 mos a compaixão do mesmo
 não progresso nem a sua
 Os prédios crescerão capaz de
 tocar o céu
 Mas é isso que fomos
 de evolução
 Se os prédios crescerem mas o
 mundo não?

Humanidade éta, desafiando a ética
 Como se não fosse de uma
 moral pura e simples
 E o que isso provoca ainda
 é a estética

Pro futuro ter uma cura
 Precisamos de mais literatos
 Mas se os jovens não têm
 compreensão



Como vai ser pra a iniciativa das mudanças que você tem?

Eu sou pessoa que tem a sua
é mais orientada a ação
e ação.

Então sou eu a sou "Bom Dia".
Cuidado

As pessoas algumas não são
só pra produção
é pra serem
muito mais do que só pra produzir.
Os meus amigos também são
muito mais

Então mais pessoas são tipo a mais
distância da massa principal
fazendo mais pessoas de
uma maneira menor
que se juntam com mais pessoas
no ambiente global. o que
é o HIV entre muitas milhares de
pessoas por ora

Whisky, Red Bull, Edany, LSD
que sejam pra se envolverem
depois pra produzir

Eu podia dizer que
esse tipo de pessoa
é quem é a massa pra dentro

Mas não posso garantir tudo o que
tempo todo.

A caça (in)falível ao amor – D. A.

A CAÇA (IN)FALÍVEL AO

AMOR

Procurei neste mundo
Vazio e sem vida
Com muito ardor e suor
O amor que tanto se digia

Tempestade pra inundar sua alma,
Tsunami pra te afogar
Fogueira que arde em brasa,
Mesmo sem te queimar

Difícil procurar
Neste mar de hipocrisia
O amor, coisa real e natural
Tornou-se uma fantasia

Procurei em todo ponto
Em cada esquina
Em cada canto
No coração de algum estranho

Também procurei amor nos conhecidos
Mas seus abraços, eram vazios
Falsos, eram seus sorrisos
E na minha barriga, um frio conhecido

Primeiro que, não se acha o amor, ele te acha
Esse sentimento inverte os papéis
O caçador, acaba virando a caça

Segundo, esqueci de regar os lugares por onde procurei
Um lugar seco e raso
Foi a única coisa que deixei

Terceiro que, terra seca nada traz
Mas se cuidada com amor próprio
Com seus próprios frutos, se satisfaaz.

Assédio a mulheres – N. e M. V.

N. e M. V. / /
B S T O S S E

Assédio a mulheres 19
09
18

Mulher!
mulher..
Guerreira, corajosa
E ainda sim sofre esse assédio diário
mente
"Gostosa em, Delícia"
rsas Linda!
Essa é bem melhor.
Mas não é a que ouvimos
'Gostosa' essa sim é a que ouvimos
Só palavras fúteis
Ouvimos de pessoas que nunca vimos.
Oh! Que bundinha em
Meu corpo é a minha casa
tscar? Nem se atreva!
Mas infelizmente se atrevem!
Nessa escálha? Não! Mas porque?
hum...obriga curte em!
Minha bunda não te dá é direito
de me tscar!
Meu corpo é a minha casa! E na
minha casa, quem manda sou eu!
Minha vagina não é lixe para
supertar suas tralhas!
respeita meu corpo!
respeita minha escálha!
Seu tesão é problema seu.
Experimenta transformar um pouco

kajoma

19/09/18 / /
B S T O S S E

de seu tesão em caráter!
Mulher não é boneca para você
brincar, desabafar e depois jogar
para fera!
Mulher tem que ser respeitada
Mulher não foi feita para ficar
na escálha.
Mulher foi feita para ser amada,
cuidada, respeitada!
Meu amor não vem achando
que tu vai chegar tscar, iscar
desabafar e sair fera.
Meu amor eu só te digo uma
coisa:
Não sou seu brinquedo para
você brincar.
Quer brincar de boneca volta
pra teu berço que é lá que é o
lugar de criança!

Minha estrela "cadente" – A. G.

Isso que apresento no 3º redação / /
A.G. 2 7 8 9 9

Minha estrela "cadente"

Percebi os meus problemas pra
tentar te ver sorrir, feliz
Mas mesmo assim, suficiente não
foi pra você dizer
Te mandar uma mensagem é a
que gosto desde, e sempre quis
mas o medo envolvente chega
pra me sufocar
Não gosto mais te ver chorar,
e você também
Medo de se machucar quem
não tem
Eu sei que tudo já mal, mas
tudo tem
A gente finge que não vai
mais ser assim

Outra noite enojo a tardade
só que
Sua sombra favorita nem caiu
mais escritor.
Alessa aquela noite em que você
se foi, e eu fiquei sentado
Só encontrando motivos pra me
magoar
Eu morri num poço magela
meite em que você me deu
me quebrei em prantos.

Kajoma

D S T Q U S S

Via nossos corpos resguardados e os
 histórias resguardadas
 Via nosso futuro num apela
 e nos transando pela estrada
 Agora vejo os céus tão bem
 opacos e as horas engolidas

Passo ver em frente ao espelho
 O que ver não quero ver
 Olho para espelho e é só
 medo de não ver
 E é só isso que eu passo
 ver

Pro varé ja valer mas repensei
 Eu não quero ver "não" mais
 Vou não ver não
 Então que se dane essa saudade
 E que se dane a coração
 Vou - se os pulmões
 Se sentimento fesse bom eu não
 passaria por isso não

Hoje tá frio
 E eu tá na varanda sentado
 Meuinho
 Gostoso de lembranças
 Eu fava te seguindo mas
 me perdi no caminho.

B	E	T	R	O	S	H
---	---	---	---	---	---	---

As pessoas em minha vida não
só me estrelas e dentes
Brilham e brilham
Mas você tinha um brilho diferente
E eu que ainda não entendo
Será que o problema é o mundo,
ou o problema seu eu?
Será que eu me perdi ou
você que se perdeu?

Essas coisas acontecem nem tenho
porquê
Se as pessoas não assim amigos
não é que?
Como Bukowski disse
"Cada vez temos mais desprezo
pelos pessoas."

Meus dentes me mente de que
estrelas me seu
Eu posso não poder comprar as
estrelas

Mas eu ainda sou o seu
Só que foi você quem criou
meu Hell.

Passo realmente não poder comprar
os estrelas

Mas se você ainda estivera
Dai
Eu faria de tudo pra você
as férias.

ESTUDOS

Eu sou humano "Tô" errando
eu tento corrigir
Eu sou humano erro, mas tento
me perdoar
Eu sou humano sou só me desculpar

Sinceramente peito meus erros fui
a melhor escolha do mundo
Nesse momento eu fiz a opção
Mas desculpe que nem tudo é
segurança
E aqui que começo a minha
recuperação.

A melhor coisa vai quando eu
tem melhoria
melhores amigos não aparecem, elas
estão.

É para tempo pra dizer sim
Mas enquanto eu tento tempo
eu quero dizer
Preciso te falar e quanto eu
me empeño
Me esforço pra ter o que quero
eu não me contento
A vida é um labirinto e eu
te sempre me perdendo

Voltando pra meus principios de
início deixa de lado
Ciente que pra ser um homem preciso
ser humano tento ser melhor pra
meus

Então quem sou eu?
"Tento ser o meu"
"Porque é de tentar que é
felicidade"
"Final quem manda pra mim
sou
Pode até picar
Mas sou só pra desgostar!

Mulher – R. O.

MULHER

Quem disse que mulher foi feita pra levar pratos?

Quem disse que mulher foi feita pra assar?

Mulher não precisa ficar presa na pia lavando a louça

A mulher não pode passar na rua que os homens fizerem: ei gatinha! Uma mulher não pode entrar no ônibus que é assediada

Ei, só porque é solteira, não é obrigada a ficar contigo não curte? Só passou da hora de aprender que o corpo é nosso, nossas regras!

Respeito é bom! E respeito não é só dizer me dia da mulher!

Não leva sua multidão, mas quando nós nos airmos não é pra você!

Você não tem direito de nos ofendermos, só porque não precisamos de interesses, por que somos lindas, fortes e independentes! Queremos ser livres e não presas a

Sem título – R. O.

1 / 1

O mundo que em dia, é um mundo de pobreza. Pobreza não de dinheiro, mas de amor, solidariedade, respeito e carinho.

Educação vem de cima, respeito vem de cima, e fui que você não tem como abusar!

O mundo não precisa de famosos, precisa de amor! O mundo não precisa de ricos precisa de respeito! O mundo não precisa de luxo, precisa de atenção e carinho! O mundo não precisa de distinções da cor, precisa de respeito para que o mundo seja + colorido.

Fazer sua parte, a culpa não é do presidente, é sua! Não adianta falar mal da corrupção e no outro dia falar fila, não adianta falar mal da justiça, sendo que quando você andar pelas ruas e não acha um idoso atravessar a rua, por isso, mude você primeiro!

Tenhar respeito, ter amor,

A carta – A. G.

Poema do Jº rodado.

A. G.

data / /
S I Q Q S S D

A Carta

"Preso numas balhas onde Jude
 era perfeito
 Eu sonhei o mundo e com
 ele os seus defeitos
 Eu conheci pessoas, eu fiz
 escolhas e estava errado
 E som a maldade que me
 apresentaram eu fui maldado
 Um dia, dois dias, três meses, um
 ano e é Jude na
 embala
 Mas quando visse um mestre
 é impossível dormi-lo
 E antes que ele me mate
 Eu sou mata-lo é a hora
 Não é uma sorte de despedida
 dessa vida mas, considera a
 minha enternacão."

Transcende me quanto acredou a
 paixão
 Desde a infância que "Jude"
 assim

Controla de hoje, desistência, não
 tem recompensa e eu não reajo
 nem fico.

data / /
 S T Q Q S S D

Pensei em mudar
 Tentei mudar o mundo
 Tentei mudar minha vida
 Mas só o que consegui foi
 ficar pior ainda
 No final era eu com a minha
 alienação demorar
 Só nem soube pelos meus, eu
 deus é alegria da sua
 Na madrugada, o lar dos poetas
 e das putas.

Meu temperamento ou um
 meu comportamento?
 Eu "fiz" escravo o muito tempo
 não me diga como agir
 Meu comportamento ou um meu
 temperamento?
 Só me dá um tempo que não
 eu sou explosão

Eles te dizem que a vida é
 Linda
 É assim que te enganam
 Dentistas me dizem que a vida
 é Linda
 Não me enganem
 Dentista me dizia na meu
 quanto, não me pegar pra ser
 social
 só me ensai de fumar
 ser social

S T Q Q S S D

Algumas vezes na admiração

Per que a reida é linda?

Perdemos nissas sindas?

No mundo real não tem amor,
e a felicidade continua
valendo

Se fui chorando amor, meu
coração é como agreste
"Mais amor, por favor!"

Não

Mais édico e dor. Não existe
dor

E é assim que nasce um
homem forte.

Em seu o prestígio prece, os
zezés late o mordisco
"Tô" nisse per mais quantas
vezes?

Mas se for pra reinar, não
quero ser o Titã

Não chore quando eu for, não

Em vez estar aqui sempre

Mas por favor entenda isto,

que os melhores tempos morrem
pelos seus próprios mãos.

□ □ □ □ □ □

① Karma tem dentro mim e me
 aí que devo me peite
 Eu juro que eu tendo fazer
 Jude dirá
 Mas quanto mais eu tendo, mais
 eu perco o controle
 E quando eu que fico longe
 perdo, e aí que fico longe.

Confio em pouca gente faz amor
 Pensando em quem vai me
 abandonar primeiros
 Nós vai esse filme, não me
 vassoura
 Eu "tô" jogando com a vida
 uma roda russa
 "Tô" sonhando mas sonhos vai
 ser optim
 Eu fato nem eu confie em
 mim

É só pessoas não quero
 Portanto, a vez é curar tendo
 Tendo mais cigarros me malha
 Do que amigos na minha
 agenda

Isso nem sempre serve
 Então não tem medo pra
 Eu querer dar tristeza
 Eu sou todo escândalo!

A vida – K. T.

A Vida

S T Q Q S S U

Desde pequena eu
aprendi que a vida
não é tão fácil assim.

Desde pequena eu aprendi
que pra ser você tem
que aprender.

Por que?

Por que desde pequena
eu vi que nesse mundo
de crudade onde as
pessoas só pensam na
Malédade.

Já passei por dores
Por ~~que~~ uma pessoa que
não vale nada, já
vi meu padrinho
desde quando dentro
da minha própria casa.

Você sabe o que é ser
tratado dos lados da
sua própria mãe, fui
isso é o nesse mundo
sem misericórdia.

Ai veio com essa pergunta
"que Brasil você que pra futuro
Eu quero um Brasil onde
os Prefeitos só pensam só nelas
e também no nosso futuro."

Eu quero um Brasil que as
pessoas parem de querer e
Passa a ver que o nesse mundo
esta perda de valores.

Eu quero um Brasil onde
as pessoas pare de ser racistas
e Machistas e pensam mais
na comunhão do nosso
máe,

Racismo – K. T.

Racismo

Você pode ser preto
Pode ser ruivo
Pode ser magro
De qualquer forma
Você é julgado.

Só por que sou preto
deve ser descravo
fui imaginou se
os brancos fosse
descravos fui
imaginou o brancos
descravos chucradas.
Seria desagradável
Né, fui assim
que os pretos foram
tratados, fui
amarrado,

O que adianta isso
Todos somos humanos
Todos temos pele preta
Israe é mal.
Todos nós vivemos
nesse mundo de
ilusão.

Se você me fala
Por marcha pôr ser
ilusão, tu mãe me
importa, pôr tu devo
ter orgulho e não o
mundo,

É assim tu pergunte
essas pessoas que
praticam o racismo
é o bullying o que
querem desse mundo
um mundo que se
vive de guerra e
mão de Rá, é terma.

